Memórias de Garibaldi



Giuseppe Garibaldi
Alexandre Dumas

Ed. Barbudânia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Memórias de Garibaldi

Giuseppe Garibaldi
Alexandre Dumas

Título Original:
Mémoires de Garibaldi (1860)

Ed. Barbudânia

Índice

Prólogo (por Alexandre Dumas)

I – Meus Pais

II – Os Meus Primeiros Anos

III – As Minhas Primeiras Viagens

IV – As Minhas Primeiras Aventuras

V – Os Acontecimentos de S. Julião

VI – O Deus dos Bons

VII – Entro ao Serviço da República do Rio Grande

VIII – Corsário

IX – O Rio da Prata

X – As Planícies Orientais

XI – A Poetisa

XII – O Combate

XIII – Luiz Carníglia

XIV – Prisioneiro

XV – A Apoleação

XVI – Viagem na Província do Rio Grande

XVII – A Lagoa dos Patos

XVIII – Armamento de Lanchões em Camaquã

XIX – A Estância da Barra

XX – Expedição a Santa Catarina

XXI – Partida e Naufrágio

XXII – John Griggs

XXIII – Santa Catarina

XXIV – Uma Mulher

XXV – O Cruzeiro

XXVI – Saque de Imaruhy

XXVII – Novos Combates

XXVIII – A Cavalo

XXIX – A Retirada

XXX – Estada em Lages e nos Arrabaldes

XXXI – Batalha de Taquari

XXXII – Assalto a S. José do Norte

XXXIII – Anita

XXXIV – Levanta-se e Cerco – Rossetti

XXXV – A Picada das Antas

XXXVI – Condutor de Bois

XXXVII – Professor de Matemática e Corretor de Comércio

XXXVIII – Montevidéu (por Alexandre Dumas)

XXXIX – Rosas (por Alexandre Dumas)

XL – Quiroga (por Alexandre Dumas)

XLI – Manuel Oribe (por Alexandre Dumas)

XLII – Tudo Perdido, Salvo a Honra

XLIII – Formam-se Legiões

XLIV – O Coronel Negra

XLV – Passagem da Boyada

XLVI – A Legião Italiana Recusa as Terras que lhe são Oferecidas

XLVII – Exílio de Rivera

XLVIII – Intervenção Anglo-Francesa

XLIX – Sucesso do Salto Santo Antônio

L – Escrevo ao Papa

LI – Volto à Europa – Morte de Anzani

LII – Ainda Montevidéu (por Alexandre Dumas)

LIII – Campanha de Lombardia (por Medici)

LIV – Continuação da Campanha de Lombardia (por Medici)

LV – Roma (por Medici e Vecchi)

LVI – Expedição contra o Exército Napolitano (por Medici)

LVII – Combate de Velletri

LVIII – 3 de Junho

LIX – O Cerco

LX – A Surpresa

LXI – Fim

LXII – Quem Me Ama, Segue-me

LXIII – Os Mortos (por Dr. Bertoni)

Prólogo (por Alexandre Dumas)

Como todo o presente tem ligação com o passado, é impossível começar qualquer narração, ainda que seja a história de um homem ou de um sucesso sem lançar os olhos para esse mesmo passado.

Obrigado pelo caráter aventureiro do homem de que começamos hoje a publicar as memórias, seremos muitas vezes forçados a ir a Piemonte, pátria de Garibaldi. Os homens de ação política, quando pertencem ao progresso, têm momentos de desalento, nos quais, como Anteo, tem necessidade para recuperar novas forças de tocar nessa terra pátria que Bruto, na sua fingida loucura, beijava como a mãe comum. É pois muito importante fazer um estudo rápido dos acontecimentos que tiveram lugar em Piemonte, de 1820 a 1834, época em que começa esta historia.

As guerras da república e as invasões do império tinham trazido à Sardenha dois homens que haviam partido para o exílio ainda jovens e voltavam velhos; eram dois irmãos, nos quais terminava a posteridade masculina dos duques de Sabóia; falamos de Victor Manuel I e Carlos Félix.

Ambos reinaram.

O ramo mais novo da família Sabóia era representado pelo príncipe de Carignan, que em 1823 fez, como granadeiro do exército francês, a campanha de Espanha, tendo se distinguido principalmente no Trocadéro.

Em 1840, em uma audiência que me concedeu, mostrou me o seu sabre de granadeiro, e as dragonas de lã encarnada que conservava como relíquias da mocidade.

Victor Manuel I subindo ao trono, que provavelmente não lhe fora dado senão com esta condição, havia prometido aos soberanos seus aliados, o não fazer ao seu povo, fossem quais fossem as circunstâncias em que se encontrasse, a mais pequena concessão.

Mas o que era fácil de prometer em 1815, era difícil de cumprir em 1821.

Desde 1820 os carbonários haviam-se espalhado em toda a Itália. Em um livro, que é mais uma historia do que um romance, no José Bálsamo, dissemos as origens do iluminismo e da franc-maçonaria.

Estes dois temíveis inimigos da realeza de que a divisa era L. P. D. (Lilia Pedibus Destrué) tiveram uma grande parte na revolução francesa. Swedenborg, de quem os adeptos assassinaram Gustavo III, era mago. Quase todos os jacobinos e grande número de cordeliers eram maçons. Philip-pe-Egalité era do grande oriente. Napoleão tomou a maçonaria debaixo da sua proteção, mas

protegendo-a, desvirtuou-a, desviando-a dos seus fins, torcendo-a á sua conveniência e fazendo dela um instrumento de despotismo. Não foi esta a única vez que se forjaram cadeias com espadas.

José Napoleão foi grão-mestre da ordem, o archi chanceller Cambacères, grão-mestre adjunto. A imperatriz Josephina, estando em Strasbourg, em 1805, presidiu à festa da adoção da loja dos franc-maçons de Paris. Por este mesmo tempo Eugénio Beauharnais era venerável honorário da loja de Santo Eugénio de Paris, e tendo vindo mais tarde à Itália com a dignidade de vice-rei, o Grande Oriente de Milão o nomeou grão-mestre e soberano conservador do supremo conselho do grão XXXII, isto é, concedeu-lhe a maior honra que, segundo estatutos da ordem, se pôde dar.

Bernardotte era maçon, seu filho o príncipe Oscar, foi grão mestre da loja sueca. Em diferentes lojas de Paris foram sucessivamente iniciados: Alexandre, duque de Wurtemberg, o príncipe Bernardo de Saxe-Weimar, e até o embaixador persa Askeri-Khan. O presidente do senado, conde de Lacépede presidia ao grande Oriente de França, de que eram oficiais os generais Kellermann, Massena, Soult, os príncipes, os ministros e os marechais, os oficiais, os magistrados, enfim todos os homens notáveis pela sua glória ou consideráveis pela sua posição ambicionavam a honra de serem maçons. As próprias mulheres quiseram ter as suas lojas maçônicas, nas quais entraram Mmes. de Vaudemont, de Carignan, de Girardin, de Bosi, de Narbonne, e muitas outras pertencentes à alta aristocracia francesa. Uma única foi recebida, não com o título de irmã, mas com o de irmão: foi a celebre Xaintrailles, a quem o primeiro cônsul tinha dado a patente de chefe do esquadrão. (Giuseppe La Farina, Storia d’Italia) Mas não era só na França que nessa época florescia a maçonaria.

O rei da Suécia, em 1811, instituiu a ordem civil da maçonaria. Frederico Guilherme III da Prússia tinha, pelos fins do mês de Julho de 1800, aprovado a constituição da grande loja de Berlim. O príncipe de Gales não cessou de governar a ordem na Inglaterra, senão quando em 1813 foi nomeado regente. Enfim, no mês de Fevereiro de 1814, o rei da Holanda, Frederico Guilherme, declarou-se protetor da maçonaria, e permitiu que o príncipe real, seu filho, receitasse o título de venerável honorário da loja de Guilherme Frederico de Amsterdam.

Depois da volta dos Bourbons à França, o marechal Bournonville pediu a Luiz XVIII para colocar a maçonaria debaixo da proteção de uma pessoa da família real; mas como Luiz XVIII era dotado de excelente memória, e não havia esquecido a parte que ela tinha tomado na catástrofe de 1793 recusou, dizendo que nunca consentiria que membro algum da família real, tomasse parte de qualquer sociedade secreta, fosse ela qual fosse.

Na Itália a maçonaria caiu com o domínio francês, mas em seu lugar vieram os carbonários, que mostravam querer continuar o seu pensamento libertador.

Duas outras seitas apareceram ao mesmo tempo.

Uma que se chamava a Congregação católica apostólica romana, e a outra a Consistorial.

Os sócios da Congregação tinham, como sinal de reconhecimento, um cordelinho de seda amarela com cinco nós. Os pertencentes aos grãos inferiores não falavam senão de atos de piedade e beneficência.

Dos segredos da seita, conhecidos unicamente pelos altos dignatários, só se podia falar quando se achavam presentes dois associados; se por acaso um terceiro chegava, a conversação cessava imediatamente. A palavra de passe dos confrades era éleutheria, isto é, liberdade, a palavra secreta era ode, isto é, independência.

Esta seita criada na França entre os neo-católicos e a que pertenceram muitos dos nossos melhores e mais constantes republicanos, tinha atravessado os Alpes, chegado a Piemonte e de lá à Lombardia. Mas aqui foram infelizes, pois obtiveram poucos adeptos, não tardando muito a extinguir se, tendo os agentes de polícia alcançado em Gênova os diplomas que se entregaram aos adeptos assim como os estatutos e sinais de reconhecimento.

A consistorial era dirigida principalmente contra os austríacos. À sua frente se achavam os principais príncipes da Itália que não pertenciam à casa de Kabsbourg e era presidida pelo cardeal Gonsalvi. O único príncipe que não foi excluído foi o duque de Modena. Logo que esta liga foi conhecida, começaram as terríveis perseguições deste príncipe contra os patriotas. É que ele queria obter da Áustria o perdão da sua deserção, sendo necessário o sangue de Menotti, seu companheiro na conspiração, para o alcançar.

Os consistoriais queriam tirar a Itália a Francisco II e dividi-la entre si.

Além de Roma e da România que ele guardava, o papa adquiria a Toscana. A ilha de Elba e as Marches passavam para o poder do rei de Nápoles; Parma, Pelazainge, e uma parte da Lombardia. Com o título de rei, ao duque de Modena; Massa, Garrara e Luca, ao rei da Sardenha. Enfim o imperador Alexandre da Rússia que pela sua aversão à Áustria, protegia esta conspiração, ou recebia Ancona, Civita-Vechia, ou Gênova, para poder ter um estabelecimento no Mediterrâneo. Por esta forma sem se consultar a vontade dos povos nem as demarcações territoriais, dispunha-se de uma grande porção de almas, negando-se-lhe esse direito de escolha a que a última criatura nascida no solo europeu tem direito.

Por felicidade, um único de todos estes projetos, o dos carbonários, parecia emanado de Deus e quase a realizar-se.

Os carbonários, em quem unicamente havia esperança, aumentavam consideravelmente nas Romanias. Haviam-se reunido à seita dos guelfos que tinham a sua sede em Ancona, e se apoiavam nos bonapartistas.

Luciano tinha sido elevado à dignidade de grão-mestre da ordem. Nas reuniões secretas mostrava-se a necessidade de tirar aos padres o poder que haviam alcançado; invocava-se o nome de Bruto e preparavam-se os ânimos à revolta.

Na noite de 24 de Junho teve lugar a revolução, obtendo o funesto resultado que todas as primeiras tentativas deste gênero costumam alcançar. Toda a religião que deve ter apóstolos começa por ter mártires. Cinco carbonários foram fuzilados, outros condenados às galés perpetuamente, e alguns, julgados meros culpados, foram encerrados por dez anos em uma fortaleza.

Então a seita, tornando-se mais prudente, mudou de nome, começando a chamar-se a Sociedade Latina. Nesta ocasião a mesma sociedade conspirava na Lombardia, estendendo-se pelas outras províncias da Itália. No meio de um baile dado pelo conde Porgia em Rovigo, o governo austríaco fez prender muitas pessoas e declarou no dia seguinte criminoso de alta traição todo o individuo que se filiasse nas lojas dos carbonários.

Em Nápoles foi onde a rebelião apareceu com mais violência. Cobetta afirma na sua história que o número dos carbonários era de 642.000, e segundo um documento da chancelaria aulica de Vienna, este número ainda está muito abaixo da verdade. “Os carbonários nas Duas Sicílias, diz este documento, contam mais de 800.000 adeptos, e não havendo policia nem vigilância possível para evitar tal alistamento, seria loucura tentar aniquila-los.” (Storia Itália-La Farina)

Ao mesmo tempo que a rebelião tinha lugar em Nápoles, Riego, outro mártir que deixou um cântico de morte, tornando depois em canção de vitória, levantava no 1º de Janeiro de 1820 a bandeira da liberdade, e um decreto de Fernando VII anunciou que tendo-se manifestado a vontade do povo, estava prompto a jurar a constituição proclamada pelas cortes gerais e extraordinárias de 1812.

As prisões abrindo-se deram um ministério á Hespanha.

Fernando I de Nápoles, na sua qualidade de príncipe da Espanha, devia, ficando rei absoluto, jurar obediência à constituição Espanhola. Teve então lugar uma grande rebelião na Calábria, em Capitanata e em Palermo. O governo napolitano fraco, indeciso e desconfiado, decretou algumas reformas insuficientes, que não impediram o general Pepe de fazer uma revolução. Nápoles teve então com 1798, um governo provisório e uma câmara de deputados.

Foi algum tempo depois que por sua vez rebentou a revolução piemonteza.

Na manhã de 10 de Março o capitão conde Palma, dando o grito de “rei e a constituição espanhola” fez pegar em armas ao regimento de Gênova.

No dia seguinte um governo provisório estava estabelecido, e em nome do reino da Itália declarava a guerra à Áustria.

Deste modo, a revolução partindo de Ancona, tinha chegado a Nápoles, voltando a Turim. Três vulcões se tinham aberto na Itália, sem contar a Espanha; agitando-se a Lombardia num triângulo de fogo.

O rei Victor Manuel havia prometido, como já dissemos, à santa aliança, não fazer ao seu povo nenhuma concessão.

No dia seguinte, para ficar fiel à sua palavra, o rei Victor Manuel abdicou em favor de seu irmão Carlos Félix, que se achava então em Modena, e nomeou regente o príncipe de Carignan, que foi depois o rei Carlos Alberto.

Para todos os patriotas, esta abdicação de um rei dedicado aos italianos, em um príncipe dominado pela corte de Áustria, era uma grande desgraça.

Santa Rosa um dos primeiros promotores da rebellião diz:

“A noite de 13 de Março de 1821 foi bem fatal para minha pátria. Foi nessa noite que perdemos todas as nossas esperanças, foi nessa noite que milhares de espadas erguidas para a defesa da pátria se abaixaram. Com o rei Victor Manuel a pátria estava no rei, ela se personalizava nesse coração leal, e nós fazendo esta revolução, dizíamos: "Coragem! O rei talvez um dia nos perdoe de o havermos feito senhor da seis milhões de italianos.”

Com Carlos Félix sucedia exatamente o contrário. Estavam outra vez debaixo do jugo da Áustria, e viam-se obrigados a começar de novo os seus trabalhos.

Contudo, toda a esperança ainda não estava perdida.

No dia 14 de Março, o príncipe de Carignan, nomeado regente, apareceu à janela, e no meio dos vivas calorosos do povo, proclamou a constituição de Espanha.

Como este fato devia ter no futuro grande importância, como o príncipe Carlos Alberto devia um dia desmentir o príncipe de Carignan, é necessário não só citar o fato da constituição proclamada em alta voz, mas também dar uma cópia do edital que foi afixado nos muros de Turim.

Eis a tradução fiel :

“Nas circunstâncias difíceis em que nos achamos, é necessário sair fora dos limites que a nossa qualidade de regente nos impõe. O nosso respeito e submissão a sua majestade Carlos Félix, atual soberano, devia-nos obstar a que fizéssemos alguma alteração nas leis fundamentais do estado, até que soubéssemos as intenções do nosso novo soberano, mas como as circunstâncias imperiosas porque passamos são conhecidas por todos, e como queremos entregar ao novo rei um povo sossegado e feliz e não despedaçado pela guerra

civil, decidimos, ouvido o nosso conselho e na esperança de que sua majestade levado pelas mesmas considerações, revistirá a nossa deliberação da sua aprovação soberana, que a constituição de Espanha seja reconhecida como lei do estado, fazendo-se as alterações que o rei e a representação nacional entenderem.”

Eis o que os carbonários tinham obtido cinco anos depois do seu estabelecimento em Itália: uma constituição em Espanha, outra em Nápoles, e outra no Piemonte.

Mas esta tendo sido a última em aparecer, foi a primeira a ser destraída.

Em lugar de voltar a Gênova ou a Milão, em lugar de aprovar as liberdades concedidas pelo príncipe de Carignan, o rei Carlos Félix publicou no dia 3 de Abril seguinte o edito que vamos ler:

“Sendo o dever de todo o súdito fiel sujeitar-se da melhor vontade à ordem de coisas estabelecidas por Deus e pelo exercício da soberana autoridade, declaro que emanando o nosso poder só de Deus, só a nós pertença escolher os meios que julgarmos mais convenientes para chegar a qualquer fim, e que em consequência não teremos como súdito fiel aquele que se atrever a murmurar contra as medidas que julgarmos necessário adotar, ficando conhecidos só como vassalos fiéis aqueles que se submeterem imediatamente, impondo esta submissão como condição para voltarmos aos nossos estados.”

Ao mesmo tempo que o rei Carlos Félix publicava este edito modelo de cegueira e asneira, nomeava uma comissão militar encarregada de tomar conhecimento dos crimes de traição, rebelião e insubordinação que tinham sido cometidos.

Felizmente os principais criminosos, isto é, aqueles de que os nomes são hoje os mais gloriosos do Piemonte, haviam tomado a fuga.

A comissão nomeada por Carlos Félix não perdeu o tempo. Em cinco meses, cento e setenta e oito prisioneiros foram julgados. Setenta e três foram condenados à morte e ao fisco, e os outros à prisão e galés. Dos condenados à morte sessenta eram contumazes e foram enforcados em efígie.

Julgamos conveniente dizer os nomes desses homens para que se conheçam aqueles que feriram esse poder estupidamente absoluto que desde Tarquino não tem sabido abater senão as cabeças mais inteligentes e elevadas.

Eram os tenentes Pavia e Ansaldi, o médico Ratazzi, o engenheiro Appiani, o advogado Dossena, o advogado Lurri, o capitão Baroni, o conde Bianco, o coronel Regis, o major Santa-Rosa, o capitão Lesio, o coronel Caroglio, o major Collegno, o capitão Radice, o coronel Morozzo, o príncipe delia Cisterna, o capitão Ferraso, o capitão Pachiarotti, o advogado Marochetti, o segundo tenente Auzzano, e o advogado Ravina.

Ao todo seis oficiais superiores, trinta oficiais subalternos, cinco médicos, dez advogados, e um príncipe, todos notáveis pela inteligência e pelas qualidades morais.

Dois tinham sido presos e executados.

Eram o tenente de carabineiros João Baptista Lanari e o capitão Jacome Garelli.

Um foi executado a 21 de Julho e o outro a 25 de Agosto.

O principal criminoso era, sem dúvida, Carlos Alberto, pois havia proclamado a constituição, não como dizem os seus partidários, salvo a aprovação de Carlos Félix, mas nestes termos que estão muito longe de serem reservados:

“Nella fiducia che sua Maesta il re, mosso dál eistesse considerazioni ‘sara per rivestire’ questa deliberazione delia sua socrasia approvazione, la constituzione di Spagna ‘sara promulgata et osservata com lege dello stato.”

Por isso, assim que o príncipe de Carignan recebeu a carta que lhe participava a recusa do rei Carlos Félix, correu a Modena, mas o rei recusou recebe-lo e o duque mandou-o intimar a deixar os seus estados.

O príncipe de Carignan retirou-se para Florença, para o lado do grão duque de Toscana.

Para Carlos Alberto não se tratava unicamente de um simples exílio, ou de um desvalimento momentâneo, mas sim da perda do trono de Piemonte. Espalhou-se então que Carlos Félix legava a coroa ao duque de Modena, e este, que não a havia alcançado na conspiração dos príncipes italianos contra a Áustria, esperava esta vez realizar a sua ardente ambição.

O príncipe de Carignan disse ao conde de la Maison-Fort, nesse ministro em Florença, qual era a sua posição, e escreveu a Luiz XVIII relatando-lhe tudo.

Eis um fragmento da carta deste ministro:

“Para despojar o príncipe de Carignan da sua herança é necessário chamar ao trono a duquesa de Modena, filha mais velha do rei Victor Manuel. Esta facilidade em afastar a nobre casa de Sabóia de um trono por ela criado, esta ingratidão, exemplo do século em que vivemos, não pôde ser partilhada pelo chefe de uma casa aliada com a Sabóia dezoito vezes. A França pois não pode seguir esta política, porque tem ao menos o direito de exigir a completa independência do soberano que possui a chave da Itália.”

Luiz XVIII foi da opinião do seu ministro, e escreveu ao príncipe oferecendo-lhe um refúgio na corte de França. A conduta de Luiz XVIII era o mesmo que dizer – Não tem coisa alguma a recear, tomo-o debaixo da minha proteção e não consentirei que outro seja rei do Piemonte.

E na verdade um rei que havia dado a carta ao seu povo, não podia criminar um príncipe por ter prometido uma constituição que não havia reconhecido.

Das três constituições criadas pelos carbonários, uma, a do Piemonte tinha sido logo aniquilada pelo rei Carlos Félix; a de Nápoles havia sido destruída pela invasão austríaca, e a terceira, a única existente, ia desaparecer com a invasão francesa.

Era, pois, necessário ao príncipe de Carignan que havia proclamado a constituição Espanhola em Turim ir combater essa mesma constituição a Madrid.

Na realidade era uma posição difícil para o príncipe, mas a coroa do Piemonte tinha muitos atrativos para ele se ocupar de bagatelas.

O príncipe de Carignan ocultou a vergonha debaixo da barretina de granadeiro; fez a campanha de Espanha e foi um dos vencedores de Trocadéro. Desta sorte quando Carlos Félix faleceu, 27 de abril de 1851, o príncipe de Carignan subiu ao trono, com o nome de Carlos Alberto, tendo a vencer poucas dificuldades. A Áustria que antes queria ver no trono o seu arquiduque de Modena, enfureceu-se e apresentou aos reis Carlos Alberto como um carbonário, e aos carbonários como um traidor.

A Áustria mentia.

Carlos Alberto não era carbonário: a proclamação em que concedia a constituição mostrava que a dava contra a sua vontade.

Carlos Alberto não era um traidor, era um príncipe que ambicionando o titulo de rei, não havia feito compromissos pessoais. A vergonha de ir abolir à Espanha a constituição que tinha proclamado em Turim, tinha desaparecido pela coragem do granadeiro: o soldado havia absolvido o príncipe.

Desta sorte a sua aclamação foi saudada com alegria pelos patriotas italianos.

Del Pozzo escreveu-lhe de Londres aonde se achava refugiado:

“Os meios termos e as medidas incompletas na política não servem para coisa alguma: o Piemonte quer um rei constitucional.”

Outro patriota que guardou o incógnito, escreveu-lhe de Marselha:

“Coloque-se à frente da nação, escreva na sua bandeira - União, liberdade e independência - declare-se vingador e intérprete dos direitos populares, trate de regenerar a Itália, livre-a dos seus inimigos, e cuidando no futuro dê o seu nome a um século, e seja o Napoleão da liberdade italiana.

“Atire à Áustria com a luva o nome da Itália, e estou certo que com este escudo fará prodígios. Appele para tudo o que há de grande e generoso na Península. Uma mocidade ardente e corajosa impelida pelas duas paixões que fazem os heróis, o ódio e a gloria, vive há muito tempo com um só pensamento, e o seu mais ardente desejo é realizá-lo.

“Chame essa mocidade às armas, ponha as cidades e fortalezas debaixo da guarda dos cidadãos, e livre por este modo de todo e qualquer cuidado que não seja o vencer, reúna em volta de si todos aqueles que sendo notáveis pela

inteligência e pelo valor estejam isentos de paixões infames. Inspire confiança ao povo, dissipe todas as dúvidas sobre as suas intenções, chamando para o seu lado os homens livres. Senhor, digo-lhe a verdade : os verdadeiros patriotas hão de avaliá-lo pelas suas ações, mas sejam elas quais forem, esteja seguro de que a posteridade verá em V. M. o primeiro dos homens ou o ultimo dos tiranos.

"Escolha."

O que na realidade torna os reis os escolhidos do Senhor é que só a eles se escrevem semelhantes cartas. Se Carlos Alberto tivesse seguido os conselhos do seu misterioso correspondente, teria sem dúvida começado por Goita, mas talvez não tivesse finalizado por Novàra.

Carlos Alberto desprezou estes conselhos, e em lugar de entrar no largo caminho que se lhe apresentava, meteu-se em uma estrada tortuosa de onde poucos tem saído incólumes.

Desde este momento o divórcio foi declarado entre o rei da Sardenha e a jovem Itália. A jovem Itália! Foi por esta época que pela primeira vez se pronunciaram estas três palavras. De que se compunha ela então? De José Mazzini, o infatigável promotor da união italiana. José Mazzini apenas conhecido nesta época por algumas publicações políticas, vendo-se perseguido pela polícia, havia se refugiado em Marselha aonde colocava a primeira pedra da sua grande empreitada, enviando com milhares de dificuldades para o Piemonte os exemplares da sua Jovem Itália.

A nobreza e o clero piemontez que se haviam apoderado do espírito de Carlos Alberto, começaram a recear pelo seu poder. Havia dois anos que se tinham estabelecido na corte, e por isso conheciam qual ele era. Desconfiavam da política duvidosa de Carlos Alberto, e tinham medo que um dia lhe aparecesse, não alguma sombra de liberdade, mas sim uma ideia ambiciosa. Sabiam que Carlos Alberto nessas noites de febre, como só os reis tem, sonhava com o trono da Itália.

Para alcançar esse trono seria necessário coadjuvar a revolução. O trono de Itália não estava á disposição dos reis, mas sim do povo.

Era necessário colocar uma barreira entre ele e os patriotas.

Um dia alguém disse:

É tempo de lhe fazer derramar algum sangue.

No mesmo dia Carlos Alberto foi prevenido de que no exército uma grande conspiração se tramava com o fim de lhe tirar o trono.

Os fatos foram desnaturados, os perigos exagerados. Atacaram todas as fibras do homem e do príncipe para lhe dar esse ressentimento mortal de que tinham necessidade esses homens que se intitulam os salvadores das monarquias.

Uma comissão criminal extraordinária foi criada em Turim para dirigir todos

os suplícios que tivessem lugar no Piemonte.

Esta comissão decidiu que todos os acusados militares ou paisanos seriam sentenciados por ela. Foi a primeira violação do código penal.

Por esta ocasião é que se deu o fato memorável que vamos relatar:

Um oficial que se assentava como juiz no conselho de investigação fez algumas perguntas sobre princípios de direito criminal a um jurisconsulto. Este respondeu-lhe que a primeira base de toda e qualquer lei, que a primeira regra de todo o código era:

"Que um conselho de investigação militar se devia declarar incompetente para julgar cidadãos."

– Isso é impossível, disse o official, porque o general ordenou que nos declarássemos competentes.

Desta vez a base da lei, a regra do código foi a ordem do general.

O primeiro que manchou com o seu sangue o manto do novo rei, foi o cabo Tamburelli, que foi fuzilado pelas costas, por haver cometido o crime de ler aos seus soldados a Jovem Itália. O segundo foi o tenente Tolla culpado por ter tido em seu poder livros sediciosos, e conhecendo o autor não o haver denunciado. Como Tamburelli, foi fuzilado pelas costas. Era uma engenhosa invenção da magistratura piemonteza para assemelhar o suplicio do fuzilado ao da forca.

Já não era suficiente matar, era preciso também desonrar. A 15 de Junho foram também fuzilados pelas costas o sargento Miglio, José Deglia e António Gaortti.

Todos morreram com uma coragem admirável.

Jacopo Rufiai estava encerrado nas prisões da torre de Gênova. Tentavam tirar-lhe as forças por todos os meios possíveis: falto de comida e de sono, sentia que se enfraquecia, não só fisicamente, mas moralmente, por isso resolveu não esperar que o colocassem entre a morte e a vergonha, e receando que chegado esse momento não tivesse forças para escapar à morte, arrancou uma lança de ferro da porta da prisão, afiou-a e degolou-se com ela.

Nas agonias da morte teve forças suficientes para escrever na muralha com letras de sangue:

"Lego à Itália a minha vingança."

Quando no dia seguinte entraram na prisão acharam-no morto.

Em Gênova foram fuzilados Luciano Placenzo e Luiz Turfo.

Em Alexandria Domingos Ferrari, José Menardi, José Rigano, Assani Costa, Giovanni Marini e depois Andrea Vochieri.

Escreveremos algumas linhas sobre Andrea Vochieri, assim como fizemos de Jocopo Rufmi.

Um condenado de Alexandria que escapou às torturas de Fenestrelle, deixou

nas suas memórias a narração da agonia de Andrea Vochier:

“Tiraram-me, diz ele, falando de si, os meus livros que se compunham de uma Bíblia, de um livro de orações e de uma História dos Capuchos ilustres do Piemonte. Depois puseram-me ferros aos pés e conduziram-me a outra prisão mais úmida, mais escura e mais sórdida que a primeira. As janelas tinham duas ordens de grades e as portas cadêas dobradas. Esta prisão era próxima da do pobre Vochieri. Alguns buracos na parede permitiam-me ver tudo quanto ali se passava.

“Estava deitado em um miserável banco com ferros aos pés, dois guardas colocados ao lado com a espada nua, e uma sentinela armada com uma espingarda se achava à porta. Reinava neste medonho cárcere um silencio sepulcral e os soldados pareciam mais consternados do que o próprio prisioneiro. Dois frades capuchos vinham com curtos intervalos vê-lo e exortá-lo.

“Apesar da grande dor que sentia em ver aquele mártir em semelhante estado não podia deixar de o contemplar a todos os momentos. No fim de oito dias vieram buscá-lo para o conduzir à morte.”

O que este prisioneiro não relata porque não o sabia, é que Vochieri foi levado ao suplício pelo caminho mais longo, sendo obrigado a passar por defronte da casa aonde habitava sua irmã, sua esposa e seus filhos. Esperavam que vendo tudo o que ele tinha de mais caro no mundo perdesse a coragem e fizesse algumas revelações. Vochieri sorriu tristemente:

– Esqueceram, disse elle, que há no mundo uma coisa que adoro mais do que esposa, irmã e filhos... é a Itália. Viva a Itália!

Voltando-se então para os guardas que o iam fuzilar, e que eram condenados das galés em lugar de soldados, disse esta única palavra:

– Vamos!

Quinze minutos depois caía atravessado por seis balas.

Havia nessa época em Niza um mancebo de vinte e seis anos que vendo correr este sangue, fazia consigo mesmo o juramento de consagrar toda a sua vida ao culto dessa liberdade pela qual morriam tantos mártires.

Esse mancebo era GARIBALDI.

Alexandre Dumas.

Memórias de Garibaldi

I – Meus Pais

Nasci em Niza, a 11 de Julho de 1807, não só na casa, mas no próprio quarto em que nasceu Masséna. O ilustre marechal era como ninguém ignora, filho de um padeiro. Nas lojas daquele prédio ainda hoje se conserva uma padaria.

Antes de falar a meu respeito seja me permitido dizer duas palavras de meus estimados pais de que o excelente caráter e profunda ternura tanta influência tiveram na minha educação e disposições físicas.

Meu pai, Domingos Garibaldi, natural de Chiavari, era como meu avô marítimo. Vindo ao mundo o primeiro objeto que seus olhos viram foi o mar e era no mar que devia passar quase toda a sua vida. Estava bem longe de possuir os conhecimentos que são o apanágio dos homens da sua classe, e principalmente do nosso século. Não havia formado a sua educação em uma escola especial, mas sim nos navio de meu avô.

Mais tarde capitaneou uma embarcação com grande felicidade. Sofreu imensos incidentes, uns felizes, outros desgraçados, e muitas vezes ouvi dizer que nos poderia ter deixado mais bens de fortuna do que nos legou.

Mas que importa isso! Meu pobre pai era livre de gastar como entendesse um dinheiro tão laboriosamente ganho, e eu não lhe sou menos reconhecido por este fato. De mais há uma coisa, de que estou intimamente convencido e é, de que todo o dinheiro que despendeu neste mundo, o que, gastou com a minha educação foi o que com mais prazer saiu das suas algibeiras, apesar dos grandes sacrifícios que para isso era obrigado a fazer.

Não julguem por isto que a minha educação foi aristocrática. Meu pai não me mandou ensinar ginástica, jogo de armas ou equitação. A ginástica aprendi-a, trepando pelos cabos dos navios, e deixando-me escorregar pelas enxárcias; a esgrima defendendo a minha cabeça e tentando o melhor que podia quebrar a dos outros, e a equitação tomando os exemplos dos primeiros cavaleiros do mundo, isto é, dos Gaúchos.

O único exercício corporal da minha mocidade, para o qual também não tive mestre, foi a natação. Não me lembro quando, e como aprendia nadar, mas julgo que sempre o soube, pois desconfio que nasci anfíbio. Assim não obstante o pouco prazer que tenho em me prodigalisar elogios, como sabem todos aqueles que me conhecem, não posso deixar de dizer que, sou um dos melhores nadadores existentes. Sendo conhecida a confiança que tenho em mim, é escusado dizer que nunca hesitei em me atirar à água quando era necessário salvar um dos semelhantes.

Entretanto se meu pai não me mandou ensinar todos estes exercícios a culpa não foi sua, mas sim da época calamitosa porque atravessávamos. Nestes tempos

desgraçados o clero era o senhor absoluto do Piemonte, e todos os seus esforços eram tornar os mancebos em frades inúteis e mandriões em lugar de cidadãos aptos para servirem a nossa desgraçada pátria. O amor que me consagrava meu pobre pai, até lhe fazia recear que se eu recebesse alguma instrução, isso me fosse funesto para o futuro.

Rosi Raymundo, minha mãe, era, digo-o com bastante orgulho, o modelo das mulheres. Todo o bom filho deve dizer o mesmo de sua mãe, mas nenhum o dirá com mais justiça do que eu.

Um dos remorsos de toda minha vida, talvez o maior, foi e será o ter tornado desgraçados os seus últimos dias! Só Deus sabe quanto ela sofreu com a minha vida aventureira, porque só Deus sabe o imenso amor que minha mãe me consagrava. Se em mim existe algum sentimento bom, confesso-o, e com bastante ufania, é a ela a quem o devo. O seu caráter angélico devia forçosamente deixar-me alguns vestígios. Não será à sua piedade pelos desgraçados, à sua compaixão pelos infelizes, que eu devo este amor pela pátria, amor que me mereceu a afeição e simpatia dos meus compatriotas?

Não sou supersticioso, mas devo dizer que nas circunstâncias mais críticas da minha vida, quando o oceano rugindo erguia o meu navio como um pedaço de cortiça, quando as bombas assobiavam a meus ouvidos como o vento da tempestade, quando as balas cabiam em volta de mim como a saraiva, via sempre minha pobre mãe ajoelhada aos pés do Senhor orando pelo filho das suas entranhas. Se algumas vezes mostrei uma coragem de que muitos se admiraram, é porque estava convencido de que não me sucederia desgraça alguma quando tão santa mulher, quando semelhante anjo orava por mim.

II – Os Meus Primeiros Anos

Os primeiros anos da minha mocidade foram passados como são os de todas as crianças, isto é, rindo e chorando sem saber por que, estimando mais o prazer que o trabalho, os divertimentos que o estudo, e não aproveitando, como devia ter feito, os sacrifícios que meus pães faziam por meu respeito. Coisa alguma extraordinária aconteceu durante a minha infância. Tinha um excelente coração, sendo este um bem emanado de Deus e de minha mãe. Escusado é dizer que os impulsos desse coração eram por mim imediatamente satisfeitos. Tive sempre grande compaixão por tudo o que era fraco e sofredor. Esta compaixão estendia-se até aos animais, ou antes começava por eles.Lembro-me de que um dia apanhei um grilo e que levando-o para meu quarto, ali passei alguns momentos brincando com ele, até que com essa inépcia ou antes brutalidade da infância lhe arranquei uma perna: a minha dor foi tal, que passei muitas horas encerrado no meu quarto chorando amargamente.

Outra vez indo a Var à caça com um primo meu, parei ao pé de um profundo fosso aonde as lavadeiras costumavam lavar a roupa e aonde naquele momento se achava uma pobre mulher lavando a sua. Não sei como, mas esta desgraçada caiu no fosso. Apesar de ser muito novo, tinha então oito annos, atirei-me à água, conseguindo salvá-la. Conto este caso para provar quanto é natural em mim um sentimento que me leva a socorrer o meu semelhante, e para se conhecer o pouco valor que tem o fazê-lo.

Entre os professores que tive nesta época da minha vida, contam-se o padre Giovanni e o senhor Arene, a quem eu conservo um reconhecimento particular.

Com o primeiro aproveitei pouco porque, como já disse, tinha mais disposição para brincar e vadiar, do que para trabalhar Resta-me sobretudo o pesar de não haver estudado o inglês, como o teria podido fazer, porque sendo o padre Giovanni de casa e quase da família, as suas lições ressentiam-se da muita familiaridade que entre nós existia. Todas as vezes que sou obrigado a tratar com ingleses, que não são poucas, este sentimento renova-se sempre. Ao segundo, ótimo professor, ele a quem devo o pouco que sei, mas o que mais lhe agradeço, e porque lhe serei eternamente grato, é haver-me ensinado a minha língua materna pela constante leitura da historia romana.

A grave falta de não ensinar as crianças a língua e historia pátria é frequentemente cometida na Itália, e principalmente em Niza, onde a proximidade da França influi muitíssimo na educação. É pois a esta primeira leitura da nossa historia, e à persistência com que meu irmão mais velho, Angelo, me recomendava o seu estudo, que eu devo o pouco que sei da ciência histórica e a facilidade de exprimir os meus pensamentos.

Termino este primeiro período da minha juventude, narrando um fato que, apesar da sua pouca importância,dará uma ideia da minha disposição para a vida aventureira.

Fatigado de estudar, e sofrendo muito pela vida sedentária que era obrigado a levar, propus um dia a alguns dos meus companheiros que fugíssemos para Gênova. A proposta foi logo aprovada e desatando um barco de pesca fizemo-nos de vela para o Oriente. Estávamos nas alturas de Mônaco quando um pirata, mandado por meu excelente pai nos apanhou e entregou cheios de vergonha às nossas famílias. Um abade que nos havia visto foi o denunciante. Deste fato é que provavelmente vêm as poucas simpatias que sinto pelos abades.

Os meus companheiros nesta aventura eram, se bem me recordo, César Parodi, Rafael de Andreis e Celestino Dermond.

III – As Minhas Primeiras Viagens

"Oh! Primavera, juventude do ano. Oh! Juventude, primavera da vida!" disse Metastasio, e eu ajuntarei: Como tudo se aformosêa ao sol da juventude e da primavera!

Foi iluminado por esse belo sol que tu linda Constanza, primeiro navio em que sulquei os mares, me aparecestes. Os teus robustos flancos, a tua elevada e ligeira mastreação, a tua espaçosa coberta, e até o busto de mulher que se patenteava soberbo na tua proa, ficarão eternamente gravados na minha ideia! Como os teus marinheiros, verdadeiros tipos dos nossos Ligurios, se inclinavam graciosamente sob os remos!

Com que alegria me dependurava na amurada para ouvir as suas canções populares.

Cantavam canções de amor; ninguém então lhes ensinava outras, e estas por mais insignificantes que fossem, enterneciam-me e arrebatavam-me. Se esses cantos tivessem sido pela pátria, talvez me enlouquecessem! Quem lhes diria então que havia uma Itália? Quem lhes diria que tínhamos uma pátria a vingar e a tornar livre?

Ninguém !

Fomos educados e crescemos como judeus, isto é, na crença de que a vida não tem senão um fim – fazer fortuna.

Enquanto olhava alegre para o navio em que ia embarcar, minha mãe preparava, chorando, a minha bagagem.

A minha vocação era a vida aventureira do mar. Meu pai fez todo o possível para me tirar semelhante ideia, a sua vontade era que eu seguisse uma carreira pacífica e sem perigo; que fosse padre, advogado ou médico. Mas a minha persistência o fez desistir, o seu amor cedeu à minha juvenil obstinação. Embarquei então na Constanza de que era capitão Angelo Pesante o mais atrevido marítimo que tenho conhecido. Se a nossa marinha tivesse tomado as proporções que se podiam esperar, o capitão Pesante teria direito ao comando de um dos nossos navios de guerra, e ninguém o teria excedido. Pesante nunca comandou uma esquadra, mas que se dirijam a ele, e em breve tempo já terá arranjado uma, desde as barcas até às naus de três pontos. Se ele algum dia obtivesse uma tal comissão, posso assegurar que haveria proveito e gloria para a pátria.

Fiz a minha primeira viagem a Odessa. Estas viagens tornaram se depois tão comuns e fáceis que é inútil descrevê-las.

A minha segunda viagem foi a Roma, mas na companhia de meu pai que tendo na minha primeira ausência sofrido morties inquietações, se tinha

resolvido, visto eu não querer ceder da minha teima, a acompanhar-me.

Fizemos a viagem na sua tartana a Santa Reparata.

A Roma! Com que alegria eu partia! Já disse como pelos conselhos de meu irmão e pelos cuidados do meu digno professor havia estudado a história romana. Roma era para mim, admirador da antiguidade, a capital do mundo. É verdade que se achava destruída, mas as suas ruínas eram imensas, gigantescas e delas são a memória de tudo quanto é belo e grandioso. Roma não foi só a capital do mundo, mas o berço dessa religião santa que quebrou a cadeia dos escravos, que enobreceu a humanidade, dessa religião de que os primeiros apóstolos foram os instituidores das nações, os emancipadores dos povos, mas de que infelizmente os sucessores degenerados tem sido o flagelo da Itália, vendendo sua mãe, ou antes nossa mãe, aos estrangeiros! Não! Não! A Roma que eu via nos sonhos da minha mocidade não era só a Roma do passado, mas também a do futuro, abrigando em seu seio a ideia regeneradora de um povo perseguido pela inveja das outras nações, porque nasceu grande e porque tem sempre marchado à frente dos povos, guiados por ela à civilização.

Roma! Quando penso na sua desgraça, no seu abatimento, no seu martírio, parece-me superior a todo o mundo. Amava-a com todas as forças da minha alma, não só nos combates soberbos da sua grandeza durante três séculos; mas até nos mais pequenos sucessos que eu recolhia no meu coração como um precioso depósito.

O meu amor em lugar de diminuir, tem aumentado com o desterro. Muitas vezes, no outro lado dos mares, a três mil léguas de distancia, pedia ao Senhor, como uma graça especial, o tornar a vê-la. Finalmente, Roma era para mim a Itália, porque eu não vejo a Itália senão na reunião dos seus membros dispersos, e Roma é para mim o símbolo da unidade italiana.

IV – As Minhas Primeiras Aventuras

Durante algum tempo naveguei na companhia de meu pai; depois fui a Cagliari no bergantim Etna, de que era capitão José Gervino.

Nesta viagem presenciei uma horrível catástrofe que me deixou uma eterna recordação. Vindo de Cagliari, na altura do cabo Noli, navegávamos na companhia de alguns navios, entre os quais se achava uma encantadora falua catalã. Depois de gozarmos dois ou três dias de um belo tempo, começamos a sentir algumas rajadas desse vento a que os nossos marinheiros chamam Libieno, por que antes de chegar ao Mediterrâneo passa pelo deserto da Líbia. Impelido por ele o mar não tardou a enfurecer-se, e tão furiosamente que nos arrastou para Vado.

A falua de que já falei sustentou-se admiravelmente no começo da tormenta, e não duvido dizer que todos nós, receando que a tempestade aumentasse, desejávamos antes estar a bordo da falua, do que dos nossos navios. Infelizmente a desgraçada embarcação estava destinada a oferecer-nos um doloroso espetáculo: uma vaga horrível a cobriu, e em bem poucos instantes todos aqueles desgraçados foram submergidos. A catástrofe tinha lugar à nossa direita, e por isso nos era absolutamente impossível socorrê-los. Os outros navios que nos acompanhavam também se achavam na mesma impossibilidade. Nove pessoas da mesma família morreram à nossa vista, sem lhe podermos prestar o mais leve socorro. Algumas lágrimas apareceram nos olhos dos mais endurecidos dos nossos marinheiros, mas o perigo próprio era tal que elas bem depressa secaram. A tempestade abrandou, como se estivesse satisfeita por haver imolado estas vítimas; e chegamos a Vado sem incidente.

De Vado parti para Gênova, e de Gênova voltei a Niza.

Então comecei uma série de viagens ao Levante, durante as quais fomos três vezes tomados e roubados pelos piratas. Duas vezes o fomos na mesma viagem, o que tornou os segundos piratas muito furiosos, visto que não nos encontravam cousa alguma para roubar. Foi nestes ataques que comecei a familiarizar-me com o perigo, e a ver que sem ser Nelson, podia como ele perguntar: – O que é medo?

Foi numa destas viagens, no bergantim Cortese, capitão Barlasemeria, que fiquei doente em Constantinopla. O navio foi obrigado a fazer-se de vela, e prolongando-se a minha doença mais do que eu tinha julgado, achei-me muito falto de recursos.

Como em todas as situações desgraçadas em que me tenho achado, sempre encontrei alguma alma caridosa que me socorresse, nunca pensei muito na falta de dinheiro.

Entre essas almas caridosas encontrei uma que nunca esquecerei: é a

excelente senhora Luiza Sauvaigo, de Niza, que me fez convencer de que as duas mulheres mais perfeitas do mundo, eram minha mãe e ela.

Luiza fazia a felicidade de um marido, excelente homem, e tratava com uma admirável inteligência da educação de seus filhos.

Porque razão falei agora de Luiza? É porque escrevendo para satisfazer uma necessidade do coração, ela me ditou o que acabo de lançar ao papel.

A guerra então existente entre a Porta Otomana e a Rússia contribuiu a prolongar a minha estada na capital do império turco. Durante este tempo e ignorando ainda como poderia alcançar recursos para viver, fui admitido como preceptor em casa da viúva Timoni. Este emprego foi-me dado sob recomendação de M. Diego, doutor em medicina, e a quem dou aqui um voto de agradecimento pelo serviço que me prestou. Estava, pois, preceptor de três meninos. Assim fiquei muitos meses, até que a vontade de navegar vindo de novo, me embarquei no bergantim Notre-Dame-de-Grace, de que tinha sido capitão Casanova.

Foi este o primeiro navio em que embarquei como capitão.

Não fatigarei o leitor falando nas minhas viagens, em que nada de extraordinário me sucedeu; direi unicamente que atormentado sempre por um profundo patriotismo, nunca cessei de perguntar notícias sobre a ressurreição da Itália, mas infelizmente até a idade de vinte e quatro anos todo o trabalho foi inútil.

Emfim, numa viagem a Taganrog veio a bordo do meu navio um patriota italiano, que me deu algumas notícias sobre a maneira que marchavam os negócios da Itália.

Havia alguma esperança para o nosso desgraçado país.

Cristóvão Colombo não foi mais feliz, quando perdido no meio do Atlântico, e ameaçado pelos seus companheiros a quem havia pedido só três dias, ouviu gritar: "Terra", do que eu quando vi pronunciar a palavra pátria, e vi no horizonte o primeiro farol preparado pela revolução francesa de 1830.

Havia então homens que se ocupavam da redenção da Itália!

Em outra viagem, transportei no Clorinde, a Constantinopla alguns Simoniacos, conduzidos por Emilio Parrault.

Tinha ouvido falar pouco na seita de "Saint-Simon"; sabia unicamente que estes homens eram os apóstolos perseguidos de uma nova religião.

Vendo em Parrault um patriota italiano, dei-lhe parte de todos os meus pensamentos. Então durante essas noites transparentes do Oriente, que, como diz Chateaubriand, não são as trevas, mas unicamente a ausência do dia, debaixo desse céu marchetado de estrelas, sobre esse mar de que a brisa parecia cheia de inspirações generosas, discutimos, não só as mesquinhas questões de

nacionalidade nas quais havia pensado muito, questões restritas à Itália, e à cada província – mas até a grande questão da humanidade.
Este apóstolo provou-me que o homem que defende a sua pátria, ou que ataca a dos outros, é no primeiro caso um soldado piedoso; injusto no segundo, – mas o homem que tornando-se cosmopolita, adota a todas por pátria e vai oferecer a sua espada e o seu sangue ao povo que luta contra a tirania, é mais que um soldado – é um herói.

Teve então lugar no meu espírito uma mudança repentina. Pareceu-me ver em um navio não o veículo encarregado de transportar mercadorias entre os diversos países, mas o mensageiro do Senhor. Havia partido ávido de emoções, e curioso por ver coisas novas, e a mim mesmo perguntava se esta ideia irresistível que me perseguia não tinha horizontes mais dilatados e por descobrir. Via esses horizontes através o longínquo véu do futuro.

V – Os Acontecimentos de S. Julião

O navio em que desta vez voltei do Oriente destinava-se a Marselha.

Chegando a esta cidade soube da revolução sufocada no Piemonte e dos fuzilamentos de Chambéry, Alexandria e Gênova.

Em Marselha travei relações íntimas com Covi, que me apresentou a Mazzini.

Então estava longe de suspeitar a grande comunidade de princípios que um dia me uniria a Mazzini. Ninguém conhecia ainda o persistente e obstinado pensador, que nem a própria ingratidão tem feito desistir da grande obra que empreendeu. Quando soube da morte de Vocchieri, Mazzini tinha dado um verdadeiro grito de guerra.

Escreveu na sua Jovem Itália: “Italianos, é tempo de nos juntarmos, se queremos ficar dignos do nosso nome; e derramar o nosso sangue amalgamando-o com o dos mártires piemontezes.”

Mas na França, em 1833, não se diziam impunemente destas coisas. Algum tempo depois de lhe haver sido apresentado, e de lhe ter dito que podia contar comigo, Mazzini, o eterno proscripto, era obrigado a deixar a França e a retirar-se à Gênova.

Nesta ocasião o partido republicano parecia completamente morto na França. Era um ano apenas decorrido: estávamos em 5 de Junho, – alguns meses depois do processo dos combatentes da claustro Saint-Merry.

Mazzini havia escolhido este momento para fazer uma nova tentativa.

Os patriotas tinham respondido que estavam prontos, mas pediam um chefe.

Pensaram em Romarino, ainda coberto de louros por causa das suas lutas na Polônia.

Mazzini não aprovava esta escolha, o seu espírito ativo e profundo prevenia-o contra os grandes nomes; mas a maioria queria Romarino, e então Mazzini cedeu.

Chamado a Gênova, Romarino aceitou o comando da expedição. Na primeira conferência com Mazzini foi convencionado que duas colunas republicanas se deviam dirigir ao Piemonte, uma pela Sabóia outra por Gênova.

Romarino recebeu quarenta mil francos para fazer face às primeiras despesas, e partiu com um secretario de Mazzini que ia encarregado de o vigiar.

Todos estes acontecimentos tiveram lugar em Setembro de 1833; a expedição devia ter lugar em Outubro.

Mas Romarino conduziu tudo de tal modo que a expedição não estava pronta senão em Janeiro de 1834.

Mazzini não obstante todas as tergivergências do general tinha-se mostrado firme.

Enfim em 31 de Janeiro, Romarino colocado na última extremidade por Mazzini reuniu-se a ele em Gênova, com dois outros generais e um ajudante de campo.

A conferência foi triste e mal anunciada por péssimos agouros. Mazzini propôs que se occupasse militarmente a vila de S. Julião, onde se achavam reunidos os patriotas saboianos e os republicanos franceses, que haviam aderido ao movimento.

Era em S. Julião que se devia levantar o grito de rebelião.

Romarino era da opinião de Mazzini. As duas colunas deviam pôr-se em marcha no mesmo dia: uma partiria de Caronge, e a outra de Nyon, devendo esta atravessar o lago para se reunir à primeira na estrada de S. Julião.

Romarino ficava com o comando da primeira coluna: a segunda estava debaixo das ordens de Graboky.

O governo genovês receoso de se indispor, por um lado com a França, por outro com o Piemonte, viu com maus olhos este movimento. Quis opôr-se a partida da coluna de Caronge comandada por Romarino, mas o povo sublevou-se, e o governo foi forçado a deixá-la marchar.

Não sucedeu o mesmo com a que devia partir de Nyon.

Dois barcos se haviam feito vela, levando um, soldados, e o outro armas.

Mandaram em sua perseguição um navio de guerra a vapor, que trouxe as armas e aprisionou os soldados.

Romarino não vendo chegar a tropa que se lhe devia juntar, em lugar de prosseguir na sua marcha sobre S. Julião, começou a costear o lago.

Muito tempo se passou sem saber aonde iam. Não se conheciam as intenções do general: o frio era intenso, e os caminhos estavam em um estado deplorável.

Excetuando alguns polacos, a coluna era composta de voluntários italianos, impacientes pela hora do combate, mas que cansavam facilmente pela extensão e dificuldade do caminho.

A bandeira italiana atravessou algumas pobres vilas, nenhuma voz amiga a saudou, não encontrando por toda parte senão curiosos e indiferentes.

Fatigado pelos seus largos trabalhos, Mazzini que tinha trocado a pena pela espingarda, seguia a coluna: sofrendo uma febre ardente, arrastava-se por aqueles ásperos caminhos com a dor escrita na fronte.

Já por varias vezes tinha perguntado a Ramorino quais eram as suas intenções, e que caminho seguia.

As respostas do general nunca o haviam satisfeito.

Chegaram a Carra e detiveram-se para ali passar a noite; Mazzini e Ramorino achavam-se na mesma câmara.

Ramorino estava embrulhado na sua capa; Mazzini fixava sobre ele o seu

olhar sombrio e desconfiado.

– Não é seguindo este caminho, disse ele com a sua voz sonora, tornada mais vibrante pela febre, que temos a esperança de encontrar o inimigo. Devemos ir ao seu encontro, e se a vitória é impossível, provemos ao menos à Itália que sabemos morrer.

– Não nos faltará nem tempo, nem a ocasião, respondeu o general, para afrontar perigos inúteis: considero como um crime o expor inutilmente a flor da mocidade italiana.

– Não há religião sem mártires, respondeu Mazzini, fundemos a nossa, ainda que seja com o nosso sangue.

Mal acabava de pronunciar estas palavras, quando o estrondo da funilaria se ouviu.

Ramorino deu um salto. Mazzini pegou numa carabina, agradecendo a Deus o ter-lhe feito encontrar o inimigo. Mas este era o último esforço da sua energia: a febre devorava-o; os seus companheiros correndo de noite pareciam-lhe fantasmas, a fronte escaldava-lhe, e a terra tremia-lhe debaixo dos pés. Depois de alguns minutos de aflição caiu desmaiado.

Quando voltou a si achou-se na Suíça, aonde os seus companheiros o tinham conduzido com grande trabalho: a fuzilaria de Carra tinha sido um rebate falso.

Ramorino declarou então que tudo estava perdido; recusou-se a ir mais longe e ordenou a retirada.

Durante este tempo uma coluna de cem homens, da qual fazia parte um certo numero de republicanos franceses, partiu para Grenoble, e atravessou a fronteira da Sabóia.

O prefeito francês preveniu as autoridades sardas: os republicanos foram atacados de noite e de improviso, ao pé das grutas de Cobellos, e dispersos depois de um combate que durou uma hora.

Neste combate os soldados sardos fizeram dois prisioneiros: Angelo Volantieri e José Borrei; conduzidos voluntariamente a Chamberg e condenados a morte, foram fuzilados na mesma terra aonde ainda estava fumegante o sangue de Elfico Tolla.

Por este modo terminou aquela expedição.

VI – O Deus dos Bons

Tinha também a minha parte a cumprir no movimento que devia ter tido lugar, e havia-a aceitado sem discutir.

Havia entrado no serviço do estado como marinheiro de primeira classe da fragata Eurydice. A minha missão era alcançar prosélitos para a nossa causa, e para conseguir este fim tinha feito tudo quanto me era possível.

Dado o caso que o nosso movimento tivesse bom resultado, devia com os meus companheiros apoderar-me da fragata e pô-la à disposição dos republicanos.

Não havia querido, impelido pelo ardor que sentia, limitar-me a este papel. Tinha ouvido dizer que um movimento teria lugar em Gênova, devendo por esta ocasião apoderarem-se do quartel dos gendarmes situado na praça de Sarzana. Deixei aos meus companheiros o cuidado de se assenhorearem do navio, e próximo da hora em que devia rebentar a rebelião de Gênova deitei uma canoa ao mar e desembarquei na alfândega, gastando poucos momentos a chegar à praça de Sarzana, onde, como já disse, estava situado o quartel.

Esperei quase uma hora, mas nenhum indicio de rebelião apareceu. Bem depressa ouvi dizer que tudo estava perdido, havendo-se posto os republicanos em fuga; dizendo-se também que varias prisões haviam sido feitas.

Como não me tinha engajado na marinha sarda senão para ajudar o movimento republicano, julguei inútil voltar para bordo do Eurydice, começando então a pensar nos meios de me pôr em fuga.

No momento em que fazia estas reflexões, alguma tropa prevenida sem dúvida do projeto de nos apoderarmos do quartel, começou a guarnecer a praça.

Vi então que não havia tempo a perder. Refugiei-me em casa de uma vendedora de frutas e confessei lhe a situação em que me achava.

A excelente mulher não fez nenhuma reflexão e escondeu-me nos quartos interiores do seu estabelecimento. No dia seguinte procurou-me uma roupa completa de camponês, e pelas oito horas da noite saí, como se andasse passeando, de Gênova pela porta da Lanterne, começando então essa vida de exílio, luto e perseguição, que, segundo todas as probabilidades, ainda não finalizou.

Estávamos em 5 de Fevereiro de 1834.

Abandonando os caminhos batidos e trilhados dirigi-me por atalhos para as montanhas. Tinha bastantes jardins que atravessar, e muitos muros que saltar. Felizmente estava familiarizado com estes exercícios, e depois de uma hora de ginástica achava-me fora do ultimo jardim.

Encaminhando-me para Cassiopea, ganhei as montanhas de Sestri, e no fim

de dez dias, ou antes de dez noites, cheguei a Niza, dirigindo-me logo à casa de minha tia, na praça da Victoria, afim de que ela prevenindo minha mãe lhe tirasse todos os cuidados.

Descansei um dia, e na noite seguinte parti acompanhado por dois amigos, José Jaun e Angelo Gostavini.

Chegados ao Var, achamo-lo inundado pelas chuvas, mas para um nadador como eu, não era isto um obstáculo. Atravessei-o, metade a nado, metade a vau.

Os meus dois amigos haviam ficado na outra margem. Disse-lhes adeus.

Estava salvo, ou quase, como se vai ver.

Nesta esperança dirigi-me a um corpo de guardas da alfândega; disse-lhes quem era, e qual o motivo porque havia deixado Gênova.

Os guardas disseram-me que era seu prisioneiro, até nova ordem, e que a iam mandar pedir em Paris.

Julgando que acharia facilmente ocasião de fugir, não fiz nenhuma resistência, e deixei-me conduzir a Grasse, e de Grasse a Draguignan.

Em Draguignan meteram-me em um quarto do primeiro andar, cuja janela sem grades, dava para um jardim.

Aproximei-me dela como se quisesse ver o jardim: da janela ao chão havia a altura de quinze pés. Dei um salto, e em quanto os guardas, menos ligeiros e estimando mais as pernas do que eu estimava as minhas, saíam pela escada, ganhei-lhes muita dianteira, embrenhando-me nas montanhas.

Não conhecia o caminho, mas era marinheiro, e lendo no céu, nesse grande livro, aonde estava habituado a ler, orientei-me e dirigi-me a Marselha. No dia seguinte de tarde cheguei a uma vila de que nunca soube o nome, porque nem tive tempo para o perguntar.

Entrei numa estalagem. Um mancebo e uma mulher ainda jovem estavam à mesa esperando pela ceia.

Pedi alguma coisa de comer: desde a véspera que não havia tomado nenhum alimento.

O dono da hospedaria convidou-me para cear na sua companhia e de sua mulher. Aceitei.

A comida era boa, o vinho do país agradável, e o fogo excelente. Senti então um desses momentos de bem estar e felicidade, como só se experimentam depois de se haver passado um perigo, e quando se julga não haver mais nada a recear.

O dono da hospedaria felicitou-me pelo meu bom apetite, e pelo meu rosto alegre e prazenteiro.

Disse-lhe que o meu apetite não tinha nada de extraordinário, porque não tinha comido havia dezoito horas e que o achar-me alegre e satisfeito era por haver escapado talvez à morte no meu país – e na França à prisão.

Tendo-me adiantado tanto, não podia fazer segredo do resto. O estalajadeiro e sua mulher pareciam-me tão boas pessoas que lhes contei tudo.

Então, com grande espanto meu, o estalajadeiro ficou pensativo.

– Que tem? Lhe perguntei.

– É que depois da confissão que acaba de fazer, respondeu ele, não tenho remédio senão prendê-lo.

Dei uma grande gargalhada porque não tomei este dito a sério, e demais se o fosse éramos um contra um, e não havia no mundo um único homem que eu temesse.

– Bem, disse eu, mas como julgo que não tem muita pressa, peço-lhe que me deixe cear com todo o descanso, pois temos muito tempo depois da sobremesa. E continuei comendo sem mostrar a mais leve inquietação.

Infelizmente vi bem depressa que se o estalajadeiro tivesse necessidade de ajudantes para realizar os seus projetos, esses ajudantes não lhe faltavam.

A sua estalagem era o lugar onde toda a mocidade da vila se reunia à noite para beber, fumar e falar da política.

A sociedade do costume começava a reunir-se, e bem depressa estavam na estalagem mais de doze mancebos, jogando as cartas, bebendo e fumando.

O estalajadeiro não tornou a falar na minha prisão, mas também não me perdia de vista.

É verdade que não tendo eu a mais pequena mala, não tinha coisa alguma que lhe assegurasse o pagamento da minha despesa.

Como tinha na algibeira alguns escudos, fiz barulho com eles, o que pareceu sossegar o meu homem.

No momento em que um dos bebedores acabava, no meio dos aplausos gerais, de cantar uma canção, ergui o copo que tinha na mão:

– Agora pertence-me, disse eu.

E comecei a cantar o Deus dos bons.

Se não tivesse outra vocação, teria podido fazer-me cantor, porque tenho uma voz de tenor que cultivada alcançaria uma certa extensão.

Os versos de Beranger, a franqueza com que eram cantados, a fraternidade do estribilho, a popularidade do poeta, arrebataram todo o auditório.

Fizeram-me repetir duas ou três cópias e abraçando-me todos quando acabei, gritaram – Viva Beranger! Viva a França! Viva a Itália!

Depois de haver obtido tal sucesso era escusado pensar ser preso; o estalajadeiro conheceu isso porque nunca mais me falou de tal, ignorando eu, por isso se ele falava seriamente ou se zombava.

Passou-se a noite a cantar, a jogar e a beber; e ao romper do dia todos os meus companheiros da noite se ofereceram para me acompanhar, honra que aceitei

sem dificuldade: caminhamos juntos seis milhas.

Com toda a certeza Beranger morreu sem saber o grande serviço que me prestou.

VII – Entro ao Serviço da República do Rio Grande

Cheguei a Marselha sem incidente, vinte dias depois de ter deixado Gênova.

Engano-me, um incidente, que li no Povo Soberano, me sucedeu.

Estava condenado a morte.

Era a primeira vez que tinha a honra de ver o meu nome impresso em um jornal.

Como desde então era perigoso continuar a usar dele, comecei a chamar-me Pane.

Fiquei alguns meses ocioso em Marselha, aproveitando-me da hospitalidade do meu amigo José Paris.

Passado algum tempo consegui ser admitido como segundo comandante no navio Union, capitão Gozan.

No domingo seguinte, achando-me pelas cinco horas da tarde à janela com o capitão, seguia com a vista um colegial em férias que se divertia no cais de Santo André a saltar de uma barca para outra, até que faltando-lhe um pé, caiu ao mar.

Estava vestido à domingueira, mas apesar disso, ouvindo os gritos dados pela desgraçada criança arrojei-me à água completamente vestido. Duas vezes mergulhei inutilmente, mas à terceira fui mais feliz porque o agarrei por debaixo dos braços, conseguindo trazê-lo sem dificuldade até à praia. Uma grande quantidade de povo ali estava reunida, sendo eu recebido no meio dos seus aplausos e bravos.

Era um rapaz de quatorze anos que se chamava José Bambau. As lágrimas de alegria e as bênçãos de sua mãe pagaram-me largamente do banho que tinha tomado.

Como o salvei debaixo do nome de José Pane, é provável que se é ainda vivo, nunca soubesse o verdadeiro nome de seu salvador.

Fiz na Union a minha terceira viagem a Odessa, depois na volta embarquei-me em uma fragata do bey de Tunis. Deixei-a no porto de Goletta, voltando a Marselha em um brigue turco. Quando cheguei a esta cidade encontrei-a quase no mesmo estado que M. de Belzunce a viu, em 1726 quando ali grassava a febre negra.

O cólera fazia então estragos horríveis.

Na cidade só existiam os médicos e as irmãs de caridade; quase todo o resto da população havia desertado e vivia na quinta dos arrebaldes. Marselha tinha o aspecto de um vasto cemitério.

Os médicos pediam os benévolos. É, assim, como se sabe, que são chamados nos hospitais os enfermeiros voluntários.

Ofereci-me ao mesmo tempo que um rapaz de Trieste que voltou de Tunis

comigo. Estabelecemo-nos no hospital, e ali partilhávamos as vigias.

Este serviço durou quinze dias. No fim deste tempo, como o cólera diminuiu de intensidade e achava uma ocasião favorável de ver novos países, embarquei me, como segundo, no brigue Nautonnier, de Nantes, capitão Beauregard, que se achava próximo a partir para o Rio de Janeiro.

Muitos dos meus amigos me tem dito que antes de tudo sou poeta.

Se para ser poeta é necessário escrever a Ilíada, a Divina Comedia, as Meditações de Lamartine, ou os Orientais, de Victor Hugo, eu não sou poeta: mas se para o ser é necessário passar horas e horas a procurar nas águas azuladas e profundas do mar os mistérios da vegetação submarina, se é necessário ficar em êxtase diante da baía do Rio de Janeiro, de Nápoles ou de Constantinopla, se é preciso pensar no amor filial, nas recordações infantis, ou em um amor juvenil, no meio das balas e bombas, sem pensar que esse sonho há de acabar pela cabeça ou por um braço quebrado – então sou poeta.

Recordo-me que um dia, durante a última guerra não dormindo havia quarenta horas, e morto de cansaço costeava Urbano e os seus doze mil homens com os meus quarenta bersaglieri, os meus quarenta cavaleiros e um milhar de homens armados na sua maioria pessimamente, seguia por um pequeno atalho do outro lado do monte Orfano com o coronel Turr e cinco ou seis homens, quando parei repentinamente, esquecendo a adiga e o perigo para ouvir um rouxinol.

Era um noite magnífica. Sonhava ouvindo este amigo de infância, que um orvalho benéfico e regenerador chovia em torno de mim. Os que me rodeavam julgaram ou que hesitava no caminho a seguir, ou que ouvia ao longe troar os canhões, ou os passos de cavalaria inimiga. Não! Escutava um rouxinol que há mais de dez anos, pôde ser, eu não tinha ouvido. Este êxtase durou não até que os que me rodeavam me tivessem repetido duas ou três vezes: “General, ali está o inimigo” mas até que este rompendo o fogo fizesse desaparecer o meu encanto.

Quando depois de ter costeado os rochedos graníticos que ocultam a todas as vistas o porto, que os Índios na sua linguagem expressiva chamam Niterohoy, quer dizer, água oculta, quando depois de haver passado a estrada que conduz à nova baía sossegada como um lago; quando na margem Ocidental desta baía, vi elevar-se o pico chamado Pão de Açúcar, imenso rochedo cônico que serve não de farol, mas de baliza aos navegantes, quando apareceu em volta de mim essa natureza luxuriante de que a África e a Ásia só me tinham dado uma fraca ideia, fiquei maravilhado do espetáculo esplêndido que meus olhos contemplavam.

Foi no Rio de Janeiro que a minha boa estrela fez com que eu encontrasse a coisa mais rara do mundo, isto é, um amigo.

Não tive necessidade de o procurar, não tivemos necessidade de nos estudar, para nos conhecermos, encontramo-nos, trocamos um olhar e nada mais; depois

um sorriso, um aperto de mão, e Rossetti e eu éramos dois irmãos.

Mais tarde terei ocasião de dizer o que valia esta nobre alma; e não obstante, eu, o seu maior amigo, seu irmão, o seu companheiro portanto tempo inseparável, morrerei, pôde ser, sem ter ocasião de plantar uma cruz no ponto ignorado da terra aonde repousam os restos deste generoso e valente cidadão.

Depois de termos passado algum tempo na ociosidade; – chamo ociosidade o estarmos Rossetti e eu seguindo um modo de vida para que não tínhamos disposição alguma – o acaso fez com que travássemos relações com Zambecari, secretário de Bento Gonçalves, presidente da república do Rio Grande, que se achava então em guerra com o Brasil. Ambos estavam prisioneiros de guerra em Santa Cruz, em uma fortaleza que se eleva à direita à entrada de onde chamam os navios à falia. Zambecari, filho do famoso aeronauta perdido em uma viagem Á Síria e de que nunca mais se ouviu falar, apresentou-me ao presidente que me deu a carta para poder piratear os navios brasileiros.

Algum tempo depois Bento Gonçalves e Zambecari fugiram a nado, chegando livres de todo o perigo ao Rio Grande.

VIII – Corsário

Armamos em guerra o Mazzini, pequeno navio de trinta toneladas, e fizemo-nos ao mar com dezesseis companheiros de aventuras. Finalmente éramos livres, navegávamos debaixo de um pavilhão republicano; enfim éramos corsários.

Com dezesseis homens de equipagem e um navio éramos capazes de declarar a guerra a um império.

Saindo do porto dirigi-me às ilhas Maricá, situadas a cinco ou seis milhas da embocadura da barra. As nossas armas e munições estavam ocultas debaixo das carnes salgadas e da mandioca, único alimento dos negros.

Naveguei para a maior destas ilhas, que possui um ancoradouro, lancei a âncora, saltei em terra e subi ao monte mais elevado.

Ali estendi os braços com um sentimento de felicidade e orgulho inexplicáveis, dando um grito semelhante ao da águia quando paira no mais alto dos ares.

O Oceano pertencia-me e eu tomava posse do meu império.

A ocasião de o exercer não se fez esperar.

Enquanto estava como um pássaro do mar, debruçado sobre o meu observatório, vi uma galeota navegando com o pavilhão brasileiro.

Mandei aprontar tudo para nos fazermos imediatamente ao mar e desci à praia.

Navegamos diretos à galeota que não julgava por certo correr tão grande perigo a três milhas da barra do Rio de Janeiro.

Abordando-a, fizemo-nos conhecer, e intimamos o capitão para se render imediatamente. Para sua justiça é necessário dizer que não fizeram a mais pequena resistência. Em poucos momentos estávamos a seu bordo. Vi então dirigir-se-me um passageiro português, que trazia na mão uma caixa. Abriu-a, e mostrou-a cheia de diamantes, que me ofereceu em troca da vida.

Fechei a caixa e entreguei-lha, dizendo-lhe que a sua vida não corria perigo algum, e que por consequência, podia guardar os seus diamantes para melhor ocasião.

Não tínhamos tempo a perder, estávamos quase debaixo do fogo das baterias do porto. Transportamos as armas e munições para bordo da galeota e afundamos o Mazzini que, como se vê, tinha tido uma curta, mas gloriosa existência.

A galeota pertencia a um rico negociante austríaco que habitava a ilha Grande, situado à direita saindo do porto, a quinze milhas de terra, e estava carregada de café que era enviado à Europa.

O navio era para mim, por todos os motivos, uma excelente presa, porque

pertencia a um austríaco, a quem eu tinha feito a guerra na Europa, e a um negociante brasileiro, domiciliado no Brasil, a quem eu fazia a guerra na América.

Dei à galeota o nome de Farroupilha, derivada de farrapos, nome que no império do Brasil se dá aos habitantes das repúblicas da America do Sul, assim como Felipe II chamava mendigos de terra ou de mar aos revoltosos dos Países Baixos. Até então a galeota chamava se Luiza.

O nome que lhe havia dado calhava perfeitamente. Os meus companheiros não eram Rossettis, e devo confessar, que a figura de alguns deles, não era satisfatória; isto explica a rápida entrega da galeota e o terror do português que me ofereceu os seus diamantes.

Durante todo o tempo que fui corsário dei ordem à minha gente para a vida, honra e fortuna dos passageiros ser respeitada... ia dizer debaixo de pena de morte, mas não devo dizer tal, porque não tendo até hoje ninguém infringido as minhas ordens, não tenho tido ninguém que punir.

Depois de concluídos os nossos primeiros arranjos dirigi-me para o Rio da Prata, e para dar o exemplo de respeito que eu queria se tivesse no futuro pela vida, liberdade e bens dos passageiros, quando cheguei a altura da ilha de Santa Catharina, um pouco abaixo de cabo Itapocoroy, mandei deitar ao mar a lancha do navio e entregando tudo quanto pertencia aos passageiros e alguns mantimentos os fiz desembarcar, deixando-os livres de se dirigirem para onde quisessem.

Cinco negros escravos da galeota e a quem eu havia dado a liberdade, engajaram-se como marinheiros.

Quando chegamos ao Rio da Prata, ancoramos em Maldonado, pertencente à república Oriental do Uruguai.

Fomos admiravelmente recebidos pela população e mesmo pelas autoridades, o que me parecia de excelente agouro. Rossetti partiu pois tranquilamente para Montevidéu, afim de ali vender o nosso café e apurar algum dinheiro.

Nós ficamos em Maldonado, – quer dizer à entrada desse magnífico rio que na sua embocadura tem trinta léguas de largo – durante oito dias que se passaram em festas contínuas, que infelizmente estiveram para acabar tragicamente. Oribe, que, na sua qualidade de chefe da república de Montevidéu não reconhecia as outras repúblicas, deu ordem ao governador de Montevidéu para me prender e apoderar-se da galeota. Felizmente o governador de Maldonado era um excelente homem que em lugar de executar a ordem que recebeu, o que não lhe teria sido difícil pela pouca ou nenhuma desconfiança que eu tinha, mandou-me prevenir para que levantasse âncora e partisse para o meu destino, se é que o tinha.

Prometi partir na mesma noite, mas antes tinha um negócio pessoal a tratar

em terra.

Tinha vendido, para comprar viveres, a um negociante de Montevidéu algumas sacas de café e algumas bijuterias, pertencentes ao nosso austríaco. Mas ou porque o meu comprador fosse mau pagador, ou porque tendo ouvido dizer que eu talvez fosse preso, julgasse que poderia passar sem me pagar, ainda não me tinha sido possível receber o meu dinheiro. Sendo pois obrigado a partir naquela mesma noite, e querendo entrar na posse do que me pertencia antes de deixar Maldonado, não tinha tempo a perder.

Por conseguinte às nove horas da noite mandei aparelhar, e metendo um par de pistolas na cintura, embrulhei-me na minha capa e dirigi-me tranquilamente para casa do negociante.

Fazia um luar magnífico. Pouco distante da casa do meu homem, vi-o à porta tomando o fresco, ele também me viu e reconheceu, porque me fez sinal de me afastar, indicando-me por este modo que a minha vida corria risco.

Fiz que não via, fui direito a ele, e por toda a explicação apresentei-lhe uma pistola aos peitos;

– O meu dinheiro, lhe disse eu.

Quis responder-me, mas quando lhe repeti pela terceira vez “o meu dinheiro” fez-se entrar em sua casa, pagando-me logo os dois mil patacões que me devia.

Meti de novo a pistola no cinturão, pus o saco do dinheiro debaixo do braço, e voltei ao meu navio sem me ter acontecido o menor incidente.

Às onze horas da noite levantamos âncora.

IX – O Rio da Prata

Ao romper do dia com grande admiração nossa, estávamos no meio dos cachopos das Pedras Negras.

Como me achava em tal situação é que eu não poderia explicar. Não havia dormido um minuto, não tinha deixado de olhar um momento para a costa, consultando a todos os instantes a bússola, dirigindo-me pelas suas indicações, e apesar disso achara-me no perigo que queria evitar.

Não havia momento a perder: o perigo era enorme: estávamos cercados por todos os lados de cachopos. Saltei para a verga do traquete, e dali mandei orçar sobre bombordo, e enquanto se executava esta manobra, foi arrebatada pelo vento a nossa pequena gávea.

Do lugar onde me achava dominava o navio e os recifes, podendo por isso indicar o caminho que era necessário fazer seguir à galeota, que do seu lado parecendo um ente animado, e conhecedora do perigo em que estávamos, obedecia com toda a docilidade ao leme. No fim de uma hora, durante a qual estivemos entre a vida e a morte, e em que vi empalidecer os meus mais valentes marinheiros, estávamos salvos.

Depois de passado o perigo, quis conhecer qual o motivo porque havia sido lançado no meio desses terríveis cachopos, tão conhecidos dos navegantes, tão bem indicados nas cartas marítimas, e a três milhas dos quais julgava estar quando me achava no meio deles.

Consultei a bússola: continuava a divagar; teria pois naufragado, se por infelicidade, amanhecendo, não tivesse conhecido o perigo.

Em pouco tempo tudo me foi explicado.

Quando saí do navio para pedir os dois mil patacões ao meu comprador de café, tinha mandado pôr no tombadilho os sabres e fuzis, para estar prevenido no caso de algum ataque: executando a minha ordem, os marinheiros tinham colocado as armas ao pé da bitacula.

Esta massa de ferro tinha atraído a si a agulha, que como se sabe, tem ímã nas duas extremidades. Mandei pois tirar as armas, e a bússola continuou a andar regularmente.

Prosseguimos a nossa viagem, chegando a Jesus-Maria, que do outro lado de Montevidéu está quase na mesma distância que Maldonado.

A única novidade que ali nos sucedeu, foi acabarem-se completamente os viveres, por isso que não tínhamos tido tempo de os comprar antes da nossa partida. Como não nos era possível desembarcar, pelas ordens dadas, era necessário lançar mão de algum expediente para arranjarmos comestíveis.

Começamos a bordejar, sem contudo nos afastarmos da costa.

Uma manhã descobri na distancia de quase quatro milhas uma casa, que pelo seu aspecto me pareceu uma herdade. Mandei ancorar o mais perto possível da praia, e como não tinha escaler, porque, como já disse, havia dado o meu aos individues que tinham desembarcado em Santa Catarina, arranjei uma jangada com uma mesa e alguns toneis, e armado com um croque, embarquei nossa embarcação de novo gosto com um único marinheiro, que sem ser meu parente tinha contudo o nome de Garibaldi: o seu prenome era Mauricio.

O navio estava seguro por duas amarras, em consequência dos ventos pampeiros que eram muito violentos.

Eis-me pois no meio dos recifes não navegando, mas sim dançando em cima de uma mesa, arriscado a todos os momentos a ser submergido. Depois de termos praticado maravilhosos trabalhos de equilíbrio, conseguimos encalhar na praia. Deixei Mauricio encarregado de guardar a jangada, e desembarquei.

X – As Planícies Orientais

O espetáculo que então se me ofereceu à vista, e que admirava pela primeira vez, teria, para ser dignamente descrito, necessidade da pena de um poeta ou do pincel de um pintor. Via ondular na minha frente como as vagas de um mar solidificado os imensos horizontes das – planícies orientais – assim chamadas porque estão no lado oriental do rio Uruguai, que vai lançar-se no rio da Prata, defronte de Buenos Aires, abaixo de Colônia. Era, posso jurá-lo, um espetáculo cheio de novidade para um homem chegado do outro lado do Atlântico, e sobretudo para um italiano, nascido em um país em que é dificultoso ver um palmo de terra sem encontrar uma casa ou alguma obra dos homens.

Ali pelo contrário existia unicamente a obra de Deus, tal como havia sabido das suas mãos no dia da criação.

Era uma vasta, uma imensa campina, e o seu aspecto que é o de um tapete de verdura e flores, não muda senão nas margens do ribeiro Arroga, onde se elevam balanceando ao vento encantadores grupos de árvores com folhas luxuriantes.

Os cavalos, os bois, as gazelas, as avestruzes são, à falta de criaturas humanas, os habitantes dessas imensas solidões, que só são atravessadas pelos gaúchos, esses centauros do novo mundo, como para dar a entender a essas turbas de animais selvagens que Deus lhes deu um senhor... Mas esse senhor, como o veem passar os touros, as avestruzes, as gazelas! É a quem protestará primeiro contra a sua suposta dominação: o touro pelos seus mugidos, a avestruz e a gazela pela fuga.

Esta vista fez-me pensar na pátria, onde, quando passa o austríaco que os oprime, os homens, essas criaturas criadas à imagem de Deus, cumprimentam-no e se curvam, não ousando dar os mesmos sinais de independência que os animais selvagens dão à vista do gaúcho.

Senhor, até quando permitireis tão grande aviltamento da vossa criatura!?

Deixemos o velho mundo, tão triste e aviltado, e voltemos ao novo, tão jovem, e tão cheio de esperanças!

Como é belo o cavalo das planícies orientais com os seus jarretes estendidos, com as ventas fumantes, com os seus lábios que nunca sentiram a frieza do aço! Como respiram livremente debaixo do contacto da sua crina e juba, os seu flancos que nunca foram apertados pelo joelho dos cavaleiros, nem ensanguentados pelas suas esporas! Como é soberbo quando reúne, chamando pelos seus rinchos a sua horda de éguas dispersas e que verdadeiro sultão do deserto, evita, fugindo em sua companhia, à presença dominadora do homem!

Oh! Maravilha da natureza! Milagre da criação! Como hei de exprimir a emoção que à vossa vista experimentou esse corsário de vinte c cinco anos, que

pela primeira vez estendia os braços para a imensidade.

Mas como esse corsário estava a pé, nem o touro nem o cavalo o reconheciam por um homem. Nos desertos da América o cavalo é um complemento do homem, e sem o saber, o último dos animais. Primeiramente pararam estupefatos pela minha vista, mas bem depressa, desprezando sem dúvida a minha fraqueja, aproximaram-se de mim a tal ponto que sentia o rosto umedecido pela sua respiração. Ninguém deve ter receio do cavalo, animal nobre e generoso; mas todos devem desconfiar do touro, animal dissimulado e traiçoeiro. As gazelas e avestruzes depois de terem, como os cavalos e touros, mas mais circunspectamente, feito o seu reconhecimento, partiram rápidas como a flecha, e chegando ao alto de um montezinho, voltaram-se para ver se eram perseguidas.

Neste tempo, isto é, pelos fins de 1834 e princípios de 1835, esta parte do terreno oriental estava ainda virgem de toda a guerra; eis o motivo porque ali se encontrava tanta qualidade de animais selvagens.

XI – A Poetisa

Continuei dirigindo-me para uma estância. Ali encontrei só a mulher do capataz. Como não podia vender-me ou dar um boi sem consentimento de seu marido, era necessário esperar a sua volta. Demais era tarde e antes do dia seguinte não se podia conduzir o animal até ao mar.

Há momentos na vida de que a recordação ao mesmo tempo que elas se afastam, continua vivendo e aumentando na nossa memória e tão bem, que, sejam quais forem os outros sucessos da nossa existência, essa recordação só se apaga com a morte. Era destino meu encontrar no meio deste deserto, esposa de um homem quase selvagem, uma mulher de uma educação cultivada, uma poetisa, sabendo pelo coração Dante, Petrarcha e Tasso.

Depois de ter esgotado toda a minha ciência na língua espanhola, fiquei agradavelmente surpreendido, ouvindo-a responder-me em italiano, convidando-me graciosamente a assentar-me, enquanto seu marido não chegava. No meio da nossa conversação, a minha encantadora hospedeira, perguntou-me se eu conhecia as poesias de Quintana, e ouvindo a minha resposta negativa, fez-me presente de um volume dessas poesias, dizendo-me que me dava para aprender por sua causa o espanhol. Perguntei-lhe então se era poetisa.

– Há alguém, me respondeu, que diante desta natureza não seja poeta?

E sem se fazer rogar recitou-me muitos trechos de poesias suas em que achei muito sentimento e uma grande harmonia. Teria passado toda a noite a escutá-la sem me lembrar de Mauricio que me esperava guardando a mesa-jangada, mas a entrada do marido fez cessar o lado poético para me chamar ao fim material da minha visita. Disse-lhe o que queria e foi combinado que no dia seguinte me venderia e levaria à praia um boi.

Ao romper do dia despedi-me da minha bela poetisa e fui ter com Mauricio. O pobre diabo tinha passado a noite o melhor que pôde, metido entre os quatro toneis, e muito inquieto por meu respeito, receando que eu tivesse sido devorado pelos tigres, muito comuns nesta parte da América e menos inofensivos que os cavalos e os touros.

No fim de alguns momentos apareceu o capataz trazendo um boi ao laço. Em poucos momentos o animal foi morto e esquartejado, tal é a habilidade que os homens do sul têm para estas obras de sangue.

Faltava transportar o boi, cortado em pedaços e levá-lo para o navio, isto é, a mil passos de distância, pelo menos, tendo de atravessar os cachopos onde se despedaçavam as ondas furiosas.

Mauricio e eu demos começo à nossa empreitada.

Já sabem como era construída a jangada que nos devia conduzir a bordo: uma

mesa com um tonel amarrado a cada pé, um pau no centro, que vindo do navio, tinha servido para suspender os nossos vestidos, e que voltando devia conduzir os viveres sustentando-os em cima d'água.

Deitamos a jangada ao mar, pusemo-nos em cima, e Mauricio com uma vara na mão, e eu com um croque, começamos a manobrar, tendo água até aos joelhos, porque o peso que a jangada levava era excessivo.

A nossa manobra executou-se com grandes aplausos do americano e da tripulação da galeota, que fazia ardentes votos, pode ser, não pela nossa salvação, mas sim pela carne que conduzíamos. A nossa viagem ao principio foi feliz, mas chegados a uma linha de cachopos que nos era necessário atravessar, achamo-nos por duas vezes quase submergidos.

Felizmente atravessamo-la sem novidade.

Mas livres dos cachopos, estávamos em perigo mais iminente.

Não encontrávamos o fundo com os nossos croques, e por conseguinte era impossível dirigir a embarcação. Além disso a corrente tornando-se mais violenta, a medida que avançávamos no rio, arrojava-nos para longe da galeota.

Pareceu-me chegado o momento de atravessar o Atlântico, parando só em Santa Helena ou no Cabo da Boa Esperança.

Os nossos companheiros, se nos quisessem apanhar, não tinham senão o recurso de largarem as velas. Foi o que fizeram, e como o vento estava de terra, a galeota bem depressa nos alcançou.

Passando junto de nós os nossos companheiros, lançaram-nos um cabo. Amarramos com ele a jangada ao navio, e depois de termos içado todos os viveres, é que Maurício e eu subimos. Em seguida içamos a mesa que foi reintegrada no seu lugar na sala de jantar, não tardando muito a exercer as suas funções habituais.

Vendo o apetite com que os nossos companheiros atacaram a carne, que com tanto trabalho tínhamos alcançado, consideramo-nos suficientemente recompensados das nossas fadigas.

Alguns dias depois comprei por trinta escudos a canoa de um navio que cruzava nestas paragens.

Estivemos ainda este dia à vista do pico de Jesus Maria.

XII – O Combate

Tínhamos passado a noite ancorados, quase seis milhas, ao meio dia do pico de Jesus Maria, em frente dos barrancos de S. Gregório. Uma pequena brisa do norte começava a aparecer, quando vimos vir do lado de Montevidéu duas barcas que julgamos serem amigas; mas como não tinham o pavilhão encarnado, sinal convencionado entre nós, julguei prudente fazer-me de vela, enquanto os esperava. Além disso mandei por no tombadilho os mosquetes e sabres.

Esta precaução, como se vai ver, não foi inútil. A primeira barca continuava a avançar unicamente com três homens á vista; chegada ao alcance do porta-voz, o que nos parecia o chefe disse que nos rendêssemos e ao mesmo tempo o convés da barca encheu-se de homens armados que sem dar o tempo de responder à sua intimação, começaram o fogo. Dei o grito de “Às armas” e agarrei em um fuzil, depois respondendo a este cumprimento conforme podia, e como estávamos com todo o pano mandei: – Às velas de diante. Não sentindo a galeota obedecer ao leme com a docilidade costumada, voltei-me e vi que a primeira descarga tinha morto o marinheiro que naquela ocasião ia ao leme, e que era um dos nossos valentes. Chamava-se Florentino e tinha nascido em uma das nossas ilhas.

Não havia tempo a perder. O combate estava travado com todo o furor. O lanchão, é o nome que dão a qualidade dos barcos com que combatíamos, o lanchão tinha nos abordado pela direita e alguns dos seus marinheiros haviam já saltado no nosso barco, mas por felicidade alguns golpes de fuzil e sabre nos livraram deles.

Depois de ter coadjuvado os meus companheiros a repelir esta abordagem, agarrei no leme que se achava sem governo por causa da morte de Florentino. Infelizmente no momento em que o agarrava para executar uma manobra uma bala atravessou-me o pescoço, ferindo-me entre a orelha e a carótida, fazendo-me cair sem conhecimento.

O resto do combate que durou uma hora, foi sustentado por Luiz Carniglia, piloto, e por Pascoal Sodola, Giovani Lamberti, Maurício Garibaldi e dois malteses. Os italianos fizeram prodígios de valor, mas os estrangeiros e os cinco negros fugiram para o porão. Enfim o inimigo fatigado de nossa defesa e tendo uma dezena de homens fora de combate fugiu, enquanto que nós tendo aparecido algum vento, continuamos a subir o rio.

Ainda que tivesse tornado a mim, fiquei completamente inerte e inútil durante o resto do combate.

Confesso que as primeiras impressões que senti, abrindo os olhos, foram deliciosas. Podia dizer que havia sido morto e que tinha ressuscitado, tanto o meu desmaio foi profundo. Entretanto esse sentimento de bem estar foi bem

depressa abafado pelo conhecimento da situação em que nos achávamos. Ferido mortalmente, não tendo a bordo quem possuísse o menor conhecimento geográfico, mandei buscar a carta, e com muita dificuldade, pois me achava com a vista coberta com um véu que me parecia o da morte, indiquei com o dedo Santa Fé, no Rio Paraná. Só Maurício era que uma única vez tinha feito uma viagem ao rio da Prata; para todos nós eram pois completamente estranhas aquelas paragens. Os marinheiros aterrados – os italianos, devo dizê-lo, não partilhavam estes sentimentos ou pelo menos sabiam ocultá-los – e receando serem presos e considerados como piratas, desertaram na primeira ocasião que se lhes apresentou. Enquanto esperavam por este momento, em cada barco, em cada canoa, em cada tronco de árvore flutuante viam um navio inimigo enviado em sua perseguição.

O cadáver do nosso desgraçado camarada foi deitado ao mar, com as ceremônias costumadas nestas ocasiões, porque durante muitos dias não podemos desembarcar em parte alguma.

Este gênero de enterramento não era muito do meu agrado, e sentia por ele uma grande repugnância, talvez por me julgar próximo a ter igual sorte. Confessei esta aversão a Luiz Carniglia.

No momento em que lhe fazia esta confissão vieram-me à lembrança estes versos de Foscolo:

“Uma pedra, um único sinal que diferencie os meus ossos daqueles que a morte semeia todos os dias na terra e no Oceano.”

O meu pobre amigo chorava, prometendo não me deixar lançar à água. Quem sabe se apesar do seu desejo teria podido executar a sua promessa. O meu cadáver serviria então para matar a fome a algum lobo marinho ou caiman. Não tornaria a ver a Itália, não me teria batido por ela, que era a minha única esperança!

Quem diria ao meu caro Luiz que antes de um ano era eu que o veria rolando pelos cachopos, desaparecer no mar, e que procuraria debalde o seu cadáver, para cumprir a promessa que ele me havia feito, de o sepultar na terra e colocar na sua última morada uma cruz que o recomendasse a oração dos viajantes. Pobre Luiz! Durante a minha longa e cruel enfermidade fostes tu que tivestes sempre por mim um carinho paternal.

XIII – Luiz Carníglia

Vou dizer algumas palavras sobre o meu pobre amigo Luiz. E porque é um simples marinheiro não lhe hei de dedicar algumas linhas? Porque ele não é... Oh! Posso assegurá-lo, a sua alma era bastante nobre para sustentar em todas as circunstâncias a honra italiana: nobre para afrontar todas as tormentas, nobre enfim para me proteger, e para cuidar de mim, como se fosse seu filho! Quando estava deitado no meu leito de agonia, abandonado por todos, e delirava com o delírio da morte, era Luiz que sentado a cabeceira do meu leito com a dedicação e paciência de um anjo não se afastava de mim um instante senão para ir chorar e ocultar as suas lágrimas. Os seus ossos espalhados no Oceano mereciam um monumento, onde o proscrito reconhecido pudesse um dia dizer as suas virtudes aos seus concidadãos, devolvendo-lhe as lágrimas piedosas que me consagrou.

Luiz Carniglia era de Deiva, pequeno país do Levante. Não havia recebido instrução literária, mas supria esta falta por um maravilhoso entendimento. Privado de todos os conhecimentos náuticos que são necessários aos pilotos, governava os navios até Gualeguay com a sagacidade e felicidade de um piloto consumado. No combate que acabo de referir, foi a ele que principalmente devemos o não ter caído nas mãos do inimigo: armado de um machado estava sempre no lugar onde havia maior perigo, sendo por este modo o terror dos assaltantes. De uma estatura elevada e robusta, reunia uma grande agilidade a um extraordinário valor. Dotado de uma grande bondade nas coisas da vida, possuía o raro dom de se fazer amar por todos. Infelizmente todos os melhores filhos da nossa desgraçada pátria têm morrido como este, em terra estrangeira, esquecidos e sem ter quem derrame uma lagrima por eles!

XIV – Prisioneiro

Fiquei dezenove dias recebendo unicamente os cuidados de Luiz Carniglia.

No fim deste tempo chegamos a Gualeguay.

Tínhamos encontrado na embocadura do Ibicuhy, um navio comandado por D. Lucas Tântalo, excelente homem que teve toda a sorte de cuidados por mim, prestando-me o que julgava ser-me útil na minha posição.

Aceitamos os seus presentes com grande prazer, porque não tínhamos a bordo senão café que era o nosso único alimento. Davam-me pois café a todos os momentos sem se importarem se isso era ou não conveniente para a minha doença. Comecei por ter uma febre assustadora, acompanhada por uma grande dificuldade de engolir fosse o que fosse, o que não admirava, porque a bala atravessando-me o pescoço de lado a lado, tinha passado entre as vértebras cervicais e a faringe. Decorridos oito dias neste estado aflitivo, a febre havia diminuído, sentindo grandes melhoras.

D. Lucas tinha feito mais: partindo, deu-me cartas de recomendação para Gualeguay, – fazendo o mesmo a um passageiro chamado Arraigada, biscainho, que se achava estabelecido na América – e particularmente para o governador da província de Entre Rios, D. Paschoal Echague, que por ter de fazer uma viagem, deixou-me o seu próprio médico, D. Romão Delarea, jovem argentino, de muito mérito, que, examinando a minha ferida, e tendo sentido a bala do lado oposto àquele porque tinha entrado, fez a extração com toda a habilidade, tratando-me durante algumas semanas, isto é até ao meu completo restabelecimento, com os cuidados mais afetuosos e desinteressados.

Fiquei seis meses em Gualeguay em casa de D. Jacintho Andreas, que teve, bem como a sua família, por mim os maiores cuidados.

Infelizmente estava quase prisioneiro. Não obstante a boa vontade do governador Echague, e o interesse que por mim tinha a população de Gualeguay, era obrigado a esperar a resolução do ditador de Buenos Aires que não decidia coisa alguma.

O ditador de Buenos Aires era nessa ocasião Rosas, de quem, tratando de Montevidéu, terei ocasião de falar mais devagar.

Curado da minha ferida, comecei a dar alguns passeios, que por ordem da autoridade eram muito limitados. Em troca do meu navio confiscado davam-me um escudo por dia, o que na realidade era muito para um país em que sendo tudo muito barato quase se não gasta dinheiro: mas tudo isto não valia a minha liberdade.

Provavelmente esta despesa de um escudo por dia parecia muito elevada ao governador, porque em diferentes ocasiões me foram feitas ofertas de se me

favorecer a fuga, mas as pessoas que me faziam essas ofertas, eram, sem o saberem, agentes provocadores! Diziam-me que o governo veria a minha fuga sem grande pesar. Não era, pois, necessário fazer grande violência para que eu adotasse uma resolução de que já havia formado o projeto. O governador, depois da partida de D. Paschoal, era um certo Leonardo Millan, que não me havia até àquela época mostrado nem interesse, nem ódio, não tendo pois o mais pequeno motivo para me queixar dele.

Resolvi então fugir, começando logo os meus preparativos, a fim de estar pronto na primeira ocasião que se me apresentasse. Uma noite de tempestade dirigi-me para casa de um excelente homem que eu costumava, de quando em quando, ir visitar, e que habitava a três milhas de Gualeguay.

Dei-lhe parte da minha resolução, pedindo lhe que me procurasse um guia e cavalos, esperando chegar a uma estância pertencente a um inglês, situada na margem esquerda do Paraná, onde eu provavelmente encontraria algum barco que me transportasse incógnito a Buenos Aires ou Montevidéu. O guia e os cavalos foram arranjados, e começamos a andar por meio dos campos para não sermos descobertos. Tínhamos que caminhar cinquenta e quatro milhas, podendo vencer perfeitamente esta distancia em meia noite.

Quando rompeu o dia, estávamos à vista de Ibicui, na distância de meia milha do rio. O guia disse-me então que parasse ali, enquanto ele ia saber que caminho devíamos seguir.

Fiquei pois só.

Apeei-me, amarrei as rédeas do cavalo ao tronco de uma arvore e deitei-me, esperando assim durante duas ou três horas, até que vendo que o meu guia não aparecia, levantei-me, resolvido a ir pessoalmente informar-me, quando repentinamente ouvi por de trás de mim um tiro. Voltei-me e vi um destacamento de cavalaria que me perseguia de sabre em punho. Estavam já entre o meu cavalo e eu, era pois impossível defender-me ou fugir.

Entreguei-me.

XV – A Apoleação

Ligaram-me as mãos atrás das costas, puseram-me a cavalo, e depois ligaram-me também os pés como o haviam feito às mãos, sujeitando os à cilha do animal.

Foi neste estado que cheguei a Gualeguay, onde, como se vai ver, me esperava um pior tratamento.

Ainda hoje, e já são passados bastantes anos, estremeço quando penso nesta circunstância da minha vida.

Conduzido à presença de Leonardo Millan fui intimado por ele para denunciar quem me havia fornecido os meios de efetuar a minha fuga. É escusado dizer que não fiz tal confissão, pois declarei que só eu a tinha arranjado e executado. Então como me achava ligado e Leonardo não tinha coisa alguma a temer, aproximou-se de mim e começou a bater-me nas faces com o chicote. Depois renovou as suas perguntas, não sendo mais feliz que da primeira vez.

Mandou-me conduzir à prisão, e disse em voz baixa algumas palavras ao ouvido de um dos guardas.

Estas palavras eram a ordem de me aplicar a tortura.

Chegando à câmara que me estava destinada, os guardas deixaram-me as mãos ligadas atrás das costas, colocaram-me nos pulsos uma nova corda, e passaram a outra extremidade a uma trave, suspendendo-me a quatro ou cinco pés do chão.

Então Leonardo entrou na prisão e perguntou-me de novo se estava resolvido a dizer a verdade.

A única vingança que podia tomar era cuspir-lhe no rosto, e assim o fiz.

– Quando o prisioneiro, disse ele retirando-se, quiser declarar quem foram os seus cúmplices, mandem-me chamar, e depois de fazer a confissão podem pô-lo no chão.

Depois saiu.

Fiquei duas horas nesta horrível posição. O peso do meu corpo sobrecarregava nos meus punhos ensanguentados e nos meus ombros dessocados.

Parecia-me estar sobre brasas.

A todos os momentos pedia água, e os meus guardas, mais humanos que o meu carrasco, davam-me, mas ela não me matava a sede devoradora que soffria. Pode-se fazer uma ideia dos meus padecimentos, lendo as torturas que se infringiam aos prisioneiros na idade média. No fim de duas horas os meus guardas tendo piedade do meu estado, ou julgando-me morto, desceram-me.

Caí no chão sem movimento.

Era uma massa inerte, sem outro sentimento que o de uma profunda e muda

dor – era quase um cadáver.

Neste estado sem eu saber o que faziam de mim, meteram-me nos cepos.

Tinha andado com as mãos e pés ligados através de pântanos cinquenta milhas. Os mosquitos numerosos e enraivecidos nesta estação tinham-me tornado o rosto e as mãos em uma grande chaga. Havia sofrido durante duas horas horríveis torturas, e quando tornei a mim achei-me ligado a um assassino.

Ainda que não tivesse dito uma única palavra, no meio dos meus atrozes sofrimentos, D. Jacintho Andreas tinha sido preso. Os habitantes do país estavam cheios de espanto.

Enquanto a mim, se não fossem os cuidados de uma mulher que foi para mim um anjo de caridade teria sucumbido a tão atrozes sofrimentos. Desprezando todo o perigo, vinha ver-me todos os dias, trazendo-me o que eu necessitava.

Chamava-se Allemand.

Poucos dias depois o governador vendo que eram inúteis todas as tentativas que fazia para me obrigar a falar, e convencido que eu morreria antes de denunciar um dos meus amigos, não querendo provavelmente tomar sobre si a responsabilidade da minha morte, mandou-me para a capital da província Bajada. Fiquei dois meses na prisão, no fim dos quais o governador me mandou dizer que me era permitido sair livremente da província. Ainda que eu tenha opiniões opostas a Echague e que por mais de uma vez, depois desse dia, tenha combatido contra ele, não devo ocultar as obrigações de que lhe sou devedor e ambicionava hoje ter ocasião de lhe provar todo o reconhecimento que lhe consagro pelos serviços que me prestou.

Mas tarde o acaso fez cair nas minhas mãos os chefes militares da província de Gualeguay e todos foram postos em liberdade sem se lhe fazer a menor ofensa, nem a eles, nem às suas propriedades.

Enquanto a Leonardo Millan nunca o quis ver com receio que a sua presença, fazendo-me recordar do que havia sofrido, me obrigasse a praticar alguma ação indigna de mim.

XVI – Viagem na Província do Rio Grande

Em Bajada embarquei em um bergantim italiano, capitão Ventura. Este marítimo homem recomendável a todos os respeitos, tratou-me sempre com a maior generosidade e cavalheirismo. Conduziu-me à embocadura do Iguaçu, afluente do Paraná onde passei para bordo de um barco, capitaneado por Pascoal Carbone, que se destinava a Montevidéu.

Estava então em maré de ventura; Carbone obsequiou-me também admiravelmente.

A fortuna, assim como as infelicidades, vem sempre em grandes porções; estas haviam finalizado para mim; aquelas começavam a afluir sem interrupção.

A minha proscrição continuava em Montevidéu. A resistência que empregara contra os lanchões e a perda que lhes havíamos causado era para isso pretexto plausível. Fui então obrigado a esconder-me em casa de Pazante aonde me conservei por espaço de um mês.

Contudo a minha reclusão tomava-se suportável, porque era suavizada pelas visitas de muitos compatriotas, que em tempo de prosperidade e de paz tinham vindo estabelecer-se no país e exerciam para com os amigos do velho mundo a mais generosa hospitalidade. A guerra, e sobretudo o cerco de Montevidéu veio mudar a posição da maior parte deles e de feliz que era tornou-lha não só má, porém péssima. Pobres homens! Bastantes vezes os deplorei, e desgraçadamente não podia fazer mais do que lamentai-os!

Passado um mês, era tempo de seguirmos viagem; parti com Rossetti para o Rio Grande; a nossa jornada devia ser e foi feita a cavalo, o que me deu muito prazer. Viajávamos à escotero.

Darei uma pequena explicação sobre esta maneira de viajar, que pela sua rapidez deixa bem longe a posta por mais ligeira que ela seja.

Sejam dois, três ou quatro os viajantes,vão acompanhados por vinte cavalos habituados a seguir os que vão montados; quando depois alguns dos cavaleiros vê que o seu cavalo está fatigado, apeia-se, passa o selim e os arreios para um dos que vem livres, e segue a galope três ou quatro léguas; depois toma outro, e assim sucessivamente os vai mudando até chegar ao seu destino; os cavalos cansados, mesmos tendo de seguir os outros, recuperam forças, porque vão livres do selim e do cavaleiro.

O pouco tempo que os cavaleiros gastam nestas mudas, os cavalos o aproveitam para comerem alguma erva e beberem água, se por acaso a encontram; as verdadeiras rações são duas vezes ao dia, pela manhã e à noite.

Deste modo chegamos a Piratiny, sede do governo do Rio Grande; a capital da província é Porto Alegre, porém como estava ocupada pelos imperiais, o

governo republicano estabelecera-se em Piratiny.

Piratiny é realmente um dos mais bellos lugares do mundo; divide-se em duas regiões; uma de planícies e a outra montanhosa.

As planícies, verdadeiramente tropicais, produzem a banana, a cana de açúcar, e a laranja. Junto aos troncos das suas arvores, e por entre as plantas, arrasta-se a serpente cascavel, a serpente negra coral; ali, como na Índia, vê-se saltar o tigre, o jaguar, a puma, e o leão inofensivo, de dimensões iguais a qualquer dos enormes cães do monte de S. Bernardo.

A região montanhosa é temperada como o meu belo clima de Niza; colhe-se o bom pêssego, a pêra, a ameixa, e toda a qualidade de frutos da Europa; encontram-se as magníficas florestas, das quais nenhuma pena seria capaz de fazer exata descrição, com os seus pinheiros direitos como os mastros dos navios, e da altura de duzentos pés, e dos quais talvez cinco ou seis homens não pudessem abraçar o tronco. À sombra desses pinheiros vegetam as taquaras, canas gigantescas que chegam a oitenta pés de altura, e as quais na base não excedem a grossura do corpo de um homem; existe também ali a barba de pau, literalmente dita a barba das árvores, que entrelaçando se multiplicadamente forma espessos bosques; nas vastas planícies, chamadas campestres, estendem-se vilas, inteiras, como Cima da Serra, Vaccaria, Lages; população caucasiana, de origem portuguesa, e essencialmente hospitaleira.

O viajante não tem precisão de dizer, nem de pedir coisa alguma; entra em qualquer habitação, vai direto à câmara dos hóspedes; os criados aparecem, sem que sejam chamados, descalçam-no e lavam-lhe os pés. Fica ali por quanto tempo quer, e quando lhe apetece retira-se sem despedir-se nem agradecer; e apesar desta descortesia, outro que venha depois dele, não é recebido com menos agrado.

É a juventude da natureza, o erguer da humanidade.

XVII – A Lagoa dos Patos

Chegando a Piratiny, fui magnificamente recebido pelo governo da república. Bento Gonçalves – verdadeiro cavaleiro andante do século de Carlos-Magno, irmão, pelo coração, dos Oliverios e dos Roldões, rigoroso, ágil e leal como eles, verdadeiro centauro, manejando um cavalo como ainda não vi manejar senão ao general Netto – modelo completo para um cavaleiro – estava ausente e em marcha com uma brigada de cavalaria, para atacar Silva Tavares, chefe imperial, que tendo atravessado o canal de S. Gonçalo, infestava esta parte da província para ir a Piratiny, – sede do governo republicano, e pequena vila encantadora pela sua posição e cabeça de distrito do mesmo nome, guarnecida por uma população belicosa e essencialmente dedicada à causa da liberdade.

Na ausência daquele general, foi o ministro da fazenda quem me fez as honras da cidade.

Agora uma palavra respectivamente ao Rio Grande, o qual, por este nome, poderia supor-se situado ao longo de um grande rio, ou um rio propriamente dito.

O Rio Grande é um canal que liga com a lagoa dos Patos, tendo alguns baixios muito extensos, dos quais mais tarde falaremos. Esta lagoa é formada por cinco rios, que terminando na extremidade do norte, apresentam a disposição de cinco dedos da mão.

Esta em toda a sua extensão é povoada por caímãos (Jacarés).

Ha um ponto de onde se descobrem perfeitamente esses cinco rios, e que por essa razão se chamava Viamão – Vi a mão.

Viamão mudara, porém de nome, e chamava-se Setembrina em comemoração de haver sido em Setembro proclamada a república.

Achava-me em Piratiny sem ter em que me ocupar; pedi então para fazer parte da coluna de operações, que se dirigia sobre o S.Gonçalo, e era comandada pelo presidente da República.

Foi então que pela primeira vez vi aquele valente, gozando alguns dias a sua intimidade. Era realmente o filho querido da natureza – que lhe havia prodigalizado tudo o que torna o homem um verdadeiro herói. – Bento Gonçalves teria então sessenta anos. Alto, esbelto, montava a cavalo, como já disse, com um garbo e agilidade admiráveis. Naquela posição ninguém o julgaria com mais de vinte e cinco annos. – Valente e feliz, não teria hesitado um momento como um cavaleiro de Ariosto, em atacar um gigante: tivesse ele a estatura de Polyphemo ou a armadura de Ferragus.

Fora um dos primeiros a levantar o grito de guerra, não com vistas de ambição pessoal, mas como qualquer outro beligerante filho daquelle povo. Na

campanha passava como o mais ínfimo habitante das campinas; isto é, com a carne assada e água pura. – No dia em que nos encontramos pela primeira vez, convidou-me para o seu banquete frugal; e conversamos com tanta familiaridade como se fôssemos companheiros de infância e iguais em posição. Com tais dotes naturais e adquiridos, Bento Gonçalves era o ídolo de seus concidadãos; porém coisa estranha, foi quase sempre infeliz nas empreitadas guerreiras, o que me faz acreditar que o acaso é superior ao gênio para os sucessos da guerra, e para a fortuna dos heróis.

Acompanhei a coluna até Canudos, – passagem do canal de S. Gonçalo que liga a lagoa dos Patos à Merim.

Silva Tavares havia-se retirado precipitadamente, logo que soube da aproximação de uma coluna do exército republicano.

Não podendo alcançá-lo, o presidente retrocedeu. Fiz outro tanto, tomando o caminho de Piratiny.

Nesta ocasião recebemos noticia da batalha de Rio Pardo, na qual o exército imperial fora completamente destroçado pelos republicanos.

XVIII – Armamento de Lanchões em Camaquã

Fui encarregado do armamento de dois lanchões que existiam nas águas do Camaquã, rio que corre quase paralelo e a pouca distância do canal de S. Gonçalo, e que como este vai desaguar na lagoa dos Patos.

Reuni alguns marinheiros, vindos de Montevidéu a outros que achei em Piratiny, completando ao todo uns trinta homens de diversas nações. Infelizmente para ele também ali se achava o meu caro Luiz Carniglia. Tínhamos um outro recruta francês, de estatura colossal, bretão, por nascimento, a que chamávamos João-Grande e outro por nome Francisco, verdadeiro corsário, e digno irmão da costa.

Chegando a Camaquã, encontramos ali o americano John Griggs, que habitando em uma herdade pertencente a Bento Gonçalves estava encarregado de vigiar o acabamento de dois sloops.

Fui nomeado chefe deessa frota ainda em construção, com o posto de capitão-tenente. Era curioso aquele método de construção que fazia honra à bem conhecida persistência dos americanos. Ia procurar-se a madeira a uma parte e o ferro a outra ; dois ou três carpinteiros cortavam e aparelhavam aquela, um mulato forjava o ferro. Foi assim que se fabricaram os dois sloops, desde os pregos até aos círculos de ferro dos mastros.

No fim de dois meses a esquadrilha estava pronta. Cada um dos vasos foi armado com duas peças de bronze; quarenta negros ou mulatos foram agregados aos trinta europeus, formando desse modo duas equipagens que compreendiam setenta homens.

A lotação dos lanchões seria um de dezoito, outro de doze a quinze toneladas.

Tomei o comando do mais forte a que pusemos o nome de Rio-Pardo.

John Griggs foi encarregado do segundo, que se chamou – O Republicano.

Rossetti tinha ficado em Piratiny, incumbido da redação do jornal O Povo.

Começaram então as nossas correrias pela lagoa dos Patos. Passaram-se alguns dias sem fazermos mais do que presas insignificantes.

Os imperiais tinham, para fazer frente aos nossos dois sloops, de vinte e oito toneladas, trinta navios de guerra e um barco a vapor.

Porém nós tínhamos a nosso favor os baixios das águas.

A lagoa não era navegável para os grandes barcos, se não numa espécie de canal que seguia ao longo da sua margem no oriente.

No lado oposto sucedia o contrário, porque o solo era cortado em declive, e nós mesmos víamo-nos às vezes encalhados antes de tocar na margem.

Os bancos de areia estendiam-se pela lagoa à semelhança dos dentes de um pente, e só havia de bom que esses dentes eram bastante afastados uns dos

outros.

Quando éramos forçados a encalhar, e os canhões dos navios de guerra ou do vapor nos incomodavam, dizia:

– Avante, meus patos, saltemos à agua. E os meus patos cabiam na água, e à força de braços erguiam o lanchão, transportando-o para o outro lado do banco de areia.

No meio de todos estes pequenos acontecimentos tomamos um barco ricamente carregado que foi conduzido imediatamente para a costa Ocidental da lagoa, junto a Camaquã, onde o queimamos depois de havermos tirado tudo o que era aproveitável.

Foi esta a primeira presa que fizemos, mas que valeu bem o trabalho; e alegrou a nossa marinha. Todos tiveram a sua parte nos despojos, e com um fundo reservado mandei fazer uniformes para todos os meus bravos.

Os imperiais que até ali nos haviam desprezado, não perdendo ocasião de escarnecer-nos, começaram a compreender qual era a nossa importância no lago, e trataram de empregar grande número de navios para protegerem o seu comércio.

A vida que passávamos era laboriosa e cercada de perigos, em razão da superioridade numérica dos inimigos; mas ao mesmo tempo essa vida era encantadora, pitoresca, e muito em harmonia com o meu caráter. Não éramos unicamente marítimos, seríamos também cavaleiros no caso de necessidade. No momento de perigo encontraríamos quantos cavalos quiséssemos, e formaríamos um esquadrão se não elegante, ao menos temível.

Nas margens da lagoa encontravam-se estâncias que, pela aproximação da guerra, tinham sido abandonadas pelos proprietários, aonde achamos muita abundância de cavalos e o necessário para o seu sustento; por outro lado nas herdades existiam terrenos cultivados, onde colhíamos abundância de trigo, batata doce, e muitas vezes excelentes laranjas, que são as melhores de toda a América do Sul.

A gente que me acompanhava, verdadeira tropa cosmopolita, era composta de homens de todas as cores e de todas as nações.

Tratava-os com uma bondade, de que talvez parecessem pouco dignos, porém posso afirmar uma coisa: é que nunca tive motivo de arrepender-me dessa bondade – todos obedeciam à minha primeira ordem e nunca me fatigaram, nem me vi na necessidade de os punir.

XIX – A Estância da Barra

Sobre o Camaquã, aonde tínhamos o nosso pequeno arsenal e de onde saíra a frota republicana, habitavam, ocupando uma grande extensão de terreno, as famílias dos irmãos de Bento Gonçalves, assim como outros parentes mais afastados; inumeráveis rebanhos se apascentavam nesta magnífica planície que a guerra havia respeitado, porque se achava ao abrigo do seu poder destruidor.

As produções agrícolas achavam-se ali aglomeradas em tanta abundância, como não tenho ideia de ver em parte alguma da Europa.

Já disse em outra parte que em nenhum lugar do mundo se encontra hospitalidade mais franca e cordial do que neste país; e foi o que nós achamos em todas as famílias, nas quais existia por nós a mais decidida simpatia.

As estâncias que por estarem mais próximas ao rio e por esperarmos ser ali mais bem recebidos, procurávamos de preferência para nos hospedarmos, eram as de D. Anna e D. Antonia, irmãs do presidente. Aquela, situada à margem do Camaquã, e esta do Arroio Grande.

Não sei se por efeito da minha imaginação, ou por um privilégio dos meus vinte e seis anos, tudo ali era encantador aos meus olhos, e posso assegurar que nenhuma época da minha vida está como esta tão ligada ao meu pensamento, e nada se me apresenta mais fascinador do que este período que recordo com prazer.

A casa de D. Anna era para mim um verdadeiro paraíso; posto que já não fosse jovem, esta bela senhora conservava contudo um caráter alegre.

Tinha em sua companhia uma família inteira, emigrada de Pelotas, cidade da província, da qual era chefe o doutor Paulo Ferreira; três meninas que rivalizavam nos encantos, eram o perfeito ornamento deste delicioso recinto. Uma dessas jovens, Manuela, era a senhora absoluta do meu coração: sem esperança de poder possuí-la, ainda assim não podia deixar de amá-la. Era desposada de um dos filhos de Bento Gonçalves.

Em um momento de perigo tive ocasião de conhecer que não era totalmente indiferente à dama dos meus pensamentos; e a certeza que obtive da sua simpatia serviu para minorar o desgosto de nunca dever pertencer-me.

Geralmente as mulheres do Rio Grande são belas e os meus homens tornaram-se facilmente escravos dessas belezas; porém conscienciosamente afirmo que nenhum deles tinha pelo seu ídolo um culto tão puro e desinteressado como eu por Manuela. Portanto, todas as vezes que um vento contrário, uma borrasca ou uma expedição nos levava ao Arroio Grande ou a Camaquã, era para nós dia de festa; o pequeno bosque de Firiva, que indica a entrada para aquela, ou o pomar das laranjeiras que oculta o caminho para a última, eram sempre

saudados por uma treplicada salva de hurrahs, que mostravam a força do nosso entusiasmo amoroso.

Um dia, depois de havermos puxado para terra as nossas embarcações, descansávamos na estância de D. Antonia, irmã do presidente, a pouca distância de uma dessas choupanas, onde salgam e defumam a carne, às quais dão no país o nome de galpão de xarqueada, quando me vieram dizer que o coronel João Pedro de Abreu, apelidado Mouringue, isto é, Fuinha, em consequência de ser muito astucioso, havia desembarcado a duas ou três léguas de distancia, com setenta homens de cavalaria e oitenta de infantaria.

Havia probabilidade para acreditar esta notícia, porque depois da tomada do barco que havíamos queimado, depois de nos assenhorearmos do mais precioso que ele tinha, sabíamos que Mouringue jurara tirar uma boa vingança.

Esta notícia encheu-me de alegria. Os homens comandados pelo coronel Mouringue eram mercenários alemães ou austríacos, aos quais ainda eu não estava enfastiado de fazer pagar a divida que todo o bom italiano tem contraído com os seus irmãos da Europa.

Éramos sessenta ao todo; porém eu conhecia bem esses sessenta homens, e com eles era capaz de fazer frente não só a cento e cinquenta austríacos, mas a trezentos.

Tratei de destacar espiões para todos os lados e fiquei com uns cinquenta homens junto a mim.

Os dez ou doze que enviara a explorar o terreno, voltaram, e disseram a uma voz: – Não vimos coisa alguma. Havia então um denso nevoeiro, e foi protegido por ele que o inimigo pôde subtrair-se às suas pesquisas.

Resolvi não confiar unicamente na inteligência humana, e quis interrogar também o instinto dos animais.

Ordinariamente, quando qualquer expedição deste gênero se aproxima, e homens de outros sítios vem preparar uma emboscada junto a alguma estância, os animais que sentem ruído estranho, dão sinais de inquietação, e quem tacitamente os interroga, raras vezes se engana.

Os cavalos espalhados pela minha gente, começaram a andar muito sossegados em torno da estância, manifestando assim que nada de novo se passava nas proximidades.

Portanto acreditando que não havia surpresa a temer, ordenei à minha gente que arrumasse as armas, todavia carregadas, e as munições nos cabides que mandara construir dentro da choupana, e dei-lhes o exemplo de segurança, começando a almoçar, e convidando-os a fazer outro tanto.

Por costume, nunca se faziam rogar para este convite.

Graças a Deus, também nunca as munições de boca nos faltavam.

Terminado o almoço, mandei cada um tratar da sua ocupação.

Toda a minha gente trabalhava do mesmo modo que comia; isto é, sempre com boa vontade, não se fazendo rogar: uns foram para os lanchões que estavam sobre a praia, a fim de tratarem de algum arranjo de que eles carecessem, outros dirigiram-se à forja, outros a buscar madeira para queimar, e outros finalmente para a pesca.

Fiquei eu só e o mestre cozinheiro, que havia, estabelecido a sua cozinha a luz do dia, em frente da choupana, e ali vigiava as nossas marmitas.

Quanto a mim, saboreava voluptuosamente o meu mate, espécie de chá do Paraguai, que se toma de uma cabaça com o auxílio de um canudo de vidro ou de pau.

Contudo, não duvidava que o coronel Fuinha sendo natural do país, tivesse com a sua astúcia iludido a vigilância da minha tropa, não causando a sua presença sobressalto aos animais, e que estaria talvez com os seus cento e cinqüenta austríacos deitado em algum bosque a quinhentos ou seiscentos passos de nós.

Repentinamente, com grande admiração minha, ouvi por detrás de mim, tocar a carregar.

Voltei-me.

Infantaria e cavalaria carregavam a galope; cada cavaleiro trazia um homem na garupa. Os que não tinham cavalos corriam a pé agarrados às crinas. Dei um salto e achei-me no galpão; fui seguido pelo cozinheiro, mas o inimigo estava tão próximo de nós que, no momento em que eu transpunha o limiar da porta, senti o chapéu atravessado por uma lança.

Já disse que os fuzis estavam carregados na grade da manjedoura. Tinha sessenta.

Agarrei em um e descarreguei-o, depois um segundo, e um terceiro, com tanta rapidez, que não se poderia julgar que me achava só, e com tanta felicidade que três homens caíram.

Três outros tiros se sucederam aos primeiros, e como atirava ao grupo, todos eram funestos.

Se o inimigo tivesse a ideia de assaltar o galpão estaria tudo acabado, mas o cozinheiro tinha-se-me unido e fazia também fogo, de modo que o coronel Fuinha, apesar de toda a sua esperteza, julgou que todos nós estávamos reunidos.

Por consequência retirou-se para uns cem passos de distância do alpendre, e começou a fazer alguns tiros de quando em quando.

Foi o que me salvou.

Como o cozinheiro não era bom atirador, e na nossa situação cada tiro perdido era uma falta irreparável, disse-lhe que se entretece em carregar os fuzis

que eu os iria descarregando.

Estava intimamente convencido de que a minha gente, suspeitando já que o inimigo tinha desembarcado, e ouvindo o estrondo da fuzilaria, compreenderia tudo e viria em meu auxilio.

Não me enganava.

O meu bravo Luiz Carniglia foi o primeiro que apareceu através as nuvens de fumo que existiam entre o galpão e a tropa inimiga que fazia um fogo infernal.

Depois dele apareceram Ignacio Bilbáo, biscainho, e um italiano chamado Lourenço. Em um momento estavam a meu lado, e começaram-me a imitar o melhor que puderam; depois chegaram Eduardo Mutru, Nascimento Raphael e Procopio – estes dois últimos eram negros – e Francisco da Silva. Queria em lugar de escrever no papel, gravar no bronze os nomes destes valentes companheiros, que no número de treze se me reuniram combatendo durante cinco horas contra cinquenta inimigos.

O inimigo tinha se apoderado de todas as casas e barracas que nos rodeavam, fazendo-nos dali um fogo terrível. Alguns dos seus soldados haviam subido aos telhados de que tiraram as telhas, disparando-nos tiros pelos buracos e lançando-nos fachinas accesas. Mas enquanto uns apagavam as fachinas, e outros respondiam à fuzilaria, dois ou três caíram mortos pelo mesmo buraco que haviam feito. Tínhamos praticado com as nossas baionetas algumas seteiras na muralha do galpão, e por ali fazíamos fogo quase cobertos.

Pelas três horas o negro Procopio deu um tiro que teve um êxito feliz: quebrou um braço ao coronel Mouringue. No mesmo momento o coronel tocou a retirada, e partiu levando os feridos, mas deixando quinze mortos no campo da batalha.

Dos meus companheiros tive cinco feridos e três mortos. Custou-me pois oito homens esta refrega, que foi uma das mais sérias em que me tenho achado.

Estes combates eram tanto mais funestos para nós que não tínhamos nem médico nem cirurgião. As feridas ligeiras eram pensadas com água fresca, renovando-se este medicamento o maior número de vezes possível.

Rossetti, que por acaso se achava com os seus companheiros em Camaquã, não se nos pôde reunir, com grande pesar seu.

Sendo perseguidos e não tendo armas, foram obrigados uns a passar o rio a nado, outros a entranharem-se na floresta: um único foi descoberto e morto.

Este combate tão perigoso e que teve tão feliz resultado, deu uma grande confiança aos meus homens e aos habitantes deste lado da província, expostos há muito tempo às excursões deste inimigo aventureiro e intrépido.

Mouringue foi na realidade o chefe mais habilitado que tiveram os imperiais. Era muito apto para estas empreitadas, e devo dizer que sempre se tinha

conduzido com uma finura que lhe teria merecido o apelido de Fuinha, se já o não tivesse.

Nascido no país, que como já disse, conhecia perfeitamente, e dotado de uma astúcia e intrepidez a toda prova, causou graves prejuízos aos republicanos, e o império do Brasil deve-lhe sem dúvida alguma a melhor parte na submissão desta corajosa província.

Celebramos a nossa vitória. D. Antonia deu em nossa honra uma festa na sua estância, distante doze milhas do galpão em que tinha tido lugar o combate.

Foi nesta festa que eu soube que uma linda menina, constando-lhe o perigo que eu corria, havia empalidecido e perguntado com toda a ansiedade notícias minhas. Esta notícia foi mais agradável para mim, do que a vitória sanguinolenta que poucos momentos antes tinha ganho. Como me achava soberbo e feliz por lhe pertencer, ainda que não fosse senão pelo pensamento. Devia pertencer a outro, mas a sorte havia-me destinado essa flor do Brasil, que eternamente chorarei. Não era só nos prazeres e alegrias que a encontrava sempre a meu lado, foi na adversidade que eu conheci o quanto valia o nobre coração da mãe de meus filhos.

Anita! Cara Anita!

XX – Expedição a Santa Catarina

Depois deste sucesso nada de importante nos sucedeu na lagoa dos Patos.

Começamos a construção de dois novos lanchões. Os elementos primários tinham-se achado na presa antecedente, e enquanto à sua confecção éramos coadjuvados valorosamente pelos habitantes da vizinhança.

Tinham-se apenas acabado e armado os dois novos navios de guerra, quando fomos avisados para nos juntarmos ao exército republicano que então sitiava Porto Alegre, capital da província.

O exercito e nós não fizemos coisa alguma enquanto estivemos nesta parte da lagoa.

Não obstante este cerco ser dirigido por Bento Manuel, quem todos reconheciam grande mérito como soldado, como general e como organizador, foi este que, depois, traindo os republicanos, se passou aos imperiais.

Pensava-se então na expedição à Santa Catarina. Fui convidado para tomar parte nela debaixo das ordens do general Canabarro.

Havia no cumprimento deste projeto uma grande dificuldade que era o sairmos da lagoa, visto que a embocadura estava guardada pelos imperiais.

Na margem meridional estava a cidade fortificada do Rio Grande do Sul, e na margem septentrional S. José do Norte, vila pequena, mas fortificada também. Estas duas praças, bem como Porto Alegre, achavam-se em poder dos imperiais, tornando-se por isso senhores da entrada e saída da lagoa. Possuíam, é verdade, unicamente estas duas praças, mas elas eram bastante importantes pela sua posição.

Para homens como os que tinha debaixo das minhas ordens, não havia contudo coisa alguma impossível.

Formei então o seguinte plano de guerra. Os dois mais pequenos lanchões, ficavam na lagoa, sendo seu chefe o excelente marítimo Zeferino Dutra. Eu com os outros dois lanchões tendo debaixo das minhas ordens Griggs e os melhores dos nossos aventureiros acompanharia a expedição operando por mar, enquanto o general Canabarro operava por terra.

Era um belo plano, mas era muito difícil a sua execução. Propus então que se construíssem duas carretas de um tamanho e solidez necessária para colocar em cada uma delas um lanchão, devendo se atrelar a cada carreta o número de cavalos e bois suficientes para as poderem puxar.

A minha proposta foi adotada e fui encarregado de lhe dar execução.

Pensando então maduramente nesse projeto, fiz-lhe as seguintes modificações:

Mandei construir por um hábil carpinteiro; chamado Abreu, oito enormes

rodas de uma solidez a toda prova para poderem sustentar o extraordinário peso que devia suportar.

Numa das extremidades da lagoa – a que é oposta ao Rio Grande do Sul – isto é, ao noroeste, existe no fundo de um barranco um pequeno ribeiro que corre da lagoa dos Patos ao lago Tramandaí, ao qual tratávamos de transportar os dois lanchões.

Fiz descer a este barranco um dos nossos carros, depois levantamos o lanchão até que aquele estivesse em cima do carro.

Cem bois mansos foram atrelados, e vi então com grande satisfação o maior dos nossos lanchões caminhar como se fosse uma pena.

O segundo carro desceu por sua vez, e como no primeiro, obtivemos um êxito feliz.

Os habitantes gozaram então de um espetáculo curioso e desusado, isto é, verem dois navios em cima de duas carretas, e puxados por duzentos bois, atravessarem cinquenta e quatro milhas, isto é, dezoito léguas, sem a menor dificuldade, sem o mais pequeno incidente.

Chegados à margem do lago Tramandaí os lanchões foram deitados ao mar do mesmo modo porque tinham sido embarcados.

Necessitavam de alguns pequenos reparos, que no fim de três dias estavam concluídos.

O lago Tramandaí é formado por águas que tem a sua fonte na serra do Espinhaço, e finaliza-o no Atlântico. É pouco fundo, pois nas maiores enchentes só tem quatro ou cinco pés d’água. Nesta parte da costa reinam sempre grandes tempestades.

O estrondo que o mar faz batendo nestes rochedos, que os marinheiros chamam carvueiros, por causa da espuma que fazem voar em roda deles, ouve-se a muitas milhas de distância, e muitas vezes é tomado pelo rumor da tormenta.

XXI – Partida e Naufrágio

Prontos a partir esperamos pela maré cheia, saindo às quatro horas da tarde.

Foi nesta ocasião que soubemos apreciar o bem que nos resultava da prática que tínhamos de navegar entre os rochedos.

Não obstante esta prática, não sei hoje dizer porque audaciosa ou antes porque hábil manobra chegamos a tirar os nossos navios de entre os rochedos, ainda que tivéssemos, como já disse, escolhido a maré cheia. O fundo necessário para navegarmos faltava-nos por toda a parte, foi pois só ao cair da noite que os nossos esforços obtiveram um resultado feliz conseguindo deitar âncora no Oceano.

Julgo conveniente dizer que os nossos navios foram os primeiros que saíram da lagoa Tramandaí.

Ás oito horas da noite levantamos âncora e começamos a nossa viagem.

No dia seguinte pelas três horas da tarde tínhamos naufragado na embocadura do Aserigua, rio que tem a sua nascente na serra do Espinhaço, e que se lança ao mar na província de Santa Catarina, entre as torres e Santa Maria.

De trinta homens de equipagem, dezesseis afogaram-se.

Direi em duas palavras como aconteceu esta terrível catástrofe.

No momento da nossa partida, o vento do meio dia começava a aparecer. Corríamos paralelos à costa. O Rio Pardo tinha, como já disse, trinta homens de equipagem, uma peça de doze, uma grande porção de caixas, e outros objetos de toda a espécie, que tínhamos levado por precaução, por não sabermos o tempo que estaríamos no mar, e a que praia chegaríamos, e qual seriam as circunstâncias em que estaria essa praia no momento em que nos dirigíamos para uma província inimiga.

O lanchão achava-se pois muito sobrecarregado e as vagas cobrindo-o de minuto em minuto, ameaçavam submergi-lo. Resolvi então aproximar-me da costa e tomar terra na parte que me pareceu accessível; mas o mar que ia sempre crescendo, não nos deixou escolher a posição que nos convinha, e uma vaga enorme nos arremessou para a costa.

Estava nessa ocasião na parte mais elevada do mastro do traquete, de onde esperava descobrir uma passagem através dos rochedos. O lanchão inclinou-se sobre estibordo e eu fui lançado a trinta pés de distância.

Ainda que estivesse em uma posição perigosa, a confiança que tinha nas minhas forças como nadador, fez com que não pensasse um único momento na morte, e tendo comigo alguns companheiros, que não eram marinheiros, e que momentos antes, tinha visto deitados ao tombadilho e muito enjoados; em lugar de nadar para a costa, comecei a reunir uma parte dos objetos que pelo seu peso

prometiam conservar-se à superfície, e comecei a empurrá-los para o navio, gritando aos meus homens que se lançassem ao mar e que apanhassem alguns daqueles objetos, tratando de ganhar a costa que se achava na distância de uma milha. O navio tinha-se afundado, mas a mastreação conservava-se com os seus flancos de bordo fora d'água.

O primeiro que eu vi agarrado ás enxárcias foi Eduardo Mutru um dos meus melhores amigos: atirei-lhe um fragmento da escotilha, recomendando-lhe que o não largasse.

Este, estando quase salvo, lancei os olhos para o navio.

Vi então o meu caro e corajoso Luiz Carniglia. Estava ao leme no momento da catástrofe, e havia ficado agarrado à popa do navio. Infelizmente estava nesta ocasião vestido com uma jaqueta de uma enorme roda. Não havia tido tempo de a tirar, não podendo por isso nadar enquanto a tivesse vestida. Vendo que me dirigia para ele começou a gritar.

– Agarra-te bem, lhe respondi que já te dou socorro.

Subindo ao navio como o teria podido fazer um gato, cheguei até junto dele; agarrei-me com uma mão a uma borda, e com a outra tirando da algibeira uma faca que infelizmente cortava pessimamente, comecei a rasgar as costas da jaqueta.

Tinha quase finalizado esta minha árdua tarefa, e Carniglia estava quase salvo, quando um golpe de mar horrível, envolvendo-nos fez em pedaços o navio e lançou ao mar os homens que ainda se conservavam a bordo.

Carniglia foi também precipitado e não tardou a aparecer.

Lançado ao fundo do mar como um projétil, voltei à superfície todo aturdido, mas tendo uma única ideia – a de socorrer ao meu caro Luiz. Comecei a nadar em volta da carcaça do navio, chamando-o em altos gritos, mas ele não me respondeu.

Esse bom amigo que já me tinha salvo a vida, tinha morrido sem eu o poder socorrer.

No momento em que abandonava a esperança de salvar Carniglia, lancei os olhos em volta de mim. Por uma graça especial de Deus, neste momento de agonia para todo o mundo, não pensei um único momento em mim, tratando unicamente dos outros.

Vi então os meus companheiros nadando para a praia, separados uns dos outros, segundo a sua agilidade ou força. Alcancei-os em um momento e animando-os com os meus gritos, passei adiante, sendo um dos primeiros a atravessar os rochedos, cortando para isso vagas tão altas como montanhas.

Pus pé em terra. Mas a dor por perder o meu pobre Carniglia, deixando-me indiferente sobre a minha própria sorte, davam uma força invencível.

Apenas tinha posto pé em terra, me voltei movido por uma derradeira esperança. Imaginei ir ver Luiz.

Interroguei todas essas figuras assustadas, mas todas me davam a mesma resposta. Já não me restava esperança alguma.

Vi então Eduardo Mutru, que depois de Carniglia era quem eu estimava mais, e a quem tinha passado um fragmento da escotilha, recomendando-lhe que se agarrasse com toda a força. A violência das vagas tinha-lhe, sem dúvida, tirado este apoio. Ainda nadava, mas pela convulsão dos seus movimentos, indicava a extenuação a que se achava reduzido. Já disse como o amava, era pois o segundo irmão que ia perder no mesmo dia. Não quis em um momento perder tudo o que mais prezava no mundo. Lancei ao mar os restos do navio que me tinham servido para ajudar a ganhar a praia, e lancei-me de novo ao mar, indo novamente afrontar um perigo, a que tinha poucos momentos antes escapado. No fim de um minuto só algumas braças me separavam de Eduardo. – Coragem... Coragem, lhe disse eu. Vã esperança, vãos esforços! No momento em que encaminhava para ele o pedaço de madeira salvadora, desapareceu.

Dei um grito, e mergulhei. Depois não encontrando o meu pobre amigo, julguei que teria vindo à superfície. Voltei também: Ninguém! Mergulhei de novo e de novo voltei ao cimo d'água. Dei gritos desesperados, mas tudo foi em vão. Eduardo Mutru tinha também sido engolido por esse Oceano que ele não tinha tido receio de atravessar para, unindo-se-me, servir à causa dos povos.

Ainda um mártir da liberdade italiana que não teve um túmulo, uma cruz!

Os cadáveres dos dezesseis afogados que nós contamos neste desastre, fieis companheiros das minhas aventuras, foram arremessados pelas vagas a mais de trinta milhas de distancia para o norte. Procurei então entre os quatorze que haviam escapado e que neste momento estavam na praia, um rosto amigo, uma figura italiana.

Nenhuma !

Os seis italianos que me acompanhavam estavam mortos. Carniglia, Mutru, Staderini, Nadonne e Giovanni... Não me recordo do nome do sexto.

Peço perdão à pátria por o haver esquecido. Bem sei que escrevo estas memórias doze anos depois destes sucessos terem lugar, bem sei que muitos acontecimentos tão terríveis como o que acabo de descrever, tem tido lugar na minha vida; bem sei que vi cair uma nação, e que tentei defender uma cidade; bem sei que, perseguido, exilado, e tratado como um animal feroz, depus no túmulo a mulher a quem amava mais que a própria vida; bem sei que, depois de fechado o seu túmulo fui obrigado a fugir como os condenados de Dante; bem sei que não tenho um asilo, e que do extremo da África onde me acho, olho para essa Europa que me repele como um bandido, apesar de não ter tido até hoje

senão um pensamento, um amor a pátria: sei tudo isto, mas não obstante devia-me lembrar de seu nome.

E contudo não o sei!

Tanger, Março de 1857. – G. G.

XXII – John Griggs

Os melhores nadadores tinham sucumbido! Sem dúvida confiando na sua habilidade, não se tinham querido apoderar dos restos do navio, esperando suster-se na água sem este socorro, enquanto que, ao contrário, entre os que via sãos e salvos estavam alguns americanos que em muitas ocasiões tinha visto embaraçados, por terem de atravessar um pequeno rio de dez a doze pés de largura.

Parecia-me isto estranho, e contudo era a verdade.

O mundo era para mim um deserto.

Assentei-me na praia, e encostando a cabeça às mãos, julguei que ia chorar.

No meio da minha atonia, ouvi um gemido.

Lembrei-me então que não obstante serem-me esses homens desconhecidos, visto que eu era seu chefe no combate e no naufrágio, devia também sê-lo na desgraça.

Ergui a cabeça.

– Que tem, perguntei, e quem se queixa? Duas ou três vozes me responderam:

– Tenho frio.

Eu que até então não tinha pensado em tal, comecei também a senti-lo.

Levantei-me e enxuguei-me. Alguns dos meus companheiros estavam já assentados ou deitados para nunca mais se levantarem.

Chamei em meu auxílio os mais vigorosos, e obriguei-os que se achavam tolhidos a erguerem-se. Peguei-lhe por uma mão, e disse aos que ainda não haviam perdido totalmente as forças que fizessem outro tanto, gritando:

– Corramos!

E dei ao mesmo tempo o exemplo.

No princípio sentimos uma grande dificuldade, ou para melhor dizer, uma grande dor por sermos obrigados a fazer mover os nossos membros tolhidos pelo frio, mas, em pouco tempo começamos a sentir algum calor.

Entregamo-nos durante uma hora a este exercício. No fim deste espaço, o nosso sangue aquecendo tinha recomeçado a sua circulação.

Estávamos então perto do Rio Maruhy. Dirigimo-nos pela sua margem direita, e a quatro milhas encontramos uma estância, e nela a hospitalidade que existe sempre em todas as casas americanas.

O nosso segundo lanchão, comandado por Griggs, chamado o Seival, um pouco maior que o Rio Pardo, mas de construção diferente, pôde lutar contra a tempestade, seguindo a sua viagem.

É necessário dizer que Griggs era um excelente marítimo.

Não sei se amanhã serei obrigado a deixar o asilo, onde me acho atualmente.

Não sei, pois se mais tarde terei ocasião de dizer deste excelente e valoroso mancebo tudo o que penso dele; vou, pois, aproveitar esta ocasião para pagar o tributo que devo à sua memória.

Pobre Griggs! Tenho apenas dito duas palavras a seu respeito, e contudo onde encontrei eu um homem mais corajoso e com melhor caráter? Nascido de uma família rica, tinha vindo oferecer o seu ouro, a sua inteligência e o seu sangue à república nascente, dando-lhe tudo quanto havia possuído. Um dia chegou uma carta de um dos seus parentes da América do Norte, convidando-o a ir receber uma herança enorme. Mas Griggs já havia recebido a mais bela herança que se pôde dar a um homem de convicção e fé, – a coroa do martírio – Tinha morrido defendendo um povo desgraçado, mas generoso e valente.

E eu que tinha visto tantas mortes gloriosas, vi o corpo do meu infeliz amigo cortado em dois como o tronco de um carvalho pelo machado do lenhador. Um tiro de metralha o tinha ferido na distância de vinte passos, no dia em que, com um dos meus companheiros, largando o fogo à esquadrilha, por ordem do general Canabarro, subi ao navio de Griggs que acabava de ser literalmente fulminado pela esquadra inimiga.

Oh! Liberdade! Liberdade! Que rainha da terra se pôde encher de orgulho por ter um cortejo de heróis como tu tens no céu!!

XXIII – Santa Catarina

Felizmente a parte da província de Santa Catarina, onde havíamos naufragado, tinha-se também revoltado contra o imperador, logo que soube da aproximação das tropas republicanas – Em lugar pois de encontrar inimigos, achamos alliados, em lugar de sermos combatidos fomos festejados, e obtivemos em um momento todos os meios de transporte de que aqueles pobres habitantes podiam dispor.

O capitão Balduíno ofereceu-me o seu cavalo, e pusemo-nos imediatamente em marcha para alcançar a guarda avançada do general Canabarro, comandada pelo coronel Teixeira, que se dirigia a toda apressa sobre a lagoa de Santa Catarina, esperando surpreendê-lo (A província de Santa Catarina foi dada em dote pelo imperador à sua irmã, quando ela casou com o príncipe de Joinville).

Devo confessar que não tivemos grande dificuldade em nos apoderarmos da pequena cidade que precede a lagoa e que por isso tem o seu nome. A guarnição fugiu precipitadamente, e três pequenos navios de guerra renderam-se, depois de um fraco combate. Passei então com os meus náufragos para bordo da galeota Itaparica, que estava armada com sete canhões.

Durante os primeiros dias desta ocupação, a fortuna parecia ter feito um pacto com os republicanos. Não temendo uma invasão tão repentina da nossa parte, de quem só tinham notícias de quando em quando os imperiais haviam mandado guarnecer aquela povoação com soldados, armas e munições. Mas estas caíram em nosso poder, porque chegaram depois de estarmos senhores da cidade.

Os habitantes tratavam-nos como irmãos e libertadores, título que, infelizmente, não soubemos justificar enquanto estivemos nesta povoação amiga.

Canabarro estabeleceu o seu quartel general em Santa Catarina, chamada pelos republicanos Juliana, porque tinham ali entrado no mês de Julho. O general permitiu a criação de um governo provincial de que foi presidente um sacerdote venerável, que exercia um grande prestígio no povo. Rossetti com o título de secretário do governo, era verdadeiramente a sua alma. Rossetti estava talhado para todos os empregos.

Tudo marchava às mil maravilhas. O coronel Teixeira com a sua coluna avançada tinha perseguido o inimigo até o encerrar na capital da província, apoderando-se de quase todo o território. Por toda a parte éramos recebidos com os braços abertos, e todos os dias se nos juntavam desertores imperiais.

O general Canabarro traçava magníficos planos. Rude na aparência excelente no fundo, tinha o costume de dizer que da lagoa de Santa Catharina sairia a hidra que devoraria o império, e talvez tivesse razão se houvessem olhado para esta expedição com mais juízo e atenção. Infelizmente as nossas maneiras orgulhosas

para com os habitantes e a insuficiência dos meios que tínhamos à nossa disposição, fizeram perder o fruto desta.

XXIV – Uma Mulher

Nunca havia pensado no casamento, visto que me considerava incapaz de ser um bom marido por causa da minha grande independência de caráter e decidida paixão pelas aventuras. Ter mulher e filhos parecia humanamente impossível ao homem que consagrou a sua vida a um princípio de que o sucesso, por mais completo que seja, não pôde deixar nunca o sossego necessário a um chefe de família. O destino havia decidido o contrário; depois da morte de Luiz, Eduardo e dos meus outros antigos, achava-me em um isolamento completo, parecendo-me existir só no mundo.

Não me havia ficado um só desses amigos de que o coração tem necessidade como a vida de alimento. Os que tinham escapado, eram como já disse estrangeiros. Eram sem dúvida dotados de um excelente coração, mas conhecia-os há pouco tempo para ter com eles grande intimidade. Nesse espaço enorme que aquela terrível catástrofe tinha feito em volta de mim, sentia a necessidade de uma alma que me amasse, porque sem alma, a existência era-me insuportável, quase impossível. Havia, é verdade, encontrado Rossetti, isto é, um irmão; mas Rossetti obrigado pelos deveres do seu emprego não podia viver comigo, vendo-o apenas uma vez por semana. Tinha pois necessidade de alguém que me amasse. A amizade é o fruto do tempo, e é por isso necessário muitos anos para amadurecer, enquanto que o amor é como o relâmpago, filho muitas vezes da tempestade. Mas que importava! Não sou eu dos que preferem as tempestades à bonança e sossego da alma.

Era pois uma mulher que se me tornava necessária; só uma mulher me podia curar, uma mulher quer dizer, o único refúgio, um anjo consolador, a estrela da tempestade. A mulher é uma divindade que nunca se implora em vão, especialmente quando se é desgraçado.

Era com este incessante pensamento que, do meu camarote, a bordo do Itaparica, voltava sem cessar o meu olhar para a terra. Dali descobria formosas meninas ocupadas em diferentes trabalhos domésticos. Uma delas, principalmente, atraía-me a atenção. Mandaram-me desembarcar. Imediatamente me encaminhei para a casa sobre que há tanto tempo se fixava o meu olhar. O coração batia-me apressado, mas tinha formado uma dessas resoluções que uma vez tomadas, nunca mais enfraquecem. – Um homem convidou-me a entrar, – teria-o feito ainda mesmo que ele o proibisse – tinha-o visto uma vez – vi sua filha e disse-lhe: “Virgem pertences-me!” Havia por estas simples palavras criado um laço que só a morte podia quebrar. – Tinha encontrado um tesouro proibido, mas de tal preço!... Se houve uma falta cometida, a responsabilidade só a mim pertence; se foi uma falta, unirem-se dois corações, despedaçando a alma

de um inocente.

Mas ela está morta e ele vingado – Onde conheci a grandeza da minha falta? – Na embocadura do Cambriu no dia em que esperando disputá-la à morte, lhe apertava convulsivamente o pulso para contar as suas últimas pulsações, absorvendo o seu alento fugitivo... Beijava os seus lábios moribundos, e apertava nos meus braços um cadáver, chorando lagrimas de desesperação.

Nota de Alexandre Dumas:

Quando acabei de ler este capitulo fiquei admirado de o ver pouco compreensível. Voltei-me para Garibaldi, e disse-lhe:

– Lê isso, acho aí uma grande falta.

Leu, e depois de um momento de silêncio, disse suspirando:

– É necessário que isso fique como está.

Dois dias depois recebi um manuscrito intitulado – Anita Garibaldi.

XXV – O Cruzeiro

O general tinha determinado que eu saísse com três navios armados para atacar as bandeiras imperiais que cruzavam na costa do Brasil. Preparei-me para cumprir esta árdua tarefa, reunindo todos os elementos necessários ao meu armamento. Os meus três navios eram o Rio Pardo, comandado por mim – a Caçapava, por Griggs, ambos galeotas e o Seival commandado pelo italiano Lourenço. A embocadura da lagoa estava bloqueada pelos navios de guerra imperiais, mas apesar disso saímos de noite e sem ser incomodados. –Anita, então companheira de toda a minha vida, e por consequência, de todos os meus perigos, tinha querido acompanhar-me.

Chegados à altura de Santos, encontramos uma corveta imperial que durante dois dias, nos deu caça inutilmente. No segundo dia aproximamo-nos da ilha do Abrigo, onde tomamos duas sumacas carregadas de arroz. Continuamos o cruzeiro e fizemos mais algumas presas. Oito dias depois da nossa partida, dirigi-me para a lagoa.

Não sei por que, tinha um sinistro pressentimento de que ali se passava, visto que antes da nossa partida já um certo descontentamento se manifestava contra nós. Estava além disso prevenido da aproximação de um corpo considerável de tropas, comandadas pelo general Andréa, a quem a pacificação do Pará, tinha dado uma grande reputação.

Na altura da ilha de Santa Catarina, quando voltávamos, encontramos um patacho de guerra brasileiro. – Tinha unicamente comigo dois navios, o Rio Pardo e o Seival, porque a Caçapava havia muitos dias que se tinha separado de nós por causa de um grande nevoeiro. Quando descobrimos o navio inimigo estava na nossa proa, por isso não havia meio de o evitar. Navegamos então direito a ele e o atacamos resolutamente. Começamos o fogo e o inimigo respondeu-nos, mas este combate teve um êxito medíocre por causa do muito mar. – O seu resultado foi a perda de algumas das nossas presas, porque os seus comandantes assustados pela superioridade do inimigo, baixaram os pavilhões. – Outros deram à costa.

Uma só das nossas presas foi salva. Era capitaneada por Ignacio Bilbáo, o nosso bravo biscainho que a conduziu a Imbituba, que então se achava em nosso poder. O Seival tendo a peça desmontada e fazendo água, tomou o mesmo caminho, e eu fui obrigado a segui-los porque estava com muito poucas forças para andar só no mar.

Entramos em Imbituba, impelidos pelo nordeste. Com este vento era-nos impossível entrar na lagoa e com certeza os navios imperiais estacionados em Santa Catarina, informados pelo Andorinha, assim se chamava o navio de guerra

com quem tínhamos combatido, não tardariam a vir atacar-nos; era pois necessário prepararmo-nos para o combate. O canhão desmontado do Seival foi içado num promontório que fechava a baía do lado do levante, e ali construímos uma bateria coberta com cestões.

Com efeito, no dia seguinte ao romper da aurora, vimos três navios dirigindo-se para nós. O Rio Pardo, começou então um combate muito desigual, porque os imperiais nos eram muito superiores em número.

Havia querido desembarcar Anita, mas ela não tinha consentido, e como do fundo da minha alma admirava a sua coragem e me achava orgulhoso pelo seu valor, cedi aos seus rogos.

O inimigo favorecido na sua manobra pelo vento que então fazia, manteve-se à vela, canhoneando-nos furiosamente. Podia desta maneira aproveitar todos os seus canhões, dirigindo todo o seu fogo contra a nossa galeota. Nós, pelo nosso lado, combatíamos com a mais obstinada resolução e estávamos tão perto que nos podíamos servir das nossas clavinas; as perdas eram de parte a parte importantes. As nossas contudo eram mais numerosas em razão da inferioridade numérica, e a coberta já se achava cheia de mortos e feridos. Apesar de tudo isto, apesar do flanco do nosso navio estar crivado de balas, da nossa mastreação ter avaria, estávamos resolvidos a não ceder, deixando-nos matar até ao último. É verdade que éramos conservados nesta resolução pela vista da amazona brasileira que estava a bordo. Anita, que, como já disse, não havia querido desembarcar, tinha também tomado parte no combate, e com a clavina na mão, coadjuvava-nos admiravelmente. Éramos também, devo dizê-lo, perfeitamente sustentados pelo bravo Manuel Rodrigues, comandante da nossa bateria de terra.

O inimigo estava muito encarniçado, especialmente contra a galeota. Muitas vezes durante este combate, aproximou-se tanto que julguei que ia abordá-la, o que me dava muito prazer, porque estávamos preparados para tudo.

No fim de cinco horas de uma luta terrível, o inimigo, com grande admiração nossa, retirou-se. Soubemos depois que a morte do capitão da Bella Americana tinha sido a causa.

Tive durante este combate uma das mais vivas e cruéis emoções da minha vida. Anita achava-se de sabre em punho em cima do tombadilho, animando os meus homens. Repentinamente uma bala a derrubou e a dois dos meus camaradas. Corri para ela, julgando não encontrar mais que um cadáver, mas Anita levantou-se sã e salva; os dois homens estavam mortos; supliquei-lhe então que descesse para a câmara.

– Sim, vou descer, me disse ela, mas é para enxotar os poltrões que lá se foram esconder.

E bem depressa tornou a aparecer, trazendo por diante dois ou três

marinheiros, envergonhados, por serem menos bravos que uma mulher.

Passamos o resto do dia a sepultar os mortos e a reparar as avarias, que não eram pequenas, causadas à galeota pelo fogo do inimigo. No dia seguinte os imperiais não apareceram, porque sem dúvida se preparavam para um novo ataque; vendo isto embarcamos o nosso canhão e levantando âncora pela noite, dirigimo-nos para a lagoa.

Quando o inimigo deu pela nossa partida, começou a perseguir-nos, mas só no dia seguinte é que nos pôde enviar algumas balas que não nos causaram prejuízo algum. Entramos, pois, sem outro incidente na lagoa, onde fomos festejados pelos nossos, que se admiravam de termos escapado a um inimigo tão superior em número.

XXVI – Saque de Imaruhy

Outros acontecimentos nos esperavam na lagoa.

Como o inimigo continuava a avançar por terra, e em tal número que era loucura tentar resistir-lhe, e como por outro lado as nossas tolices e brutalidades nos tinham indisposto com os habitantes de Santa Catarina que estavam prontos a revoltarem-se e reunirem-se aos imperiais, tendo-se já rebelado a vila de Imaruhy, situada na extremidade da lagoa, foi-me determinado pelo general Canabarro que fosse castigar este desgraçado lugar, pelo ferro e pelo fogo: vi-me obrigado a obedecer a esta ordem.

Como os habitantes e a guarnição tinham feitos preparativos de defesa por um ataque pelo mar, embarquei então a três milhas de distância e assaltei-os, no momento em que menos o esperavam, pelo lado da montanha. Surpreendida e batida a guarnição, foi posta em fuga, achando-nos senhores da vlla.

Desejo não só para mim, como para todos os indivíduos, a não receber uma ordem igual à que eu tinha recebido, e que era por tal modo terminante, que não havia meio de a iludir. Ainda que existam longas e prolixas relações de acontecimentos iguais, julgo impossível que a mais terrível se aproxime da verdade. Deus me perdoe! Mas não tenho em toda a minha vida, sucesso que me deixasse tão amargas recordações como o saque de Imaruhy. Ninguém pôde fazer ideia do que sofri para alcançar que, deixando livre a pilhagem, não se atentasse contra a vida de pessoa alguma, limitando a destruição às coisas inanimadas; alcancei o que pretendia, mas enquanto às propriedades foi impossível evitar a desordem. Nem a autoridade de comandante, nem os castigos puderam alcançar coisa alguma. Cheguei a ameaçá-los com a volta do inimigo.

Espalhei o boato de que ele tendo recebido reforços vinha atacar-nos; mas tudo foi inútil, e na verdade, se o inimigo tornasse atrás, achando-nos assim debandados, ter-nos-ia, sem muita dificuldade, aniquilado. Infelizmente, a vila ainda que pequena, tinha muitos armazéns cheios de vinho e de licores, de modo, que excetuando-me, porque não bebo senão água, e alguns oficiais que consegui conservar ao pé de mim, tudo se achava embriagado. Além disso os meus soldados eram na sua maioria recrutas, homens que eu apenas conhecia, e por conseguinte indisciplinados. Cinquenta soldados determinados, atacando-nos de improviso teriam nos desbaratado. Enfim à força de ameaças e esforços, consegui reembarcar estes animais selvagens.

Conduziram a bordo alguns viveres e objetos salvos da pilhagem, destinados à divisão e voltamos à lagoa.

Durante este tempo o coronel Teixeira com a sua vanguarda retirava-se diante do inimigo que avançava rápido e vigoroso.

Quando chegamos à lagoa, começavam a conduzir as bagagens à margem direita, e bem depressa os soldados deviam segui-las.

XXVII – Novos Combates

Tive muito que fazer no dia em que se efetuou a passagem da divisão para a margem meridional, porque, se o exército era pouco numeroso, as bagagens pareciam não ter fim. – Na parte mais estreita do rio a correnteza redobrava de violência. – Trabalhamos pois desde o nascer do sol até ao meio dia para fazer passar a divisão.

Pelo meio dia começou a aparecer a flotilha inimiga, composta de vinte e duas velas. Combinavam os seus movimentos com a tropa de terra, e traziam a bordo, além da equipagem, grande número de soldados. Subi à montanha mais próxima para observar o inimigo, e vi imediatamente que o seu plano era reunir as suas forças à entrada da lagoa. Dei logo parte ao general Canabarro que no mesmo momento deu as ordens convenientes, mas não obstante essas ordens os nossos homens não chegaram a tempo de defender a entrada da lagoa. Uma bateria que havíamos construído na embocadura da lagoa e que era dirigida pelo bravo Capotto resistiu francamente, pois não tinha senão peças de pequeno calibre, e além disso mal servidas por artilheiros in-hábeis. Os nossos três pequenos navios estavam reduzidos à metade da equipagem, porque a outra metade tendo sido mandada para terra para coadjuvar a passagem das tropas, não se nos juntou, deixando-nos sós para combater um tão temível inimigo.

Durante este tempo o inimigo ajudado pelo vento e maré vinha para nós com toda a força. Dirigi-me então a toda a pressa para o meu posto a bordo do Rio Pardo, onde já a minha corajosa Annita tinha começado o combate, apontando e dando ela mesmo fogo à peça de que se tinha encarregado, animando com a voz e o exemplo os meus companheiros um pouco atemorizados.

O combate foi horrível e mais mortífero que se poderia julgar. Tive poucos mortos, porque, como já disse, metade da equipagem estava em terra, mas dos seis oficiais que estavam nos três navios só eu escapei são e salvo.

Todas as nossas peças estavam desmontadas, mas o combate continuou a clavina e não cessamos de atirar enquanto o inimigo passou por diante de nós. Durante o combate Anita ficou sempre ao meu lado, no posto mais perigoso, não querendo nem desembarcar nem aproveitar-se de nenhum alívio, e desprezando mesmo o inclinar-se como faz o homem mais bravo, quando vê a mecha aproximar-se do canhão inimigo. Sofrendo mil cuidados por vê-la exposta a tantos perigos, julguei encontrar um meio de a afastar.

Ordenei-lhe, foi necessário uma ordem para me obedecer, que fosse pedir reforço ao general dando-lhe a minha palavra de que se me enviasse esse reforço, entraria na lagoa perseguindo os imperiais e tratando-os de tal maneira que eles não pensariam em desembarcar, embora tivessem que largar fogo à sua

flotilha. Obriguei Anita a prometer-me que ficaria em terra, enviando-me a resposta por um homem seguro; mas com bastante pesar meu foi Anita que trouxe a resposta do general:

“Não tinha soldados para me mandar, e ordenava-me que não largasse o fogo à esquadra inimiga, mas que viesse para a terra salvando as armas e munições”

Obedeci. Então debaixo de um fogo que não cessou um momento, conseguimos fazer transportar para terra as armas e munições. Foi Anita quem falta de oficiais, dirigiu esta operação, enquanto eu passando de um navio a outro, colocava no lugar mais inflamável de cada um deles, o fogo que o devia devorar.

Foi uma missão terrível que me fez passar uma tríplice revista de mortos e feridos. Era um verdadeiro açougue de carne humana; andava-se por cima de montões de cadáveres. O comandante do Itaparica João Henrique, da Laguna, estava deitado no meio de dois terços da sua equipagem com uma bala que lhe tinha feito no meio do peito um buraco, por onde podia entrar perfeitamente um braço. O pobre John Griggs tinha, como já disse o corpo separado em dois por um tiro de metralha. Fiquei sufocado, à vista de semelhante espetáculo, e perguntei a mim mesmo como poderia ter escapado.

Num momento uma nuvem de fumo envolveu os nossos navios e os nossos bravos tiveram ao menos uma sepultura digna deles.

Enquanto tinha cumprido a minha obra de destruição, Anita pela sua parte havia cumprido a sua salvação. Para transportar à praia todas as nossas armas e munições fez talvez vinte viagens ao navio, passando constantemente debaixo do fogo do inimigo. Andava em um pequeno barco com dois remadores, e os pobres diabos curvavam-se o mais possível para evitar as balas.

Anita, pelo contrário na popa, no meio da metralha, estava direita e sossegada como uma estatua de Pallas, e Deus que me cobria com uma das suas mãos, estendia-lhe também essa proteção.

Era noite fechada quando tendo reunido todos os marinheiros que haviam escapado, me juntei com a nossa divisão, e nos retiramos para o Rio Grande, seguindo o mesmo caminho que alguns meses antes tínhamos atravessado com o coração cheio de esperança e precedidos pela vitória.

XXVIII – A Cavalo

No meio das peripécias da minha aventureira existência, tenho tido sempre horas bem agradáveis, e ainda que esta em que me achava não parecesse à primeira vista fazer parte das que me tem deixado uma grata lembrança, foi ao menos cheia de emoções.

A testa de alguns homens, resto de tantos combatentes, que tinham com justa razão merecido o titulo de bravos, caminhava a cavalo, orgulhoso dos vivos, orgulhoso dos mortos, e quase orgulhoso de mim mesmo. Ao meu lado ia a rainha da minha alma, a mulher digna de toda a admiração. Estava lançado em uma carreira mais atraente do que a de marinha: que me importava pois, como o filósofo grego, não possuir senão o que tinha comigo? Que me importava servir a uma república pobre, que não pagava a ninguém, e de que ainda que fosse rica, eu não teria aceitado coisa alguma? Não tinha ao lado um sabre, uma clavina passada através do arção do meu cavalo? Não tinha perto de mim Anita, o meu tesouro, caráter tão ardente como o meu pela liberdade dos povos? Não encarava ela os combates como um divertimento, como uma simples distração? O futuro sorria-me sempre afortunado, e quanto mais me apresentavam selvagens e desertas as solidões americanas, mais deliciosas e belas me pareciam.

Continuamos a retirar para as Torres, limite das duas províncias, onde estabelecemos o nosso acampamento. O inimigo contentou-se em retomar a lagoa, não nos perseguindo.

A divisão Cunha que vinha da província de S. Paulo, juntando-se com a divisão Andréa, dirigiam-se para Cima da Serra, povoação pertencente ao Rio Grande.

Os serranos nossos amigos, pediram socorro ao general Canabarro, que mandou em seu auxilio uma expedição às ordens do coronel Teixeira. Fomos parte desta expedição. Recebidos pelos serranos, comandados pelo coronel Aranha, batemos completamente o inimigo em Santa Vitória. Cunha afogou-se no rio Pelotas e a maior parte das suas tropas ficou prisioneira.

Esta vitória pôs debaixo do domínio da república as duas povoações de Vaccaria e Lages, e nós entramos em triunfo nesta última.

A notícia da invasão imperial tinha feito acordar o partido brasileiro, e Mello, chefe inimigo, tinha enviado a esta povoação o seu corpo de cavalaria, composto quase de quinhentos homens.

O general Bento Manoel, encarregado de o atacar não o tinha podido fazer por causa da sua retirada, contentando-se em enviar o coronel Portinho em perseguição de Mello, que se dirigia sobre S. Paulo.

A posição que ocupávamos e as nossas forças, permitia-nos não só opor-nos à

passagem de Mello, mas também de o aniquillar. Mas a fortuna não o quis: o coronel Teixeira incerto se o inimigo vinha por Vaccaria ou por Coritibanos, dividiu a sua tropa em dois corpos, enviando o coronel Aranha à Vaccaria com a melhor cavalaria, enquanto que nós com a infantaria e só com alguns soldados de cavalaria, tirados quase todos dos prisioneiros inimigos, nos dirigimos para Coritibanos. Foi este o caminho que tomou o inimigo.

Esta divisão das nossas forças nos foi fatal: a recente vitória, o caráter ardente do nosso chefe, e as notícias que tínhamos do inimigo fizeram com que o desprezássemos mais do que merecia.

Em três dias de marcha chegamos a Coritibanos e acampamos à pouca distância de Mampituba, por onde julgávamos que deviam passar os imperiais. Colocamos um posto na praia e sentinelas nos sítios que julgamos conveniente, e ficamos muito descansados.

Quanto a mim, o hábito que tinha destas guerras, fez com que, como se costuma dizer, dormisse com um olho aberto e outro fechado.

Pela meia noite o posto que se achava na praia foi atacado e com tanta fúria que os nossos soldados tiveram apenas tempo de fugir, trocando alguns tiros com o inimigo.

Quando senti o primeiro tiro, pus-me logo a pé dando o grito de “Às armas.” Em poucos minutos todos estávamos prontos para o combate. Algum tempo depois de nascer o dia, o inimigo apareceu, e tendo passado o rio, parou a alguma distância formado em batalha. Vendo o número superior do inimigo, o coronel Teixeira deveria ter expedido correios para chamar em seu auxílio a segunda divisão, mas Teixeira temendo que ele se retirar-se, sem ter ocasião de combater, lançou-se no combate importando-se pouco da sua inferioridade numérica e da posição vantajosa que o inimigo ocupava.

Este, aproveitando-se das irregularidades do terreno tinha estabelecido a sua linha de batalha em uma colina muito elevada, diante da qual existia um vale profundo obstruído por muitos abrolhos tendo além disso emboscado nos seus flancos alguns pelotões. Teixeira ordenou o ataque, que começou com todo o vigor. O inimigo então fingiu retirar-se. Os nossos soldados começaram a persegui-los sem cessar, à fuzilaria, mas repentinamente foram atacados pelos pelotões emboscados que eles não tinham visto e que tomando-os pelos flancos os obrigaram a passar o vale em desordem. Perdemos neste combate um dos nossos melhores oficiais, Manoel N... que era muito estimado pelo chefe. A nossa linha, bem depressa organizada, de novo atacou o inimigo com tal impetuosidade, que o pôs em retirada.

O número de mortos e feridos de parte a parte foi pouco numeroso, porque as tropas que tomaram parte no combate eram diminutas.

O inimigo retirou-se com precipitação e nós fomos em sua perseguição com grande encarniçamento. Infelizmente como tínhamos pouca cavalaria não podemos perseguir a sua, que fugia a todo o galope. Aproximando-se do passo de Manpituba,o chefe da nossa vanguarda, major Jacintho participou ao coronel que o inimigo fazia passar o rio em uma grande desordem os seus bois e cavalos, que provava de que ele queria continuar a retirar-se. Teixeira não hesitou um momento; ordenou ao nosso pequeno esquadrão que metesse a galope, recomendando-me que o seguisse o mais de perto possível com a minha infantaria,

A retirada do inimigo o não era contudo senão uma astúcia, e infelizmente esta astúcia teve para nós terríveis resultados. Por causa das irregularidades do terreno e pela precipitação com que o tinha atravessado, o inimigo achou-se fora da nossa vista e chegando ao rio, havia, como nos tinha participado o major Jacintho, passado para a outra banda os bois e cavalos, mas os soldados tinham ficado ocultos por detrás de colinas que os escondiam completamente à nossa vista.

Tomadas estas precauções e tendo deixado um pelotão para sustentar a sua linha de atiradores, os imperiais, sabendo da nossa imprudência em deixar a infantaria na retaguarda, fizeram uma contramarcha e repentinamente os seus esquadrões apareceram no cimo de um vale.

O nosso pelotão que perseguia o inimigo na sua fuga simulada, foi o primeiro a conhecer o laço, mas infelizmente não teve tempo para o evitar. Atacado pelos flancos foi completamente destroçado. Os três outros esquadrões de cavalaria tiveram a mesma sorte, não obstante a coragem e resolução de Teixeira e de alguns dos nossos oficiais do Rio Grande: em alguns momentos a nossa cavalaria estava espalhada em todas as direções.

Os soldados de cavalaria eram, como já disse, na sua maioria, prisioneiros de Santa Vitória, e tínhamos feito mal em contar tanto com eles, porque na realidade não podiam ser muito afeiçoados à nossa causa, e além disso sendo soldados novos vindos da província, estavam pouco acostumados a andar a cavalo. Assim logo que teve lugar o primeiro choque, fugiram.

Montado num excelente cavalo, depois de ter excitado a minha infantaria a marchar o mais rapidamente possível, tinha-lhe tomado a frente e chegado ao alto de uma colina, de onde vi o triste resultado deste combate.

Os meus infantes fizeram todo o possível para chegar a tempo, mas tudo foi em vão. Do alto da eminência, onde me achava, julguei que era muito tarde para que eles nos pudessem dar a vitória, mas muito cedo para ainda a não julgarmos perdida. – Chamei uma dúzia dos meus antigos companheiros, os mais ligeiros e mais bravos, e deixando o major Peixoto encarregado dos restantes, tomei com

este punhado de valentes, uma forte posição no cimo de uma colina fortificada por muitas árvores. – Dali fizemos frente ao inimigo, que conheceu que ainda não era totalmente vencedor, e servimos de ponto de apoio àqueles dos nossos que não tinham perdido completamente a coragem. – O coronel veio para o nosso lado com alguns cavalos, depois de ter obrado milagres de coragem. – O resto da infantaria uniu-se a nós então e a defesa começou terrível e mortífera.

Fortes na nossa posição e no número de setenta e três, lutamos com vantagem. O inimigo tendo falta de infantaria e pouco habituado a combater contra esta arma, dava cargas inutilmente: quinhentos homens de excelente cavalaria, brilhante e orgulhosa pela vitória, cansaram-se inutilmente diante de um punhado de homens, sem alcançar vantagem alguma. Contudo, apesar desta vantagem momentânea era necessário não dar ao inimigo tempo de reunir as suas forças, de que a metade estava ainda empregada a perseguir os nossos fugitivos, e sobretudo era necessário procurar um refúgio mais seguro do que aquele em que nos achávamos. – Uma floresta se nos apresentava à vista na distância de quase uma milha; começamos então a nossa retirada, dirigindo-nos para ela. – Em vão o inimigo tentava romper o nosso quadrado, em vão nos dava repetidas cargas, quando o terreno o permitia. Tudo foi inútil.

Foi para nós uma grande fortuna, por estarem os oficiais armados de carabinas, e como todos éramos homens aguerridos, conservamo-nos unidos, fazendo face ao inimigo por qualquer lado que se apresentava, e recuando em excelente ordem, fazendo um fogo terrível e bem dirigido, ganhamos o nosso refúgio, onde o inimigo não se atreveu a penetrar. Uma vez na floresta encontramos um claro e sempre unidos e de fuzil na mão, esperamos pela noite.

O inimigo gritava-nos a todos os momentos – Rendam-se, mas nós só lhe respondíamos com o silêncio.

XXIX – A Retirada

Chegada a noite, preparamo-nos para partir, sendo o nosso desígnio o tomar novamente o caminho de Lages. A maior dificuldade que tínhamos a vencer era transportar os feridos. O major Peixoto não nos podia coadjuvar, porque tinha um pé atravessado por uma bala.

Pelas dez horas da noite, estando os feridos acomodados o melhor possível, começamos a nossa marcha, abandonando o prado e seguindo a linha da floresta, que coroa os cumes da serra do Espigão, sobre uma extensão de trinta graus de latitude, não conheço a sua extensão em longitude, mas deve ser imensa.

As três povoações: Cima da Serra, Vaccaria e Lages, são, segundo julgo ter já dito, situadas nos prados desta floresta. Coritibanos, espécie de colônia, estabelecida pelos habitantes de Coritiba, situada no distrito de Lages, província de Santa Catarina, era o teatro do episódio que estou contando: costeávamos pois o nosso bosque isolado, para nos aproximarmos o mais possível da floresta, tratando de nos juntarmos à divisão de Aranha, que se havia infelizmente separado de nós.

À saída do bosque aconteceu-nos um desses sucessos que provam como o homem é filho das circunstâncias e o poder que tem o pânico, ainda sobre os mais corajosos. Marchávamos em silêncio, como convinha à nossa situação, dispostos a combater o inimigo se se opusesse à nossa retirada. Um cavalo que se achava na ourela da floresta, sentindo a pouca bulha que fazíamos, tomou medo e fugiu.

Ouviu-se então gritar uma voz:

– É o inimigo!

No mesmo momento os setenta e três homens que tinham resistido a quinhentos com tanta coragem que se podia dizer que haviam sido os vencedores, tomaram medo e começaram a fugir, dispersando-se de tal modo, que foi uma felicidade o não ter algum dos nossos acordado o inimigo, dando-lhe o sinal de alarme.

Consegui com muito trabalho reunir alguns deles, aos quais pouco a pouco se foi juntando o resto, de modo que ao raiar da aurora estávamos na ourela da floresta, dirigindo-nos para Lages.

O inimigo que não havia dado pela nossa fuga, procurou-nos inutilmente no dia seguinte.

No dia do combate, o perigo tinha sido grande, a fadiga enorme, a fome imperiosa, a sede ardente, mas era necessário combater, combater pela vida e esta ideia dominava todos. Mas uma vez na floresta, tudo mudou. Faltavam todas as coisas e a miséria, não tendo a distração do perigo, fez-se sentir terrível,

cruel, insuportável. A falta de viveres, o abatimento de todos, as feridas de alguns, e a carência dos meios de as tratar, lançaram-nos no desânimo.

Ficamos quatro dias sem encontrar senão raízes e julgo desnecessário descrever a fadiga que tivemos para achar nesta floresta um caminho,onde não existia o mais pequeno atalho e onde a natureza muito fecunda, faz a cada passo encontrar barrancos enormes.

Alguns dos meus homens desertaram desesperados e tivemos grande trabalho para os juntarmos e impor-lhes respeito. Não existia senão um único recurso para dissipar este desânimo e fui eu que o encontrei. Disse a todos que lhes dava a liberdade de se retirarem para onde quisessem, ou de continuarem a marchar unidos e em corpo, protegendo os feridos e defendendo-se mutuamente. O remédio foi eficaz. Desde que cada um foi livre de fazer o que quisesse, ninguém pensou mais em desertar e a confiança voltou a todos.

Cinco dias depois do combate, encontramos uma picada, atalho da largura de um homem, e raras vezes de dois, que nos conduziu a uma casa, onde nos refrescamos, matando dois bois.

Continuamos o nosso caminho para Lages, onde chegamos num dia de perfeito inverno.

XXX – Estada em Lages e nos Arrabaldes

A boa população de Lages que nos tinha festejado tanto, quando éramos vitoriosos, havia quando recebeu a notícia da nossa derrota mudado de opinião, e alguns dos mais resolutos tinham restabelecido o poder imperial. Estes fugiram à nossa aproximação, e como a maior parte deles eram negociantes, tinham deixado os seus armazéns providos de muitos objetos. Foi uma providência, porque julgamos poder sem remorsos, aproveitar-nos das mercadorias dos nossos inimigos, e graças à variedade do comércio que exerciam, melhorar muito a nossa posição.

Entretanto Teixeira escreveu a Aranha ordenando-lhe que se nos unisse, tendo por este tempo a notícia da chegada do coronel Portinho que tinha sido enviado por Bento Manuel para seguir esse mesmo corpo de Mello, encontrado desgraçadamente por nós em Coritibanos.

Tinha servido sinceramente na América à causa dos povos, e havia lá sido, como na Europa, o adversário do absolutismo. Tenho algumas vezes admirado os homens, muitas lamentado, mas nunca odiado. Quando os tenho encontrado egoístas e tratantes, tenho posto o seu egoísmo e tratantices de parte, metendo-os na conta da nossa desgraçada natureza. Como estou afastado duas mil léguas do lugar onde estes acontecimentos tiveram lugar, e já são passados doze anos, pode-se por isso acreditar na minha imparcialidade. Digo o tanto pelos meus amigos como pelos meus inimigos: eram intrépidos filhos do continente americano.

Era uma audaciosa empreitada a de defender Lages contra um inimigo dez vezes superior, e além disso orgulhoso pela recente vitória. Separados dele pelo rio Canoas, que nós não tínhamos podido guarnecer suficientemente, esperamos durante muitos dias a junção de Aranha e Portinho, e durante este período o inimigo foi sustentado por um punhado de homens, atacando-o logo que nos chegaram os reforços, mas foi ele que se retirou sem aceitar o combate, para a província vizinha de S. Paulo, aonde esperava encontrar um poderoso socorro.

Foi nesta circunstância que eu verifiquei os vícios geralmente imputados ao exército republicano, que se compunha de homens cheios de patriotismo e coragem, mas que não ficam juntos às bandeiras, senão quando o inimigo as ameaça, abandonando-as quando este se afasta. Este costume foi quase a nossa ruína, e poderia causar a nossa perda nestas circunstâncias, porque se o inimigo tivesse mais paciência, teria podido destruir-nos totalmente.

Os serranos foram os primeiros a abandonar as fileiras. Os soldados de Portinho em breve os seguiram. Note-se bem que os desertores não só levavam os seus cavalos, mas os da divisão. Em poucos dias as nossas forças se

separaram com tanta rapidez que fomos obrigados a abandonar Lages, retirando-nos para a província do Rio Grande, temendo a presença desse inimigo, que tinha sido obrigado a fugir diante de nós, e de que a fuga nos tinha feito vencedores.

Que estes exemplos sirvam aos povos que querem ser livres, e que não é com flores, festas e iluminações que se combatem os soldados aguerridos do despotismo, mas com soldados mais disciplinados e aguerridos do que eles, não querendo para generais os que não são capazes de disciplinar um povo depois de o haver sublevado.

É verdade que também há povos que não merecem serem sublevados: a gangrena não tem cura.

O resto das nossas forças assim dizimadas – quando estavam privadas das coisas mais necessárias, principalmente de vestuário – privação terrível na aproximação do inverno sombrio e rude nestas regiões elevadas, – o resto das nossas forças, começou a desmoralizar-se e a pedir para se retirar para suas casas. Teixeira foi obrigado a ceder à essa exigência, e ordenou-me de descer a montanha e de me reunir ao exército, enquanto se preparava para fazer outro tanto. Esta retirada foi rude por causa da escabrosidade dos caminhos e das hostilidades ocultas dos habitantes da floresta, inimigos encarniçados dos republicanos.

Em número de setenta, pouco mais ou menos, descemos a Picada do Pedroso, já disse o que era uma picada – e tivemos que afrontar emboscadas repetidas e imprevistas que nós atravessamos com uma felicidade incrível devida à resolução dos homens que eu comandava, e um pouco à confiança que geralmente inspiro aos que me seguem. O atalho que atravessamos era tão estreito que unicamente podiam passar dois homens a par, e como o inimigo era nascido no país, por isso conhecedor do terreno, emboscava-se nos sítios mais favoráveis, rodeando-nos e dando gritos horríveis, enquanto que um círculo de chamas nos cercava, sem que nós pudéssemos ver os atiradores, que felizmente faziam mais barulho do que obra. De resto a união que os meus homens tiveram no perigo foi tal, que apenas alguns foram feridos, tendo só um cavalo morto.

Estes acontecimentos fazem recordar as florestas encantadas de Tasso, onde as árvores viviam.

Chegamos então a Mala-Casa, onde se achava Gonçalves, que reunia as funções de presidente às de general em chefe.

XXXI – Batalha de Taquari

O exército republicano preparava-se para se pôr em marcha. O inimigo depois da derrota de Rio Pardo, tinha-se refeito em Porto Alegre, de onde tinha saído debaixo das ordens do velho general Manoel Jorge Rodrigues, e havia estabelecido o seu acampamento nas praias de Cahy, onde esperava a junção do general Calderon, que com um corpo considerável de cavalaria se lhe devia reunir.

O grande inconveniente da dispersão das tropas republicanas quando não estavam em face do inimigo, dava-lhe facilidade em tudo que ele queria empreender, de modo que no momento em que o general Netto, que comandava as forças, teve reunido um número suficiente de soldados para bater Calderon, este tinha já reunido no Caby, a maior parte do exército imperial.

Era absolutamente indispensável ao presidente, se queria bater o inimigo, reunir-se à divisão Netto, e foi por isto que ele levantou o cerco. Esta manobra e a junção que se lhe seguiu, tiveram um feliz resultado e fizeram grande honra à capacidade militar de Bento Gonçalves. Partimos de Mala-Casa com o exército, tomando a direção de S. Leopoldo, passando a duas milhas das forças inimigas, e depois de dois dias e duas noites de marcha contínua, nas quais quase que não comemos nem bebemos, chegamos perto de Taquari, onde encontramos o general Netto que nos procurava.

Disse que havíamos passado quase sem comer, e disse a verdade. Logo que o inimigo soube da nossa aproximação, marchou resolutamente ao nosso encontro e muitas vezes nos alcançou em quanto descansávamos um momento e estávamos ocupados a assar alguma carne, nosso único alimento. Por dez vezes estando a comida quase pronta, as sentinelas gritavam às armas, e era por isso necessário ir combater em lugar de jantar ou almoçar. Enfim fizemos alto em Pinheirinho, a seis milhas de Taquari, e ali tomamos todas as disposições para o combate.

O exército republicano, forte de mil homens de infantaria e cinco mil de cavalaria, ocupava as alturas de Pinheirinho, montanha coberta de pinheiros, como indica o seu nome, pouco elevada, mas dominando as montanhas vizinhas. A infantaria estava no centro comandada pelo velho coronel Crescencio. A ala direita obedecia ao general Netto e a ala esquerda a Canabarro. As duas alas eram compostas unicamente de cavalaria que sem exageração era a melhor do mundo. A infantaria era também excelente, e o desejo de começar o combate era geral.

O coronel João Antônio formava a reserva com um corpo de cavalaria.

O inimigo do seu lado tinha quatro mil homens de infantaria, três de cavalaria

e algumas peças. Estava do outro lado da pequena torrente que nos separava e a sua aparência era longe de ser miserável. O exército compunha-se das melhores tropas do império, comandadas por um general velho e experimentado.

O general inimigo tinha até então marchado ardentemente em nossa perseguição, e havia tomado todas as posições para um ataque, enquanto as suas peças metralhavam a nossa cavalaria. Os nossos valentes da primeira brigada, às ordens de Netto, tinham tirado os sabres da bainha e não esperavam senão pelo sinal para se lançarem aos dois batalhões que tinham atravessado a corrente. Estes bravos estavam convencidos que ficavam vitoriosos, porque nunca, nem eles nem Netto tinham sido batidos. A infantaria colocada em divisões no alto da colina, e coberta pelas curvas do terreno, estava ansiosa pelo momento do combate.

Os terríveis lanceiros de Canabarro tinham já feito um movimento, envolvendo o flanco direito do inimigo, obrigando-o por isso a mudar de posição, mudança que se tinha feito em desordem.

Este corpo de lanceiros na sua maioria de negros libertos pela república, e escolhidos entre os melhores domadores de cavalos da província, tinha unicamente os oficiais superiores brancos, e nunca o inimigo tinha visto as costas destes filhos da liberdade. As suas lanças que eram maiores do que de ordinário, os seus rostos pretos como azeviche, os seus robustos membros e a sua perfeita disciplina tornava-os o terror dos inimigos.

A voz animadora do chefe já havia feito tremer todos aqueles corações. “Que todos combatam como se tivessem quatro corpos para defender a pátria e quatro almas para a amar”, havia dito esse valente que tinha todas as qualidades de um grande capitão, menos a felicidade.

Quanto a nós, sentíamos, por assim dizer, as palpitações da batalha, e tínhamos a certeza de ganhar a vitória. Nunca em minha vida tinha visto um mais belo, mais magnífico espetáculo. Colocado no centro da nossa infantaria, no alto da colina, descobria todo o campo de batalha. As planícies sobre as quais iam ficar tantos cadáveres, estavam semeadas de plantas baixas e raras, não opondo nenhum obstáculo nem aos movimentos estratégicos nem ao olhar que os seguia, e podia dizer que aos meus pés em poucos momentos seriam resolvidos os destinos da maior parte do continente americano.

Esses corpos tão compactos, tão unidos uns aos outros, vão ser dispersos e derrotados? Todos esses homens serão em um momento cadáveres? Toda essa bela e vigorosa mocidade verá destruídas as suas mais belas esperanças? Vamos! Tocai fanfarras, troai canhões, e que tudo seja decidido como em Zama, Pharsale e Actiam.

Mas não era ainda nesta planície que devia ter lugar o combate. O general

inimigo intimidado pela forte posição que ocupávamos e pela nossa firmeza, hesitou e fez repassar o rio os dois batalhões, tomando a defensiva em lugar da ofensiva. O general Caldeira tinha sido morto no começo do combate e dali provinha, talvez, a hesitação de Jorge. No momento em que ele não nos atacava, não devíamos nós atacá-lo? Tal era a opinião da maioria. Seríamos bem sucedidos? Travando-se o combate nas condições primitivas e conservando a nossa excelente posição, todas as probabilidades eram por nós, mas abandonando-as para seguir um inimigo que nos era quatro vezes superior em infantaria, era necessário dar a batalha no outro lado da corrente.

Era escabroso, ainda que tentador.

Passamos todo o dia em frente do inimigo, fazendo conjecturas e disparando alguns tiros.

Tinham-se-nos acabado os comestíveis, e a infantaria principalmente sofria muito com essa falta. A água também se nos tinha acabado, e a sua falta era-nos mais sensível que a dos viveres. À nossa vista existia uma grande quantidade d'água, mas que infelizmente se achava em poder do inimigo. Por fortuna os nossos soldados estavam habituados a sofrer toda a sorte de privações, e por isso uma só queixa saía dos seus lábios – era a demora em começar o combate.

Oh italianos, italianos, no dia em que sejais unidos e sóbrios, no dia em que possais sofrer todas as privações como os habitantes do continente americano, o estrangeiro, estai certo, não escravizará a vossa pátria, nem enxovalhará os vossos lares. Nesse dia a Itália terá retomado o seu lugar não só no meio; mas à frente das nações do universo.

Durante a noite, o velho general Jorge tinha desaparecido, e ao raiar da aurora foi em vão que o procuramos; só às dez horas, quando se dissipou o forte nevoeiro, foi que o avistamos nas posições de Taquari.

Pouco tempo depois fomos avisados de que a sua cavalaria atravessava o rio. Os imperiais estavam pois em completa retirada; era necessário atacá-los e o nosso general não hesitou.

A cavalaria inimiga havia atravessado o rio, protegida por alguns dos navios imperiais, mas a infantaria tinha ficado na margem esquerda, protegida por estes mesmos navios e pela floresta, sendo por isso a sua posição a mais vantajosa possível. A nossa segunda brigada de infantaria, composta do terceiro e vigésimo batalhão, era a destinada a começar o combate, efetuando-o com a sua costumada bravura. Mas o inimigo era tão superior em número que estes bravos, depois de terem praticado prodígios de valor, foram obrigados a retirarem-se, sustentados pela segunda brigada e primeiro batalhão de artilharia – sem canhões – e de marinha. O combate foi terrível, especialmente na floresta, onde o estrondo da fuzilaria e árvores despedaçadas, no meio de um espesso fumo,

parecia o de uma infernal tempestade.

De cada lado não contamos menos de quinhentos mortos e feridos. Os cadáveres dos nossos valentes republicanos foram até encontrados na ribanceira do rio, para onde eles tinham arrojado o inimigo. Infelizmente estas perdas foram sem resultado, relativamente à sua importância, porque logo que começou a retirada da segunda brigada, a batalha finalizou.

Tendo chegado a noite, o inimigo pôde tranquilamente acabar de passar o rio.

No meio das brilhantes qualidades, das quais julgo ter já falado, citarei alguns dos defeitos do general Bento Gonçalves: o mais deplorável dentre eles era uma certa hesitação, razão provável dos resultados funestos das suas operações. Teria sido melhor que em lugar de lançar esses quinhentos homens tão inferiores em número aos que eles atacavam, tivesse enviado não só toda a infantaria, mas também a sua cavalaria a pé, visto que a dificuldade do terreno não lhe permitia combater a cavalo: uma tal manobra teria certamente dado em resultado uma esplêndida vitória, e fazendo perder pé ao inimigo, nós conseguiríamos lançá-lo ao rio; mas, infelizmente, o general teve receios de aventurar toda a sua infantaria, a única que ele teve e que teve a república.

Em todo o caso, o resultado foi para nós péssimo, porque não sabíamos como reparar as faltas que havia sofrido a infantaria, arma em que o inimigo nos era muito superior, e se achava todos os dias recebendo novos reforços.

O inimigo ficou na margem direita de Taquari, e por isso senhor de todo o campo. Nós tomamos então o caminho de Mala-Casa.

Todas estas falsas manobras pioraram a situação da república. Voltamos a S. Leopoldo e a Setembrina e depois ao nosso antigo acampamento de Mala-Casa, que foi abandonado em alguns dias pelo da Bela-Vista.

Uma operação concebida neste tempo pelo general teria podido pôr-nos em excelente posição, se a fortuna tivesse, como devia, secundado os esforços deste homem tão superior e tão desgraçado.

XXXII – Assalto a S. José do Norte

O inimigo, para poder fazer as suas correrias pelos campos, havia sido obrigado a desguarnecer de infantaria as suas praças fortes. Principalmente S. José do Norte tinha um pequeno número de soldados.

Esta praça, situada na margem setentrional da embocadura da lagoa dos Patos, era uma das chaves da província, não só comercialmente, mas politicamente; a sua posse teria mudado completamente a nossa posição, que nesta ocasião era bem aterradora; a sua tomada tornava-se, pois, mais que útil, era necessária. A vila encerrava objetos de toda a qualidade, indispensáveis para o vestuário dos soldados, que do nosso lado estavam no mais deplorável estado. Não só por esta razão, mas também por dominar o único porto da província, S. José do Norte merecia que fizéssemos todos os esforços para nos apoderarmos dele, mas também porque só deste lado se encontrava a atalaia, isto é, o mastro dos sinais dos navios, que servia para lhes indicar a profundeza das águas na embocadura.

Nesta expedição sucedeu infelizmente o mesmo que tinha acontecido em Taquari. Preparada com admirável ciência e profundo segredo, perdeu-se todo o trabalho por se ter hesitado em dar o último golpe.

Uma marcha forçada de oito dias, a vinte e cinco milhas por dia, nos conduziu defronte dos muros da praça.

Era uma dessas noites de inverno, durante as quais um abrigo e um bom fogo são um benefício da Providência, e os nossos soldados da liberdade, esfaimados, vestidos de pedaços, tolhidos pelo frio e gelados pela chuva de uma horrível tempestade, avançavam silenciosos contra os fortes e trincheiras guarnecidas de soldados.

A pouca distância das muralhas, os cavalos dos chefes toram confiados à guarda de um esquadrão de cavalaria, comandado pelo coronel Amaral, e todos nós preparamos para o combate.

O quem vem lá da sentinela foi o sinal do assalto, e a resistência foi pequena e de pouca duração sobre as muralhas. Á hora e meia da manhã demos o assalto, e às duas horas estivemos senhores das trincheiras e de três ou quatro fortes que as guarneciam e que foram tomados à baioneta.

Senhores das trincheiras e dos fortes, tendo entrado na vila, parecia impossível que ela nos escapasse. Entretanto ainda esta vez, o que parecia impossível nos estava reservado. – Uma vez dentro dos muros, uma vez nas ruas de S. José do Norte, os nossos soldados julgaram que tudo estava acabado, e a maior parte se dispersou, arrastada pelo apetite da pilhagem. Durante este tempo os imperiais voltando à si da sua surpresa, reuniram-se num bairro que se achava fortificado. Ali os fomos atacar, mas repeliram-nos. Os chefes procuravam por

todos os lados os soldados para continuar no ataque, mas era inútil, porque se encontravam alguns, eram carregados dos despojos, ou bêbados, ou tendo quebrado os fuzis à força de despedaçar as portas das casas.

O inimigo do seu lado não perdia o tempo: muitos navios de guerra que se achavam no porto tomaram posição, varrendo com o fogo dos seus canhões as ruas, onde nos achávamos. Pediu-se socorro ao Rio Grande, cidade situada na margem oposta da embocadura dos Patos, enquanto um único forte que havíamos desprezado, servia de refúgio ao inimigo. O primeiro destes fortes, o do imperador, do qual a tomada nos tinha custado um glorioso e mortífero assalto, foi destruído por uma explosão terrível de pólvora, que nos matou bom número de soldados. – Enfim, o mais glorioso dos triunfos, estava mudado, ao meio dia, na mais vergonhosa retirada, e os verdadeiros amigos da liberdade choravam de desesperação.

A nossa perda, comparativamente à nossa situação, foi enorme.

Desde este momento a nossa infantaria não foi senão um esqueleto; enquanto que a pouca cavalaria que tinha vindo na expedição, serviu para proteger a retirada.

A divisão entrou nos seus quartéis da Bella Vista, e eu fiquei em S. Simão com a marinha.

Todos os meus soldados estavam reduzidos a quarenta homens, contando também os oficiais.

XXXIII – Anita

O motivo da minha partida para S. Simão teve por fim, o mandar fazer algumas dessas canoas, construídas de um só tronco de árvore, com a ajuda das quais eu queria abrir comunicações com a outra parte da lagoa. Mas durante os meses que eu ali fiquei, as árvores prometidas não chegaram, e o nosso projeto por consequência não se pôde realizar. Como eu tinha um grande horror pela ociosidade, não podendo construir barcos, dediquei-me a ensinar cavalos. Em S. Simão havia uma grande quantidade de potros que me serviram para fazer cavaleiros dos meus marinheiros.

S. Simão era uma bela e espaçosa herdade, que se achava então abandonada. Pertencia ao conde de S. Simão, antigamente exilado, e de quem os herdeiros estavam também exilados como inimigos da república. Eu não sei se ele era ainda parente do famoso conde de S. Simão, fundador dessa região de que os adeptos me tinham iniciado na paternidade universal; mas nesta ocasião, como a família de S. Simão era considerada por nós como inimiga, tratamos a sua herdade como uma conquista; isto é, apoderamo-nos das casas para ali habitarmos, e dos animais domésticos que ali havia para fazermos o nosso sustento.

Os nossos únicos divertimentos eram ensinar os nossos potros, ou, para melhor dizer, os potros dos S. Simonianos.

Foi nesta occasião que a minha cara Anita deu a luz o primeiro filho. Em lugar de lhe dar o nome de um santo, dei-lhe o nome de um mártir.

Chamou-se Menotti.

Nasceu em 16 de Setembro de 1840, exatamente no mesmo dia em que fazia nove meses que tinha tido lugar o combate de Santa Vitória. A sua aparição neste mundo sem acidente, era um verdadeiro milagre, depois das privações e dos perigos sofridos por sua mãe. Essas privações e esses sofrimentos de que eu ainda não fallei, afim de não interromper a minha narração, devem aqui achar lugar, e é do meu dever fazer conhecer se não ao mundo, ao menos a alguns amigos que lerem este jornal a admirável criatura que perdi. (É escusado repetir que estas Memórias tinham sido escritas por Garibaldi unicamente para serem lidas por alguns amigos.)

Anita, como sempre, tinha querido seguir-me e havia-me acompanhado na campanha que acabávamos de fazer, e que acabo de contar.

O leitor deve lembrar-se que reunidos aos serranos, comandados pelo coronel Aranha, nós batemos em Santa Vitória o brigadeiro Cunha, e de tal modo que a divisão inimiga foi completamente destruída. Durante o combate, Anita, a cavalo no meio do fogo, era espectadora da vitória e derrota dos imperiais. Foi ela nesse

dia o anjo providencial dos nossos feridos, porque não tendo nós nem cirurgião nem ambulância, eram curados, sabe Deus como, por nós mesmos. Esta vitória submeteu de novo, pelo menos momentaneamente, as três povoações, Lages, Vaccaria e de Cima da Serra à autoridade da república, e já contei como no fim de alguns dias entramos triunfantes em Lages. O êxito do combate de Coritibanos longe esteve de ser igual.

Já disse a maneira porque, apesar da bravura de Teixeira, a nossa cavalaria foi derrotada, e como com os meus sessenta e três infantes me vi cercado por mais de quinhentos homens de cavalaria inimiga. Anita devia neste dia assistir às mais terríveis peripécias da guerra. A muito custo submetendo-se ao papel de simples espectadora do combate, Anita apressava a marcha das munições receosa de que os cartuchos faltassem aos combatentes: com efeito o fogo que nos víamos obrigados a fazer era tão violento que dava margem a supor-se, com toda a razão, que se as nossas munições não fossem renovadas bem depressa, não teríamos um único cartucho; com este fito aproximava-se do lugar, onde o combate era mais renhido, quando um esquadrão de vinte cavaleiros inimigos, perseguindo alguns dos nossos que fugiam, caíram de improviso sobre os soldados que conduziam a bagagem.

Excelente cavaleira, e montando um admirável cavalo, bem poderia Anita ter fugido; mas dentro desse peito de mulher batia o coração de um herói: em lugar de fugir, animava os nossos soldados a defenderem-se, e num momento se viu cercada pelos imperiais.

Anita enterrou as esporas no ventre do cavalo, e de um salto passou pelo meio do inimigo, não tendo recebido mais do que uma única bala que lhe atravessou o chapéu e levou parte dos cabelos, sem lhe tocar no crânio. Talvez ela pudesse fugir se o cavalo não caísse ferido mortalmente por outra bala, e sendo obrigada a render-se foi apresentada ao coronel inimigo. Sublime de coragem no perigo, Anita maior vulto tomava ainda, se é possível, na adversidade; de sorte que na presença desse estado maior maravilhado do seu arrojo, mas que não teve o bom gosto de ocultar diante de uma mulher o orgulho da vitória, Anita repeliu com uma rude e desdenhosa altivez algumas palavras que lhe fizeram antever um tal ou qual desprezo pelos republicanos, e tão vigorosamente combateu com a palavra como já o fizera com as armas. Anita julgava que eu tinha morrido. Nesta persuasão pediu e obteve licença de ir ao campo de batalha procurar o meu corpo no meio dos cadáveres. Qual a ventesma infernal passeando sobre a campina ensanguentada, Anita errou só e por muito tempo procurando aquele que ela receava de encontrar, voltando os mortos que tinham caído de rosto para a terra, e nos quais pelo fato ou pela altura ela imaginava terem alguma semelhança comigo.

Foram inúteis as suas pesquisas, era a mim pelo contrario que a sorte reservava a dor suprema de banhar com as minhas lágrimas suas faces gélidas, e quando esse momento de angústia chegou, impossível me foi de lançar um punhado de terra, uma flor, ao menos sobre a cova onde jazia a mãe de meus filhos.

Desde que Anita esteve segura de que eu existia, não teve senão um pensamento, o de fugir, e a ocasião não tardou a apresentar-se-lhe. Aproveitando-se do delírio do inimigo vitorioso, passou para uma casa perto daquela onde a tinham prisioneira, e ali, sem ser reconhecida, uma mulher a recebeu e protegeu. O meu capote que eu havia abandonado para ter os movimentos mais livres, e que tinha caído em poder de um soldado inimigo, foi por ela trocado pelo seu, que era de grande valor. Quando chegou a noite, Anita lançou se na floresta e desapareceu. Era necessário possuir um coração de leão para assim se arriscar. Só quem já viu as imensas florestas que cobrem os cimos do Espinhaço, com os seus pinheiros seculares que parecem destinados a sustentar o céu, e que são as colunas desse esplendido templo da natureza, as gigantescas canas que povoam os intervalos e que estão cheias de animais ferozes e de répteis de que a mordedura é venenosa, poderá fazer uma ideia dos perigos que ela correu, e das dificuldades que teve a vencer. Felizmente Anita ignorava o que era medo. De Coritibanos a Lages são vinte léguas. Como ela atravessou esses bosques impenetráveis, só, e sem alimentos, só Deus o sabe.

Os poucos habitantes desta parte da província que lla tinha a atravessar eram hostis aos republicanos, e logo que souberam da nossa derrota, armaram-se e fizeram emboscadas sobre muitos pontos, e principalmente das picadas que os fugitivos tinham a atravessar de Coritibanos a Lages.

Nos cabeçaes, isto é, nos sítios quase impraticáveis destes atalhos, teve lugar uma horrível carnificina nos nossos desgraçados companheiros. Anita atravessou de noite estes sítios perigosos, e ou fosse a sua boa estrela ou a admirável resolução com que os atravessou, o seu aspecto fez sempre fugir os assassinos, que fugiam, diziam eles, perseguidos por um ser misterioso!

Na realidade era estranho ver esta valente mulher, montada num ardente cavalo, pedido e obtido numa casa onde havia recebido a hospitalidade durante uma noite de tempestade; galopando por cima dos rochedos, à claridade dos relâmpagos.

Quatro cavaleiros colocados na passagem do rio Canoas, fugiram à vista desta visão, escondendo-se atrás das moitas que guarnecem o rio. Durante este tempo, Anita chegara à margem do rio, tornado muito tempestuoso por causa das muitas cheias, e atravessou-o, não como o tinha feito dias antes, num excelente barco, mas sim a vau, animando com a voz o seu magnífico cavalo.

As ondas precipitavam-se furiosas, não num estreito espaço, mas numa extensão de quinhentos passos, e apesar disso Anita chegou sã e salva à outra margem.

Uma chávena de café foi o único alimento que a intrépida viajante tomou durante os quatro dias que gastou em alcançar na Vaccaria a tropa do coronel Aranha.

Foi ali que nos encontramos, Anita e eu, depois de uma separação de oito dias e de nos julgarmos mortos.

Que alegria não foi a nossa! Maior foi ainda a que senti no dia em que Anita, na península que fecha a lagoa dos Patos, do lado do Atlântico, deu à luz numa casa que nos dava hospitalidade o meu querido Menotti, que veio ao mundo com uma cicatriz na cabeça procedida pela queda do cavalo que tinha dado sua mãe.

Renovo aqui mais uma vez os meus agradecimentos às excelentes pessoas que nos deram esta hospitalidade, assegurando-lhes um reconhecimento eterno. No campo, onde nos faltavam todas as coisas mais necessárias, e onde eu não lhe teria podido dar um único lenço, Anita não teria podido triunfar neste momento supremo, onde a mulher tem tanta necessidade de forças e cuidados.

Decidi-me então a fazer uma viagem a Setembrina para ali comprar muitas causas de maior urgência que faltavam aos meus entes queridos. Tinha ali bons amigos, e entre eles um excelente homem chamado Blingini. Comecei então a minha viagem através dos campos inundados, onde eu tinha a água até o ventre do cavalo; passei por meio de um campo antigamente cultivado chamado Roça Velha, onde encontrei o capitão de lanceiros Máximo, que me recebeu perfeitamente. Aceitei a sua hospitalidade durante dois dias, por causa do péssimo tempo não me deixar continuar a jornada.

No fim deles, quis partir, apesar de todos os esforços que fez o bom capitão para me conservar na sua companhia.

Mas o fim para que tinha partido era para mim muito sagrado para que me demorasse mais, e não obstante as observações deste bom amigo, pus-me a caminho por essas planícies que pareciam um vasto lago. Na distância de algumas milhas, ouvi do lado que acabava de deixar o estrondo da fuzilaria; concebi então algumas suspeitas cheias de angústias, mas não podia voltar atrás.

Cheguei a Setembrina, onde comprei os objetos de que tinha necessidade, e sempre inquieto por essa fuzilaria que tinha ouvido, pus-me logo a caminho para São Simão. Descansamos em Roça Velha, onde soube a causa desse estrondo que tinha ouvido e o triste acontecimento que tinha tido lugar no mesmo dia da minha partida.

Moringue – o mesmo que me havia surpreendido em Camaquã e que eu e os meus quatorze homens tínhamos obrigado a fugir com um braço quebrado, tinha

surpreendido o capitão Máximo; todos os seus soldados feitos prisioneiros, e a maior parte dos seus cavalos também tomados, e os demais mortos.

Moringue havia efetuado esta surpresa com alguns navios de guerra e infantaria. Embarcou depois a infantaria, e dirigiu-se com a cavalaria para S. José do Norte, espantando pelo caminho todas as pequenas guerrilhas republicanas, que julgando-se em segurança se haviam espalhado pelo território; entre eles achavam-se os meus marinheiros que foram obrigados a refugiar-se na floresta.

O meu primeiro grito foi, como se deve julgar: “Anita! Onde está Anita?”

Anita doze dias depois de ter tido o seu feliz sucesso, tinha sido obrigada a montar a cavalo, e meio nua, com o seu pobre filho nos braços, tinha sido obrigada a refugiar-se na floresta.

Não encontrei pois no rancho nem Anita, nem os nossos hospedeiros, mas alcancei-os na oureta de um bosque, onde eles se conservavam não sabendo onde se achava o inimigo, nem se ainda tinham alguma coisa a recear dele.

Voltamos a São Simão, e ali nos demoramos algum tempo, depois mudamos o nosso acampamento, estabelecendo-nos na margem do Capivari, isto é, no mesmo sitio onde um ano antes tínhamos transportado os nossos lanchões em carros para a expedição de Santa Catarina, expedição que tão mau êxito teve.

Nessa ocasião tinha sentido bastante esperanças que infelizmente haviam desaparecido.

O Capivari é formado de diferentes riachos que tem a sua nascente nos lagos numerosos que guarnecem a parte setentrional da província do Rio Grande, sobre as costas do mar e sobre a vertente oriental da cadeia do Espinhaço. Toma este nome da capinara, espécie de caniços muito comuns na America meridional e que nas Colônias se chamam capineos.

De Capivari e do Sangrador, Abreu, do canal que serve de comunicação entre um charco e um lago onde tínhamos reunido com muito trabalho algumas canoas, fizemos algumas viagens à costa Ocidental da lagoa, estabelecendo comunicações entre as duas margens e transportando os passageiros.

XXXIV – Levanta-se e Cerco – Rossetti

Contudo a situação do exército republicano piorava de dia para dia; as suas necessidades aumentavam e os seus recursos diminuíam. Os dois combates de Taquari e S. José do Norte tinham dizimado a infantaria que, apesar de ser numerosa, era um poderoso recurso para as operações do cerco. As grandes necessidades animavam as deserções; as populações como sucede nestas guerras muito prolongadas cansavam, e foram atacadas de uma suprema indiferença, começando nós então a conhecer que estava próximo o momento de tudo se acabar.

Neste estado de coisas os imperiais fizeram propostas que, ainda que vantajosas para os republicanos, foram por estes recusadas. Esta recusa aumentou o descontentamento dos mais desgraçados, e por conseguinte da parte mais fatigada do exército e do povo, sendo decidido que o cerco seria abandonado e que todos se retirariam.

A divisão Canabarro de que faziam parte os marinheiros foi designada para começar o movimento e abrir as passagens da serra, ocupadas pelo general Labattue, francês, ao serviço do imperador. Bento Gonçalves com o resto do exército formaria a retaguarda.

A guarnição republicana de Setembrina devia seguir-nos, mas não pôde executar este movimento, porque, surpreendida pelo famoso Moringue, a cidade foi tomada.

Foi ali que morreu o meu caro Rossetti.

Tendo caído do cavalo, depois de ter praticado prodígios de valor, ferido perigosamente, e intimado para se render, preferiu antes que o matassem do que entregar a sua espada.

Ainda uma outra ferida para o meu coração.

Já falei muitas vezes de Rossetti, sabe-se pois como o amava; seja me pois permitido dizer à Itália, o que já tenho dito tantas vezes! Oh! Itália, minha mãe, acabamos de perder, eu um dos meus irmãos mais caros, e tu um dos teus filhos mais generosos.

Era natural de Gênova. Havia sido, por pais que conheciam pouco o seu caráter, destinado à vida eclesiástica, quando era um dos mais ardentes patriotas italianos que tenho conhecido. Inclinado à vida aventureira e não podendo respirar na Itália, partiu para o Rio de Janeiro, onde foi negociante e corretor; mas não tendo Rossetti nascido negociante, era uma planta exótica dando-se mal na terra do ágio, não porque ele não fosse dotado de uma inteligência fina e apta a enriquecer-se de todos os conhecimentos, mas porque Rossetti era o mais italiano de todos os italianos, isto é, o mais generoso e pródigo dos homens, e

com tais vicios não se faz fortuna, mas antes se caminha a grandes passos para a ruína.

Foi o que aconteceu com Rossetti.

Bom para com todos, a sua casa achava-se franca para toda a gente, e especialmente para os italianos desgraçados. Não esperava que os proscritos o fossem procurar, era ele que os ia encontrar, esgotando assim em pouco tempo os seus recursos. Bem desgraçado, esse coração de anjo não podia ver sofrer um italiano. Se o não podia socorrer imediatamente, fazia-o esperar na sua pobre cabana, e corria às ruas da cidade, e não entrava em sua casa senão quando trazia algum socorro para aquele ou aqueles que o esperavam. É verdade que a sua bondade, a sua franqueza e a sua lealdade o tinham tornado estimado de todos, e por isso quando se achava nestes piedosos embaraços, todos o coadjuvavam com prazer.

A batalha do Fanfa teve lugar, e os republicanos foram batidos pelos imperiais; Bento Gonçalves e os principais chefes feitos prisioneiros e conduzidos ao Rio de Janeiro. Entre eles achava-se o nosso capitão Zambecari, com quem travamos relações, segundo já disse, nas prisões de Santa Cruz. Falou-se de nos fazermos corsários, e desde esse momento Rossetti e eu não tivemos um minuto de descanso enquanto não nos lançamos no Oceano com a bandeira republicana. Rossetti encarregou-se de tudo e alcançou o fim que pretendíamos.

Os leitores sabem o resto, porque desde esse momento não nos perdemos de vista.

Infelizmente não há um canto da terra, onde não descansem os ossos de um italiano generoso, devendo por isso a Itália cobrir-se de luto e não encher-se de glória. Pobre Itália, tu sentirás verdadeiramente a sua falta no dia em que tentares arrancar o teu cadáver aos corvos que o devoram.

XXXV – A Picada das Antas

Esta retirada empreendida na estação invernosa, por um lugar montanhoso e debaixo de uma chuva incessante, foi a mais terrível e mais desastrosa que tenho visto.

Conduzíamos por precaução algumas vacas, sabendo perfeitamente que no caminho que tínhamos a atravessar, não encontraríamos comestíveis alguns.

Retirando-nos, seguíamos a divisão do general Labattu, mas infelizmente sem a podermos alcançar. Só os selvagens manifestavam as suas simpatias por nós, atacando-lhe a guarda avançada. Tivemos ocasião de ver de perto esses homens da natureza que não nos foram hostis.

Annita durante esta retirada de três meses sofreu toda a casta de privações e incômodos com um estoicismo e uma coragem admiráveis.

É necessário ter algum conhecimento das florestas deesta parte do Brasil, para fazer ideia das privações sofridas por uma porção de homens sem meios de transporte, e tendo unicamente por recurso o laço, arma muito útil nas planícies cobertas de animais, mas perfeitamente inútil nessas espessas florestas, abundantes em tigres e leões.

Para a nossa desgraça ser ainda maior, os rios muito próximos uns dos outros nestas florestas virgens engrossavam cada vez mais. A horrível chuva que nos perseguia não cessava de cair, acontecendo muitas vezes que uma parte dos nossos soldados se achavam entre duas correntes de égua, e ali ficavam privados de todo o alimento, morrendo muitos de fome, e principalmente as mulheres e crianças que não podiam suportar tanto as privações. Era uma carnificina mais horrível do que a de uma sanguinolenta batalha.

A nossa pobre infantaria principalmente sofria muito mais, porque não tinha como a cavalaria o recurso de matar os cavalos. Poucas mulheres e menos crianças saíram vivas da floresta. As poucas que escaparam foram salvas pelos cavaleiros que, tendo a felicidade de conservar os cavalos, tiveram dó daqueles pequenos entes, abandonados por suas mães mortas de fome, frio e fadiga.

Anita tremia com a ideia de perder o nosso Menotti, que foi salvo unicamente por milagre. Nos sítios mais perigosos, e na passagem dos rios, conduzia o nosso pobre filho, de três anos de idade, suspenso ao meu pescoço por um lenço, podendo aquecê-lo deste modo com o meu alento. De doze mulas e cavalos com que tinha entrado na floresta, e que eram destinadas ao meu serviço, não tinha podido salvar mais que duas mulas e dois cavalos, os demais tinham morrido de fome ou de fadiga. Para completar a nossa desgraça, os guias tinham-se perdido no caminho, o que foi a causa principal dos nossos sofrimentos na temível floresta das Antas.

Quanto mais andávamos, menos víamos chegar o fim desta picada maldita. Fiquei muito longe dos meus companheiros, com duas mulas horrivelmente fatigadas, e que eu esperava salvar, fazendo-as caminhar muito devagar e sustentando-as com folhas de taquaras, a que Taquari deve o seu nome. Durante este tempo enviei Anita adiante com um criado e meu filho, a fim de que ele procurasse o fim desta interminável floresta e algum alimento.

Os dois cavalos que eu havia deixado a Anita e que ela montava simultaneamente, foi que nos salvaram. Ela achou o fim da floresta e ali encontrou um piquete dos meus bravos soldados assentados a um belo fogo, o que não era comum pelo tempo que fazia.

Os meus companheiros que por felicidade tinham conservado alguns vestidos de lã, embrulharam neles a criança, aquecendo-a e chamando-a por este modo à vida, quando já a pobre mãe começava a perder todas as esperanças. Mas ainda não é tudo: estes excelentes rapazes começaram então a procurar com uma grande solicitude alguns alimentos, que eles não tinham procurado para si, mas que agora procuravam por minha causa.

O que dentre todos prestou à minha esposa e filho os primeiros e mais eficazes socorros foi Mangio: que o seu nome seja abençoado.

Tinha tido grande dificuldade em salvar os meus dois cavalos, e por fim vi-me na necessidade de abandonar os dois pobres animais esfalfados e magros, sendo obrigado, apesar do estado miserável em que me achava, a atravessar o resto da floresta a pé.

No mesmo dia encontrei minha mulher e filho e soube então o que os meus companheiros tinham feito por causa dela.

Nove dias depois da nossa entrada na floresta conseguimos sair! Poucos oficiais tinham conseguido salvar os seus cavalos. O inimigo que nos precedia, fugindo diante de nós, tinha deixado duas peças de artilharia na picada; mas de que nos serviram elas? Faltavam todos os meios de transporte e pode ser que elas ainda estejam no mesmo lugar em que as vi.

As tempestades pareciam circunscritas na floresta. Apenas saímos dela e nos aproximamos de Cima da Serra e de Vaccaria que o bom tempo começou, caindo então em nosso poder alguns bois, que indenizando-nos do nosso longo jejum nos fizeram esquecer a fadiga, a fome e a chuva.

Ficamos na Vaccaria alguns dias, esperando pela divisão de Bento Gonçalves, que se nos uniu em completa desordem, e com menos um terço de soldados.

O infatigável Moringue sabendo da retirada desta divisão, tinha começado a persegui-la, sem descanso, atacando-a em todas as ocasiões, aliando-se para esta obra de destruição aos montanheses, sempre hostis aos republicanos. Todos estes sucessos deram tempo a Labattu a fazer a sua retirada, e depois a sua junção com

o exército imperial, tendo apenas, apesar disto, algumas centenas de homens à sua disposição. Então as mesmas dificuldades que haviam existido para nós, apareceram para eles que tiveram além disso a vencer um obstáculo imprevisto, e que eu noto por causa da sua raridade.

O general Labattu tendo que atravessar no seu caminho dois matos, ali encontrou alguns desses selvagens, que comumente chamavam bugres. Estes selvagens, sabendo da passagem dos imperiais, armaram-lhe três ou quatro emboscadas, fazendo-lhes grande mal. Enquanto a nós não nos causaram a mais pequena inquietação e ainda que houvesse no caminho muitos desses alçapões que os índios colocam na passagem dos seus inimigos, todos se achavam descobertos em lugar de estarem disfarçados com ramos de árvores, segundo o costume.

Durante a curta paragem que fizemos na ourela de um desses bosques gigantescos, apareceu-nos uma mulher, que na sua mocidade tinha sido roubada pelos selvagens, e que havia aproveitado a nossa presença para fugir.

A pobre mulher achava-se num deplorável estado.

Como não tínhamos então nenhum inimigo a atacar ou de quem fugíssemos, continuamos a nossa marcha muito vagarosamente, porque não possuíamos cavalos, e era necessário ir domando os potros.

O corpo de lanceiros republicanos, tendo ficado completamente desmontado, foi também obrigado a lançar mão dos potros.

Era na verdade um esplêndido espetáculo, sempre novo ainda que repetido todos os dias, o ver esses jovens e robustos negros que mereciam o epíteto de domadores de cavalos que Virgílio dá a Pelops. Era necessário vê-los saltar sobre esses selvagens filhos do deserto, que não conheciam nem freio, nem selim, agarrando-se às crinas e correndo pelas planícies, até que cedendo ao homem o quadrúpede se confessava vencido. Mas a luta era longa, e o animal não se rendia senão depois de ter esgotado todas as forças em se desembaraçar do seu tirano, que do seu lado, admirável de agilidade e coragem, o apertava entre os joelhos, como entre duas tenazes, não o deixando senão depois de o ter domado.

Três dias são suficientes a um bom domador de cavalos para que o animal o mais rebelde possa sofrer o freio.

Raramente, contudo os potros são bem domesticados pelos soldados, sobretudo nas marchas onde os muitos afazeres impedem os domadores de lhes prestar todos os cuidados necessários.

Tendo passado os matos, atravessamos a povoação das Missões, dirigindo-nos para Cruz Alto.

Depois desta, dirigimo-nos a S. Gabriel e onde se estabeleceu o quartel general, e se edificaram barracas para o acampamento do exército.

Seis anos desta vida de aventuras e perigos não me tinham fatigado enquanto era só, mas atualmente que tinha uma pequena família, a separação de todos os meus antigos conhecimentos, a ignorância completa em que me achava há tantos anos sobre o estado da minha família, fizeram nascer o desejo de me aproximar de um ponto onde pudesse receber notícias de meu pai e minha mãe, porque se tinha por um momento esquecido essas ternas afeições, elas apareciam de novo. Também não tinha noticias da minha outra mãe, da Itália!

Decidi então ir a Montevidéu; ao menos temporariamente. Pedi pois licença ao presidente, assim como para levar alguns bois, de que a venda devia servir para me sustentar durante a jornada.

XXXVI – Condutor de Bois

Eis me pois tropeiro, isto é, condutor de bois. Em consequência numa estância chamada o Casal das Pedras, com a autorização do ministro da fazenda, consegui reunir em vinte dias e com grande dificuldade novecentos bois, quase todos selvagens. Maiores dificuldades me esperavam ainda durante o caminho onde encontrei obstáculos quase invencíveis. O maior de todos foi o Rio Negro, onde tive quase perdido todo o meu capital. Da passagem do rio, da minha inexperiência no meu novo mister, e sobretudo da rapina de certos capatazes, mercenários que tinha alugado como condutores, salvei com muito custo quinhentos bois, que visto o mau sustento e o péssimo caminho, foram julgados incapazes de chegar ao seu destino.

Resolvi em consequência matá-los, e tirar lhes as peles que vendi, ficando-me livre de toda a despesa, uns trezentos escudos que serviram para fazer face às primeiras necessidades da minha família.

É aqui que devo mencionar um encontro que me deu um dos meus mais caros e melhores amigos.

Aproximando-me de S. Gabriel, na retirada que acabávamos de fazer, tinha ouvido falar de um oficial italiano, dotado de grande valor e inteligência, que, exilado como carbonário, se tinha batido em França no dia 5 de junho de 1832, e depois no Porto durante o cerco que ali houve por causa da guerra entre os dois irmãos D. Pedro e D. Miguel, vindo depois oferecer-se ao serviço das jovens republicanas da América do Sul.

Contavam-se a seu respeito coisas extraordinárias que muitas vezes disse:

– Quando encontrar esse homem há de ser meu amigo.

Chamava-se Anzani.

Chegando à America, tinha-se apresentado com uma carta de recomendação a dois dos seus compatriotas MM... negociantes em S. Gabriel que tinham feito dele o seu factotum.

Anzani exercia todos os empregos: caixeiro guarda-livros, homem de confiança; enfim era o bom gênio dessa casa.

Como todos os homens fortes e corajosos, Anzani era sossegado e dotado de um excelente gênio.

A casa comercial de que ele se tinha tornado diretor era uma dessas casas como se acham unicamente na América do Sul, isto é, vendendo tudo o que é possível imaginar.

A vila onde residiam os nossos dois compatriotas era, infelizmente, próxima da floresta que servia de refúgio a essas tribos de índios de que já dissemos algumas palavras no capítulo precedente.

Um dos chefes destes índios tinha-se tomado o terror desta pequena vila, pois vinha duas vezes por ano, com a sua tribo, roubando quando queria, sem encontrar a menor resistência.

Primeiramente veio acompanhado por duzentos ou trezentos homens, depois com cem, depois com cinquenta, segundo ele tinha visto aumentar o terror, estabelecendo o seu poder, e depois sentindo-se o senhor, tinha vindo só, e dava as suas ordens que eram obedecidas, como se por detrás de si tivesse a sua tribo pronta a assassinar aquele que lhe recusasse obedecer.

Anzani tinha ouvido falar deste homem e tinha escutado tudo o que se dizia a seu respeito, sem manifestar sua opinião sobre a audácia deste chefe selvagem e sobre o terror que inspirava a sua ferocidade.

Este terror era tamanho que quando se ouvia dizer o chefe dos Matos, todas as janelas se fechavam, e todas as portas se trancavam como se na vila andassem alguns cães danados.

O Índio estava habituado a estes sinais de terror, que lisonjeavam o seu orgulho, escolhia a porta que queria ver aberta, batia abrindo-se logo com a rapidez do relâmpago – e roubava tudo sem encontrar a menor resistência.

Havia justamente dois meses que Anzani dirigia a casa de comércio nos seus maiores como menores detalhes, quando se ouviu o grito terrível!

– O chefe dos Matos!

Como de costume, portas e janelas fecharam-se precipitadamente.

Anzani estava só em casa, arranjando as contas da semana, e não julgando que o estrondoso anúncio que acabavam de fazer valesse a pena de se incomodar, ficou sentado à sua mesa, com as janelas e portas abertas.

O índio parou espantado diante dessa casa que no meio do terror geral que causava a sua chegada, se conservava indiferente à sua aparição.

Entrou e viu encostado ao balcão um homem que sossegadamente fazia as suas contas. Parou diante dele, de braços cruzados e olhando-o com espanto.

Anzani levantou a cabeça.

Anzani era a política em pessoa.

– Que quer meu amigo? perguntou ele ao índio.

– Como! Que quero?! disse este.

– Sem dúvida, disse Anzani, quando se entra em um armazém é que se quer comprar alguma coisa.

O índio começou a rir.

– Pelo que vejo não me conheces? perguntou ele a Anzani.

– Como queres que te conheça, se é a primera vez que te vejo!

– Sou o chefe dos Matos, replicou o índio, mostrando no seu cinto um arsenal, composto de quatro pistolas e um punhal.

– Então que queres?

– Beber.

– O que?

– Um copo de aguardente.

– Não há nada mais fácil; paga primeiro e depois tens a aguardente que quiseres.

O índio começou a rir de novo. Anzani franziu as sobrancelhas.

– Em lugar de me responder, tornas de novo a rir. Não acho isto muito político. Previno-te, pois, que se isso suceder outra vez, ponho-te fora da porta.

Anzani tinha pronunciado estas palavras com tal firmeza, que outro qualquer homem que não fosse o Índio, teria compreendido com quem tinha a tratar.

Talvez o selvagem houvesse compreendido, mas não o deu a conhecer.

– Já te disse que me desses um copo de aguardente, repetiu ele, batendo com o punho no balcão.

– E eu já te disse que o pagasses primeiro, disse Anzani, quando não, não a bebes.

O índio deitou um olhar colérico a Anzani, mas o olhar deste encontrou o seu, – o relâmpago havia encontrado o relâmpago.

Anzani dizia muitas vezes:

– A única força que existe é a moral. Olhai fixa e obstinadamente o homem que vos encarar; se ele baixar os olhos, estais senhor dele, mas se pelo contrario, sois vós que os baixais, estais perdido.

O olhar de Anzani tinha um irresistível poder. Foi o índio que foi vencido, e conhecendo a sua inferioridade, e furioso deste poder desconhecido, quis ganhar ânimo bebendo.

– Está bem, disse ele, aí tens meia piastra, dá-me de beber.

– É obrigação minha servir quem me paga, disse tranquilamente Anzani.

E deu ao índio um copo de aguardente. O índio bebeu.

– Outro, disse ele. Anzani deu-lhe outro copo.

O índio bebeu-o como o primeiro.

– Ainda outro, disse ele.

Enquanto Anzani teve dinheiro suficiente para se pagar da despesa do índio, não lhe fez nenhuma observação, mas quando o bebedor já não tinha dinheiro para pagar, cessou de encher-lhe o copo.

– Então? perguntou o selvagem.

Anzani fez-lhe a sua conta.

– Depois? insistiu o selvagem.

– Depois?... Como não tem dinheiro, não bebe mais aguardente, respondeu Anzani.

O índio tinha formado bem o seu cálculo. Os cinco ou seis copos de aguardente que havia bebido, tinham-lhe dado a coragem que havia perdido com o olhar de Anzani.

– Aguardente, disse ele levando a mão a uma das pistolas, aguardente, ou morres.

Anzani que já previa o final desta cena, estava preparado. Tinha cinco pés e nove polegadas, e era dotado de uma força e agilidade pasmosa. Apoiou a mão no balcão e saltando para o outro lado, deixou-se cair sobre o índio, agarrando-lhe o punho direito.

O selvagem não pôde aguentar o choque e caiu; Anzani não o largou e pôs-lhe o pé no peito.

Então agarrando com a mão esquerda a mão direita do índio, tornando-lhe por isso inofensiva a arma, Anzani tirou-lhe do cinto as pistolas e punhal, que espalhou pelo armazém, e arrancando-lhe a pistola da mão, quebrou-lhe o cano na cabeça e na cara, e julgando que o selvagem já se achava bem castigado foi empurrando-o aos pontapés até a porta, deitando-o no meio de um grande lamaçal.

O índio levantou-se com muita dificuldade e fugiu, mas em tal estado, que nunca mais tornou a aparecer em S. Gabriel.

Anzani havia feito debaixo do nome de Ferrari a guerra de Portugal. Com este nome tinha-se conduzido admiravelmente, ganho a patente de capitão e recebido duas graves feridas; uma na testa, outra no peito, e tão graves que no fim de dezesseis anos morreu por causa delas.

A ferida da cabeça era um golpe de sabre que lhe tinha aberto o crânio.

A do peito foi uma bala que lhe tinha ficado no pulmão, e de que mais tarde lhe resultou a tísica pulmonar.

Quando se lhe falava dos prodígios de coragem que tinha praticado debaixo do nome de Ferrari, sorria-se e dizia que ele e Ferrari eram dois entes diferentes.

Infelizmente não podia ao mesmo tempo que atribuía os seus prodígios de valor a um ente imaginário, trespassar-lhe as duas feridas.

Tal era o homem de quem me haviam falado, e a quem eu desejava conhecer e ter por amigo.

Em S. Gabriel soube que tinha ido tratar de alguns negócios, a sessenta milhas de distância. Montei então a cavalo para o procurar.

No caminho, na margem de um pequeno rio, encontrei um homem, com o peito nu, lavando uma camisa – vi que era este o homem que procurava.

Dirigi-me a ele, estendi-lhe a mão e disse-lhe quem era.

Desde esse momento fomos irmãos.

Já não estava na casa de comércio, e como eu, havia entrado ao serviço da

república do Rio Grande. Era comandante de infantaria da divisão de João Antônio, um chefe republicano dos mais conhecidos. Como eu, deixava o serviço e dirigia-se ao Salto.

Depois de um dia passado juntos, demos os nossos endereços respectivos e combinamos que não empreenderíamos movimento algum importante, sem o participarmos mutuamente.

Seja me permitido narrar um fato que dá bem a conhecer a nossa miséria e a nossa fraternidade.

Achava-me tão pobre como Anzani, em camisas, enquanto que ele tinha mais um par de calças.

Dormimos no mesmo quarto, mas Anzani partiu antes de romper o dia e sem se despedir.

Quando acordei, encontrei sobre o meu leito o melhor dos seus dois pares de calças.

Conhecia apenas Anzani, mas era um desses homens que se apreciam à primeira vista, e tanto que quando entrei ao serviço da república de Montevidéu e fui encarregado de organizar a legião italiana, o meu primeiro cuidado foi escrever-lhe, convidando-o a vir acompanhar-me.

Veio com efeito e desde esse dia não nos deixamos mais, até que ele tocando na terra de Itália, morreu entre os meus braços.

XXXVII – Professor de Matemática e Corretor de Comércio

Em Montevidéu dirigi-me à casa de um dos meus amigos, chamado Napoleão Castellini. Ao seu excelente coração, sou devedor de muito, para jamais me esquecer, assim como a G. D. Cunes, – amigo de toda a minha vida, – e aos irmãos Antoninho e Giovanni Risso.

Gastos os poucos escudos que me tinham produzido as peles de bois, e para não ficar com minha mulher e filho às sopas dos meus amigos, empreendi duas indústrias que, devo confessá-lo, chegavam apenas para satisfazer as minhas necessidades.

A primeira era corretor de fazendas. A segunda era a de professor de matemática, na casa do estimável Paulo Semidei.

Este modo de vida durou até a minha entrada na legião Oriental.

Os negócios do Rio Grande começavam a estabelecer-se e arranjar-se, não tendo eu pois nada a esperar deste lado. A república oriental – é assim que se chamava a república de Montevidéu – sabendo que me achava livre, não tardou em me oferecer uma ocupação mais em harmonia com os meus meios e com o meu caráter, do que a de professor de matemática e corretor.

Ofereceram-me e aceitei o comando da corveta Constituição.

A esquadra oriental, achava-se debaixo das ordens do coronel Cosse, e a de Buenos Aires, às ordens do almirante Brown.

Muitos encontros e muitos combates tinham tido lugar entre as duas esquadras, tendo sempre obtido medíocres resultados.

Por este tempo um certo Vidal, de triste memória, foi encarregado do governo geral da república.

Um dos primeiros e mais deploráveis atos deste homem foi o de se desfazer da esquadra que, dizia ele, era muito onerosa para o estado. E com efeito esta esquadra que tinha custado imensas somas à república, e que sustentada, como era então muito fácil, lhe dava uma grande superioridade sobre a do Prata, foi destruída completamente, vendendo-se os navios por preços vergonhosos.

Fui destinado a uma expedição, de que deviam nascer bastantes acontecimentos.

Mandaram-me ajudar Corrientes, com o bergantim Pereira, de dezoito canhões, devendo a goleta Procida navegar de reserva comigo.

Corrientes fazia então frente à Rosas, e eu devia ajudá-la nas suas operações contra as forças do ditador. Pôde ser que esta expedição tivesse um outro fim, mas isso era segredo do governador geral.

Seja permitido ao que publica estas Memórias dar aos leitores, sobre o estado da república de Montevidéu em 1841, algumas explicações que o general Garibaldi julgou não dever mencionar nas suas Memórias.

Estas explicações são tanto mais exatas, que foram dadas ao que hoje as publica, em 1849, por um homem que representou um grande papel nos acontecimentos da república Oriental. Falamos do general Pacheco y Obes, um dos nossos melhores amigos.

Em pouco cederemos a pena ao general Giuseppe Garibaldi, porque, como se tem visto, o primeiro emancipador da Itália, maneja, como César, a pena como a espada.

XXXVIII – Montevidéu (por Alexandre Dumas)

Quando o viajante chega da Europa em um desses navios, que os primeiros habitantes do país tomavam por casas volantes, o que vê – logo que o marinheiro de vigia grita: “Terra” – são duas montanhas.

Uma que é a catedral, e a outra ornada de um farol, que é a montanha do Cerro.

À medida que o viajante se aproxima das torres da catedral, de que os ornatos de porcelana brilham ao sol, o viajante vê os mirantes sem número e de formas variadas que ornam todas as casas, depois essas mesmas casas, encarnadas ou brancas, com os seus terraços, depois ao pé do Cerro, as salgadoras, vastos edifícios onde se salgam as carnes; e enfim ao fundo da bacia, à borda do mar, as encantadoras quintas, delícia e orgulho dos habitantes, onde eles vão passar todos os domingos e dias de festa.

Então se deitais a âncora, entre o Cerro e a cidade, dominada, por qualquer ponto de vista que a olheis, pela sua gigantesca catedral, se a canoa vos leva para a praia, puxada por seis valentes remadores, se de dia encontrais pelas estradas grupos de encantadoras mulheres vestidas de amazonas, se de tarde através das janelas abertas, deitando para a rua torrentes de luz e harmonia, ouvis os sons do piano e de outros instrumentos, é que estais em Montevidéu, a vice-rainha desse rio de prata, de que Buenos Aires pretende ser a rainha, e que se lança no Oceano por uma embocadura de oitenta léguas.

Foi João Dias o que no princípio de 1516 descobriu as praias do Prata. A primeira coisa que o marinheiro de quarto avistou foi o Cerro, e cheio de alegria exclamou em latim:

– Montem video!

Sendo este o nome que ficou à republica, de que vamos rapidamente escrever a história.

João Dias, já com bastante orgulho de haver no ano passado descoberto o Rio de Janeiro, não gozou por muito tempo da sua glória.

Tendo deixado na baía dois dos seus navios, e havendo subido o rio da Prata com o terceiro, confiando nos sinais de amizade que lhe fizeram os índios, caiu numa emboscada, sendo morto, despedaçado e devorado na margem do rio, que em memória deste triste acontecimento tem o nome de Solis.

Estes índios antropófagos pertenciam à tribo dos Charruas que era senhora do país, como na extremidade oposta do grande continente o eram os Hures e os Sioux.

Os espanhóis foram pois obrigados a edificar Montevidéu no meio de combates, que se renovavam todos os dias e todas as noites, contando por isso

Montevidéu apenas cem anos, apesar de ter sido descoberto em 1516.

Pelo fim do ultimo século, apareceu um homem que promoveu aos senhores primitivos da costa uma guerra de exterminação, em que foram aniquilados.

Três últimos combates – em que colocaram entre si suas mulheres e filhos, e caíram sem recuar um passo – viram desaparecer os seus últimos restos, e monumentos desta derrota suprema; o viajante pode ainda ver ao pé da montanha Augua, os ossos dos últimos Charruas.

Este novo Mário, era Jorge Pacheco, pai do general Pacheco y Obes, de quem, como já dissemos, tivemos todos estes pormenores.

Mas os selvagens destruídos, deixaram a Pacheco inimigos mais ferozes, mais perigosos, e mais inexterminaveis que os índios, visto que aqueles eram sustentados, não por uma crença religiosa, que todos os dias ia enfraquecendo, mas pelo contrário, por um interesse material que ia aumentando sensivelmente. Estes inimigos eram os contrabandistas do Brasil.

O sistema proibitivo era a base do comércio espanhol. Havia pois uma guerra encarniçada entre o exército e os contrabandistas, que, ou pela estratégia ou pela força, tentavam introduzir no território de Montevidéu as suas sedas e tabacos.

A luta foi longa, encarniçada e mortal. D. Jorge Pacheco dotado de uma força hercúlea, de um talhe gigantesco, e de uma grande finura, tinha alcançado – pelo menos assim o julgava – não a aniquilação dos contrabandistas, como havia feito aos Charruas, mas afastá-los da cidade, quando repentinamente tornaram a aparecer mais atrevidos, mais ativos, e reunidos como nunca em roda de uma vontade única, tão poderosa, tão corajosa, e tão inteligente como podia ser a do general Pacheco.

Pacheco mandou espiões por toda parte a informarem-se do motivo desta reaparição.

Todos voltaram pronunciando um único nome:

– Artigas!

Quem era este Artigas?

Um mancebo de vinte a vinte e cinco anos, bravo como um velho espanhol, esperto como um Charrua, e ágil como um gaúcho: tinha três raças senão no sangue ao menos no espírito. Começou então uma luta admirável de esperteza e força entre o general e o contrabandista; mas um era moço e todos os dias a sua força aumentava, o outro não era velho, mas estava já cansado.

Durante quatro ou cinco anos Pacheco perseguiu Artigas, batendo-o por toda a parte onde aparecia; mas Artigas derrotado não era nem morto, nem feito prisioneiro, e no dia seguinte começava de novo a luta. Pacheco cansou primeiro e como um desses romanos da antiga república, que sacrificavam o seu orgulho ao bem do país, disse ao governo que resignava os seus poderes com a condição

de que Artigas seria nomeado general em seu lugar, porque só Artigas podia acabar a destruição dos contrabandistas.

O governo acceitou, e como esses bandidos romanos que se submetem ao poder do papa e passeiam venerados na cidade de que foram o terror, Artigas fez a sua entrada triunfal em Montevidéu, e começou a obra de destruição para que havia sido chamado.

Estes fatos tiveram lugar cinquenta e oito ou sessenta anos antes dos acontecimentos em que Garibaldi vai tomar parte, mas como nós somos autor dramático e não podemos deixar de começar um drama por um prólogo, vamos dar a conhecer aos leitores, homens e terras, que lhes são bem desconhecidos.

Artigas tinha então vinte e sete ou vinte e oito anos, tendo na época em que o general Pacheco me deu estes detalhes noventa e três anos, vivendo ignorado em uma pequena quinta, pertencente ao presidente do Paraguai. Hoje provavelmente já terá morrido.

Era um mancebo belo e bravo, e que representava um dos três poderes que reinaram em Montevidéu.

Jorge Pacheco era o tipo do valor cavalheiresco do velho mundo, que atravessou os mares com Colombo, Pizarro e Fernando Cortez. Artigas era o homem do campo, e podia representar, o que chamaram o partido nacional, colocado entre os portugueses e espanhóis, isto é, entre os estrangeiros que se tinham tornado portugueses e espanhóis, pela sua habitação nas cidades, onde tudo fazia lembrar os costumes portugueses e espanhóis.

Ainda havia um terceiro tipo e mesmo uma terceira potência que foi o flagelo de todos e de que é necessário dizer duas palavras.

Este terceiro tipo é o gaúcho, a quem Garibaldi chama o centauro do novo mundo.

Na França chamamos gaúcho a tudo quanto vive nestas vastas planícies, mas cometemos um erro: o capitão cabeça da marinha inglesa, foi o primeiro a pôr em moda esta mania de confundir o gaúcho com o habitante do campo, que na sua soberba, repele não só a semelhança, mas até a comparação.

O gaúcho é o boêmio do novo mundo. Sem terras, sem casa, sem família, possui por toda a fortuna um casaco, um cavalo, uma faca e o laço.

A faca é a sua arma, o laço a sua indústria.

A nomeação de Artigas foi recebida com satisfação por todos, exceto pelos contrabandistas, e ainda se achava ocupando este alto cargo quando rebentou a revolução de 1810, revolução que tinha por fim, e que obteve, destruir o domínio espanhol no novo mundo.

Esta revolução começou em 1810 em Buenos Aires e acabou na Bolívia na batalha de Ayacuncho em 1824.

O chefe das forças independentes era então o general António José de Soure, e tinha cinco mil homens às suas ordens.

O general em chefe das tropas espanholas era D. José de Laserna, o último vice-rei do Peru, e comandava onze mil homens.

Os patriotas não possuíam senão uma única peça, eram um contra dois, e achavam-se completamente desprovidos de munições, e de provisões de boca. Não tinham remédio senão esperar, assim o fizeram, e quando foram atacados, ficaram vencedores.

Foi o general patriota Aleixo Córdova que começou o combate. Comandava mil e quinhentos homens. Pôs a bandeira na ponta da espada e gritou:

– Avante!

– A marche-marche, ou no passo ordinário? perguntou um oficial.

– No passo da vitória, respondeu ele.

Nessa mesma tarde todo o exército espanhol tinha capitulado, e achava-se prisioneiro daqueles que o tinham sido seus.

Artigas havia sido um dos primeiros a festejar a revolução. Tinha-se posto à testa do movimento e por sua vez ofereceu a Pacheco o comando, como anos antes ele o havia feito.

Esta troca ia-se talvez operar quando Pacheco foi surpreendido na Casa Branca, no Uruguai, por marinheiros espanhóis, e ficou seu prisioneiro.

Artigas continuou a sua tarefa libertadora. Em pouco tempo expulsou os espanhóis do campo de que se havia tornado rei, reduzindo-os a serem senhores unicamente de Montevidéu, que podia apresentar uma séria resistência, visto ser a segunda cidade fortificada da América.

A primeira era S. João de Ulhoa.

Em Montevidéu achavam-se refugiados todos os partidários dos espanhóis, protegidos por um exército de quatro mil homens. Artigas sustentado pela aliança de Buenos Aires começou o cerco da cidade, mas um exército português veio em auxílio dos espanhóis e Artigas teve de retirar-se. Em 1812 Montevidéu sofreu novo cerco. O general Rondeau comandava as forças de Buenos Aires e Artigas as dos patriotas, e foram estes que de novo cercaram a cidade.

O cerco durou vinte e três meses, tendo lugar no fim deste tempo uma capitulação que entregou a capital da futura república Oriental aos sitiantes, comandados então gelo general Alvear.

Porque razão era então general em chefe Alvear e não Artigas? Vamos dizê-lo.

É que no fim de vinte meses de cerco, depois de três anos de contato entre os homens de Buenos Aires e de Montevidéu, as diferenças de hábitos, de costumes, e direi mesmo de raças, que tinham sido causa de simples

desinteligências haviam-se tornado em motivos de ódios mortais, Artigas, como Achilles, havia-se retirado, desaparecendo pelos campos tão seus conhecidos no tempo da sua mocidade em que exercia o mister de contrabandista.

O general Alvear tinha-o substituído, sendo general em chefe dos Porteños, na ocasião em que Montevidéu se entregou.

Porteños é o nome que dão aos naturais de Buenos Aires, e Orientais aos de Montevidéu.

Tentaremos explicar as diferenças que há entre os Porteños e os Orientais.

O habitante de Buenos Aires fixado no país há trezentos anos na pessoa dos seus avós, perdeu desde o fim do primeiro século da sua existência na América, todas as tradições da mãe pátria, isto é, da Espanha. Os habitantes de Buenos Aires são hoje tão americanos, como o eram antigamente os índios que dali expulsaram.

O habitante de Montevidéu, ao contrário, existindo apenas ha um século no país, – sempre na pessoa de seus avós, bem entendido – não teve o tempo de esquecer que é de raça espanhola. Tem o sentimento da sua nova nacionalidade, mas sem ter esquecido as tradições da velha Europa, enquanto que o de Buenos Aires, se afasta todos os dias da Europa para entrar na barbaria.

O país não deixa de ter sua influência, sobre este movimento retrógrado de um lado, progressivo do outro.

A população de Buenos Aires, espalhada em areaes imensos, com habitações muito afastadas umas das outras, em sítios completamente desprovidos de água e de todos os objetos necessários e habitando cabanas mal construídas, ganha um caráter sombrio, insociável e bulhento. As suas tendências dirigem-se para os índios selvagens das fronteiras, com os quais eles negociam em todos os objetos que trazem dos sítios onde a civilização ainda não penetrou, e são completamente desconhecidos aos europeus, dos quais recebem em troca aguardente e tabaco que levam para as grandes planícies dos pampas, de que tomaram o nome, ou a quem pode ser deram o seu.

A população de Montevidéu, pelo contrário, possui um belo país, cortado por muitos rios. Não possui vastos bosques, não tem grandes florestas, como a América do Norte, mas as margens dos seus rios são ornadas de belas e majestosas árvores. Possui além disso belos edifícios, e a terra produz todo o necessário para o seu sustento. As suas casas, quintas e herdades são próximas umas das outras, e o seu caráter franco e hospitaleiro, é inclinado a essa civilização de que a aproximação do mar lhe conduz continuamente.

Para a população de Buenos Aires o tipo da perfeição é o índio a cavalo.

Para a de Montevidéu é o europeu apertado na sua casaca, na sua gravata e nas botas de polimento.

Os naturais de Buenos Aires têm a pretensão de serem os primeiros da América em elegância. Tem mais imaginação que os de Montevidéu, e os primeiros poetas que a América conheceu, nasceram em Buenos Aires. Varella e Lafinur. Domingos e Marmol são poetas porteños.

O habitante de Montevidéu é menos poético, mas mais sossegado e mais firme nas suas resoluções e nos seus projetos. Se o seu rival tem a pretensão de ser o primeiro em elegância, ele tem a de o ser na coragem. Entre os seus poetas figuram Hidalgo, Berro, Figueira e João Carlos Gomes.

As mulheres de Buenos Aires também tem a pretensão de serem as mais belas da América meridional desde Lemaire até ao Amazonas.

Pode ser que na realidade o rosto das mulheres de Montevidéu seja menos formoso que o das suas vizinhas, mas as suas formas são maravilhosas.

Há pois entre os dois países:

Rivalidade de coragem e elegância, entre os homens;

Rivalidade de beleza e elegância, entre as mulheres;

Rivalidade de talento entre os poetas, esses hermafroditas da sociedade, coléricos como os homens, caprichosos como as mulheres e simples muitas vezes como as crianças mais inocentes.

Havia pois, como se vê por tudo que acabamos de dizer, motivos suficientes para as relações serem interrompidas entre Montevidéu e Buenos Aires, entre Artigas e Alvear.

Não foi unicamente uma separação que teve lugar, mas sim uma guerra.

Todos os elementos de antipatia foram dirigidos contra os homens de Buenos Aires pelo antigo chefe de contrabandistas. Pouco lhe importavam então os meios, de que tinha a servir-se, contanto que alcançasse o seu fim que era expulsar do país os Porteños.

Foi então que Artigas reunindo todos os recursos que lhe oferecia o país, se pôs à testa desses boêmios da américa que se chamam gaúchos.

A guerra que fazia Artigas tinha alguma coisa de santa; assim nada lhe podia resistir, nem o exército de Buenos Aires, nem o partido espanhol, que sabia perfeitamente que a entrada de Artigas em Montevidéu, era a substituição da força brutal à inteligência.

Os que tinham previsto esta volta à barbaria não se haviam enganado. Pela primeira vez homens vagabundos, por civilizar e sem organização, viam-se formando um exército e com um general. Durante a ditadura de Artigas teve lugar um período que tem alguma analogia com o nosso de 1793. Montevidéu viu o reinado do homem dos pés nus, dos calsoncillos flutuantes, da xiripá scossez, do poncho despedaçado, e com o chapéu deitado sobre a orelha seguro pelo barbicacho.

Então Montevidéu foi testemunha de cenas inauditas, grotescas, e algumas vezes terríveis. Muitas vezes as primeiras classes da sociedade foram reduzidas à impotência. Artigas tendo de menos a crueldade e de mais a coragem, tornou-se então o que mais tarde devia ser Rosas.

A ditadura de Artigas teve não obstante muitas coisas de brilhante e nacional. Uma foi a luta de Montevidéu contra Buenos Aires, em que Artigas derrotou sempre as forças deste país e que fez cessar a influência e a resistência ao exercito português que invadiu o país em 1815.

O pretexto desta invasão foi a desordem da administração de Artigas e a necessidade de salvar os povos vizinhos de desordens iguais, que podiam fazer nascer entre elles o contágio do exemplo. Estas desordens tinham no seio do mesmo país, dobrado a oposição que fazia o partido da civilização. As classes elevadas sobretudo desejavam de coração uma vitória que substituísse o domínio português a esse domínio nacional que trazia a brutal tirania da força material. Contudo não obstante os ataques dos portenhos e dos portugueses, Artigas resistiu quatro anos, dando três batalhas, e vencido retirou-se para Entre Rios, isto é, para o outro lado do Uruguai. Ali, apesar de se achar fugitivo, Artigas representava ainda, se não pelas suas forças, ao menos pelo seu nome, um poder respeitável, quando Kamiro, seu tenente, se revoltou contra ele, colocando-se à frente da terça parte das suas forças, e derrotando-o de modo que lhe tirou toda a esperança de reconquistar a sua posição perdida, obrigando-o a sair deste país, aonde como Antheo, parecia ganhar novas forças todas as vezes que ali tocava.

Foi então que, igual a uma dessas trombas que se evaporam, depois de ter deixado a desolação e as ruínas na sua passagem, Artigas desapareceu, retirando-se para o Paraguai, onde, como já dissemos, em 1848, na época em que Garibaldi defendia Montevidéu, vivia ainda, tendo noventa e três ou noventa e quatro anos, gozando de todas as suas faculdades intelectuais e de quase todas as suas forças.

Artigas vencido, não fez oposição ao domínio português que se estabeleceu no país, e o barão de Laguna, francês de origem, foi seu representante em 1825. Neste ano Montevidéu como todas as possessões portuguesas da America foram cedidas ao Brasil.

Montevidéu foi então ocupado por um exército de oito mil homens e tudo parecia assegurar ao imperador a sua pacífica posse.

Foi então que um natural de Montevidéu, proscrito, residente em Buenos Aires, reuniu trinta e dois companheiros proscritos como ele, e decidiram que dariam a liberdade à pátria ou que morreriam.

Este punhado de patriotas embarcou em duas canoas e desembarcou no Grande Areal.

O chefe chamava-se Juan Antonio Lavalleja.

Lavalleja havia de antecipação tido relações com um proprietário do país que devia no momento do seu desembarque, ter os cavalos prontos. Assim logo que desembarcou enviou-lhe um mensageiro, que lhe trouxe em resposta que tudo estava descoberto, que os cavalos haviam sido roubados e que Lavalleja e os seus companheiros não tinham outro partido a tomar senão embarcarem de novo e o mais depressa possível, devendo dirigir-se para Buenos Aires.

Mas Lavalleja respondeu que não partia, pois não podia, nem queria recuar, e ordenando aos remadores de voltarem para Buenos Aires sem ele, tomou posse, no dia 19 de Abril, de Montevidéu, em nome da liberdade.

No dia seguinte os trinta valentes que tinham apanhado alguns cavalos, com o consentimento de seus donos, puseram-se em marcha para a capital, mas foram encontrados por um destacamento de cavaleiros, de que quarenta eram brasileiros e cento e sessenta orientais.

Eram comandados por um antigo irmão de armas de Lavalleja, o coronel Jurien. Lavalleja podia evitar o combate, mas não o quis e marchou direito aos duzentos cavaleiros, e pediu uma entrevista ao coronel antes de entrar em combate.

– Que quer e que vem aqui fazer? perguntou Jurien a Lavalleja.

– Venho libertar Montevidéu do domínio estrangeiro, respondeu Lavalleja; se tem as minhas ideias acompanhe-me, senão entregue-me as suas armas, ou prepare-se para o combate.

– Não compreendo o que querem dizer essas palavras – entregue-me as suas armas, respondeu o coronel, e espero que ninguém mais há de explicar.

– Então tome o comando dos seus soldados, e vamos ver por quem é Deus.

– Veremos, disse Jurien.

E partiu a galope a unir-se aos seus soldados.

Mas no mesmo momento Lavalleja desenrolou a bandeira nacional, azul, branca e encarnada e imediatamente os cento e sessenta orientais passaram para o seu lado.

Os quarenta brasileiros foram feitos prisioneiros.

A marcha de Lavalleja para Montevidéu foi uma verdadeira marcha triunfal, de que o resultado foi que a república Oriental, proclamada pela vontade e entusiasmo de um povo inteiro, tomou lugar entre as nações.

XXXIX – Rosas (por Alexandre Dumas)

Durante estes acontecimentos engrandecia-se um nome que mais tarde devia ser o terror da federação argentina.

Pouco depois da revolução de 1810 um mancebo de quinze a dezesseis annos saía de Buenos Aires, abandonando a cidade e dirigindo-se para o campo ia muito perturbado e caminhava apressadamente.

Este mancebo chamava se Juan Manuel Rosas.

Porque esta criança, este fugitivo abandonava a casa onde havia nascido? Porque ia pedir um asilo aos habitantes dos montes? É porque acabava de insultar sua mãe, como mais tarde devia insultar a sua pátria; ia perseguido pela maldição paterna.

Este sucesso, sem nenhuma importância para os acontecimentos daquele país, esqueceu bem depressa no meio de fatos mais sérios que então tiveram lugar, e enquanto todos os antigos companheiros do fugitivo se reuniam debaixo do estandarte da independência para combater os espanhóis, Rosas andava pelos pampas entregando-se à vida dos gaúchos, adotando o seu vestuário e costumes, tornando-se um dos melhores cavaleiros e um dos homens mais hábeis dessas imensas planícies, no manejo do laço e da bola, de sorte que vendo-o tão hábil nestes exercícios selvagens, quem não o conhecesse, não o tomaria por um habitante da cidade, nem por um pueblero fugitivo, mas por um verdadeiro gaúcho.

Rosas entrou primeiramente como peão, isto é, jornaleiro, em uma estância, depois foi capataz, chegando depois a mayordomo.

Nesta qualidade governava os bens da poderosa família Anchorena. É dali que começa a sua fortuna como proprietário.

Sendo o nosso desígnio fazer conhecer Rosas debaixo de todos os aspectos, vamos dizer qual era a situação do seu espírito no meio dos acontecimentos que então tinham lugar.

Rosas tinha estado em Buenos Aires durante os prodígios praticados pela revolução contra a Espanha. Então quem tinha coragem, procurava a celebridade no campo da batalha; quem tinha instrução procurava-a nos conselhos. Rosas era ambicioso de celebridade, mas qual era a que ele poderia esperar? Que nome poderia adquirir, ele que não tinha nem coragem para se apresentar no campo da batalha, nem instrução alguma para adquirir um nome entre os homens da ciência? A todos os momentos ouvia proferir a seu lado alguns nomes que se haviam tornado célebres. Eram, como ministros, Rivadavia, Pasos, e Aguerro, como guerreiros, Saint-Martin, de Baleares, de Rodrigues, e de Las Heras.

E todos estes nomes de que o ruído, vindo da cidade, ia achar eco nas solidões

dos campos, todos estes nomes avivavam o seu ódio contra essa cidade que tendo triunfos para todos, não tinha para ele senão o exílio.

Já nesta época Rosas pensava no futuro e preparava-o. Errando pelos pampas, confundido com os gaúchos, fazia-se o companheiro da miséria do povo, elogiando os prejuízos do homem das planícies, excitando-o contra os cidadãos, demonstrando-lhe a superioridade do número e diligenciando fazer-lhe compreender que quando quisessem os habitantes do campo, seriam os senhores da cidade.

Os anos foram passando, até que chegamos a 1820.

Foi então que Rosas começou a aparecer, apoiado na influência que havia adquirido nos habitantes das planícies.

Já vimos o que se passou em Montevidéu. Vejamos agora o que se passou em Buenos Aires.

A milícia de Buenos Aires rebelou-se contra o governador Rodrigues. Então um regimento das milícias do campo, Los Colorados de las Conchas entraram na cidade, em 5 de Outubro de 1820, tendo à sua frente um coronel, que era conhecido em Buenos Aires, e que conhecia Buenos Aires.

Este coronel era Rosas.

No dia seguinte as milícias do campo, e as milícias da cidade vieram às mãos, mas nesse dia o coronel não estava à frente do regimento.

Uma violenta dor de dentes, que Rosas deixou de sofrer assim que finalizou o combate, afastava-o, com grande pesar, do campo da batalha. E porque não teria ele razão? Octávio também teve um grande ataque de febre no dia da batalha de Actium.

Rosas parecia-se muito com Octávio: mas mais tarde Octávio foi Augusto, o que segundo todas as probabilidades nunca será Rosas.

Esta entrada em Buenos Aires foi a única expedição guerreira em que Rosas tomou parte durante toda a sua vida política.

Foi então que Rivadavia, já muito conhecido, foi nomeado ministro do reino, tomando a direção de todos os negócios.

Rivadavia era um desses homens de gênio, como aparecem no meio das revoluções durante os dias de tormenta. Havia viajado muito na Europa, possuindo uma instrução universal, e parecendo animado do mais ardente e puro patriotismo. Infelizmente a vista da civilização européia, que tinha estudado em Paris e Londres havia-lhe feito nascer falsas ideias da sua aplicação a um povo que não tendo por detrás de si dez séculos de lutas sociais, não as podia admitir.

Rivadavia queria dobrar a marcha do tempo e fazer o mesmo pela América que Pedro o Grande havia feito pela Rússia; mas não tendo à sua disposição, os meios de Pedro, foi obrigado a desistir das suas intenções.

Pode ser que com mais alguma esperteza Rivadavia as tivesse alcançado, mas censurava os homens pelos seus hábitos e certos hábitos são uma nacionalidade e outros um orgulho. Escarnecia os trajes americanos, manifestando a sua repugnância pela jaqueta, o seu desprezo pelo xiripá, o vestuário do homem dos campos, e como ao mesmo tempo não ocultava a sua preferência pela casaca e bota de polimento, despopularizou-se pouco a pouco, e sentiu o poder prestes a escapar-lhe.

E não obstante, que de benefícios não fez ao seu pais em troca desses vestidos ridículos que lhe queria tirar? A sua administração foi a mais próspera que Buenos Aires teve. Foi ele que fundou a universidade, os liceus, e que introduziu nas escolas o ensino mútuo. Durante a sua administração, muitos sábios foram chamados da Europa, as artes foram protegidas, desenvolvendo-se muito, enfim Buenos Aires, que era chamada a Atenas da América do Sul.

Já falíamos da guerra de Buenos Aires em 1826. Para sustentar esta guerra, Buenos Aires fez sacrifícios enormes, esgotando as suas finanças, e enfraquecendo por esse motivo muito as molas da sua administração.

Esgotadas as finanças, enfraquecido o governo, as revoluções começaram.

Já dissemos que em Buenos Aires como em Montevidéu, o campo e a cidade nunca estavam em harmonia de opiniões, como nunca o estavam em harmonia de interesse.

Buenos Aires fez uma revolução.

Imediatamente o campo fez uma revolução, e dirigindo-se sobre Buenos Aires, invadiu a cidade e fez o seu chefe governador.

Vamos fechar os parênteses, aberto algumas paginas atrás.

Em 1830 Rosas foi eleito governador pela influência dos habitantes do campo, não obstante a oposição da cidade, que ele encontrou meio policiada pela administração de Rivadavia.

Então Rosas, o gaúcho, tentou reconciliar-se com a civilização, parecendo querer esquecer os costumes selvagens adotados por ele até então: a serpente queria mudar de pele.

Mas a cidade resistiu às suas tentativas, e a civilização recusou receber o transfuga que se havia passado para o campo da barbaria. Rosas mostrava-se revestido de um uniforme, e imediatamente os militares perguntavam em que campo de batalha havia ele ganho aquelas dragonas. Falava em uma reunião, e logo os homens inteligentes perguntavam entre si onde tinha ele ido aprender aquele estilo; quando aparecia em um passeio, as mulheres designando-o com o dedo diziam: “Ali vai o gaúcho disfarçado!”

Os três anos do seu governo passaram-se nesta luta mortal para o seu orgulho, e pode ser que a estas torturas morais que lhe fizeram sofrer neste período, seja

devida a sua ferocidade. Desta maneira quando resignou o poder e desceu a escada do palácio, com a alma cheia de ódio, e o coração de fel, sabendo que desde então não havia aliança possível com a cidade, foi ter de novo com os seus fieis gaúchos, e as suas estâncias de que era o senhor, com a intenção de um dia entrar de novo em Buenos Aires, como Scylla, que ele não conhecia e de quem provavelmente nunca havia ouvido falar, entrado em Roma, com a espada numa mão e uma tocha na outra.

Para alcançar este fim, vejamos o que ele fez. Pediu ao governo que lhe concedesse um comando qualquer no exército que ia combater os índios selvagens. O governo que o temia, julgou afastá-lo concedendo-lhe este favor, e deu-lhe todas as tropas de que podia dispor, esquecendo que se enfraquecia, metendo todo o poder nas mãos de Rosas.

Este, logo que se achou à frente do exercito, fez uma revolução em Buenos Aires, fez-se chamar ao poder que não aceitou, senão com grandes condições, porque tinha às suas ordens todo o exército, e entrou em Buenos Aires com a ditadura mais absoluta de que se tem conhecimento, isto é, com toda la suma del poder publico – com toda a extensão do poder público.

O governador que ele fez cair, ou antes que ele precipitou era o general Juan Ramon Baleace um dos homens que tinha mais trabalhado na guerra da independência, e um dos chefes do partido federal de que Rosas se dizia o sustentáculo. Baleace era um nobre coração e a sua fidelidade à pátria era proverbial. Havia acreditado em Rosas e tinha trabalhado muito para a sua elevação. Baleace foi o primeiro sacrificado por Rosas, morrendo proscrito e quando o seu cadáver repassou a fronteira, protegido pela morte, Rosas recusou à sua família, não as honras fúnebres que eram devidas a um ex-governador, mas as simples cerimônias a que todo o cidadão tem direito.

Em 1833 foi que começou o verdadeiro poder de Rosas. No seu primeiro governo, cheio de dissimulação, não tinha apresentado os seus instintos de crueldade, que fizeram depois dele uma celebridade de sangue. Este primeiro período não tinha sido marcado senão pelo fuzilamento do major Monteiro e dos prisioneiros de S. Nicolau. Contudo não devem se esquecer que foi nesta época que tiveram lugar muitas mortes sombrias e súbitas, dessas mortes de que a historia inscreve a data com tinta encarnada no livro das nações.

Desta maneira desapareceram dois chefes, de que a influência poderia fazer alguma sombra a Rosas. As mortes de Arbolito e de Molina tiveram lugar nesta época. O mesmo aconteceu, segundo nos parece, aos dois cônsules que acompanharam Octávio na sua primeira batalha contra Antonio.

Daremos mais alguns detalhes de Rosas que ainda não nos apareceu senão como ditador, mas tendo já alcançado um poder como poucos homens tem

exercido em uma nação.

Em 1833, Rosas contava trinta e nove anos. Tinha o aspecto europeu, cabelos louros, olhos azuis, e uma presença sofrível. Não usava nem barbas, nem bigode. O seu olhar seria belo se se pudesse examinar, mas Rosas havia-se habituado a não olhar de frente, nem os seus amigos nem os seus inimigos, porque sabia que num amigo existe quase sempre um inimigo disfarçado. A sua voz era doce, e, quando tinha necessidade de agradar a sua conversação, tinha muito de atraente. A sua reputação de covarde é proverbial, e a de esperto é universal. Adorava as mistificações, sendo esta a sua grande ocupação antes de se entregar aos negócios sérios. Uma vez chegado ao poder, não foi senão uma distração, que eram brutais como a sua natureza.

Citemos um ou dois exemplos:

Uma tarde que devia jantar na companhia de um dos seus amigos ocultou o vinho destinado a beber-se e deixou unicamente no buffet uma garrafa do famoso licor de Leroy, que para ser completamente celebre só lhe falta ser descoberto no tempo de Moliére. O amigo procurando o vinho, só achou a garrafa de Leroy e encontrando-lhe um gosto muito agradável, bebeu-a toda. Rosas não bebeu senão água, e partiu logo que acabou o jantar para a sua estância.

Durante a noite, o amigo de Rosas sofreu dores infernais. Rosas riu muito deste seu inocente brinquedo; se ele tivesse morrido, Rosas teria, sem dúvida, rido muito mais.

Quando recebia algum cidadão em uma das suas estâncias, fazia-o montar em cavalos muito fogosos, e a sua alegria era conforme a gravidade da queda que o cavaleiro sofria.

No palácio do governo achava-se sempre rodeado de loucos e de imbecis, e no meio dos negócios mais sérios conservava este singular cortejo. Quando sitiava Buenos Aires, em 1829, tinha a seu lado quatro destes pobres diabos, que havia feito monges, tornando-se em virtude do seu poder, seu prior. Chamavam-se frei Biqua, frei Chaja, frei Lechuza, e frei Biscacha. Rosas gostava muito de confeitos, tendo-os sempre de todas as qualidades na sua tenda.

Os monges que também gostavam muito de confeitos, roubavam alguns de quando em quando. Rosas então chamava-os a todos e os monges que sabiam o que lhes custaria a mentir, confessavam o crime.

Imediatamente o culpado era despojado dos vestidos e fustigado pelos seus três companheiros.

Todos conheciam em Buenos Aires o seu mulato Eusébio, e para isso muito concorreu Rosas que em um dia de recepção pública, teve a ideia de fazer o mesmo que a condessa Dubarry fazia com o preto Zamora.

Eusébio vestido de governador recebeu os cumprimentos e as autoridades, em lugar do seu senhor.

Não obstante a amizade que Rosas tinha a Eusébio, teve um dia a lembrança de lhe fazer uma brincadeira como costumavam ser todas as que esta boa alma inventava. Fingiu que acabava de ser descoberta uma conspiração contra ele de que o chefe era Eusébio. O fim desta conspiração era matar Rosas. Eusébio foi preso, apesar dos seus protestos de inocência. Rosas dominava os juízes a tal ponto que eles não se importavam se o acusado era ou não inocente. Rosas acusava, e eles julgaram e condenaram Eusébio à morte.

Eusébio sofreu todos os preparativos do suplício. Confessou-se, e sendo depois conduzido ao lugar do suplício, ali encontrou o carrasco e seus ajudantes, e quando este brinquedo estava quase a terminar tragicamente, apareceu Rosas que disse a Eusébio estar sua filha Manuelita apaixonada por ele, e que por isso lhe perdoava, com a condição de a desposar.

É inútil dizer que Eusébio não morrendo do suplício, esteve quase a morrer de medo.

Vamos agora dizer aos nossos leitores quem era como mulher esta Manuelita que a Providencia tinha colocado ao pé de seu pai como um bom anjo, de que a principal ocupação, durante toda a sua vida, foi repetir todos os dias a palavra perdão, alcançando-o muitas vezes.

Manuelita é hoje uma mulher de quarenta anos que, por dedicação por seu pai, e pode ser que talvez pela missão que recebeu do céu, se tem conservado solteira pelo menos até 1850, época em que a perdemos de vista.

Manuelita não era precisamente uma mulher encantadora, mas era bela, com uma figura distinta, dotada de um tato profundo, coquete como uma parisiense, e muito preocupada, sobretudo do efeito que produzia nos estrangeiros.

Manuelita foi muito caluniada, o que era muito natural por ser filha de Rosas, isto é, do homem sobre o qual convergiam todos os ódios. Era acusada de ter herdado os sentimentos cruéis de seu pai, e de ter como a filha do papa Borgia, esquecido o amor filial por outro mais terno e menos cristão.

Tudo isto é falso. Manuelita ficou solteira por duas razões: a primeira porque Rosas sentia muitas vezes a necessidade de ser amado, e sabia que o único amor real, dedicado, infinito, sobre que podia contar era o de sua filha. Manuelita ficou solteira porque, talvez, nos seus sonhos de realeza, Rosas, hoje simples particular, vivendo em um canto da Inglaterra, via no futuro brilhar para Manuelita alguma aliança mais aristocrática do que aquelas a que poderia então aspirar.

Tanto a historia deve ser severa para com Rosas, tanto, a menos de ser injusta, deve ser cheia de indulgência para com Manuelita, a quem todos que a

conhecem fazem justiça, reconhecendo o que dizemos como uma verdade. Manuelita foi o dique eterno, que fazia parar a cólera de seu pai. Quando criança tinha um meio muito extravagante para obter dele a graça que pedia.

Fazia despir completamente o mulato Eusébio, arreando-o como um cavalo, e calçava uns lindos sapatos com esporas. Eusébio punha as mãos no chão, e Manuelita montava-se nas costas, fazendo caracolar o seu bucéfalo humano diante de seu pai que ria muito deste singular brinquedo, concedendo a Manuelita o perdão que implorava.

Mais tarde quando ela compreendeu que não podia empregar este meio, apesar de ser tão eficaz, começou a pôr em pratica a obra de Mecena ao pé de Augusto, quando ele lhe lançava as suas tábuas nas quais estava escrito: Surge, carnifex! Mas Manuelita procedia de outra maneira, porque conhecendo seu pai perfeitamente, sabia as vaidades secretas que era necessário fazer vibrar, e por isso muitas vezes alcançava o que pedia.

Manuelita era ao mesmo tempo a rainha e escrava de seu pai. Administrava a casa, cuidava de Rosas, e encarregada de todas as relações diplomáticas era o verdadeiro ministro dos negócios estrangeiros de Buenos Aires.

Assim como Rosas era um ente à parte que não se confundia com pessoa alguma na sociedade, Manuelita era também uma criatura não só estranha no meio de todas, mas mesmo estranha a todos, e que viveu neste mundo solitário, longe do amor dos homens e da simpatia das mulheres.

Rosas também tinha um filho chamado João, mas que nunca seguiu a política de seu pai, e uma filha que ainda criança casou, sendo hoje uma casta esposa e mãe feliz, tendo um nome, o de seu marido, honrado e respeitado por todos.

Tendo alcançado o poder, o grande trabalho de Rosas foi aniquilar a federação.

Lopes o seu fundador, caiu doente. Rosas mandou-o vir para Buenos Aires e tornou-se seu enfermeiro.

Lopes morreu envenenado.

Quiroga, o chefe da federação, que havia escapado são e salvo de vinte batalhas, e de quem a coragem e lealdade era proverbial, morreu assassinado.

Cullen, o conselheiro da federação, foi nomeado governador de Santa Fé. Rosas improvisou uma revolução, e Cullen foi entregue a Rosas pelo governador de São Thiago.

Todos os homens notáveis no partido federal tiveram a mesma sorte que tinham tido na Itália os homens de consideração durante o domínio dos Borgias. Pouco a pouco, Rosas, empregando os mesmos meios que Alexandre VI e seu filho César, conseguiu reinar na República Argentina, que apesar de reduzida a uma perfeita unidade, conserva ainda o nome pomposo de federação, e vai

talvez, ser inimiga dos unitários.

Diremos algumas palavras dos homens que acabamos de nomear, fazendo reviver algum tempo os seus espectros acusadores, o que dará alguma ideia da cena de Shakespeare no Ricardo III antes do combate.

Havia nesses homens uma espécie de selvageria política que é digna de ser conhecida.

Falemos primeiramente do general Lopes. Uma única anedota dará não somente ideia deste chefe mas fará conhecidos os homens com quem ele tinha a tratar.

Lopes era governador da Santa Fé, e tinha em Entre Rios um inimigo pessoal, o coronel Ovando, que em seguida a uma revolta foi conduzido prisioneiro ao general Lopes.

O general almoçava. Recebeu perfeitamente Ovando e convidou-o a almoçar. A conversação travou-se entre eles como entre dois convivas, aos quais uma igualdade de condições tivesse ordenado a mais perfeita cortesia.

Contudo no meio da conversação, Lopes exclamou:

– Coronel, se eu tivesse caído nas suas mãos como caiu nas minhas e isto no momento em que almoçasse, que faria?

– Convidalo-ia para almoçar como V. Exa. acaba de fazer.

– E depois?

– Mandava-o fuzilar.

– Estimo muito que pense do mesmo modo que eu. Acabando de almoçar será fuzilado.

– Se não sequer demorar muito, pode ser já.

– Não, não, acabe de comer descansado, não tenho muita pressa.

E continuaram a almoçar com todo o descanso, e tendo concluído:

– Julgo ser tempo, disse Ovando.

– Agradeço-lhe o não haver esperado que eu o lembrasse, respondeu Lopes.

Depois chamando o seu camarada.

– O piquete está pronto? perguntou ele.

– Sim, meu general, respondeu o soldado.

Então voltando-se para Ovando:

– Adeus, coronel, disse Lopes.

– Adeus não; mas sim até à vista, porque não se vive muito tempo quando se fazem guerras como as nossas.

E cumprimentando Lopes saiu. Cinco minutos depois, o estrondo de uma descarga anunciou a Lopes que o coronel Ovando havia entregue a alma à Deus.

Passemos a Quiroga.

XL – Quiroga (por Alexandre Dumas)

Este é mais nosso conhecido. A sua reputação atravessando os mares, fez eco em Paris, e a moda apoderou-se dele: de 1820 a 1823 todos tinham capotes à Quiroga e chapéus à Bolívar. É provável que nem um nem outro tivessem usado dos capotes e chapéus que os seus admiradores adotaram a duas mil léguas de distância.

Quiroga, como Rosas, era também camponês e havia servido na sua mocidade, como sargento no exército de linha contra os espanhóis.

Retirado do seu país natal, a Rioja, entrou nos partidos internos, e tornando-se senhor do país, lançou-se na luta das diferentes facções da república, e foi nestas lutas que se mostrou pela primeira vez à America.

No fim de um ano, Quiroga era a espada do partido federal, e é talvez o único homem que tenha obtido semelhantes resultados pela simples aplicação do seu valor pessoal. O seu nome tinha alcançado um tal prestígio que só ele valia muitos exércitos.

A sua grande táctica no meio dos combates, era chamar para o pé de si o maior número de perigos, e quando repentinamente dava o grito de guerra, brandindo na mão essa longa lança que era a sua arma predileta, os mais bravos faziam conhecimento com o medo.

Quiroga era cruel, ou antes feroz, mas na sua ferocidade havia sempre alguma coisa de grande e generoso. Era a ferocidade do leão e não a do tigre.

Quando o coronel Pringles, um dos seus maiores inimigos, foi feito prisioneiro e assassinado, o seu assassino apresentou-se a Quiroga, seu chefe, julgando ter ganho uma boa recompensa.

Quiroga deixou-lhe contar o seu crime, e mandou-o fuzilar.

Uma outra vez dois oficiais pertencentes ao partido inimigo foram feitos prisioneiros, pelos soldados de Quiroga que, lembrando-se do castigo do seu camarada, os conduziram sãos e salvos à presença do seu chefe.

Quiroga ofereceu-lhes abandonarem as suas bandeiras, servindo debaixo das suas ordens.

Um aceitou, outro recusou.

– Está bem, disse ele ao que havia aceitado, montemos a cavalo e vamos ver fuzilar o seu camarada.

Aquele sem fazer a menor observação, apressou-se a obedecer, e conversou todo o caminho alegremente com Quiroga, de quem se julgava já ajudante de campo, enquanto seu camarada cercado por um piquete, com as armas carregadas, marchava tranquilamente para a morte.

Chegado ao lugar destinado para a execução, Quiroga mandou ajoelhar o

oficial que tinha recusado trair o seu partido, e disse lhe que se preparasse para morrer, e quando o viu pronto:

– Vamos, disse Quiroga ao pobre ofcial que se julgava já morto, és um bravo. –Monta no cavalo do teu camarada e parte.

E designava o cavalo do renegado.

– E eu? perguntou este.

– Tu, respondeu Quiroga, não precisas de cavalo porque vais morrer.

E apesar das súplicas que lhe fez em favor do seu camarada, aquele a quem acabava de dar a vida, mandou-o fuzilar.

Quiroga só foi vencido uma vez, e essa pelo general Paz, o Fábio americano. Duas vezes destruiu o exército de Quiroga nas terríveis batalhas de Tablada e Oncativo. Era um belo espetáculo para esses jovens republicanos o ver a arte, a tática e a estratégia em luta contra a coragem indomável e a vontade de ferro de Quiroga. Mas uma vez o general Paz foi feito prisioneiro, a cem passos do seu exército, e desde essa época Quiroga foi invencível.

Terminada a guerra entre o partido unitário e o partido federal, Quiroga empreendeu uma viagem às províncias interiores, sendo na volta atacado em Barsancallaco por trinta assassinos, que fizeram fogo sobre a carruagem. Quiroga que se achava nesta ocasião doente, estava deitado, na carruagem, tendo-lhe por isso atravessado o peito uma bala. Apesar disso Quiroga levantou-se pálido e ensanguentado e abriu a portinhola. Vendo-o em pé, apesar de estar quase cadáver, os assassinos fugiram; mas Santo Perez, seu chefe, dirigiu-se a Quiroga e dando-lhe um golpe na cabeça acabou de o matar.

Então os assassinos voltaram e acabaram a obra começada. Eram os irmãos Renafé, comandantes em Córdova que de, acordo com Rosas, dirigiam esta expedição. Mas Rosas tinha tido todo o cuidado de afastar de si todas as suspeitas, de modo que ninguém julgou fosse ele um dos cúmplices em semelhante morte, podendo por isso tomar o partido do que tinha feito assassinar, perseguindo os assassinos que foram presos, julgados e fuzilados.

Falta Cullen.

Cullen, que tinha nascido em Espanha, havia-se estabelecido na cidade de Santa Fé, onde se tinha ligado com Lopes, sendo depois seu ministro e diretor na política. A imensa influência que Lopes teve na Republica Argentina, desde 1820 até a sua morte em 1833, fez de Cullen um personagem muito importante. Quando nos dias de sua desgraça, Rosas proscrito emigrou para Santa Fé, recebeu de Cullen toda a espécie de serviços, mas esses serviços não puderam fazer esquecer ao futuro ditador que Cullen era um dos homens que queriam acabar com o reinado da arbitrariedade na República Argentina. Contudo soube ocultar o seu ódio a Cullen debaixo das aparências da maior amizade.

Pela morte de Lopes, Cullen foi nomeado governador da Santa Fé consagrando-se a fazer grandes melhoramentos na província, e em lugar de se mostrar inimigo da França, mostrou por esta nação muitas simpatias, considerando que a sua aliança era um grande passo para as suas ideias civilizadoras. Então Rosas promoveu uma revolução, que apoiou publicamente, sendo coadjuvado por alguma tropa. Cullen vencido, refugiou-se na provinda de Santiago del Estero, que governava o seu amigo Ibarra. Rosas, que destruindo a federação tinha já declarado Cullen selvagem unitário entabolou negociações com Ibarra a fim de lhe entregar Cullen.

Durante muito tempo estas negociações não obtiveram resultado algum, julgando-se Cullen seguro pela confiança que tinha no seu amigo, mas um dia foi preso pelos soldados de Ibarra e conduzido a Rosas que o mandou assassinar no meio do caminho, porque disse ele em uma carta dirigida ao governador de Santa Fé que tinha sucedido a Cullen, o seu processo estava feito pelos seus crimes que eram conhecidos por todos.

Cullen era dotado de uma conversação agradável e de um coração generoso. A sua influência sobre Lopes foi sempre empregada a evitar toda a espécie de rigor e foi em resultado desta influencia que o general Lopes, não obstante às súplicas de Rosas, não consentiu em mandar fuzilar um único dos prisioneiros da campanha de 1831, campanha que pôs em seu poder os chefes mais importante do partido unitário.

Cullen possuía uma instrução superficial e os seus talentos eram medíocres.

Foi desta sorte que Rosas, o único que talvez não teve nenhuma glória militar, entre os chefes do partido federal, se desembaraçou dos chefes deste partido, ficando desde então a pessoa mais importante da República Argentina, e senhor absoluto de Buenos Aires.

Então Rosas tendo alcançado todo o poder, começou a sua vingança contra as classes elevadas que até então o tinham desprezado. No meio dos personagens mais aristocratas e mais elegantes, mostrava-se sempre vestido de jaqueta, ou sem gravata. Aos seus bailes a que presidia com sua mulher e filha, não eram convidados senão os carreteiros, sapateiros, etc. Um dia abriu o baile, dançando com uma escrava, e Manuelita com um gaúcho.

Mas não foi só desta maneira que ele puniu a soberba cidade, porque proclamou o terrível principio:

“O que não está comigo é contra mim”

E desde então todo o homem que lhe desagradava foi classificado de selvagem unitário, e o que uma vez Rosas havia designado por este nome, não tinha mais direito nem à vida, nem à honra.

Então para pôr em pratica as teorias de Rosas, organizou-se debaixo dos seus

auspícios a famosa sociedade MAZORCA, isto é, ainda há forca. Esta sociedade era composta de tudo quanto havia de pior na sociedade.

Nela se achavam filiados por ordem superior o chefe da policia, os juízes de paz, e todos aqueles que deviam vigiar pela ordem pública. Por este meio quando os membros desta sociedade entravam em casa de qualquer cidadão, para roubar ou assassinar o seu proprietário, era escusado chamar em seu auxílio a policia, porque ninguém corria a socorrer a desgraçada vítima. Estas excursões tinham lugar quase sempre de dia, tanto era o receio dos criminosos.

E quer o leitor alguns exemplos? Vamos dá-los, porque não é costume nosso fazer uma acusação sem a provar.

Os elegantes de Buenos Aires tinham nesta época o hábito de trazer os bigodes de modo que pareciam formar um U, e isto era suficiente para a sociedade da MAZORCA, debaixo do pretexto de que o U queria dizer unitário, se apoderar do desgraçado, rapando-lhe a cara com navalhas mal afiadas, de modo que a carne vinha juntamente aos pedaços com os cabelos. Depois de praticarem esta barbaridade, abandonavam a vítima aos caprichos da população, que muitas vezes continuava esta brincadeira até dar a morte àquele desgraçado.

As mulheres do povo começavam a usar nos cabelos a fita encarnada chamada mono. Um dia a MAZORCA colocada às portas das principais igrejas, marcou com um ferro em brasa todas as mulheres que entravam ou saíam sem ter a tal fita. Também não era uma coisa extraordinária ver uma mulher despojada dos seus vestidos e açoitada no meio da rua, e isto porque ela trazia um lenço, um vestido, um enfeite qualquer, no qual havia a cor azul ou verde. O mesmo sucedia com os homens da mais elevada posição, sendo apenas necessário para eles correrem os maiores perigos que se apresentassem em público de casaco ou com uma gravata.

Ao mesmo tempo que as pessoas, sem dúvida designadas há muito, e que pertenciam às classes superiores da sociedade perseguidas por uma cruel vingança, eram vítimas destas violências, centenas de cidadãos eram encarcerados, e isso só porque as suas opiniões não estavam em harmonia com as do ditador. Ninguém conhecia o crime porque era preso, mas isso também era desnecessário, visto ser conhecido de Rosas. Do mesmo modo que o crime ficava desconhecido, também o julgamento era considerado inútil, e todos os dias as prisões para poderem dar entrada a novas vítimas, eram despojadas de algumas delas que eram fuziladas. Esses fuzilamentos tinham lugar de noite, sendo a cidade constantemente acordada de sobressalto.

De manhã, coisa horrível, que nem mesmo na França se viu durante os terríveis dias de 1793, os carreteiros apanhavam tranquilamente os cadáveres dos assassinados e iam às prisões buscar os dos que tinham sido fuzilados,

conduzindo-os a um grande fosso onde eram todos lançados, sem que fosse permitido aos parentes das vítimas o vir reconhecê-las e prestar-lhes as últimas honras fúnebres.

Ainda não é tudo: os carreteiros que conduziam estes restos deploráveis, anunciavam a sua chegada por terríveis gracejos que faziam fechar todas as portas e fugir a população. Muitas vezes decepavam a cabeça do tronco, enchendo cestos com elas, e oferecendo-as depois aos transeuntes assustados.

Bem depressa o cálculo se juntou à barbaridade, o fisco à morte.

Rosas compreendeu que o meio de se conservar no poder era criar em volta de si interesses inseparáveis dos seus.

Então mostrou a uma parte da sociedade metade da fortuna da outra, dizendo-lhe – É tua.

A partir deste momento a ruína dos antigos proprietários de Buenos Aires foi consumada, começando os amigos de Rosas a obter grandes fortunas.

O que não tinha ousado pensar nenhum tirano, o que não tinha vindo à ideia de Nero, foi executado por Rosas: depois de haver assassinado o pai, proibiu o filho de deitar luto. A lei que continha esta proibição foi proclamada e fixada nas esquinas, e bem necessária foi, porque quando não, tudo em Buenos Aires andaria de luto!

Os excessos deste despotismo admiraram alguns estrangeiros e sobretudo alguns franceses. Rosas cansou a paciência de Luiz Felíppe, paciência bem reconhecida, e logo depois teve lugar o primeiro bloqueio pela esquadra francesa.

Entretanto as classes elevadas tão maltratadas começaram a fugir de Buenos Aires e para encontrar um asilo, refugiaram-se no Estado Oriental, onde a maioria da cidade proscrita achou hospitalidade.

Foi em vão que a policia de Rosas redobrou de vigilância, foi em vão que uma lei proibiu de morte a emigração, foi em vão que a essa morte se juntaram os mais cruéis detalhes, porque Rosas conheceu bem depressa que a morte só não era suficiente; o terror e o ódio que inspirava Rosas eram mais fortes que os meios inventados por ele, e a emigração aumentava de uma maneira espantosa a todos os momentos. Para realizar a fuga de toda uma família, era só necessário encontrar um barco que a pudesse transportar. Encontrado ele, pai, mãe, filhos, irmãos, ali se lançavam, abandonando casa, bens, fortuna, e todos os dias, se via chegar ao Estado Oriental, isto é a Montevidéu algumas dessas barcas cheias de passageiros, tendo por única fortuna o fato que levavam em cima de si.

Nenhum desses fugitivos teve de que se arrepender da confiança que tinham posto na hospitalidade do povo oriental, pois essa hospitalidade foi como o teria sido a de uma república antiga; hospitalidade como devia esperar o povo

argentino de amigos, ou antes de irmãos, que tantas vezes tinham combatido unidos paia repelir os ingleses, espanhóis ou brasileiros, – inimigos comuns, inimigos estrangeiros – menos perigosos contudo do que esse que havia nascido no meio deles.

Os argentinos chegavam em grande quantidade, e eram esperados no porto pelos habitantes, que escolhiam em razão dos seus recursos pecuniários, ou do tamanho da sua casa os emigrados que podiam recolher. Então viveres, dinheiro, fato, tudo era posto à disposição desses desgraçados até que eles tivessem alcançado alguns recursos, no que todos os coadjuvavam. Eles do seu lado reconhecidos entregavam-se ao trabalho, a fim de aliviar o fardo que impunham aos seus hóspedes, dando-lhe assim os meios de receber novos fugitivos. Para poderem praticar tão nobre ação, as pessoas mais habituadas ao luxo trabalhavam nos misteres mais ínfimos, enobrecendo-as tanto mais a ocupação a que se entregavam, em oposição com o seu estado social.

Foi por este modo que os mais belos nomes da República Argentina figuraram na emigração.

Lavallée, a espada mais brilhante do seu exército, Florêncio Varella, o seu mais belo talento, Aguero, um dos seus primeiros homens de Estado; Echaverria, o seu Lamartine; La Vega, o Bayardo do exército dos Andes; Guttierrez, o feliz cantor das glórias nacionais; Alsina, o grande advogado e ilustre cidadão, pertencem ao número dos emigrados, assim como aparecem Saenz, Valente, Molina, Torres, Ramos, Megia, grandes proprietários; como aparecem, Rodrigues, o velho general dos exércitos da independência, e unitário; Olozabal, um dos mais bravos desse exército dos Andes, de que dissemos ter sido La Vega o Bayardo. Rosas perseguia igualmente o unitário e o federal, não se preocupando senão de se desembaraçar de todos os que podiam ser um obstáculo à sua ditadura.

É à hospitalidade concedida aos homens que ele perseguia, que deve ser atribuído o ódio de Rosas ao Estado Oriental.

Na época a que nos referimos a presidência da república era exercida pelo general Fructuoso Rivera.

Rivera era camponês, como Rosas como Quiroga; unicamente os seus instintos eram humanitários, o que o fazia inimigo de Rosas. Como homem de guerra, a bravura de Rivera não podia ser excedida; como chefe de partido, a sua generosidade não podia ser igualada. Durante trinta e cinco anos figurou nas cenas políticas do seu país. Quando a revolução contra a Espanha começou, Rivera sacrificou a sua fortuna, porque não era só generoso, era pródigo.

Do mesmo modo que Rivera era pródigo para com os homens, Deus tinha sido pródigo para com ele. Era um belo cavalheiro, em todo o sentido da palavra

espanhola caballero, que compreende ao mesmo tempo o soldado e o gentil homem, de estatura elevada, de olhar perscrutador, conversando com graça, e atraindo todos por um gesto particular que só lhe pertencia, sendo por isso o homem mais popular do Estado Oriental. Mas se Rivera como homem era muito apreciável, como administrador nunca houve nenhum que desorganizasse mais os recursos pecuniários de uma nação. Assim como havia destruído a sua fortuna particular, destruiu a fortuna pública, não para enriquecer, mas porque homem público tinha conservado todos os hábitos do homem particular.

Na época que descrevemos, essa ruína não se fazia sentir: Rivera, começava a sua presidência, e estava rodeado dos homens mais notáveis do país: Obes, Herrero, Vasques, Alvares, Ellauri, Luiz Eduardo Perez, eram verdadeiramente senão seus ministros ao menos seus diretores, e com estes homens tudo o que era progresso, liberdade e prosperidade, estava prometido a este belo país.

Obes, o primeiro dos amigos de Rivera, era um homem de um caráter respeitável. O seu patriotismo, o seu talento eminente, a sua instrução profunda, o colocaram no número dos grandes homens da América, e fará que nada faltasse à sua popularidade, morreu no exílio, vítima do sistema de Rosas no Estado Oriental.

Luiz Eduardo Perez, era o Aristides de Montevidéu. Republicano severo, patriota exaltado, consagrou a sua longa existência à virtude, à liberdade, e ao seu país.

Vasquez, homem de talento e instrução, rendeu os primeiros serviços ao seu país no cerco de Montevidéu, na guerra contra a Espanha e acabou a sua carreira durante o cerco contra Rosas.

Herrera, Alvares e Ellauri, cunhados de Obes, não ficaram atrás dos que temos nomeado. Foram defensores dedicados do Estado Oriental, e de toda a causa americana, sendo por isso os seus nomes muito respeitados em todo o território americano.

XLI – Manuel Oribe (por Alexandre Dumas)

A presidência de Rivera finalizou em 1834. O general Manuel Oribe foi quem lhe sucedeu, por influência do próprio Rivera, que contava ter nele um amigo e continuador do seu sistema. Com efeito Manuel Oribe tinha sido nomeado general por Rivera, e havia feito parte da precedente administração, como ministro da guerra.

Oribe pertencia às primeiras famílias do país. O seu espírito era fraco, a sua inteligência acanhada, explicando-se por isso a sua aliança com Rosas, a quem se entregou totalmente, sem pensar que essa aliança trazia consigo a perda dessa mesma independência, pela qual tantas vezes havia combatido.

Como general a sua incapacidade era completa. As suas paixões tinham a violência das organizações nervosas e arrastavam-no à crueldade. Como particular era um homem honesto.

Como administrador foi mais econômico que Rivera e não se lhe pode censurar o ter aumentado o déficit do tesouro, e contudo é a ele que cabe toda a responsabilidade da ruína do Estado Oriental. Esquecendo que para ser chefe de partido não é suficiente só o querer sê-lo, recusou o ficar aliado do grande partido nacional de que Rivera era chefe. Querendo formar um partido seu, excitou a desconfiança de todos e espantado pela sua fraqueza, lançou-se nos braços de Rosas. Ainda que o tratado tivesse ficado secreto, todos conheceram esta aliança pelas hostilidades secretas do governo contra a emigração argentina e como todos detestavam o sistema de Rosas, o país seguiu Rivera, quando ele em 1836 se colocou à frente de uma revolução contra Oribe.

Não obstante essa revolução em que tomou parte quase todo o país, Oribe resistiu até 1838.

Oribe deixou a presidência por renúncia feita oficialmente perante as câmaras e saiu do país, tendo pedido às mesmas câmaras licença para se retirar!

Rosas, vendo-o abandonar a sua posição, obrigou-o a protestar contra essa renúncia, e reconheceu-o como chefe do país de que havia sido expulso. Foi o mesmo do que se Luiz Felippe tivesse em Clermont reconhecido o duque de Bordeos, como vice-rei da republica francesa.

Em Montevidéu zombaram ao principio dessa excentricidade do ditador, mas ele preparava-se para mudar esses risos em lágrimas.

A consequência natural da conduta de Rosas era a guerra entre as duas nações.

Esta guerra foi horrível!

Oribe, a quem alguns dos nossos jornais, pagos por Rosas, chamaram o ilustre e o virtuoso Oribe, foi ao mesmo tempo general e carrasco.

Mostremos aos leitores algumas dessas paginas de sangue publicadas pela América do Sul, e nas quais vem registrados dez mil assassinatos.

Tomemos ao acaso alguns dos relatórios feitos a Rosas pelos seus agentes e oficiais.

O general D. Mariano Acha que serve no exército contrario à Rosas, defende S. João e no dia 22 de agosto de 1841 rende-se depois de quarenta e oito horas de resistência. D. José Ramires, oficial de Rosas, transmite então ao governo de S. João o relatório oficial deste sucesso. Copiaremos estas linhas:

“Tudo se acha em nosso poder, mas com perdão e garantia para todos os prisioneiros. Entre eles está um filho de Lamadrid.”

Agora leia-se o número 2067 do Diário da Tarde, de Buenos Aires, de 22 de outubro de 1811, e em oposição ao documento oficial de José Ramires, que assegura a vida dos prisioneiros. Veja o leitor o seguinte:

“Desaguedero, 22 de setembro de 1841.

O selvagem unitário Mariano Acha foi ontem decapitado e a sua cabeça exposta ao público.

Assinado: Angelo Pacheco”

É necessário não confundir este Pacheco, tenente de Rosas, com seu primo Pacheco y Obes, um dos seus inimigos mais encarniçados.

O leitor deve lembrar-se que no relatório de Ramires se acha esta frase.

“Entre os prisioneiros está um filho de Lamadrid.”

Veja-se a Gazeta Mercantil, número 5703, de 20 de abril de 1842 e ali se encontrará esta carta escrita por Mazario Benavides a D. Juan Manuel Rosas;

“Miraflore 7 de abril de 1842.

Em um despacho precedente, dei-lhe parte dos motivos porque conservava o selvagem Cyriaco Lamadrid, mas sabendo que ele se tinha dirigido a muitos chefes da província para os resolver a tomar a sua defesa, mandei assim que cheguei a Rioja decapitá-lo, assim como o selvagem unitário Manoel Julião Frias, natural de Santiago.

Assinado: Mazario Benavides.”

Manoel Oribe, a testa dos exércitos de Rosas, encarregado de submeter as províncias argentinas, derrotou, em 15 de abril de 1842, no território de Santa-Fé as forças comandadas pelo general João Paulo Lopes.

Entre os prisioneiros encontra-se o general D. João Martins.

Leia esse fragmento de umia carta de Oribe:

“No quartel general de Barrancas de Cosonda 17 de abril de 1842. – Trinta e tantos mortos e alguns prisioneiros, entre os quais se achava João Martines, a quem ontem mandei decepar a cabeça.

Assinado: Manoel Oribe.”

Se ainda tendes em vosso poder a Gazeta Mercantil, vede o número 5903, de 20 de setembro de 1842, e ali encontrareis um relatório oficial de Manoel António Saravia, empregado no exército de Oribe.

Este relatório contêm uma lista de dezessete indivíduos, de que um era chefe de batalhão e outro capitão, que foram prisioneiros em Numayan, sofrendo ali o castigo ordinário da pena de morte.

Voltemos ao ilustre e virtuoso Oribe, numero 3007 do Diário da Tarde, onde vem o seguinte, a propósito da batalha de Monte Grande.

“Quartel general no Ceibal, 14 de setembro de 1841.

Entre os 'prisioneiros foi encontrado o traidor selvagem unitário, ex-coronel Facundo Borda, que foi executado imediatamente, com outros pretendidos oficiais de cavalaria e infantaria.

Manoel Oribe.”

Oribe estava feliz; um traidor lhe entregou o governador de Tucumã e os seus oficiais. Eis como ele anuncia esta noticia a Rosas.

“Quartel general de Métau, 3 de Outubro de 1841.

Os selvagens unitários que me entregaram o comandante Sandoval e que são Marion, o pretendido governador general de Tucumã, Avellanieda, o pretendido coronel J. M. Villela, o capitão José Espejo, e o tenente Leonardo de Souza, foram imediatamente executados na forma ordinária à exceção de Avellanieda, a quem ordenei que cortassem a cabeça, sendo exposta ao público na praça de Tucumã.

Manoel Oribe.”

Agora passemos a outro carrasco de Rosas.

“Casamarca, 29 do mês de Rosas de 1841.

A S. Excellencia o senhor governador Arredondo.

Depois de duas horas de fogo, a infantaria foi passada à espada, e a cavalaria posta na mais completa desordem.

O general conseguiu escapar-se pela serra de Ambaste com trinta homens, mas foi perseguido e apanhado e a sua cabeça será bem depressa exposta na

praça pública, assim como já estão as dos pretendidos ministros Gonçalves Dulce e Espeche.

Viva a federação!

Assinado: M. Maza”

“Lista dos selvagens unitários pretendidos chefes e oficiais que foram executados depois da ação de 29:

Coronel: Vicente Mercao.

Comandantes: Modesto, Villafane, João Pedro Ponce, Damásio Árias, Manoel Lopes e Pedro Rodrigues.

Chefes de batalhão: Manoel Riso e Santiago da Cruz.

Capitães: João de Deus Ponce, José Salas, Pedro Araújo, Izidoro Ponce e Pedro Barros.

Ajudantes: Damario Sarmento, Eugénio Novillo, Francisco Quinteros e Daniel Rodrigues.

Tenente : Domingos Dias.

Assinado: M. Maza”

Apresentaremos mais esta carta de Maza, para depois voltarmos a Rosas.

“ Casamarca, 4 de Novembro de 1841.

Já lhe disse que pusemos em completa desordem o selvagem unitário Cubas, e que era perseguido, esperando ter em breve em meu poder a cabeça do bandido. Foi com efeito prisioneiro no Cerro das Ambastes, e a sua cabeça está exposta na praça pública da cidade.

Depois da ação foram feitos prisioneiros dezenove oficiais que seguiam Cubas. Não dei quartel. O triunfo foi completo.

M. Maza.”

Vejamos de passagem no Boletim de Mendoza n. 12, esta carta escrita no campo de batalha de Arroio Grande e dirigida ao governador Aldao pelo coronel D. Jeronymo Costa.

“Fizemos prisioneiros mais de cento e cinquenta oficiais que foram executados imediatamente.”

Todo o fogo de artifício tem o seu ramalhete, terminaremos pelo seu ramalhete este fogo de artifício de sangue.

Prometi falar de novo em Rosas, e vou agora cumpri a minha promessa.

O coronel Zelallaran foi morto e a sua cabeça oferecida a Rosas que passou

três horas a dar-lhe pontapés. Nesse momento soube que um outro coronel, irmão de armas do primeiro, havia sido feito prisioneiro. No primeiro momento teve intenção de o mandar fuzilar, mas depois mudou de resolução, e condenou-o a ter doze horas por dia, durante três dias, essa cabeça cortada em cima de uma mesa que se devia achar colocada na sua frente.

Rosas mandou fuzilar na praça de S. Nicolau alguns dos prisioneiros do general Paz.

Entre eles estava o coronel Vedela, antigo governador de S. Luiz; no meio do suplício o filho do condenado lançou-se nos braços de seu pai.

– Fuzilai ambos, disse Rosas.

E o pai e o filho expiraram nos braços um do outro.

Rosas mandou conduzir a uma das praças de Buenos Aires oitenta prisioneiros índios, e em pleno dia e na presença de todos, os mandou matar a estocadas.

Camilla O'Gorman, menina de dezoito anos e oriunda de uma das principaes famílias de Buenos Aires, foi seduzida por um padre de vinte e quatro anos, e fugiram ambos de Buenos Aires,refugiando-se numa pequena vila de Corrientes, onde passando por esposos, estabeleceram uma pequena escola. Corrientes cai em poder de Rosas, e os dois fugitivos reconhecidos por um padre e denunciados por ele a Rosas, são presos e conduzidos a Buenos Aires, onde sem julgamento, Rosas os mandou fuzilar.

– Mas, diz alguém a Rosas, Camilla está grávida!

– Batizai o ventre, diz Rosas, que como excelente cristão quer salvar a alma do menino.

Esta cerimônia foi executada, e Camilla O'Gorman foi fuzilada.

Três balas atravessaram os braços da desgraçada mãe que os havia estendido para proteger seu filho...

Depois disto como diremos que a França se pronunciou em favor de Rosas?

E com efeito o tratado de 1840, assinado pelo almirante Mackan, firmou então o poder de Rosas, deixando só a república Oriental engajada na luta.

Foi então que apareceu Garibaldi na sua volta do Rio Grande.

De um lado Rosas e Oribe, isto é, a força, a riqueza, o poder combatendo pelo despotismo.

Do outro lado, uma pequena república, uma cidade arruinada, um tesouro exausto, um povo sem recursos, não podendo pagar aos seus defensores, mas combatendo pela liberdade.

Garibaldi não hesitou; e encaminhou-se para os defensores da liberdade.

Agora abandonamos a pena para lhe deixarmos contar a historia desse cerco, que como o de Tróia, durou nove anos.

XLII – Tudo Perdido, Salvo a Honra

O verdadeiro motivo da expedição não era levar socorros aos habitantes de Corrientes e reabilitá-los, mas sim de se desprenderem de mim.

Como é que sendo tão insignificante, tinha tantos inimigos? Eis um segredo que nunca pude aprofundar.

Quando entrei o rio, o exército oriental achava-se em S. José do Uruguai e o de Oribe, em Boyada, capital da província de Entre Rios. Ambos se preparavam para a luta e a exército de Corrientes, pela sua parte, dispunha-se a unir-se ao exército oriental.

Tinha a meu cuidado vigiar desde o Paraná até Corrientes, isto é uma distância de seiscentas milhas entre as duas margens inimigas, e ainda mais, perseguido por uma esquadra, quatro vezes superior à minha.

Durante esta passagem não podia causar medo senão às ilhas ou costas desertas.

Quando deixei Montevidéu havia cem a apostar contra um que nunca mais lá voltaria.

Logo à saída de Montevidéu sustentei um primeiro combate, contra a bateria de Martim Garcia, ilha situada ao pé da confluência dos dois grandes rios, Uruguai e Paraná, perto da qual é absolutamente necessário passar, visto que um só canal existe ao alcance de tiro, para os navios de uma certa tonelagem.

Tive alguns mortos e entre eles Pacaroba, valente oficial italiano: levou-lhe à cabeça uma bala de artilharia, e além disso tive oito ou dez feridos.

A três milhas da ilha de Martim Garcia a Constituição, deu num baixo, e desgraçadamente isto aconteceu no baixa-mar. Tivemos grande trabalho para a por a nado, mas pela coragem dos nossos marinheiros, a pequena flotilha ainda se salvou nesta ocasião. Enquanto nos ocupávamos a transportar para a goleta todos os objetos pesados, vimos que se aproximava de nós, em bela ordem, a esquadra inimiga.

Estava em má situação. Para aliviar a Constituição, tinha mandado transportar toda a sua artilharia para a goleta Procida, onde estava amontoada e por consequência inutilizada para nós. Resta-nos o bergantim Theresa, de que o animoso comandante estava ao meu lado, com a maior parte da guarnição, ajudando-nos a trabalhar.

No entanto o inimigo crescia sobre nós, vistoso entre as aclamações da tropa da ilha, seguro da vitória e com sete navios de guerra. Apesar do iminente perigo que me ameaçava, não desesperei. Não, pois Deus faz-me o favor de me conservar sempre grande sangue frio nas ocasiões supremas; deixo pensar aos outros, sobretudo aos marítimos, qual seria a minha situação. Não se tratava só

da vida, que eu renunciaria num tal momento, porém, da honra. Quanto mais os homens que me tinham levado ali, pensavam que eu perderia a rainha reputação, mais eu estava decidido a livrá-la deste perigo, ensanguentada, mas pura.

Não se podia evitar o combate, porém era necessário recebê-lo na melhor situação, por consequência como os meus navios eram mais pequenos que os do inimigo, e por isso nadavam em menos água, aproximei-os quanto pude da costa, que em perda total no rio, me oferecia também um meio de salvação, desembarcando. Desembaracei o mais possível o convés da goleta afim de que algumas peças pudessem servir, e dispostas as coisas desta maneira, esperei.

A esquadra que me ia atacar, era comandada pelo almirante Brown. Sabia pois que tinha a tratar com um dos mais hábeis marinheiros do mundo.

O combate durou três dias, sem que o inimigo se atrevesse a vir à abordagem. Na manhã do terceiro dia tinha ainda pólvora, mas faltavam-me projéteis. Mandei partir as correntes dos navios, reuni os pregos e os martelos e tudo quanto de cobre ou ferro pudesse substituir as balas e a metralha, e lancei-os ao inimigo, ajudando-nos isto a passar o dia.

No fim do terceiro dia, não possuindo um único projétil, e tendo já perdido metade dos meus homens, lancei fogo aos três navios, enquanto que, debaixo do fogo inimigo, ganhávamos a terra, levando as nossas espingardas e alguma pólvora.

Os feridos que ainda davam alguma esperança, foram também transportados. Enquanto aos outros, já disse o que se fazia em iguais circunstâncias.

Estávamos, pois, a cento e cinquenta ou duzentas milhas de Montevidéu, e em terreno inimigo. A guarnição da ilha de Martim Garcia foi a primeira que nos tentou fazer mal, mas cheios de orgulho pelo nosso combate com o almirante Brown, foram recebidos de tal maneira que não nos tornaram a aparecer.

Pusemo-nos a caminho, através do deserto, vivendo de algumas provisões que tínhamos levado, e do que podíamos alcançar pelo caminho.

Os orientais acabavam de perder a batalha de Arroio Grande. Reunimo-nos aos fugitivos, e depois de cinco ou seis dias de lutas, combates e privações, de que ninguém pôde formar ideia, entaámos em Montevidéu, Ievando intactos o que tinha julgado que perderíamos;

A honra!!

Este combate e muitos outros, que sustentei contra ele deixaram de mim uma boa lembrança ao almirante Brown, que tendo abandonado o serviço de Rosas antes da guerra concluir, veio a Montevidéu e, antes de procurar os seus parentes, quis abraçar-me primeiro. Correu à minha casa da Portona, e abraçou-me muitas vezes com tal extremo, que parecia meu pai.

Depois voltou-se para Anita e disse-lhe:

– Senhora, combati muito tempo contra seu marido sem obter vitória alguma. O meu maior prazer era derrotá-lo e fazê-lo prisioneiro, mas Garibaldi sempre conseguiu escapar-se. Se eu tivesse a felicidade de o aprisionar, ficaria conhecendo o apreço em que o tenho.

Conto esta anedota, porque faz mais honra ao almirante Brown do que a mim mesmo.

XLIII – Formam-se Legiões

Depois da vitória de Arroio Grande, Oribe marchou sobre Montevidéu, declarando que não fazia graça a pessoa alguma, nem mesmo aos estrangeiros. E para ir dando cumprimento à sua palavra, tudo o que encontrava no caminho era fuzilado.

Então como em Montevidéu havia um grande numero de italianos, que ali tinham vindo, uns por negócios e outros porque estavam proscritos, fiz uma proclamação aos meus compatriotas, convidando-os a tomar armas, formando uma legião, para combater até a morte por aqueles que nos haviam dado a hospitalidade.

Rivera durante este tempo reunia os restos do seu exército.

Do seu lado os franceses e espanhóis formaram também duas legiões. Quatro meses depois da sua formação, a legião espanhola, composta na sua maioria de carlistas, passou-se para o inimigo, tornando-se o alvo dos nossos ataques.

A legião italiana não recebia paga, tendo unicamente ração de pão, vinho, sal, azeite, etc, etc, devendo receber contudo, finda a guerra, terrenos e bois os que escapassem e as viúvas e filhas dos falecidos.

A legião compunha-se primeiramente de quatrocentos a quinhentos homens, elevando-se depois a oitocentos, por causa de muitos proscritos que todos os navios conduziam.

A legião foi primeiramente dividida em três batalhões, um comandado por Danuzio, outro por Ramella e o terceiro por Mancini.

Oribe não ignorava todos estes preparativos de defesa, mas ligava-lhe pouca importância. Marchou, como já disse sobre Montevidéu, e acampou no Cerrito. Pode ser que no estado de desordem em que se achava a cidade, ele ali pudesse ter entrado imediatamente, mas julgando ter ali bastantes partidários, esperava uma demonstração da sua parte; mas esta demonstração nunca apareceu e Oribe deu tempo a que em Montevidéu se organizasse a defesa.

Ficou pois a uma hora de marcha de Montevidéu com doze a quatorze mil homens.

Montevidéu podia apresentar nove mil homens, de que cinco mil eram negros, aos quais se havia dado a liberdade, tornando-se excelentes soldados.

Quando Oribe perdeu a esperança de entrar amigavelmente em Montevidéu, fortificou-se no Cerrito e desde logo começaram as escaramuças.

Do seu lado Montevidéu fortificava-se o melhor que podia, sendo o nosso engenheiro o coronel Echevarria.

A organização geral das tropas pertencia ao general Paz.

Joaquim Soares era presidente, Pacheco y Obes, ministro da guerra.

Paz partiu de Montevidéu para Corrientes e Entre-Rios, a fim de revolucionar estas províncias.

A primeira vez que saiu das linhas, não sei se foi dos soldados ou dos oficiais, a legião italiana tomou tal medo que entrou para as fortificações, sem haver disparado um tiro.

Obriguei um dos três comandantes a pedir a sua demissão, e dirigi uma proclamação aos italianos, escrevendo pela segunda vez a Anzani que estava no Uruguai, empregado em uma casa de comércio, convidando-o a vir para a minha companhia.

Este excelente amigo chegou no mês de julho.

Com ele tudo ganhou força e vida. A legião que se achava horrivelmente administrada, mereceu todos os seus cuidados.

Durante este tempo tinha-se organizado, sabe Deus como, uma pequena flotilha, de que me confiaram o comando.

Mancini tomou o meu lugar na legião.

A flotilha comunicava pelo rio com o Cerro, fortaleza que tinha ficado em nosso poder, ainda que estivesse a três ou quatro léguas, na margem do Prata, mais distante que o Cerrito que tinha caído no poder de Oribe.

O Cerro era-nos muito necessário porque nos servia de ponto de apoio, para mandar gente para as planícies e receber os fugitivos.

Antes de organizar a defesa, a esquadra do almirante Brown tinha feito uma tentativa sobre o Cerro e sobre a ilha dos Ratos. Durante três dias defendi a ilha e a fortaleza. Na ilha havia peças de 18 e de 36, obrigando o almirante a retirar-se com grandes perdas.

Já disse que à entrada de Anzani, as concessões tinham acabado; porque este honrado homem em tudo tinha cuidado, e por isso se formou uma conspiração que tinha por fim assassiná-lo e a mim, entregando a legião italiana ao inimigo.

Anzani foi prevenido.

Os conspiradores viram que não tinham nada a fazer por este lado, e uma manhã vinte oficiais e cinquenta soldados passaram para o inimigo.

Os soldados, é necessário fazer-lhes esta justiça, voltaram a pouco e pouco.

A legião, livre dos traidores, ficou composta de homens valentes e honradíssimos. Anzani reuniu-a e disse-lhe:

– Se eu tivesse que fazer uma escolha entre os bons e os maus, não teria escolhido melhor, como o acaso vem de fazer.

O general Pacheco e eu também fizemos os nossos discursos à tropa.

Alguns dias depois do primeiro combate, onde a legião italiana tinha dado de si tão má ideia, propus uma expedição, com o fim de a reabilitar, o que foi aceito. Tratava-se de atacar as tropas de Oribe, que estavam diante do Cerro.

Embarquei a legião italiana na nossa pequena esquadra e desembarcamos no Cerro, e tomando com Pacheco o comando da legião, atacamos o inimigo às duas horas da tarde, tendo-o posto na mais completa derrota às cinco.

A legião composta de quatrocentos homens atacou um batalhão de seiscentos. Pacheco combatia a cavalo, e eu, ora a pé, ora a cavalo, conforme era necessário. O inimigo teve cento e cinquenta mortos e duzentos prisioneiros, e nós apenas cinco ou seis mortos, e doze feridos, entre os quais figurou um oficial chamado Ferrucci, a quem foi necessário cortar uma perna.

No dia seguinte voltamos em triunfo a Montevidéu. Pacheco mandou reunir a legião, elogiou-a muito, e deu uma espingarda de honra ao sargento Loreto.

O combate tinha tido lugar no dia 28 de Março de 1843.

Já me achava tranquilo, os meus soldados haviam recebido o batismo de fogo.

No mês de Maio teve lugar a benção da bandeira.

Era de seda preta com o Vesúvio pintado. Era o emblema da Itália e das revoluções que em si encerrava. Foi confiada a Sacchi, mancebo de vinte anos, que se tinha conduzido admiravelmente no combate do Cerro.

É o mesmo que combateu mais tarde comigo em Roma e que hoje é coronel.

XLIV – O Coronel Negra

Em 17 de Novembro do mesmo ano, a legião italiana achava-se de serviço nas linhas e eu também ali estava.

Depois do almoço, o coronel Negra, natural de Montevidéu, montou a cavalo e percorreu a linha, acompanhado por alguns homens.

O inimigo dirigiu-lhe alguns tiros, e com tanta felicidade que o feriram mortalmente.

Vendo-o cair, o inimigo avançou e apoderou-se do corpo.

Apenas soube deste acontecimento e não querendo deixar o corpo de um bravo oficial exposto aos insultos do inimigo, reuni uns cem homens e ataquei com eles.

Momentos depois o corpo do coronel estava em meu poder.

Então os soldados de Oribe encheram-se de furor, e tendo recebido consideráveis reforços, achei-me cercado por todos os lados. Os nossos soldados vendo isso, voaram em meu socorro, tomando parte no combate toda a legião.

Exaltados pela minha voz, avançaram contra o inimigo e com tanta felicidade que num momento estava na mais completa derrota, tendo-lhe tomado uma bateria e ocupado as suas posições.

Mas bem depressa, voltando em massa nos atacaram.

Todas as forças da guarnição saíram, e o combate tornou-se geral, durando oito horas.

Fomos obrigados a abandonar as posições que havíamos tomado, mas Oribe sofreu grandes perdas, e entramos em Montevidéu vencedores na realidade e convencidos da nossa superioridade sobre o inimigo.

Tivemos sessenta homens feridos ou mortos.

Tinha tomado parte no combate como um simples soldado, por isso não tinha observado o que se passou em volta de mim. Entretanto no meio da confusão, havia visto Anzani combatendo com o seu sossego habitual, e sabia que dominando a luta, nenhum detalhe lhe havia escapado.

Nessa mesma tarde pedi-lhe uma nota de todos os que se haviam distinguido.

No dia seguinte reuni a legião, louvando-a e agradecendo-lhe em nome da Itália, e promovi alguns destes bravos a oficiais e a sargentos.

Depois destes dois combates, a legião italiana tinha tomado tal influência sobre o inimigo que quando ele a via marchar de baioneta calada fugia, ou se aceitava o combate era sempre derrotado.

Durante estes acontecimentos, Rivera tinha conseguido reunir um pequeno exército composto de cinco ou seis mil homens, com o qual fazia frente a Urquiza, hoje presidente da República Argentina. De tempo em tempos Rivera

enviava pelo Cerro mantimentos à Montevidéu.

Oribe mandou uma parte do seu exército à Urquiza, ordenando-lhe que tratasse de destruir Rivera.

XLV – Passagem da Boyada

Soubemos em Montevidéu da partida dos soldados de Oribe, resolvendo então o general Paz aproveitar-se do enfraquecimento do exército inimigo.

Além do Cerrito, estavam quase mil e oitocentos homens, observando o Cerro.

Partimos em 23 de Abril de 1844, às 10 horas da noite.

Eis qual era o nosso plano: Atacar o corpo de observação do Cerro, porque sabendo deste ataque, Oribe devia enviar-lhe socorros,enfraquecendo-se ainda mais, e então saírâ toda a nossa gente a atacá-lo.

Seguimos as margens do rio, passando o Arroio Seco, que apesar do seu nome, nos obrigou a encher d'água até ao pescoço.

Tendo passado o rio, dirigimo-nos pela planície, rodeando o acampamento.

Marchávamos com tais precauções que chegamos à vista do corpo de observação, sem ter causado a mais pequena suspeita.

A guarnição do Cerro devia sair, coadjuvando o nosso movimento. Uma discussão se elevou entre os dois oficiais que comandavam, porque ambos queriam tomar o comando. Estando em fuga os mil e oitocentos homens, devíamos voltar sobre Oribe, colocando-o entre o fogo da nossa gente e o da cidade. A discussão entre os dois oficiais fez falhar o nosso plano, porque a guarnição saiu, mas senhor de todas as forças, Oribe repeliu-a, e foi ele que por sua vez marchou sobre nós, executando o plano de batalha que havíamos formado contra ele.

Fomos pois atacados ao mesmo tempo pelo exército de Oribe e pelo corpo de observação sendo obrigados a retirarmo-nos para o Cerro, causando-lhe nessa retirada os maiores prejuízos que podemos.

Tomei o comando da tropa que ia na retaguarda, a fim de sustentar esta retirada o mais vigorosamente que fosse possível.

Havia entre nós e o Cerro uma espécie do riacho que se chamava a Boyada. Era necessário atravessá-lo com lama até o ventre.

A fim de estabelecer desordem na passagem, o inimigo havia estabelecido em um montículo uma bateria de quatro peças que abriram o fogo quando começamos a passagem. Mas a legião italiana, cada vez mais aguerrida, desprezou essa chuva de metralha, como se fosse chuva ordinária.

Foi então que tive ocasião de observar que os nossos negros eram também valentes soldados. Faziam-se matar esperando o inimigo com um joelho em terra. Estava no meio deles, por isso podia ver como eles se conduziam. O combate durou seis horas.

Ao serviço de Montevidéu estava um inglês que tinha carta branca de

Pacheco para tudo quanto julgava útil a favor da nossa causa. Havia reunido quarenta ou cinquenta homens. Chamavam-lhe Samuel; não sei se tinha outro nome.

Nunca conheci homem tão bravo como ele.

Depois da passagem da Boyada, vi-o chegar só com a sua ordenança.

– Samuel, lhe disse eu, onde está o teu regimento?

– Regimento, gritou ele, sentido!

Ninguém apareceu, ninguém respondeu. Todos haviam perecido no combate.

E uma ordem do dia do general Paz, fizeram-se grandes elogios à legião italiana, setenta homens haviam ficado fora do combate.

Entramos em Montevidéu pelo Cerro.

Samuel começou imediatamente a reformar o seu regimento.

XLVI – A Legião Italiana Recusa as Terras que lhe são Oferecidas

Em 30 de Janeiro de 1845, o general Rivera maravilhado pela conduta da legião italiana no combate do Cerro e na passagem da Boyada, escreveu-me a seguinte carta:

"Senhor:

Quando no ano passado, dei à legião francesa uma certa quantidade de terras, esperava que o acaso conduzisse ao meu quartel general algum oficial da legião italiana, dando-me assim ocasião de satisfazer um ardente desejo do meu coração, mostrando à legião italiana a estima que lhe consagro pelos importantes serviços prestados à republica na guerra que sustentamos contra o exército invasor de Buenos Aires.

Para não demorar por mais tempo o que considero como o cumprimento de um dever sagrado, incluo nesta, um ato de doação que faço à ilustre e valorosa legião italiana, como uma prova sincera do meu reconhecimento pessoal pelos eminentes serviços prestados ao meu país.

A oferta não é igual aos serviços, nem aos meus desejos, e contudo ouso esperar que não recusareis offerecê-la em meu nome aos vossos camaradas, informando-os da minha boa vonntade e do meu reconhecimento.

Aproveito esta ocasião, coronel, para vos assegurar a minha perfeita consideração e profunda estima.

Fructuoso Rivera."

O que há de mais importante nesta carta é que este excelente patriota nos fazia este presente da sua própria fortuna, porque as terras que nos oferecia eram do seu patrimônio.

Em 23 de Maio seguinte, época em que me foi entregue a sua carta, dirigi-lhe a seguinte resposta:

"Excellentíssimo senhor :

O coronel Parodi me entregou diante de todos os oficiais da legião italiana, segundo o vosso desejo, a carta que tiveste a bondade de me escrever com data de 30 de Janeiro, e juntamente com ela um ato pelo qual fazeis espontânea doação à legião italiana de uma porção de terreno, das vossas propriedades, existentes entre o Arroio das Avenas e o Arroio Grande, ao norte do Rio Negro, e de uma manada de bois, e de todas as fazendas ali existentes.

Dizeis na vossa carta que este presente nos é feito como remuneração dos nossos serviços à república.

Os oficiais italianos depois de terem tomado conhecimento da vossa carta,

declararam unanimemente, em nome da legião italiana que eles oferecendo os seus serviços à república, não queriam receber senão a honra de partilhar os perigos que correm os naturais do país que lhe deram hospitalidade. Obrando deste modo obedecem à sua consciência. Tendo satisfeito ao que eles olham como o simples cumprimento de um dever, continuarão, tanto quanto as necessidades do cerco o exigirem, a partilhar os perigos dos nobres Montevideanos, não aceitando outra recompensa do seu trabalho.

Tenho pois a honra de lhe comunicar a resposta da legião, com a qual os meus princípios e sentimentos concordam completamente. Por isso vos envio o original da doação.

Deus vos dê muitos anos de vida.

Giuseppe Garibaldi.”

Os italianos continuaram a servir, sem retribuição alguma, e o meio que tinham para alcançar algum dinheiro quando tinham necessidade de renovar alguma parte do vestuário, era o de ir servir algum negociante francês, que pagava aos substitutos quase dois francos.

Sempre será bom dizer que, se entretanto, havia algum combate, o substituto batia-se como um leão, fazendo-se muitas vezes matar pelo proprietário do lugar.

XLVII – Exílio de Rivera

Já disse qual era o plano do general Paz quando saímos de noite de Montevidéu.

Este plano se vingasse, mudava a face dos negócios e fazia segundo todas as probabilidades levantar o cerco a Oribe, mas tendo falhado completamente este plano, voltamos a ocupar o nosso posto ordinário, isto é, aos postos avançados que de um e outro lado, se fortificavam cada vez mais, até que nós tivéssemos do nosso lado uma linha de bateria que correspondesse às baterias do inimigo.

Foi por esta ocasião que o general Paz partiu, para dirigir a insurreição da província de Corrientes, coadjuvando assim a causa nacional, e dividindo as forças do general Urquiza que então fazia frente ao general Rivera.

Infelizmente todos estes projetos não tiveram o êxito que se esperava por causa da impaciência do general Rivera, que sem se importar com as ordens do governo, que lhe proibiam o aceitar uma batalha decisiva, aceitou essa batalha, perdendo-a nos campos da índia Morta.

O nosso exército foi batido. Dois mil prisioneiros, e talvez mais, foram estrangulados, contra todas as leis da humanidade e da guerra.

Muitos ficaram no campo da batalha, outros foram dispersos pelas imensas planícies. O general Rivera com alguns dos seus alcançou a fronteira do Brazil e foi por causa deste imenso desastre exilado pelo governo.

Perdida a batalha da índia Morta, Montevidéu ficou entregue aos seus próprios recursos. O coronel Corrêa tomou o comando da guarnição. Contudo o cuidado particular da defesa, ficou incumbido a Pacheco e a mim. Alguns dos nossos chefes, depois desta deplorável batalha, conseguiram reunir diversos destacamentos dos soldados dispersos e fizeram com eles a guerra de guerrilhas onde o terreno a isso se prestava.

O general Llanos reuniu duzentos homens o preferindo juntar-se aos defensores de Montevidéu, lançou-se sobre o inimigo que vigiava o Cerro e abrindo caminho, alcançou o forte.

Pacheco recebendo este pequeno reforço, teve a ideia de dar um golpe de mão.

Em 27 de Maio de 1845, embarcamos em Montevidéu, durante a noite, a legião italiana e algumas outras forças tiradas do Cerro, e com este pequeno corpo nós fomos emboscar em um velho paiol que se achava abandonado.

Na manhã de 28, a cavalaria do general Llanos saiu, protegida pela infantaria, e atraiu o inimigo do lado do paiol e quando ele se achava a pequena distância, os nossos soldados saíram com a legião italiana à frente e, carregando à baioneta, cobriram o terreno de cadáveres.

Então toda a divisão em observação no Cerro, se apresentou no campo, e travou-se um mortífero combate que se decidiu em nosso favor.

O inimigo foi posto em completa derrota e perseguido à baioneta, sendo necessário que viesse repentinamente uma horrível tempestade para finalizar esta carnificina.

As perdas do inimigo foram consideráveis.

Teve grande número de feridos e mortos e entre os últimos figura o general Nunez, um dos melhores e mais bravos generais inimigos, que foi morto por uma bala dos nossos legionários.

Também apanhamos grande número de bois, de modo que entramos em Montevidéu com a alegria e esperança no coração.

O feliz resultado desta tentativa fez com que propusesse outra ao governo. Tratava-se de embarcar na flotilha a legião italiana, subir o rio, ocultando os meus homens o melhor possível, até Buenos Aires, e chegados ali desembarcarmos de noite, dirigindo-nos à casa de Rosas e, fazendo-o prisioneiro, conduzi-lo à Montevidéu.

Tendo bom êxito esta expedição, terminava a guerra de um só golpe, mas o governo recusou.

Nos intervalos de repouso concedidos ao nosso exercito, dirigia-me à pequena flotilha e não obstante o bloqueio de que eu enganava a vigilância, tomava o largo e ia apanhar algum navio mercante, que conduzia prisioneiro até ao porto, com grande raiva do almirante Brown.

Outras vezes, por manobras bem combinadas, atraindo sobre mim todas as forças do bloqueio, franqueava o porto a navios mercantes que conduziam provisões à cidade sitiada.

Muitas vezes também embarcava-me de noite com cem dos meus legionários, os mais resolutos e tentava atacar os navios inimigos, que não podia atacar de dia por causa da grossa artilharia mas era sempre inutilmente, porque o inimigo desconfiando das minhas surpresas, não ficava de noite debaixo de âncora, transportando-se para algum sítio distante daquele onde eu o julgava.

Finalmente, um dia saí com três pequenos navios, os melhores da esquadra, e resolvi ir atacar o inimigo na baía de Montevidéu.

A esquadra de Rosas compunha-se de três navios: O 15 de março, O general Echague, e O Maypú.

Estes três navios tinham quarenta e quatro peças montadas.

Eu tinha unicamente oito peças de pequeno calibre, mas conhecia os meus homens, e estava convencido de que se chegássemos a abordagem o inimigo estava perdido.

Avancei para a esquadra em linha de batalha.

Estávamos quase a tiro de peça, julgando já todos o combate inevitável. Os terraços de Montevidéu estavam cheios de curiosos; os mastros dos navios de todas as nações estacionados no porto estavam também cheios de espectadores.

Todos esperavam com ansiedade o resultado do combate que se julgava inevitável.

Mas o comandante da esquadra argentina não quis correr o risco deste combate, e tomou o mar entrando nós no porto no meio das aclamações gerais.

XLVIII – Intervenção Anglo-Francesa

Os negócios de Montevidéu nesta conjuntura iam o pior possível, quando a intervenção anglo-francesa veio pôr termo ao bloqueio; as duas potências aliadas apoderaram-se da frota inimiga e dividiram-na.

Resolveu-se então nova expedição sobre o Uruguai.

O fim desta expedição era de se apoderar da ilha de Martim Garcia, da cidade de Colónia e de alguns outros pontos, e principalmente do Salto, pelo qual se poderiam abrir comunicações com o Brasil, ao mesmo tempo que se formaria um pé de exército de terra, destinado a substituir o que fora destruído.

Embarquei duzentos voluntários na minha pequena frota, e dirigi-me sobre o forte Martim Garcia. Encontramo-lo abandonado pelo inimigo e ocupamo-lo.

A cidade de Colónia, da mesma forma estava abandonada, quando ante ela se apresentaram a esquadra anglo-francesa e a minha pequena frota.

A legião italiana desceu, combateu e repeliu o general Montero, que com forças superiores se achava do outro lado da cidade.

Durante este tempo, as esquadras, não sei dizer com que fim, abriram um vivíssimo fogo sobre a cidade abandonada; puseram as tropas em terra, e estas tropas formaram a nossa reserva contra o general Montero.

Pelas duas horas da tarde fizemos a nossa entrada na cidade.

A legião italiana foi aquartelada em uma igreja; dei as minhas severas ordens para que se respeitassem as menores coisas pertencentes aos habitantes, forçados a abandonar suas casas.

Inútil é dizer que os legionários obedeceram religiosamente às minhas ordens.

A cidade foi guardada e fortificada pelos nossos que a guarneceram. As frotas inglesa e francesa entraram no Paraná e destruíram, num combate que durou três dias, as baterias que guardavam o curso do rio.

A resistência do inimigo foi heróica.

Continuei então com a minha pequena frota, composta de um brigue, de uma escuna e outros pequenos vasos, a subir o rio.

Durante todo o tempo que havíamos marchado de reserva, o almirante francês e o comodoro inglês me tinham testemunhado a mais viva simpatia, de que o almirante Lariné particularmente me deu provas.

Bastantes vezes um e outro vieram sentar-se em nosso bivac, provando da carne que fazia o nosso único sustento. Anzani, que nos acompanhava, na nossa expedição, partilhou esta honrosa simpatia. Era um destes que bastava vê-lo para o amar e estimar. Enquanto a nossa frota subia o Uruguai, vimos reunir-se a nós alguns homens de cavalaria, comandados pelo capitão Cruz, verdadeiro herói, quero dizer, homem do mais belo caráter e da maior coragem.

Estes poucos homens seguiram a frota, costeando o Uruguai, e serviram-nos de muito, a princípio como exploradores, depois como fornecedores de viveres.

Ocuparam eles diferentes lugares, as Vaccas, Mercês etc.

Por toda a parte onde se encontrava o inimigo era batido.

Paysandú, fortaleza da praça do Uruguai, experimentou se nos esmagava debaixo da sua artilharia; mas, todavia, não nos fez grande mal.

Acima de Paysandú, tomamos posição em uma estância chamada o Hervedero, onde estivemos muitos dias.

O general Lavalleja tentou sobre nós um ataque de noite com infantaria, cavalaria e artilharia; mas foi repelido com consideráveis perdas pelos nossos legionários.

De Hervedero escrevi ao governador por intervenção do capitão Montaldi, que voltava a Montevidéu num navio mercante; mas o navio foi atacado ao passar diante de Paysandú, rodeado pelas embarcações inimigas e tomado depois de uma rigorosa resistência do capitão Montaldi, que, abandonado, só, sobre a ponte, foi aprisionado.

Uma multidão de barcos navegando com a bandeira inimiga, caía todos os dias em nosso poder. Deixei à maior parte daqueles que os tripulavam, a liberdade de voltar para os seus.

Gualeguaychú, cidade situada na margem direita do Uruguai e sobre o Gualeguay, em Entre Rios, caiu por surpresa em nossas mãos.

Foi ali que eu aprisionei D. Leonardo Millão, o mesmo que tendo-me antigamente preso, me tinha feito dar o suplício das cordas.

Soltei-o, sem lhe fazer mal algum, e deixando-lhe como única punição o medo que havia tido ao reconhecer-me.

Gualeguaychú foi abandonada; não era posição sustentável; mas pagou uma boa contribuição em dinheiro, roupas e armas.

Enfim, depois de uma multidão de combates e aventuras, chegamos com a esquadra ao lugar chamado Salto, porque o Uruguai forma neste lugar uma catarata, e acima desta não é navegável senão por pequenos barcos.

O general Lavalleja, que ocupava esse ponto, abandonou-o desde a nossa chegada, forçando todos os habitantes a segui-lo.

De resto o lugar era perfeitamente apropriado à expedição, não se achando longe da fronteira.

Resolvi que ali nos estabelecêssemos.

Por consequência a minha primeira operação foi marchar contra Lavalleja, acampando sobre o Itapevy, afluente do Uruguai.

Durante a noite pus a caminho a nossa infantaria e alguns homens de cavalaria comandados por Cruz.

Ao raiar Dalva estávamos perto do campo que achamos defendido de um lado pelos carros, do outro pelo Uruguai, e voltado para o Tapevy.

Formei os meus homens em duas pequenas colunas e com a cavalaria ao meu lado marchei ao encontro do inimigo.

Depois de um combate de alguns minutos, estávamos senhores do campo, passando o inimigo o Itapevy na mais completa desordem.

O resultado desta operação foi logo o regresso ao Salto de todas as famílias que, violentamente, haviam sido arrancadas de suas casas.

Fizemos quase cem prisioneiros ao inimigo, tomando-lhe muitos cavalos, bois, munições e uma peça de artilharia, a mesma que tinha atirado sobre nós no ataque de Hervedero; era de fundição italiana e tinha no bronze o nome do fundidor, Cosimo Cenni, ano de 1492.

Esta expedição fez a maior honra à legião e teve grandes consequências. Perto de três mil habitantes reentraram em seus lares.

Dirigidos por Anzani, os meus legionários se ocuparam logo em elevar uma bateria sobre a praça da cidade, posição que dominava os arredores.

Enviei correios ao Brasil, para me por em comunicação com os refugiados, e graças a eles, começou a reorganização de um exército de campanha.

Em pouco tempo, a bateria foi construída e armada de dois canhões, tão bem, que na noite de 5 de dezembro de 1845, ela se achou pronta para responder aos ataques do general Urquiza, que se apresentou, na manhã de 6 com três mil e quinhentos homens de cavalaria, oitocentos de infantaria e uma bateria de campanha.

As minhas disposições foram aquelas que se tomam quando se quer centuplicar as forças materiais pela influência moral.

Ordenei à esquadra que se retirasse e não deixasse uma só barca ao nosso alcance. Espalhei os meus homens pelas ruas, fazendo barricadas, e não deixando abertas senão as principais. Publiquei uma enérgica ordem do dia e esperei Urquiza, que, confiando na sua força, tinha declarado a seus soldados que os homens que estavam ante si tinham corações de galinha.

Pelas nove horas da manhã por todos os pontos nos atacou; respondemos-lhe por fogo de atirador, sabido de todas as ruas e pelo fogo das nossas duas pequenas peças.

Chegado o momento, e quando o vi admirado da nossa resistência, fi-lo carregar por duas companhias de reserva, e retirou-se vergonhosamente, deixando bom número de mortos e feridos nas casas de que ele começava a apoderar-se, não ganhando no seu ataque mais que levar-nos algumas alimárias, e isto ainda por falta do piquete de uma embarcação de guerra inglesa, que, unida a um navio francês, nos tinha seguido até Salto.

Estas duas embarcações tinham se oferecido para nos ajudar a defender o país; o piquete inglês mudou em forte uma casa que defendia o curral, onde estavam fechadas perto de seiscentas alimárias. O inimigo enviou um destacamento da sua infantaria sobre este ponto; os soldados ingleses foram tomados de terror e pânico, de sorte que uns fugiram pelas janelas, outros pelas portas, e deixaram todo a facilidade aos soldados de Urquiz de levar os animais.

Durante vinte três dias o inimigo renovou os seus ataques, sem obter resultado algum. Vindo a noite, nós com eles; não lhe deixávamos um momento de descanso. Faltou-nos carne, mas comemos os nossos cavalos. Enfim convencido da inutilidade de seus esforços, Urquiza tomou o partido de se retirar, confessando que tinha nos seus diversos ataques contra nós, perdido mais gente que na batalha da índia Morta.

O inimigo retirando-se, tentou apoderar-se das minhas embarcações para passar o Uruguai; mas graças à minha vigilância o seu projeto foi frustrado, e foi obrigado a atravessar o rio doze léguas acima; depois do que voltou a acampar-se nos campos de Camardia em frente ao Salto.

Enquanto Urquiza sustentava este acampamento, fiz em pleno dia passar o rio alguns homens de cavalaria, protegidos pelas nossas embarcações e infantaria.

Este pequeno troço atacou os homens que guardavam um imenso rebanho de cavalos que pastavam nos campos, e tocando uma centena de cavalos por diante para substituir os que nós tínhamos comido, os fez passar o rio e nos conduziu, antes que o inimigo desse pela surpresa e tentasse impedi-la.

XLIX – Sucesso do Salto Santo Antônio

Entretanto o coronel Baez, vindo do Brasil, tinha-se reunido a nós com perto de duzentos homens de cavalaria.

O general Medina reunia as suas forças, e nós esperávamo-lo de dia para dia. Com efeito, em 7 de Fevereiro de 1846, recebi uma mensagem dele, que me avisava que no dia seguinte se acharia sobre as alturas de Itapevy com quinhentos cavaleiros.

Pedia noticias do inimigo, e um socorro em caso de ataque.

O seu mensageiro levou o aviso de que no dia 8 eu estaria com forças suficientes para proteger sua entrada no país, nas alturas do Itapevy.

Em virtude disto, pelas nove horas parti com cento e cinquenta homens da legião e duzentos cavaleiros, costeando o Uruguai.

Dirigimo-nos às Laperas, a três léguas pouco mais ou menos do Salto, flanqueados por quatrocentos inimigos pertencentes ao corpo do general Servando Gomes, únicas forças, que naquele momento se achavam em observação no Salto.

A nossa infantaria tomou posição sob um zapére – um zapére é um teto de palha suspenso por quatro paus – o qual não nos oferecia outra vantagem senão de nos livrar dos abrasadores raios do sol.

A cavalaria, comandada pelo coronel Baez e o major Carvalho, estendia-se até ao Itapevy.

Anzani tinha ficado em defesa do Salto, doente de uma perna, e com ele doentes também trinta ou quarenta soldados.

Alem disto uma dúzia de homens estavam de guarda à bateria.

Eram perto das onze horas da manhã; vi avançar das planícies do Itapevy para as alturas onde eu me achava um considerável número de inimigos a cavalo; quase ao mesmo tempo apercebi-me de que cada cavaleiro trazia um soldado de infantaria na garupa. E com efeito a pouca distancia das alturas em que me achava, os cavaleiros se alargaram e puseram em terra seus companheiros, os quais logo se prepararam a marchar sobre nós.

A nossa cavalaria abriu fogo contra o inimigo, mas, como a sua superioridade de número era muita, foi posta prontamente em fuga.

Fugindo a nossa cavalaria, se dirigiu para o zapére, onde já chegavam as balas inimigas.

Então, compreendendo que a verdadeira resistência era com os meus bravos legionários, e que onde eles estivessem estaria a vitória, corri em sua direção; mas, quando chegava às primeiras fileiras, no meio do fogo inimigo, senti repentinamente que o meu cavalo me faltava debaixo do corpo, e caindo me

arrastava consigo.

Minha primeira ideia foi que vendo-me cair, a minha gente ia julgar-me morto e que esta suposição poderia pô-los em desordem. Quando caí, tive, pois, a presença de espírito de tirar uma pistola dos coldres, e levantando-me logo, desfechei-a para o ar, a fim de que se visse que estava são e salvo.

Com efeito,haveria apenas tempo de me ver em terra quando já estava levantado e cercado dos meus.

Entretanto, o inimigo avançava sempre, com mil e duzentos homens de cavalaria e trezentos de infantaria.

Abandonados pela nossa cavalaria, tínhamos ficado ao todo cento e oitenta e dois. Eu não tinha tempo de fazer um longo dircurso; além de que também não era esse o meu forte. Elevei a voz e não disse senão estas palavras:

– Os inimigos são numerosos; nós somos poucos; tanto melhor! Quanto menos somos, tanto mais glorioso será o combate. Sossêgo e não façamos fogo senão no fim e carreguemos à baioneta.

Estas palavras eram ditas a homens sobre os quais cada uma delas fazia o efeito de uma faísca elétrica.

Além disso, qualquer outra determinação teria sido funesta. A distância de uma milha sobre a direita tínhamos o Uruguai com alguns pequenos bosques; mas uma retirada em tal crise, teria sido o sinal da perda de todos; tinha-o já compreendido, por isso não pensei em tal.

Chegada quase a sessenta passos de nós a coluna inimiga fez uma descarga que nos causou grande dano; mas os nossos lhe responderam com uma fuzilaria muito mais mortífera, tanto mais que as nossas espingardas eram carregadas não só de balas, mas ainda de outros projéteis.

O comandante da infantaria caiu mortalmente ferido; as filas abriram-se, e, à frente dos meus bravos, com uma espingarda na mão, eu os meti numa carga pronunciada.

Era tempo: a cavalaria estava já sobre os flancos, e na retaguarda.

A refrega foi terrível.

Alguns homens da infantaria inimiga deveram a sua salvação a uma fuga rápida. Isto deu-me tempo de fazer frente à cavalaria.

A nossa gente rodou como se cada um houvesse recebido ordem de executar esta manobra.

Todos combateram, oficiais e soldados, como gigantes.

Uma vintena de cavaleiros então, conduzidos por um bravo oficial chamado Vega, tendo vergonha da fuga de Baez e da sua gente, que nos deixavam sós, voltaram a toda brida, estimando mais partilhar a nossa sorte que continuar uma retirada vergonhosa.

Vimo-los repentinamente atravessar pelo meio do inimigo e colocar-se a nosso lado.

Havia, eu te afirmo, coragem nesta resolução.

Além disto a carga que eles executaram, juntando-se a nós, serviu-nos neste crítico momento porque separou e fez cair o inimigo, de que uma parte se tinha posto em perseguição dos fugitivos.

Também na nossa segunda descarga a cavalaria vendo a sua infantaria destruída e vinte cinco ou trinta homens dos seus cair debaixo do nosso fogo, fez um passo de retirada e pôs em terra perto de seiscentos homens que, armados e de carabinas, nos rodearam de todos os lados.

Tínhamos ao redor de nós um espaço de terreno coberto de cadáveres de cavalos e homens, tanto nossos como inimigos.

Poderia contar inumeráveis atos de bravura individual.

Todos combateram como os nossos antigos heróis de Tasso e de Ariosto; muitos estavam cobertos de feridas de toda a sorte, balas, golpes de sabre e pontadas de lança.

Um jovem clarim de quinze anos que nós chamávamos o vermelho, e que nos animava durante o combate com o seu clarim, foi ferido com uma lançada. Largar o clarim, tomar o sabre e lançar-se sobre o cavaleiro que o tinha ferido, foi obra de um instante.

Só depois de o ferir, é que expirou.

Depois do combate os dois cadáveres foram encontrados agarrados um ao outro. O mancebo estava coberto de feridas; o cavaleiro tinha na coxa o sinal de uma profunda mordedura que havia dado o seu inimigo.

Do lado dos nossos adversos houve também atos de prodigiosa temeridade. Um deles vendo que a espécie de curral ao redor do qual estávamos agrupados, se não era uma fortaleza contra as balas, era pelo menos um abrigo contra o sol, tomou um tição inflamado, correu a cavalo a toda a brida, e parando, lançou como um relâmpago o tição sobre o teto de palha.

O tição caiu por terra sem preencher o fim do cavaleiro, mas o que o tinha ali deitado, tinha executado uma ação temerária.

Os nossos iam atirar sobre ele; e eu impedidos bradando:

– É preciso conservar os bravos; são da nossa raça.

Ninguém lhe fez fogo.

Era para ver-se como todos estes bravos me custeavam.

Uma palavra minha dava força aos feridos, coragem aos hesitantes, e redobrava o ardor dos fortes.

Quando vi o inimigo dizimado pelo nosso fogo, cansado da nossa resistência, então somente falei de retirada, dizendo apenas: Retiremo-nos! Mas:

– Retirando-nos não deixaremos um só ferido no campo de batalha.

– Não! Não! gritaram todas as vozes.

Feridos éramos quase todos.

Quando vi todos silenciosos e firmes, dei tranquilamente ordem de retirar combatendo.

Por felicidade não tinha uma beliscadura, o que me permitia de estar em toda a parte, e quando um inimigo se aproximava de nós temerariamente, fazia-o arrepender da sua temeridade.

Os poucos homens sãos que haviam entre nós cantavam hinos patrióticos, aos quais os feridos respondiam em coro.

O inimigo nada disto compreendia. O que nós mais sofríamos era falta de água.

Uns arrancavam raízes e mastigavam-nas; outros sugavam nas balas; alguns beberam a própria urina.

Enfim veio a noite e com ela algum frescor.

Cerrei os meus homens em coluna, e coloquei-os feridos no meio.

Somente dois que era impossível transportar, deixei no campo de batalha. Recomendei muito à minha gente de não se dispersar, e de retirar na direção de um pequeno bosque.

O inimigo tinha se apoderado dele antes de nós, mas foi repelido dali vigorosamente.

Enviei então exploradores, que voltaram a dizer-me que o inimigo tinha quase toda a sua gente em terra, e os cavalos andavam pastando. Sem dúvida havia-se ele persuadido que a causa da nossa paragem era a fome e falta de munições; mas fome não a sentíamos; quanto a munições, tínhamos encontrado nos nossos adversários mortos a que nos faltava.

Todavia o mais difícil ainda não estava feito.

O inimigo estava acampado entre nós e o Salto: depois de um descanso de uma hora, que lhe fez julgar que ficaríamos toda a noite onde estávamos, ordenei à minha gente de se formar em coluna, e a marche-marche lançamo-nos impetuosos sobre eles.

Os clarins inimigos soaram dando o sinal de pôr a postos; mas antes que cada homem se fixasse na sela e tomasse as rédeas, nós tínhamos já passado.

Dirigimo-nos de novo para uma espécie de bosque. Uma vez abrigados entre as árvores, dei ordem a todos os meus de se deitarem com o ventre em terra. O inimigo dirigia-se para nós, sem nos ver, tocando à carga.

Deixei-o aproximar a cinquenta passos do bosque e então somente gritei. “Fogo” dando eu o exemplo.

Vinte e cinco ou trinta homens e outros tantos cavalos caíram; o inimigo

voltou à brida, e reentrou no seu acampamento. Então disse aos meus:

– Vamos, meus filhos, julgo que chegou o momento de ir beber.

E costeando sempre o nosso pequeno bosque levando nossos feridos, tendo a distância os nossos mais implacáveis inimigos, que não queriam abandonar-nos, ganhamos a margem do rio. À entrada da aldeia esperava-nos uma grande emoção: Anzani estava ali chorando de alegria.

Abraçou-me primeiramente e quis abraçar todos os outros depois de mim.

Anzani também tinha tido seu combate: tinha sido com alguns homens atacado pelo inimigo, que antes do combate lhe tinha intimado de se render, dizendo-lhe que éramos todos mortos ou prisioneiros.

Mas Anzani havia respondido:

– Os italianos não se rendem; descampai todos ou então esmago-vos com os meus esquadrões.

Enquanto eu tiver comigo um dos meus companheiros, combateremos juntos, e quando estiver só, então porei fogo à pólvora e me farei saltar convosco pelos ares.

O inimigo não quis saber nada, e retirou se. A minha gente que se achava no Salto, encontrando tudo em abundância, dizia dirigindo-se a mim:

– Tu nos salvaste a primeira vez; mas Anzani nos salvou segunda!

No seguinte dia escrevi esta carta à comissão da legião em Montevidéu:

“Irmãos.

Antes de ontem tivemos nos campos de Santo Antônio, a légua e meia da cidade, o mais terrível e mais glorioso de nossos combates. As quatro companhias da nossa legião e vinte homens de cavalaria, refugiados sob a nossa proteção, não somente se defenderam contra mil e duzentos homens de Servando Gomes, mas destruíram inteiramente a infantaria inimiga que os tinha assaltado no número de trezentos homens. O fogo começou ao meio dia e acabou à meia noite.

Nem o número dos inimigos, nem suas cargas repetidas, nem sua massa de cavalaria, nem os ataques de espingardeiros a pé, nada puderam contra nós; embora não tivéssemos outro abrigo mais que um curral arruinado sustido por quatro pilares, os legionários repeliram constantemente os assaltos dos inimigos furiosos; todos os oficiais se transformaram em soldados neste dia; Anzani que tinha ficado no Salto e ao qual o inimigo intimou ordem de se render, respondeu com o morrão na mão e o pé na bateria, ainda que o inimigo lhe houvesse assegurado que nós seriamos todos mortos ou prisioneiros.

Tivemos trinta mortos e cinquenta feridos; todos os oficiais foram feridos levemente, exceto Scarone, Saccarello mais velho e Traversi.

Hoje não dou o meu nome de legionário italiano por um mundo de ouro.

À meia noite pusemo-nos em retirada sobre o Salto; ficamos pouco mais de cem legionários sãos e salvos. Os que só haviam sido levemente feridos marchavam à frente para cortar o inimigo quando ele se adiantasse muito.

Ah! É um combate o que merece ser gravado em bronze!

Adeus! De outra vez serei mais extenso.

Vosso, José Garibaldi.

P. S. Os oficiais feridos são Casana, Marchetti, Berutti, Remorini, Sacarello mais novo, Sachi, Grafigna e Rodi.”

Foi esta a nossa ultima refrega importante em Montevidéu.

L – Escrevo ao Papa

Foi por este tempo que soube em Montevidéu a exaltação ao pontificado de Pio IX.

Sabe-se quais foram os princípios deste reinado.

Como muitos outros acreditei em uma época de liberdade para a Itália.

Resolvi logo para ajudar o santo padre nas generosas resoluções de que estava animado, oferecer-lhe o meu braço e os de meus companheiros de armas.

Aqueles que acreditavam em uma oposição sistemática da minha parte ao papado, verão, pela carta que se segue que nada disso havia; a minha dedicação era à causa da liberdade em geral, em qualquer ponto do globo que ela brotasse.

Compreender-se-á entretanto que eu desse preferência ao meu país, e que estivesse pronto a servir sob a direção daquele que parecia destinado a ser o Messias político da Itália.

Julgamos Anzani e eu que este papel sublime era reservado a Pio IX, e escrevemos ao núncio do papa a carta seguinte, pedindo-lhe para transmitir à sua santidade os nossos votos e os de nossos ilustres legionários:

"Muito ilustre e respeitável senhor.

Desde o momento em que nos chegaram as primeiras notícias da exaltação do soberano pontífice Pio IX e da anistia que ele concedia aos pobres proscritos, temos com uma atenção e interesse recrescentes contado os passos que o chefe supremo da igreja tem dado sobre a estrada da glória e da liberdade. Os louvores, cujo eco nos chega aos ouvidos de além dos mares, o ruído com que a Itália acolhe a convocação dos deputados e a aplaude, as sábias concessões feitas à imprensa, a instituição da guarda cívica, o impulso dado à instrução popular e à indústria, sem contar tantos cuidados, todos dirigidos para o aperfeiçoamento e bem estar das classes pobres, e para a formação de uma administração nova, tudo enfim nos convenceu que acabava finalmente de sair do seio da nossa pátria o homem que compreendendo as necessidades do seu século, tinha sabido, segundo os preceitos da nossa augusta religião, sempre novos, sempre imortais, e sem derrogar sua autoridade, cingir-se todavia às exigências dos tempos; e nós mesmos, temo-los entretanto seguido de largo, e acompanhado com nossos aplausos e nossas vozes o concerto universal da Itália e de toda a cristandade; mas quando a alguns dias soubemos do atentado sacrilégio, no meio do qual uma facção sustentada pelo estrangeiro, – não estando ainda fatigada, depois de tão longo espaço de despedaçar a nossa pobre pátria – se propunha a destruir a ordem das coisas existentes, pareceu-nos que a admiração e entusiasmo pelo soberano pontífice era uma fraca coisa, e que nos estava imposto um grande

dever.

Os que escrevemos, ilustríssimo e respeitabilíssimo senhor, somos os que, sempre animados deste mesmo espírito que nos fez suportar o exílio, tomamos as armas em Montevidéu por uma causa que nos parecia justa e que reunimos algumas centenas de homens nossos compatriotas que para aqui tinham vindo, esperando encontrar dias menos tormentosos que os que sofríamos em a nossa pátria.

Ora, há cinco anos que durante o cerco que rodeava os muros desta cidade, cada um de nós se propõe a dar provas de resignação e de coragem; e graças à Providencia e a este antigo espírito que inflama ainda nosso sangue italiano, a nossa legião teve ocasião de se distinguir, e cada vez que esta ocasião se há apresentado ela não a tem deixado escapar; tão bem que – creio que é permitido dizê-lo sem vaidade – ela tem no caminho da honra excedido todos os outros corpos que eram seus êmulos.

'Pois se hoje os braços que tem algum uso das armas, forem aceitos por Sua Santidade, inútil é dizer, que bem mais voluntariamente que nunca, nós os consagramos ao serviço daquele que fez tanto pela pátria e pela igreja.

Nós nos julgaremos pois felizes se podermos vir em ajuda da obra redentora de Pio IX, nós e nossos companheiros em nome dos quais falamos, e não julgaremos pagá-la cara com todo o nosso sangue.

Se vossa ilustre e respeitável senhoria pensa que a nossa oferta possa ser agradável ao soberano pontífice, deponha-a aos pés de seu trono.

Não é a pueril pretensão de que o nosso braço seja necessário que vo-lo faz oferecer; sabemos muito bem que o trono do Santo Padre pousa sobre bases que nem podem abalá-las ou assegurá-las socorros humanos, e que além disso a nova ordem de coisas conta numerosos defensores que saberão vigorosamente repelir as injustas agressões de seus inimigos; mas como a obra deve ser repartida entre os bons, e o duro trabalho dado aos fortes, fazer-nos a honra de contar entre esses.

Esperando, agradecemos à Providencia de ter preservado Sua Santidade das maquinações Dei tristi, e fazemos ardentes votos para que ela lhe conceda numerosos anos para felicidade da cristandade e da Itália.

Não nos resta agora senão pedir a vossa ilustre e venerável senhoria de nos perdoar o tempo que lhe roubamos e de aceitar os sentimentos da nossa perfeita estima e profundo respeito com o qual somos de sua ilustre e respeitabilíssima senhoria os mais dedicados servidores.

G. Garibaldi,

F. Anzani.

Montevidéu, 12 de Outubro de 1847.”

Esperamos em vão; não nos veio nenhuma resposta do núncio nem de Sua Santidade. Foi então que tomamos a resolução de ir à Itália, com uma parte da nossa legião.

A nossa intenção era de ali secundar a revolução onde ela já estava em armas, e suscitá-la onde ela ainda dormisse, nos Abruzzos, por exemplo.

A única dificuldade que se opunha a isto era que nenhum de nós tinha um só soldo para a viagem.

LI – Volto à Europa – Morte de Anzani

Recorri a um meio que colhe sempre com os corações generosos: abri uma subscrição entre os meus compatriotas.

Começava esta a desenvolver-se, quando alguns espíritos iníquos começaram a sublevar entre os meus legionários um partido contra mim, intimidando os que estavam dispostos a seguir-me. Insinuava-se a esta pobre gente que eu os conduzia a um perigo certo, que a empreitada que eu sonhava era impossível, e que uma sorte igual à dos irmãos Bandiera lhes estava reservada. Resultou disto que os mais tímidos se retiraram, e que fiquei com oitenta e cinco, abandonando-me ainda destes vinte e nove depois de embarcados.

Por felicidade os que ficaram comigo eram os mais valentes, que haviam quase todos sobrevivido ao ataque de Santo Antônio. Além disso eu tinha alguns orientais confiados na minha fortuna e entre eles o meu pobre negro Aguiar que foi morto no cerco de Roma.

Disse que havia solicitado entre os italianos uma subscrição para ajudar a nossa partida. A maior parte desta subscrição fora fornecida por Etienne Antonini, genovês estabelecido em Montevidéu.

O governo da sua parte ofereceu nos ajudar com todas as suas posses; mas eu conhecia tanto o seu crítico estado financeiro que não quis aceitar dele senão duas peças e oitocentas espingardas, que fiz transportar em o nosso brigue.

No momento da partida aconteceu-nos com o comandante do Biponte-Guzolo de Nervi, a mesma coisa que aconteceu aos franceses, quando foi a cruzada de Bandouin com os venezianos, que estes lhe tinham prometido de os transportar à terra santa; a sua exigência foi tamanha que houvemos mister de vender tudo, até nossas camisas para a satisfazer, de tal forma que durante a travessia alguns ficaram deitados por falta de fatos para se vestir.

Estávamos já a trezentas léguas da costa, pouco mais ou menos nas alturas das bocas do Orenoque, e divertia-me com Orrigoni no gurupés a pescar marzopas, quando de repente ouvi o grito de “Fogo, fogo!”

Saltar do gurupés à proa, da proa à ponte e deixar-me correr pelo bordo, foi obra de um segundo.

Fazendo a distribuição dos viveres, o distribuidor tinha tido a imprudência de tirar a aguardente de um barril com uma luz na mão; a aguardente havia-se incendiado, e o que a tirava atarantara-se, e em vez de tornar a fechar o barril, tinha deixado correr a golfadas o liquido, sendo o aposento dos viveres um lago de fogo cintilante.

Foi ali que vi quanto os homens mais bravos são acessíveis ao terror, quando o perigo se lhes apresenta sob um aspecto diferente daquele a que são

habituados.

Todos estes homens que eram heróis no campo de batalha se compeliam, corriam, perdiam a cabeça, trêmulos e transidos como crianças.

No fim de dez minutos, ajudado por Anzani, que havia deixado seu leito ao primeiro grito de alarme, tínhamos extinguido o fogo.

O pobre Anzani, com efeito estava de cama, não por estar inteiramente nu, mas porque se achava já violentamente tomado da doença de que devia morrer, chegando a Gênova, quero dizer de uma tísica pulmonar.

Este homem admirável ao qual o seu mais mortal inimigo, se acaso podia ter algum, não poderia achar um só defeito, depois de ter consagrado sua vida à causa da liberdade, queria que seus últimos momentos fossem ainda úteis a seus companheiros de armas; todos os dias ajudavam-no a subir à ponte; quando não pôde mais subir, fez-se para ali transportar, e deitado sobre um colchão dava lições de estratégia aos legionários, reunidos em redor dele.

Era um verdadeiro dicionário de ciências o pobre Anzani; ser-me ia tão difícil enumerar as coisas que ele sabia, como encontrar uma que não soubesse.

Em Paio, quase a cinco milhas de Alicante, saltamos em terra para comprar uma cabra e laranjas para ele.

Foi lá que soubemos pelo vice-cônsul sardo parte dos sucessos que se passavam na Itália.

Soubemos que a constituição piemontesa tinha sido proclamada e que os cinco gloriosos de Milão se tinham passado, coisas que não podíamos saber à nossa saída de Montevidéu, isto é, em 27 de Março de 1848.

Disse-nos o vice-cônsul que vira passar navios italianos com bandeira tricolor. Não era preciso mais para me decidir a arvorar o estandarte da independência. Arriei o pavilhão de Montevidéu, sob o qual navegávamos, e icei imediatamente na verga do navio a bandeira sarda, improvisada com metade de um lençol, um casaco vermelho e o resto dos ornatos verdes do nosso uniforme de bordo.

Recordam-se que o nosso uniforme era a blusa vermelha, adornada de verde com debruns brancos.

Em 21 de Junho, dia de S. João, chegamos à vista de Nice. Muitos entendiam que não devíamos desembarcar sem mais amplas informações.

Arriscava-me muito, pois estava ainda condenado à morte.

Todavia não hesitei, ou antes não teria hesitado, porque reconhecido pelos tripulantes de um navio, o meu nome espalhar-se-ia bem depressa, e apenas meu nome estivesse espalhado, Nice em peso correria para o porto, e seria preciso no meio das aclamações, aceitar as festas que nos eram oferecidas de todos os lados, Mal se soubesse que eu estava em Nice, e que tinha atravessado o Oceano

para vir em auxílio da liberdade italiana, os voluntários correriam de todos os lados. Mas nesse momento eu tinha melhores projetos.

Da mesma forma que acreditara no papa Pio IX, cria no rei Carlos Alberto; em vez de nos preocupar de Mediei que tinha expedido como disse a Via Reggio para ali organizar a insurreição, encontrando a insurreição organizada e o rei do Piemonte à sua frente, julguei que o que tinha de melhor a fazer era oferecer-lhe os meus serviços.

Disse adeus ao meu pobre Anzani, adeus tanto mais doloroso por ambos sabermos que não nos tornaríamos a ver, e embarquei para Gênova, aonde cheguei ao quartel-general de Carlos Alberto.

O resultado da minha entrevista com ele, provou-me que me havia enganado. Separamo-nos, pois, descontentes um com o outro, e volvi a Turim onde soube da morte de Anzani.

Perdia metade do coração.

A Itália perdia um dos seus mais distintos filhos.

Oh! Itália! Itália! Mãe infortunada! Que luto para ti no dia em que este bravo entre os bravos, este leal entre os leais, cerrou os olhos para sempre à luz do teu belo sol!

A morte de um homem como Anzani, eu te digo, ó Itália! Deve arrancar do íntimo do seio da nação que lhe deu o nascimento um grito de dor, e se ela não chora, se não se lamenta como Rachel na Roma, esta nação não é digna de simpatia ou piedade, porque não tem tido simpatia ou piedade pelos seus mais generosos mártires.

Oh! Mártir, cem vezes mártir, foi o nosso caro Anzani, e a mais cruel tortura sofrida por este valente foi de tocar a terra natal, pobre, moribundo, e não acabar como viveu, combatendo por ela, por sua honra, por sua regeneração.

Oh Anzani! Se um gênio igual ao teu tivesse presidido aos combates da Lombardia, à batalha de Novara, ao cerco de Roma, o estrangeiro não sulcaria a terra natal, e não pisaria os ossos de nossos avoengos!

A legião italiana, viram-no, tinha feito pouco, antes da chegada de Anzani; vindo ele, sob seus auspícios, percorreu uma carreira de glória que tornara ciosas as nações mais engrandecidas.

Entre todos os militares, os soldados, os combatentes, entre todos os homens que trazem espada ou espingarda enfim que tenho conhecido, não vi um que pudesse igualar Anzani nos dons naturais, nas inspirações de coragem, nas aplicações científicas. Tinha o valor ardente de Massena, o sangue frio de Davesio, a severidade, a bravura e o temperamento de Manara! (O leitor não conhece ainda estes três outros mártires da liberdade italiana, mas bem depressa tomará conhecimento com eles. Garibaldi que não escrevia as suas memórias

para serem impressas, fala de alguma sorte mais comigo do que com os leitores.)

Os conhecimentos militares de Anzani, sua ciência genérica, ninguém os igualava. Dotado de uma memória rara, falava com uma precisão admirável das coisas passadas, embora estas remontassem à antiguidade.

Nos últimos anos da sua vida, o seu caráter estava sensivelmente alterado; tinha-se tornado acre, irascível, intolerante, e, pobre Anzani, não era sem motivo esta mudança. Atormentado quase incessantemente por dores resultadas de numerosas feridas e da vida tempestuosa que tinha sofrido durante tantos anos, arrastava uma intolerável existência, uma existência de mártir.

Deixo a uma mão mais hábil que a minha o cuidado de traçar a vida militar de Anzani, digna de ocupar as vigílias de um escritor eminente. Na Itália, Grécia, Portugal, Espanha e América encontrar-se-ão, seguindo-lhe a traça documentos da vida do nossos heróis.

O jornal da legião italiana em Montevidéu sustentado por Anzani, não é senão um episódio da sua vida. Ele foi a alma desta legião, dirigida, conduzida, administrada por ele, e com a qual se havia identificado.

Oh! Itália! Quando o Todo Poderoso tiver marcado o termo a tais desgraças, ele te dará Anzani para guiar teus filhos ao extermínio daqueles que te vilipendiaram e tiranizaram!

G. G.

LII – Ainda Montevidéu (por Alexandre Dumas)

Antes de começar a narração da campanha da Lombardia, executada por Garibaldi em 1848, diremos a propósito de Montevidéu, tudo o que ele na sua modéstia, não quis dizer.

———

Devem lembrar-se do combate de 24 de Abril, da perigosa passagem da Boyada, e da maneira porque ali se conduziram os legionários italianos.

O oficial que contava estes acontecimentos ao general Paz disse unicamente referindo-se aos italianos:

– Bateram-se como tigres.

– Não admira, respondeu Paz, pois são comandados por um leão.

———

Depois da batalha de Santo Antônio, o almirante Lainé que então comandava a estação do Prata, admirado desta façanha, escreveu a Garibaldi a carta seguinte, cujo autógrafo existe em poder de G. B. Cuneo, amigo de Garibaldi. O almirante Lainé aparelhava então a fragata Africana.

“Felicito-vos, meu caro general, por terdes tão poderosamente contribuído, pelo vosso inteligente e intrépido proceder, para o alcance de uma vitória de que se ufanariam os soldados do grande exército, que por momentos dominou a Europa.

Felicito-vos igualmente pela simplicidade e modéstia, que tornam mais preciosa a leitura, da relação dos numerosos detalhes que destes, de uma vitória, de que sem receio, se vos pôde atribuir toda a honra.

De resto, esta modéstia, trouxe-vos as simpatias de pessoas aptas para apreciar convenientemente o que tendes feito e alcançado em seis meses, pessoas entre as quais devo enumerar, em primeiro legar, o nosso ministro plenipotenciário, o honrado barão Deffaudis, que honra o vosso caráter e nele tendes um caloroso defensor, sobretudo, quando se trata de escrever para Paris, no intento de destruir impressões desfavoráveis que podem nascer de certos artigos dos jornais, redigidos por homens pouco habituados a falar a verdade, mesmo quando contam fatos acontecidos à própria vista.

'Recebei pois o testemunho da minha estima, etc.

Lainé”

Não se contentou só o almirante Lainé com o escrever a Garibaldi, quis-lhe fazer os seus cumprimentos pessoalmente. Desembarcou em Montevidéu,

dirigiu-se à rua Portona, onde morava Garibaldi. Esta habitação, tão pobre como a do último legionário, nunca se fechava, e dia e noite estava aberta para todos, e particularmente para o vento e chuva, como dizia Garibaldi, contando esta anedota.

Era noite: o almirante Lainé empurrou a porta, e como a casa estivesse às escuras tropeçou em uma cadeira.

– Eia, disse ele, é necessário quebrar a cabeça para ver Garibaldi?

– Oh mulher, exclamou Garibaldi, não reconhecendo a voz do almirante, tu não ouves que vem ali alguém? Alumia.

– Com que queres tu que eu alumie! respondeu Anita, não sabes que não há com que se compre uma vela.

– É verdade, respondeu filosoficamente Garibaldi.

E levantando-se, abriu a porta do quarto em que estava.

– Por aqui, por aqui, disse ele, para que a voz à falta da luz guiasse a visita.

O almirante Lainé entrou, a escuridão era tal que viu-se obrigado a dizer quem era, para que Garibaldi soubesse com quem tinha que tratar.

– Almirante, lhe disse ele, desculpai, porém quando fiz o meu tratado com a republica de Montevidéu, esqueceu-me entre as rações que me são devidas, especificar uma de velas; ora como vos disse Anita, não possuindo o necessário para comprar uma vela, permanecemos na escuridão; por felicidade suponho que vindes aqui para conversar comigo, e não para me verdes.

O almirante com efeito conversou com Garibaldi, porém não o viu.

Saindo de casa dele, foi à do general Pacheco y Obes, ministro da guerra, e contou-lhe o que lhe tinha acontecido.

O ministro da guerra que acabava de fazer o decreto que se vai ler, pegou em cem patacões e mandou-os a Garibaldi.

Garibaldi não quis ofender o seu amigo Pacheco, recusando aceitá-los, porém no dia seguinte, de manhã, pegou nos cem patacões, e distribui-os pelas viúvas e filhos dos soldados mortos no Salto de Santo Antônio, não guardando para si, senão o que lhe bastou para comprar um arrátel de velas, recomendando á sua mulher que as poupasse, para servirem no caso do almirante Lainé o ir visitar outra vez.

Eis o decreto que redigia Pacheco y Obes, quando o almirante Lainé lhe foi fazer um apelo á sua munificência.

“ORDEM GERAL

Para dar aos nossos companheiros de armas que se imortalizaram nos campos de Santo Antônio, uma alta prova da estima em, que os tem o exército que

ilustraram neste memorável combate:

O ministro da guerra ordena:

1º. No dia 15 do corrente, designado para a entrega à legião italiana de uma cópia deste decreto, formará em grande parada a guarnição, na rua do Mercado, até à praça do mesmo nome, na ordem que indicará o estado maior.

2º. A legião italiana, formará na Praça da Constituição, com a retaguarda para a Catedral, e ali receberá a sobredita cópia, que lhe será entregue, por uma deputação presidida pelo coronel Francisco Tages, e composta de um comandante, de um oficial, de um sargento e soldado de cada corpo.

3º. A deputação regressando aos seus respectivos corpos, se dirigirá com eles à praça indicada, e passando em continência pela frente da legião italiana, os comandantes dos corpos, darão vivas – à Pátria, ao general Garibaldi e aos seus valentes companheiros!

4º. Os regimentos deverão estar formados às dez horas da manhã.

5º. Será dada cópia autêntica desta ordem do dia à legião italiana e ao general Garibaldi.

Pacheco y Obes.”

O decreto ordenava:

1º. Que as palavras seguintes seriam inscritas em letras de ouro na bandeira da legião italiana:

Ação de 8 de Fevereiro de 1846 da legião italiana comandada por Garibaldi.

2º. Que a legião italiana teria a vanguarda em todas as paradas.

3º. Que os nomes dos mortos nesta ação serão inscritos em um quadro, colocado na sala do governo.

4º. Que todos os legionários trarão para sinal distinto, no braço esquerdo um escudo sobre o qual uma coroa guarneceria a seguinte inscrição:

Invincibili combaterono, 8 febraio 1846.

Além disso Garibaldi querendo dar uma prova da sua simpathia e reconhecimento aos legionários que haviam perecido a seu lado no dia 8 de fevereiro, fez elevar no campo de batalha uma grande cruz que tinha de um lado:

Aos 36 italianos mortos em 8 de Feve^ reiro de 1846.

E do outro lado:

154 italianos no Campo de Santo Antônio.

———

Apesar da pobreza a que Garibaldi se achava reduzido, achou um dia um legionário mais pobre do que ele. Este legionário não tinha camisa.

Garibaldi levou-o a um canto, tirou a sua camisa e deu-lhe. Indo para casa, pediu outra a Anita, porém ela sacudindo a cabeça, disse-lhe :

– Sabes muito bem que não tinhas senão uma; deste-a, agora pior para ti!

E foi Garibaldi que ficou sem camisa, até que Anzani lhe deu uma.

Porém Garibaldi era incorrigível; um dia tendo aprisionado um navio inimigo, repartiu a presa com os companheiros, e tendo dividido os quinhões, chamou os seus homens um a um, e interrogou-os sobre o estado das suas famílias, dando aos mais desgraçados, do seu próprio quinhão, dizendo-lhe:

– Tomai isto para vossos filhos.

Havia além do mais uma quantia grande de dinheiro a bordo, que Garibaldi mandou para o tesouro de Montevidéu, não tirando um único centino.

Algum tempo depois desta presa, não tinha senão três soldos em casa, tal tinha sido a repartição.

Isto deu motivo a uma anedota que me contou o próprio Garibaldi.

Um dia, ouviu chorar a sua filha Therezita, adorava esta filha, e correu a ver o que lhe tinha acontecido. A criança havia caído pela escada, e tinha a cara ensanguentada.

Garibaldi não sabendo como a havia de consolar, pegou nos três soldos que era toda a sua fortuna, e que reservava para uma grande ocasião, e saiu para ir comprar um brinquedo para consolar a criança.

À saída encontrou-se com um emissário do Presidente Joaquim Soares, que o procurava da parte do seu amo para uma comunicação importante.

Garibaldi dirigiu-se imediatamente à casa do Presidente, esquecido já do motivo que o tinha feito sair, tendo maquinalmente na mão o dinheiro. A conferência durou duas horas, tratava-se com efeito de coisas importantes.

Garibaldi quando acabou a conferência voltou para casa; a criança já estava sossegada, porém Anita estava muito inquieta.

– Roubaram-nos, lhe disse ela, assim que o viu.

Garibaldi lembrou-se então do dinheiro que tinha ainda na mão.

Era ele o ladrão.

LIII – Campanha de Lombardia (por Medici)

Agora vamos, com o auxílio de um amigo de Garibaldi, o valente coronel Medici, ligar a nossa narração, onde Garibaldi a interrompeu.

A sua partida para a Sicília forçar-nos-ia a finalizar aqui as suas memórias, se Medici não se encarregasse de as continuar. E confessamos, este modo de falar de Garibaldi, agrada-me mais do que fazendo-o pelas suas próprias palavras; porque com efeito quando Garibaldi conta, esquece-se sempre da parte que tomou nas ações, para exaltar o que fizeram os seus companheiros; ora como é especialmente dele que nos queremos ocupar, melhor é que seja colocado por outro no lugar que merece.

Vamos pois deixar contar ao coronel Medici a campanha da Lombardia de 1848.

———

Parti de Londres para Montevidéu no meado do ano de 1846.

Nenhum motivo político nem comercial me chamava à América do Sul, ia por motivo da saúde.

Os médicos julgavam-me atacado de tísica pulmonar, as minhas opiniões liberais me tinham desterrado da Itália, decidi-me pois a atravessar o Oceano.

Cheguei a Montevidéu, sete ou oito meses depois da ação do Salto de Santo Antônio; a reputação da legião italiana estava então no seu apogeu. Garibaldi era o homem da época. Fiz conhecimento com ele, pedi-lhe se me recebia na sua legião, e ele consentiu.

No dia seguinte, já tinha vestido a blusa encamada com divisas verdes, e dizia com orgulho:

– Sou soldado de Garibaldi!

Depressa tomei intimidade com ele, tomou-me afeição, depois confiança, e quando tudo se determinou para a sua partida, um mês antes que ele deixasse Montevidéu, parti eu para o Havre em um paquete.

Tinha as suas instruções claras e precisas, como todas as que dá Garibaldi.

Estava encarregado de ir ao Piemonte e à Toscana e ver vários homens eminentes, e alem de outros Fanti, Guerazzi, e Beluomini, filho do general, tinha a morada de Guerazzi, escondido próximo a Pistoia.

Ajudado destes poderosos auxiliares, devia organizar a insurreição, de modo que quando Garibaldi desembarcasse em Via Reggio, a achasse pronto, e então apoderarnos-íamos de Lucques, e marcharíamos para onde houvesse esperança.

Atravessei Paris, depois da revolta de 15 de Maio, passei à Itália, e ao cabo de um mês, tinha 300 homens, prontos para marchar para onde quisesse, até para o

inferno se fora necessário; foi então que soube que Garibaldi tinha desembarcado em Nice.

A minha primeira impressão foi o sentimento de que ele se tivesse esquecido do que entre nós tínhamos convencionado.

Logo depois soube que Garibaldi tinha saído de Nice, e ali tinha deixado Anzani a morrer.

Corri a Nice; Anzani estava ainda vivo. Fi-lo transportar para Gênova, onde recebeu hospitalidade no palácio do Marquês Gavotto, no quarto que ocupava o pintor Gallino.

Estabeleci-me à sua cabeceira, e não o abandonei mais, estava afetado mais do que merecia; com a minha preocupação contra Garibaldi, muitas vezes me falava dele, e um dia agarrando-me uma mão e com um ar profético, disse-me:

– Medici, não sejas severo com Garibaldi, é um homem que recebeu do céu tal felicidade, que faz bem em o seguir. O futuro da Itália depende dele, é um predestinado; algumas vezes me zanguei com ele, porém convencido da sua missão, sempre fui o primeiro a fazer as pazes.

Estas palavras chocaram-me, como as últimas de um moribundo, e muitas vezes depois me têm vindo à memória.

Anzani era filósofo, e praticava pouco os deveres materiais da religião; contudo na hora da morte, perguntando-se-lhe se queria um padre, disse que lhe levasse um, e como eu me admirasse deste ato que chamava fraqueza, disse-me:

– Meu amigo, a Itália espera muito neste momento em dois homens: Pio IX e Garibaldi ; pois bem, é preciso que não sejam acusados os companheiros de Garibaldi, de hereges. E dizendo isto sacramentou-se.

Nessa mesma noite, às três horas da madrugada, morreu nos meus braços, sem perder um momento os sentidos, nem ter tido um momento de delírio. As suas últimas palavras foram:

– Não te esqueças da minha recomendação a respeito de Garibaldi.

E deu o último suspiro.

O corpo e os papeis de Anzani foram entregues a seu irmão, homem inteiramente dedicado ao partido austríaco.

O corpo foi levado para Alzate, pátria de Anzani, e o cadáver do homem, que seis meses antes, não tinha achado em toda a Itália uma pedra em que descansasse a cabeça, teve uma marcha triunfal.

Quando se soube a sua morte em Montevidéu, houve luto geral na legião, cantaram-lhe um réquiem, e o doutor Bartholomeu Udicine, médico e cirurgião, recitou um discurso fúnebre.

Pelo que diz respeito a Garibaldi, fez quanto pôde reviver a sua lembrança, e quando organizou os batalhões lombardos, chamou ao primeiro, batalhão de

Anzani.

Depois da morte de Anzani parti para Turim.

Um dia passeando debaixo das arcadas, achei-me por acaso cara a cara com Garibaldi; vendo-o, a recomendação de Anzani veio-me à memória é verdade que secundada do profundo respeito e amizade que tinha a Garibaldi.

Caímos nos braços um do outro. Depois de nos termos ternamente abraçado, a lembrança da pátria veio-nos à memória ao mesmo tempo.

– Que faremos, dissemos um ao outro.

– Então, perguntei-lhe, se não chegava de Robervella, onde fora oferecer a sua espada a Carlos Alberto?

Sorriu desdenhosamente

– Essa gente me disse ele, não é digna que corações como os nossos se lhes submetam. Não tratemos de homens, caro Medici, só da pátria, e nada mais!

Como não parecia disposto a contar-me a sua entrevista com Carlos Alberto, cessei de interrogá-lo.

Depois soube, que o rei Carlos Alberto, o tinha recebido friamente; mandando-o para Turim esperar as ordens do seu ministro da guerra, Mr. Ricci.

Mr. Ricci dignou-se lembrar que Garibaldi esperava ordens suas, mandou-o chamar e disse lhe:

– Aconselho-vos, que partais para Veneza, e ali tomando o comando de alguns pequenos navios, podereis como corsário, ser muito útil aos venezianos, julgo que o vosso lugar é ali, e em mais parte alguma.

Garibaldi não respondeu à M. Ricci; em lugar de ir para Veneza ficou em Turim.

Eis a razão porque o encontrei nas arcadas.

– Que faremos, pois, dissemos em seguida.

Com homens da têmpera de Garibaldi, as resoluções são repentinamente tomadas.

Resolvemos ir para Milão, e partimos essa mesma noite.

A ocasião era boa, acabava-se de receber a notícia dos primeiros revezes sofridos pelo exército piemontês.

O governo provisório deu a Garibaldi o título de general, e autorizou-o a organizar batalhões de voluntários lombardos.

Garibaldi e eu, debaixo das suas ordens, tratamos logo disso.

Principiamos por um batalhão de voluntários de Vicencia, que nos chegou organizado de Pavia.

Garibaldi criava o batalhão Anzani, que bem depressa completou.

Eu tinha a meu cargo disciplinar toda essa mocidade das barricadas, que durante cinco dias, com 300 espingardas e 400 ou 500 homens, afastou de Milão

Radetzkí e os seus vinte mil soldados.

Porém nós lutávamos com as mesmas dificuldades, com que Garibaldi lutou em 1859.

Os corpos dos voluntários, que representam o espírito da revolução, assustam sempre os governos; uma só palavra bastará para dar ideia dos nossos.

Era Mazzini o porta-bandeira, e uma companhia denominava-se Medici.

Por esta razão, começaram a recusar-nos armas; e um homem de óculos, que ocupava um lugar importante no ministério, dizia em voz alta que eram armas perdidas, porque Garibaldi era um espadachim, e mais nada.

Nós dizíamos, que nos forneceríamos de armas, porém que ao menos nos dessem uniformes, responderam-nos que não havia uniformes, mas abriram armazéns, onde existiam uniformes austríacos, húngaros e croatas.

Eram os próprios, para gente que pedia para morrer combatendo croatas, húngaros e austríacos e todos os nossos soldados, mancebos pertencentes às primeiras famílias de Milão, de que algumas eram milionárias, recusaram com indignação.

Mas como era necessário tomar uma resolução, porque não podíamos combater uns de fraque outros de sobrecasaca, aceitamos os fatos dos soldados chamados ritters, e fizemos deles uma espécie de bluses.

Era irrisório, pois parecíamos um regimento de cozinheiros, e era preciso ter boa vista para reconhecer debaixo daquele pano grosseiro a flor da mocidade milanesa.

Enquanto que se afeiçoavam os fatos, à medida de cada um procuravam-se armas e munições por todos os meios possíveis, e enfim depois de armados e vestidos, marchamos para Bergamo, cantando hinos patrióticos.

Pelo que me diz respeito tinha debaixo das minhas ordens, cerca de 180 jovens, quasi todos, como disse, das primeiras familias de Milão.

Chegamos a Bergamo, e nos juntamos a Mazzini, que vinha tomar o seu lugar nas nossas filas, e foi recebido com aclamações.

Ali um regimento de linha regular piemontês se nos juntou, trazendo consigo duas peças pertencentes à guarda nacional.

Apenas chegamos, recebemos uma ordem do comitê de Milão que se compunha de Fanti, Maestrie Resteli, para voltarmos a marchas forçadas para Milão; obedecemos e começamos a nossa contra-marcha para Milão.

Porém chegando a Monza, soubemos que Milão tinha capitulado e que um corpo de cavalaria austríaca tinha sido mandado em nossa perseguição.

Garibaldi ordenou então uma retirada sobre Como; a nossa estratégia era aproximar-nos quanto nos fosse possível da fronteira suíça. Garibaldi mandou-me para a retaguarda para sustentar a retirada.

Estávamos já muito cansados da marcha forçada que acabávamos de fazer; não tínhamos tido tempo para comer em Monza, caíamos de fome e cansaço, e a nossa gente retirava-se com desordem e completamente desmoralizada. O resultado desta desmoralização foi que quando chegamos a Como começaram-nos a desertar soldados, de modo que de cinco mil homens que tinha Garibaldi, quatro mil e duzentos passaram para a Suíça, ficando apenas com oitocentos.

Garibaldi como se tivesse ainda os seus cinco mil homens, com o seu sangue frio habitual, colocou-se em Camerlata, ponto de junção de diversas estradas, diante de Como. Ali estabeleceu uma bateria com as duas peças de artilharia, e expediu correios a Manara, Griffini, e a Durando e Ápice, e aos chefes dos corpos de voluntários da alta Lombardia, convidando-os a concordarem entre si, a tomarem posições fortes, e sustentáveis até a última, apoiados na fronteira suíça.

O convite não teve resultado.

Então Garibaldi retirou de Camerlata para San Fermo, onde em 1859, batemos completamente os austríacos. Porém antes de nos colocarmos na Praça de São Fermo, reuniu-nos e fez-nos uma falia. – Os discursos de Garibaldi, vivos e pitorescos, tem a verdadeira eloquência do soldado. Disse-nos que era preciso continuar a guerra em guerrilha, que esta guerra era a mais segura e a menos perigosa, que bastava confiar no chefe e ajudarem-se os camaradas.

Apesar desta enérgica alocução, houve novas deserções durante a noite, e de madrugada a nossa gente achava-se reduzida a quatrocentos ou quinhentos homens.

Garibaldi, com grande desgosto, decidiu-se a entrar no Piemonte, porem na ocasião em que atravessava a fronteira, envergonhou-se de retirar sem combate; demora-se em Castelletto sobre o Tecinio, ordena-me que percorra os arredores e que lhe traga o maior número de desertores possível. Fui até Lugano e trouxe trezentos homens, contamo-nos, éramos setecentos e cinquenta. Garibaldi achava a força suficiente para marchar contra os austríacos.

No dia 12 de Agosto, fez a sua famosa proclamação, na qual declara que Carlos Alberto é um traidor, que os italianos, nem se podem nem se devem fiar nele, e que todo o patriota deve ter como um dever, o fazer a guerra por sua conta.

Feita esta proclamação, no momento em que de todos os lados se tocava à retirada, nós únicos marchávamos adiante, e Garibaldi com setecentos e cinquenta homens, fez um movimento ofensivo contra o exército austríaco.

Marchamos sobre Arona, apoderamos-nos de dois navios a vapor, e de outras pequenas embarcações. Começamos o embarque, que durou até a noite, e no dia seguinte de madrugada chegamos a Luino.

Garibaldi estava doente; tinha uma febre intermitente contra os acessos da qual tentava em vão lutar.

Com um destes acessos, entrou na estalagem da Galinhola, casa isolada à entrada de Luino, e separada da linha por um riacho, sobre o qual está lançada uma ponte. Mandou-me chamar e disse-me:

– Medici, necessito por força de duas horas de descanso, toma o meu lugar, e vigia por nós.

A estalagem da Galinhola era mal escolhida para quem queria sossegar, era a sentinela avançada de Luino, a primeira casa que devia ser atacada pelo inimigo, supondo-o nas circunvizinhanças.

Nada sabíamos dos movimentos dos austríacos, ignorando se estávamos a dez léguas deles ou a um quilômetro; contudo disse a Garibaldi que dormisse tranquilamente, asseverando-lhe que tomaria todas as precauções para que o seu sono não sofresse interrupção. Feita esta promessa, saí; as armas estavam ensarilhadas do outro lado da ponte e a gente acampada entre ela e Luino.

Coloquei sentinelas à estalagem da Galinhola, e mandei uns lapões explorar as proximidades.

Passada meia hora, os meus vigias voltaram todos assustados gritando:

– Os austríacos! Os austríacos!

Corri ao quarto de Garibaldi, dando o mesmo grito:

– Os austríacos!

Garibaldi estava na maior força da febre, saltou do leito, e ordenando-me que mandasse tocar a reunir, da janela pôs-se a descobrir o campo, dizendo que não tardaria em nos alcançar.

Com efeito dali a dez minutos estava no meio de nós.

Dividiu a nossa pouca gente em duas colunas; uma obstruindo o caminho, foi destinada a fazer frente aos austríacos, a outra tomando uma posição de flanco, impedia que nos voltássemos, e podia também atacar.

Os austríacos em breve apareceram na estrada, seriam mil e duzentos homens, e apoderaram-se imediatamente da Galinhola.

Garibaldi deu ordem logo à coluna que obstruía a estrada de atacar: esta coluna compunha-se de quatrocentos homens, atacando resolutamente mil e duzentos.

É o costume de Garibaldi, nunca conta os inimigos nem os seus; o inimigo está na frente, logo deve ser atacado. É forçoso confessar que quase sempre esta tática lhe deu bom resultado.

Contudo os austríacos faziam resistência, e por isso Garibaldi julgando que seria necessário engajar todas as forças, chamou a coluna do flanco e renovou o ataque.

Tinha diante de mim um muro que escalei com a minha companhia, achando-me num jardim. Os austríacos faziam fogo por todas as aberturas do albergue.

Apesar disso lançamo-nos no meio das balas, atacamos à baioneta, entrando por essas mesmas aberturas que um instante antes vomitavam fogo.

Os austríacos retiraram-se em completa desordem.

Garibaldi havia dirigido o ataque a cavalo, no meio da ponte, sendo um verdadeiro milagre que exposto ao fogo do inimigo não fosse ferido.

Quando viu fugir os austríacos, disse-me que os seguisse com a minha companhia.

A deserção havia-a reduzido a cem homens, e com eles persegui mil e cem. Contudo nesta ação não houve grande mérito, porque os austríacos tomados por um verdadeiro pânico, fugiam, abandonando as espingardas e patronas, não parando senão em Veneza.

Deixaram na Galinhola uns cem mortos e feridos, e oitenta prisioneiros.

Devo dizer que os austríacos tinham parado em Germiniada; voltei ali, mas já eles tinham partido. Segui então as suas pisadas, mas apesar de correr bem, não os pude alcançar.

Durante a noite soubemos que uma força austríaca, mais considerável que a primeira, se dirigia para nós. Garibaldi ordenou-me que ficasse na Germiniada, mandando eu logo fazer barricadas.

Tínhamos um tal hábito destas fortificações que nos era só necessária uma hora para pôr a última em estado de sustentar um cerco.

A notícia era falsa.

Garibaldi enviou duas ou três companhias em diferentes direções, e quando voltaram, mandou reunir todo o nosso exército, dando-lhe ordem para marchar sobre Guerla, e de lá para Varese, onde foi recebido em triunfo.

Dirigíamo-nos diretamente sobre Radetzkí.

Em Varese ocupamos Duimodi-Sopra, lugar que domina Varese, e que nos assegurava a retirada.

Ali Garibaldi mandou fuzilar um espião austríaco, que devia dar esclarecimentos a três colunas de austríacos que se dirigiam contra nós.

Uma marchava sobre Como, outra sobre Varese, e a terceira separando-se destas, dirigia-se sobre Luino.

Era evidente que o plano dos austríacos era de se colocarem entre Garibaldi e Luzano, cortando-lhe a retirada, fosse para o Piemonte ou para a Suíça.

Partimos então de Buimo para Arcisate.

De Arcisate, Garibaldi mandou-me com a minha companhia que ia sempre de vanguarda, para Viggia.

Chegando ali com os meus cem homens, recebi ordem de me dirigir

imediatamente contra os austríacos.

A primeira divisão de que eu tive conhecimento foi a de Aspre, forte de cinco mil homens.

Foi este mesmo general que ordenou depois os massacres de Livourne.

Em consequência da ordem recebida, preparei-me para o combate, e para o dar na melhor ordem possível, apoderei-me de três pequenas vilas que formavam um triângulo – Catzone, Ligurno e Rodero.

Estas três vilas guardavam todas as estradas que vinham de Como.

Por detrás destas vilas achava-se uma forte posição, S. Maffeo, rochedo inexpugnável, e pelo qual não tinha senão deixar-me escorregar para me achar na Suíça.

Havia dividido os meus cem homens em três destacamentos, ocupando cada um deles uma vila.

Eu estava em Ligurno.

Tinha chegado durante a noite com os meus quarenta homens e havia-me fortificado o melhor que tinha podido.

Ao romper do dia fui atacado pelos austríacos.

Tinham-se primeiramente apoderado de Rodero, que haviam encontrado abandonado, porque durante a noite a guarnição havia-se retirado para a Suíça. Fiquei com os meus sessenta e oito homens.

Chamei os trinta homens que estavam em Catzone e dirigi-me para S. Maffeo aonde podia resistir.

Apenas ali tinha chegado, fui logo atacado. De Rodero os canhões austríacos nos enviaram foguetes à congréve.

Lancei os olhos em roda de mim; a montanha estava rodeada de cavalaria, mas apesar disso resolvi-me defender-nos enquanto pudéssemos.

Os austríacos começaram o assalto. Infelizmente cada um de nós só tinha vinte cartuchos, e as nossas espingardas não eram das melhores.

Ao estrondo da fuzilaria, as montanhas da Suíça, vizinhas de S. Maffeo, cobriram-se de curiosos, e cinco ou seis destes não se podendo conter, vieram unir-se conosco, tomando parte no combate.

Sustentei o combate até que os meus homens tivessem queimado os últimos cartuchos.

Esperei sempre que Garibaldi ouvindo o estrondo do combate viria coadjuvar-me, mas Garibaldi tinha mais que fazer, porque tendo os austríacos marchado sobre Luino, Garibaldi ia-lhe ao encontro.

Tendo queimado até ao meu ultimo cartucho, pensei que era tempo de cuidar na retirada. Guiados pelos nossos suíços, tomamos através os rochedos, um caminho somente conhecido dos habitantes do país.

Uma hora depois estávamos na Suíça.

Retirei-me com os meus homens para um pequeno bosque, emprestando-nos os habitantes caixas para escondermos as espingardas, a fim de as encontrarmos quando nos fossem necessárias.

Durante mais de quatro horas, sessenta e oito homens tinham feito frente a cinco mil.

O general de Aspre mandou anunciar em todos os jornais que tinha sustentado um combate encarniçado contra o exército de Garibaldi, havendo-o posto em completa derrota. Só os austríacos são capazes de dizer estas petas.

LIV – Continuação da Campanha de Lombardia (por Medici)

Garibaldi marchava como já disse sobre Luino; mas antes dali chegar, recebera noticia de que Luino estava já ocupado pelos austríacos, ao mesmo tempo que a coluna de Aspres, depois da sua grande vitória sobre nós, se apoderara de Arcisate.

A retirada de Garibaldi sobre a Suíça tornava-se desde então dificultosa. Decidiu-se pois a marchar direito a Morazzone, posição muito forte e por consequência muito vantajosa.

Além disso, o ruído do canhão que tinha ouvido lhe tinha feito crescer água na boca.

Apenas tinha acampado, viu-se completamente rodeado por cinco mil austríacos.

Consigo tinha quinhentos homens.

Durante um dia com seus quinhentos homens, sustentou o ataque dos cinco mil austríacos. Vindo a noite, formou os seus em coluna cerrada, e lançou-se sobre o inimigo à baioneta.

Favorecido pela obscuridade fez uma sanguinolenta passagem, e achou-se em campo raso.

A uma légua de Morazzone licenciou seus voluntários, dando-lhes ponto de reunião em Lugano, e a pé com um guia, disfarçado em paisano, seguiu para a Suíça.

Uma manhã soube em Lugano que Garibaldi, que todos criam morto, ou pelo menos prisioneiro em Morazzone, tinha chegado a uma aldeia vizinha.

Então vieram-me à memória as palavras proféticas de Anzani.

Corri a Garibaldi, achei-o na cama, quebrado, moído, e apenas podendo falar. Acabava de fazer uma marcha de seis horas, e só por milagre havia escapado aos austríacos.

A sua primeira pergunta ao ver-me foi:

– Tens a tua companhia pronta?

– Tenho, lhe respondi.

– Pois bem, deixa-me dormir esta noite, e amanhã prepararemos a nossa gente e recomeçaremos.

Não pude deixar de me rir: era evidente que no dia seguinte estaria tolhido a ponto de não poder mover uma perna.

No dia imediato, com grande admiração minha, Garibaldi estava de pé; a alma e o corpo neste homem são iguais, ambos de bronze.

Mas nada havia a fazer; a campanha de Garibaldi na Lombardia estava finda.

Garibaldi então entrou no Piemonte e volveu a Génova.

Ali recebeu propostas que lhe trazia uma deputação siciliana.

Estas propostas eram de embarcar para a Sicília, a fim de ali sustentar a causa da revolução.

Aceitou-as e partiu com trezentos homens para Lívorno; mas ali sabendo o que se passava em Roma, abandonou a ideia da sua expedição à Sicilia e partiu para Roma.

É ali que prestes o encontraremos.

Quanto a mim fiquei em Lugano com a minha companhia, a que tendo reunido alguns desertores, se achava com o número de oitenta homens, e foi-me permitido conservar-me com eles em um depósito.

As nossas armas estavam sempre ocultas, mas debaixo de mão.

Durante este momento de repouso, organizamos, para não perder tempo, uma insurreição na Lombardia.

O governo da Suíça foi prevenido disto, e fez ocupar o cantão de Tessino pelos contingentes federais.

Resolveu-se então me internar.

Fui com duzentos homens, a maior parte dos quais haviam servido com Garibaldi, e outros comigo, enviado para Bellinzona, onde nos guardaram em um quartel, como perigosos e capazes de violar a fronteira.

O projeto não deixou de marchar.

Os generais Ascioni e de Aspre deviam partir de Lugano e dirigir-se sobre Como pelo vale de Intelvi.

Quanto a mim devia partir de Bellinzona, atravessar a passagem do Jorio, uma das mais elevadas e difíceis da fronteira, descer sobre o lago Como, e chamar os habitantes às armas. Depois do que, com a minha gente, iria reunir-me aos dois generais.

Como éramos guardados à vista, a coisa era difícil de executar.

Sobre uma altura que dominava Bellinzona estão as ruínas de um castelo que outrora pertenceu aos Visconti.

É ali que tinha feito guardar as nossas armas e as munições que depois pudera obter.

Ao todo tinha duzentos e cinquenta homens. Dividi-os em oito ou dez bandos, que deviam ir por muitas estradas, evitando a vigilância das tropas, reunir-se no castelo.

Contra toda a esperança, o projeto realizou-se completamente.

Cada um se encontrou no ponto de reunião sem encontrar impedimento; armei todos e estava pronto para partir para a montanha, quero dizer, atravessar a fronteira.

Repentinamente ouvi tocar a rebate; as tropas dispunham-se a marchar em

minha perseguição.

Mas os habitantes que me tinham votado amizade decidida, sublevaram-se em meu favor, e ameaçaram se não calasse o tambor, de se armarem e fazer barricadas.

Livre deste cuidado, dei à minha gente ordem de se pôr em marcha; estávamos no fim de Outubro; o norte soprava e prometia-nos nova noite de tempestade.

Marchamos toda a noite contra o vento, com o rosto açoitado pela neve. Vindo o dia, marchamos sem parar durante o seu curso; era preciso atravessar o cimo coberto de neve do Jorio; o inverno tinha tornado impraticáveis as passagens; entretanto atravessamo-lo com neve quase sempre até ao joelho, muitas vezes até aos sovacos.

Depois de trabalhos infinitos, chegamos, enfim, ao cume; mas ali um inimigo mais terrível do que todos os que tínhamos vencido até então, nos esperava: a tormenta.

Em um instante ficamos completamente cegos, e não distinguimos nada a dez passos de distância.

Disse então aos meus bravos de se apertarem uns contra os outros, marchar em uma só fila e seguir-me avançando com a maior rapidez. Três ficaram para trás, caindo para não mais se levantarem, escondidos na neve, dormindo ou velando talvez no cume do Jorio.

Marchei primeiro, sem seguir nenhuma estrada real, sem saber onde ia, confiando na nossa boa fortuna, quando repentinamente parei; o rochedo me faltava debaixo dos pés; um passo mais e caía no precipício!

Fiz alto, ordenando que cada um ficasse no seu lugar até nascer o dia.

Então só com um guia procurei um caminho toda a noite; a cada instante a terra, ou antes a neve faltava debaixo de nós, ou os pés nos escorregavam. Era por milagre que um de nós não ficava escondido, ou morto na queda.

Enfim ao raiar do dia, chegamos perto de algumas cabanas abandonadas. Entretanto como ofereciam um abrigo, quis voltar para os meus homens.

Mas então as forças abandonaram-me, e caí quebrado de fadiga e transido de frio.

O meu guia levou-me para uma das cabanas, e conseguiu acender fogo, que fez-me tornar a mim.

Durante este tempo a felicidade quis que os meus soldados seguissem o mesmo caminho que eu tinha seguido, de sorte que duas horas depois tinham me encontrado.

Tornamos de novo a pôr-nos a caminho, e descemos a Gravedona, sobre o lago de Como.

Chegado ali, depois de uma paragem de meio dia, pus-me em marcha para reunir-me aos dois generais com quem devia encontrar-me, e que durante a minha passagem deviam haver feito o levantamento.

Mas eles em vez de bater os austríacos haviam sido batidos, e eu ia dar de face com a divisão Wohlgemmuth que ocupava já o vale de Intelvi, e com alguns barcos a vapor cheios de austríacos.

Tomei então por um atalho, e entrei no vale Menaggio, e ocupei na sua extremidade Porteyzo, sobre o lago Lugano, reservando para a retirada o vale Cavarnia, que tocava na fronteira suíça.

A posição era magnífica; estava em comunicação com Lugano, de onde podia receber gente e munições: mas ninguém veio juntar-se-me, e fiquei ali oito dias inutilmente.

No fim deste tempo, os austríacos concentraram suas forças e marcharam sobre Poitecco. Retirei-me ao vale Cavarnia, que separa a Lombardia da Suíça. Contava, se me atacassem fazer tanto como em São Maffeo.

Mas houve apenas alguns tiros de espingarda.

Dois dos meus homens morreram de suas feridas.

Nada havia a fazer; todas as passagens eram cobertas de neve; o inverno tornava-se cada vez mais rigoroso; entrei na Suíça; escondi as espingardas e em seguida eu mesmo me escondi.

Por desgraça, eu era mais difícil de esconder do que uma espingarda; e como estava tão comprometido, tratava-se em relação a mim, não de um simples internamento, mas de prisão; muito feliz seria, se agarrado pelas autoridades suíças, não me entregassem aos austríacos.

Resolvi pois fazer todo o possível para reentrar no Piemonte.

Emprestaram-me uma carruagem para sair do Lugano. Saindo, iria a Magadino; de Magadino a Gênova, e de Gênova, Deus sabe aonde.

Atravessava pois Lugano de carruagem, quando um carro carregado de madeira que obstruía o caminho, me fez parar. Era mister esperar que o descarregassem. Estava esperando, quando o comandante do batalhão federal me reconheceu, chamou gente e fez-me prender.

Conduziram-me prisioneiro; era o menos que tinha a esperar.

Entretanto aconteceu-me coisa melhor ainda. Como os principais habitantes de Lugano eram todos meus amigos, obtiveram que em vez de ficar prisioneiro, seria levado às fronteiras sardas.

Não fiz mais que atravessar o Piemonte. A Toscana estava governada por república; embarquei em Gênova, e parti para Florença. Em Liorne um despacho telegráfico nos noticiou que o grão-duque, iludindo Montanelli por uma doença, acabava de fugir de Liorne e se tinha refugiado em Porto Ferrajo.

Imediatamente Guerrazzi ordenou à guarda nacional de Liorne de embarcar, perseguir o duque e prendê-lo.

Quando assinava esta ordem, disseram-lhe que eu tinha chegado a Liorne.

– Oferecei-lhe o comando da expedição, disse Guerazzi, e instai para que aceite.

Como se compreende bem não foi preciso pedir-me muito; submeti-me imediatamente às ordens do governo provisório.

Embarcamos a bordo do Giglio e fizemo-nos de vela para a ilha de Elba.

Apenas estávamos no mar, deram-nos sinal de que se avistava uma fragata a vapor. Era francesa, inglesa, austríaca?

Não sabíamos; mas a prudência ordenava que não nos aproximássemos.

Fiz pois que o Giglio se voltasse e em vez de abordar diretamente em Liorne, abordei em Golfo di Campo; atravessei a ilha num ápice, e cheguei a Porto Ferrajo.

Não se havia ali visto o grão-duque.

A expedição estava terminada.

Então volvi a Florença, e ali organizei livremente os despojos da minha coluna, que reforcei com novos voluntários; porque tudo o que era refugiado em Florença quis acompanhar-me.

Durante a minha estada ali, foram tentados dois ensaios de reação, e comprimi-os.

Uma manhã espalhou-se o boato de que os austríacos entravam pela fronteira de Modena; corri ali com a minha gente.

Não havia.

Uma terceira tentativa de reação vingou; o governo do grão-duque foi restabelecido, e eu que tinha sido encarregado de o prender, fui naturalmente obrigado a partir.

Além da minha legião havia em Florença uma legião polonesa, perfeitamente organizada; chamei-a e seguiu-me.

Atravessei os Apeninos e desci a Bolonha.

Ali fui muito mal recebido pelo governo republicano, que me tratou como desertor.

O general Mezzacapo formava em Bolonha uma divisão destinada a marchar em socorro de Roma. Passou-nos em revista, reconheceu que não éramos desertores, e fez de nós sua vanguarda.

Seguimos a estrada de Foligno, de Nami e de Civita-Castellana. Chegados lá, apoiamos sobre a Sabina para evitar os franceses.

Entramos em Roma pela porta San-Giovanni.

Digamos onde era Roma.

LV – Roma (por Medici e Vecchi)

No dia 24 de abril de manhã, a vanguarda da divisão francesa chegou diante do porto de Civita-Vecchia, e um ajudante de campo do general Oudinot desembarcou para falar na qualidade de parlamentário com o prefeito da república romana, Manucci. Disse-lhe que o fim da intervenção francesa era garantir os interesses materiais e morais do povo romano; que a França queria, inimiga como era do despotismo e da anarquia, assegurar à Itália uma útil liberdade; que esperava encontrar no povo romano a antiga simpatia que o tinha unido ao povo francês, mas que entretanto, como a armada corria perigo em se conservar a bordo, necessitava uma pronta licença de desembarque; se esta licença fosse negada, o general francês, com grande sentimento, ver-se-ia obrigado a empregar a força.

Além disso, devia prevenir a cidade de Civita-Vecchia de que lhe lançariam o tributo de um milhão, no caso de se disparar sequer um tiro.

E, dito isto, sem esperar a resposta do governador de Roma, a quem Manucci queria contar o ocorrido, o general Oudinot desarmava o batalhão Metara, ocupava o forte, fechava a imprensa da cidade, colocava uma sentinela à porta, e opunha-se no desembarque de um corpo de quinhentos lombardos.

Estes quinhentos lombardos constituíam o batalhão de bersaglieri, comandado por Manara, que, expulso da sua pátria e repelido pelo Piemonte, vinha pedir um túmulo a Roma.

Este batalhão compunha-se da aristocracia lombarda e vinha juntar-se aos defensores da república.

O mesmo Dandolo confessa no livro intitulado Voluntários e Bersaglieri que não era por simpatia pela causa dos romanos, mas porque não sabia onde pedir um asilo.

Os bersaglieri tinham chegado dois dias depois do general Oudinot; era então o general quem dava as licenças de desembarque de que ele, por assim dizer, não tinha feito caso.

Henrique Dandolo, descendente do doge do mesmo nome, usando como o historiador, filho do célebre vencedor de Constantinopla, do sobrenome de Henrique, veio duas vezes à terra para pedir ao general a licença; não somente lhe foi recusada, como teve ordem positiva de voltar para bordo.

Levou esta resposta a Manara, que também veio à terra para ver se era mais feliz do que ele.

A Manara, porém, foi-lhe negada, como o tinha sido a Henrique Dandolo.

– Sois lombardo? perguntou-lhe o general.

– Sem dúvida, respondeu Manara.

– Pois bem, retorquiu Oudinot, se sois lombardo, por que vos intrometeis nos negócios de Roma ?

– Também vós, que sois francês, vos intrometeis neles, e muito, respondeu Manara.

E virando as costas ao general, voltou para bordo.

Mas, quando se soube a bordo que o general francês se opunha ao desembarque, a exasperação chegou ao seu auge.

Depois da partida de Gênova tinham sofrido o mar com todos os seus rigores e muitas privações; bersaglieri e voluntários queriam deitar-se ao mar e ganhar a costa a nado, arriscando-se ao que pudesse acontecer.

Quando Manara viu que a sua gente estava decidida a recorrer a este extremo, voltou segunda vez a falar com o general Oudinot, e obteve, depois de uma longa resistência, que o seu batalhão desembarcasse em Porto de Anzio.

O general francês exigiu logo que Manara se conservasse longe de Roma, e totalmente neutral até ao dia 4 de Maio, em que, dizia ele, tudo estaria acabado.

Manara porém recusou.

– General, lhe disse ele, não sou mais que um major ao serviço da república romana, subordinado portanto ao ministro e ao meu general. Como dependo deles, não posso fazer uma tal promessa.

Foi então que M. Manucci, julgou que devia, em nome do ministro da guerra, aceitar as condições impostas pelo general Oudinot, e foi mediante esta promessa que os voluntários e bersagliere lombardos puderam desembarcar, em Porto de Anzio, no dia seguinte, de manhã, 27 de Abril; partindo no dia 28 para Albano, e pernoitando nas campinas de Roma.

Durante a noite, chegou uma ordem do general José Avezzana, ministro da guerra, que, ou ignorava a promessa feita por M. Manucci em nome de Manara, ou não lhe dava importância: essa ordem dizia que marchassem para Roma imediatamente.

Entraram em Roma no dia 29 pela manhã, no meio do entusiasmo de uma inumerável multidão de povo.

A notícia da chegada dos franceses a Civita-Vecchia, a assembleia romana declarou-se permanente.

Ventilou-se então esta grave questão: Abrir-se-ão as portas aos franceses, ou resistir-se-lhe-á?

O triumviro Armellini e muitos outros eram de parecer que os franceses fossem recebidos amigavelmente.

Mazzini, Cernuschi, Sterbini e a maioria queriam que se defendessem com energia até a última.

Era necessário, antes de tudo, salvar a honra, diziam eles.

A assembleia não hesitou: no dia 26 de Abril, às duas horas da tarde, foi votado o seguinte decreto com os aplausos de toda a Roma.

“Em nome de Deus e do povo.

A assembleia, segundo a comunicação recebida pelo triumvirato, entrega-lhe a honra da república e encarrega-o de repelir a força com a força.”

Decretada a resistência, Cernuschi, que tinha feito as barricadas de Milão, foi nomeado inspetor das barricadas de Roma: os pontos elevados foram guarnecidos de bocas de fogo, e o povo agitou-se, arquejando, à espera de algum acontecimento importante.

Foi então que apareceu o homem providencial.

De repente um grito unânime se ouviu nas ruas de Roma:

– Garibaldi! Garibaldi!

Depois uma imensa multidão que o precedia, atirava com os chapéus ao ar, e agitava os lenços, gritando:

– Ei-lo! Ei-lo!

Seria impossível descrever o entusiasmo que se apoderou da população logo que o viu; dir-se-ia, que era o deus salvador da república que corria a defender Roma; a coragem do povo cresceu então pela confiança que nele tinha, e pareceu que a assembleia não só tinha decretado a defesa, mas até a vitória.

Algumas linhas da Historia da Revolução Romana, por Biagio Miraglia darão uma ideia deste entusiasmo:

“Este vencedor misterioso, circundado de uma aureola de gloria tão brilhante, que, estranho às discussões da assembleia, e ignorando-as, entrava em Roma na véspera mesmo do dia em que a república ia ser atacada, era, no espírito do povo romano, o único homem capaz de sustentar o decreto de resistência.

Por isso, imediatamente se reuniram ao homem que personificava as necessidades instantâneas e que era a esperança de todos.”

Desta forma a necessidade pública dava a Garibaldi o seu posto de general, contestado na última guerra por aqueles mesmos por quem ele combatia.

———

Garibaldi não pôde dar-nos os detalhes que se seguem, pela necessidade que tinha de partir imediatamente para a Sicília; foram-nos porém fornecidos pelo seu amigo, M. Vecchi, o historiador da guerra de 1848, o membro da assembleia romana, o soldado do dia 30 de Abril, 3 e 30 de Junho; finalmente, o homem em cuja casa Garibaldi passou o ultimo mês da sua estada em Gênova, e que dali

saiu para embarcar.

Deixamos falar M. Vecchi, ou antes damos as suas notas originais.

M. Vecchi fala o francês tão bem como o italiano.

———

Garibaldi estava em Ravenne, alistando uma forte legião de voluntários, quando soube da morte de Rossi e da fuga do papa.

Determinou ir ele só a Roma para se entender com o governo provisório, cujo factotum era Sterbini ; mas fizeram-lhe compreender que a sua presença em Roma era tão perigosa como os aquartelamentos dos seus legionários nas legações; e recebeu ordem de se aquartelar em Macerata, cidade sossegada, onde o fizeram preceder pela reputação de salteador.

Tendo chegado ali, recebeu ordem de passar com a legião para Rieti. A tropa encaminhou-se por Tolentino, Foligno e Spoléte.

Garibaldi veio a Asroli porque soube que a polícia bourboneza e papista começava a sublevar a povoação dos Apenninos contra o governo de Roma empregando para isso o dinheiro, o temor e o anátema.

Nesse tempo era eu capitão do 23º de linha no exército piemontês e estava em Ascoli gozando dois meses de licença quando os meus compatriotas me elegeram deputado na constituinte romana.

Garibaldi visitou-me no dia 21 de Janeiro, no dia seguinte quis partir para Rieti, atravessando a montanha que estava coberta de neve e onde havia um grande número de salteadores; os conselhos prudentes que lhe deram, a oposição dos patriotas não fizeram mais que ressuscitar o seu desejo de intrépido militar; por espaço de uma légua fomos acompanhados pela multidão que se lamentava e chorava; muitos me abraçaram pensando que não tornariam a ver-me.

Seguiam o general, Nino Bixio, seu oficial de ordenança, o capitão Sacchi, seu companheiro de armas no novo mundo, e de Aguiar, seu negro.

O resto da comitiva compunha-se de mim e de um cãozinho que ferido num pé no dia do combate de Santo Antonio tinha desertado da bandeira de Buenos Aires com a qual tinha andado até ali para se alistar na bandeira de Garibaldi.

Chamava-se Guerillo.

O inteligente animal caminhava coxeando sempre entre as quatro pernas do cavalo de Garibaldi.

Na primeira noite alojamo-nos na casa do governador de Arguata, Caetano Rinaldi, chefe da reação clerical que surgia atrás de nós a pouco e pouco e à medida que avançávamos.

Ficamos numa sala ao rez de-chaussée às escuras até as dez horas da noite com pessoas que entravam, saíam e falavam em segredo. Notei isto ao general

que me respondeu com o seu habitual sossego.

– Estão detalhando o jantar.

Nada podia dizer mais verdadeiro, levantamo-nos da mesa à meia noite, tendo sido tratados como se fôssemos cardeais. Quando partimos, o governador deu-nos quatro arráteis de batatas para a viagem. Às quatro horas da manhã montamos a cavalo e fomos acompanhados até ao cume da montanha pelo filho de M. Rinaldi que trazia uma bandeira tricolor de seda. Ao meio dia devoramos um cordeiro que o general mandou assar por partes numa fogueira de lenha, e a noite alojamo-nos numa estalagem isolada cheia de camponeses armados. Talvez tivessem recebido a palavra de ordem de Arguata; as fisionomias eram sinistras, convidamo-los todos para beber e recusaram.

Fomos deitar-nos e dormimos com o sabre ao lado e a mão sobre o gatilho da pistola.

Garibaldi levantou-se; tinha o cotovelo esquerdo dolorido e o joelho direito inchado pelo reumatismo apanhado na América; não pôde calçar a bota e foi de braço ao peito.

Depois de meia hora de marcha, os cavalos não puderam continuar. Com efeito trepávamos uma montanha escarpada que o gelo da noite tornara escorregadia como um espelho.

Pelo espaço de uma légua os cavalos caminharam sobre os nossos capotes que estendíamos diante deles; atravessamos em seguida uma planície coberta de neve onde os cavalos se enterravam até aos peitos; para me aquecer, apeei-me e fui saber da saúde do general que cavalgava na minha frente só com uma bota calçada e no outro pé uma meia de algodão.

– Então, perguntei-lhe eu, como vai, general?

Cumprimentou-me com o sorriso afável que é habitual à sua natureza forte e serena, e disse-me:

– Perfeitamente, obrigado.

Como eu ia ao lado dele sem dúvida para se distrair das dores pungentes que lhe torturavam a carne, mostrou-me com a mão o aspecto grandioso desta natureza selvagem. Efetivamente, achávamo-nos no meio de elevadas montanhas, cujos cumes cheios de rochas se assemelhavam aos fortes castelos edificados pelos Titãs.

Por toda a parte rochedos escarpados, minados pelos séculos, desprendendo-se das cumiadas tinham rolado para os vales estreitos e escarpados e jaziam no leito de uma torrente espumosa, terrível, murmurante e limosa; a espaço viam-se algumas casas escondidas na espessura de choupos, faias, castanheiros e o atrás arvores, distinguindo-se pelas alvas nuvens de fumo que saíam das chaminés.

Esta paisagem à Salvador Rosa assombreada pela tormenta e tornada mais

ameaçadora pelo sopro do vento, exaltou a alma de Garibaldi.

– É aqui, disse ele, que eu queria encontrar todo o exército de Radetzki; os nossos bravos legionários não deixariam regressar a Viena um dos seus soldados; aqui vingaríamos Varus e nossos irmãos mortos na floresta de Teutberg.

Pelas cinco horas estávamos perto de Caceia, pequena reunião de casas agrupadas no cume de uma colina verdejante; o vento tinha dispersado as nuvens, o sol brilhava sobre as nevosas cumiadas, formando montanhas de prata que se destacavam sobre um fundo azul que se tornava cor de rosa para o lado do poente.

Descansávamos junto a um montão de palha, quando quatro mancebos vieram perguntar-nos quem éramos; ao nome de Garibaldi partiram correndo e passado um quarto de hora o porta-bandeira, as notabilidades, a guarda nacional e a multidão com música na frente vieram receber-nos, e convidar o general a ir à vila.

Armou-se, como por encanto, um arco triunfal de folhagem; o teatro iluminou-se; houve jantar e baile em casa do governador, que, não obstante, era um altivo clerical.

Lembro-me de terem apresentado a Garibaldi um camponês que, sem saber ler nem escrever, tinha ditado um poema completo sobre a vida pastoril.

Perto das nove horas, um vizinho me disse em segredo que um rapaz de quinze anos gemia na prisão embrutecido pelas pancadas e maus tratos do pai, que, casando segunda vez, aos sessenta anos, com uma camponesa muito nova, tinha, por conselho dela, acusado o filho de lhe ter faltado ao respeito.

O governador recebeu vinte escudos e o rapaz foi lançado na prisão.

Fiz constar o fato e falei dele ao general.

O pai foi chamado, e também o desgraçado rapaz. Houve então uma cena ao mesmo tempo cômica e horrenda. O pai queria, é verdade, que soltassem o filho; mas reclamava com toda a sinceridade o dinheiro que tinha dado para o prenderem. O rapaz chorava amargamente e abraçava Garibaldi; enquanto ao governador, não sabia que postura havia de tomar. Por fim, fez um discurso ao povo, da janela, e o rapaz foi levado em triunfo por todos os galopins da vila.

No dia seguinte, às cinco horas da manhã, um destacamento da guarda nacional partiu conosco por baixo de uma chuva miúda, mas penetrante.

Acompanhou-nos até Rieti e escoltou um empregado das finanças que tinham prendido no sítio onde almoçamos, porque era um espião pago pelo general bourbones Landi, comandante da coluna móvel na fronteira dos estados romanos.

A legião italiana aquartelada em Rieti compunha-se de três batalhões

(quinhentos homens), aos quais se tinham juntado noventa lanceiros equipados e montados à custa do seu comandante, o conde Angelo Masina de Bolonha.

Foi com eles que o conde marchou a socorrer Roma.

Quando os franceses desembarcaram em Civica-Vecchia, a legião achava-se em Anagni, berço e tumulo de Bonifácio VIII.

Aug. Vecchi.

———

Mas a este general que tinha todo o povo a segui-lo faltava-lhe soldados.

Improvisaram-lhe uma brigada de elementos estranhos uns aos outros, de homens que não se conheciam e que deviam reunir-se, fundir-se num só, misturar-se por efeito do entusiasmo que ele inspirava.

Esta brigada formou-se de dois batalhões da sua própria legião, entre os quais havia uns quarenta vindos com ele de Montevidéu, trajando blouse vermelha com canhões verdes, de trezentos homens de volta de Veneza, de quatrocentos mancebos da universidade, de trezentos oficiais da alfândega, mobilizados finalmente de trezentos emigrados, ao todo dois mil e quinhentos homens que foram encarregados de defender os muros desde a porta Portese até às portas San Pancracio e Cavallegieri, e ocupando todos os pontos elevados por fora das muralhas da villa Corsini, conhecidos sob o nome dos Quatro Ventos até à villa Pamphili.

Segundo toda a probabilidade, era sobre este ponto que empregariam mais força os franceses que queriam conservar Civita-Vecchia para base das suas operações.

No dia 28 de Abril a vanguarda francesa estava em Paio, onde tinha chegado na véspera um batalhão de caçadores para explorar o caminho.

No dia 29, estava em Castel-di-Guido, isto é, a cinco léguas de Roma.

Então o general em chefe mandou em reconhecimento seu irmão, o capitão Oudinot, e um oficial de ordenança com quinze soldados de cavalaria ligeira.

Este reconhecimento avançou para o sótio onde se dividiam as duas estradas Aurelianas, antiga e moderna, e a uma légua de Roma encontrou os postos avançados dos romanos.

O oficial que comandava os postos avançados dirigiu-se então aos franceses e perguntou-lhes:

– Que quereis?

– Ir à Roma, responderam os franceses.

– Não é possível, disse o oficial italiano.

– Nós falamos em nome da república francesa.

– E nós em nome da república romana, por tanto para trás, senhores!

– E se nós não quisermos voltar para trás?

– Trataremos de os obrigar a isso.

– Por que meio?

– Pela força.

– Nesse caso, disse o oficial francês, voltando se para os seus, se assim é, fazei fogo.

E ao mesmo tempo disparava uma pistola que tirara dos coldres.

– Fogo! respondeu o oficial italiano.

O reconhecimento muito fraco para resistir, retirou-se a galope, deixando em nosso poder um caçador francês, debaixo do cavalo que estava morto.

Foi preso e enviado a Roma.

O boletim francês diz que fomos nós que fugimos e fomos perseguidos, mas se assim fosse como era possível termos enviado a Roma um prisioneiro feito por nós que estávamos a pé, enquanto que os franceses estavam a cavalo?

No seguimento teremos de relevar mais de um engano deste gênero.

O reconhecimento foi pois levar ao general a notícia de que Roma estava pronta a defender-se, e que deviam perder a esperança de entrar ali sem queimar uma escorva, e no meio das aclamações do povo como esperavam.

O general em chefe nem por isso afrouxou a marcha.

No dia seguinte, 30 de Abril, avançou a passo dobrado, deixando em Maglianilla as bagagens dos seus soldados.

Relevemos um novo engano relativo ao dia 30 de Abril como relevamos o de 29.

Certos escritores disseram que vítimas de uma vil intriga, os soldados tinham sido atraídos para a cidade em perseguição de um simples reconhecimento e tinham caído numa cilada.

O negocio do dia 30 não foi um reconhecimento aos franceses, não se lhe armou cilada alguma.

O sucesso do dia 30 foi um combate em que muito esperava o general francês, e a prova é o plano de batalha que se segue, achado a um oficial francês morto, e transmitido pelo coronel Masi ao general ministro da guerra. (Não estou escrevendo um romance, estou, publicando Memórias. Vejo-me pois forçado a traduzir textualmente. Não nego nem afirmo, instruo um processo diante deste grande e ultimo juízo que se chama a Verdade.)

"Dever-se-á dirigir um duplo ataque pelas portas Angélica e Cavallegieri, com o fim de dividir a atençâo do inimigo.

Pela primeira forçar-se-ão as tropas inimigas que acampam em Monte-Mario,

e em seguida poder-se-á ocupar a porta Angélica.

Quando os nossos tiverem ocupado estes dois pontos, apertaremos o inimigo com toda a força possível em todos os sentidos e o ponto geral de reunião será na praça de S. Pedro.

Recomenda-se sobretudo poupar o sangue francês.”

A ideia do general francês não só era má, mas foi mal executada; vamos tentar prová-lo.

A estrada que conduz de Civita-Vecchia a Roma separa-se em duas a quinhentos metros mais ou menos das muralhas, conduzindo pela direita à porta San-Pancracio, e pela esquerda à porta Cavallegieri, vizinha do ângulo saliente do Vaticano.

Ali foi o grande erro que os franceses cometeram. Lançaram na direita os caçadores a pé do 20º de linha que acharam um caminho áspero e cortado de bosques e de um difícil acesso e nas alturas da esquerda os caçadores de Vincennes ; cerca de cento e cinquenta metros dos muros, estes bravos rapazes, perdidos do exército inimigo, foram fulminados com o chuveiro de metralha que vomitava a bateria do bastião San Mário.

Contudo o mal não foi para eles tão grande como podia ser, por causa da habilidade adquirida na guerra contra os árabes, de fazerem muralhas de todos os acidentes do terreno.

O seu fogo, admiravelmente dirigido, causava-nos grandes perdas. Foi ali que morreram, o tenente Marducci, mancebo que dava as maiores esperanças, e cuja mãe depois da entrada do Papa Pio IX foi condenada a oito dias de prisão por ter ido depor flores sobre o túmulo de seu filho; o major ajudante Enrico Pallini, o brigadeiro dela Ridova, o capitão Pifferi, o tenente Belli, e outros mais desconhecidos ao mundo, mas caros para nós; tais como Stephanis, Ludovico e o capitão Leduc, bravo belga que combatera por nós na guerra da independência.

Não faltavam porém vivos para substituir os mortos.

Desde manhã o rufar dos tambores anunciou aos romanos que os franceses estavam já à vista e em um momento os muros e os bastiões cobriram-se de homens.

Enquanto o fogo dos caçadores do 20º de linha e o dos caçadores de Vincennes respondiam ao nosso, o grosso da coluna francesa avançava sempre.

No momento de ela aparecer, uma bateria de quatro peças colocadas em um bastião, começou a metralhá-la.

O general francês estabeleceu logo uma bateria sobre os aquedutos, encarregada de responder ao nosso fogo, e fez montar sobre uma colina duas outras peças que fizeram face aos jardins do Vaticano, onde estavam poucos

soldados, mas uma grande quantidade de povo armado.

O general francês vendo que o nosso fogo tinha afrouxado, por causa da certeza do tiro dos caçadores de Vincennes, mandou a brigada Moliére que avançou com bravura até ao pé das muralhas; mas como já disse, os mortos tinham sido substituídos com ligeireza, e o fogo animou-se mais ardente ainda, destruindo a frente das colunas Marulaz e Bouat, forçoso lhes foi pois retirarem-se e procurarem um abrigo nas curvas que o terreno fazia.

Garibaldi seguia todos estes movimentos dos jardins da villa Pamphili. Entendeu que tinha chegado a sua vez e mandou vários destacamentos através das vinhas; esta manobra porém foi descoberta, e do 20º de linha mandaram um reforço para impedir que os caçadores de Vincennes fossem surpreendidos e para protegê-los.

Garibaldi então mandou dizer que se lhe enviassem um reforço de mil homens, responsabilizava-se pelo êxito daquele combate.

Enviou-se-lhe logo o batalhão do coronel Galleti e o primeiro batalhão da legião romana comandado pelo coronel Morelli. Dispôs várias companhias para defenderem as passagens ameaçadas, outras foram encarregadas de proteger os flancos e a retaguarda da saída, e à frente dos homens que lhe restavam Garibaldi lançou-se sobre os franceses.

Por fatalidade os nossos tomaram os homens de Garibaldi por franceses e do alto das muralhas fizeram fogo sobre eles. Garibaldi parou até que se conhecesse o engano, e então, à baioneta, lançou-se a descoberto sobre o centro do exército francês.

Empenhou-se então um combate terrível, entre os tigres de Montevidéu como lhes chamavam e os leões da África. Franceses e romanos lutavam corpo a corpo, matavam-se à baioneta, caíam, mas tornavam a levantar-se para começar de novo.

Garibaldi achava enfim inimigos dignos dele.

Ali morreram dos nossos o capitão Montaldi, os tenentes Rigli e Zamboni; foram feridos o major Marochetti, o cirurgião Schienda, o oficial Gliglioni, o capelão Ugo Bassi que, desarmado afrontava os ferimentos e a morte, para socorrer os feridos e consolar os moribundos; coração piedoso, alma misericordiosa, de que os sacerdotes fizeram um mártir ; finalmente, os tenentes d'All'Oro, Tressoldi Rolla e o jovem Stadella, filho do general napolitano.

Depois de uma hora de luta os franceses foram obrigados a ceder: uma parte debandou pelo campo e outra refugiou-se no corpo principal.

Ficaram prisioneiros duzentos e sessenta franceses.

Foi então que o capitão de artilharia Faby, oficial de ordenança do general em chefe, vendo o mau êxito do ataque tão mal combinado pelo general, julgou

remediá-lo, propondo ao seu chefe guiar um novo ataque por um caminho seu conhecido, dizia ele, e que o conduziria despercebido até debaixo dos muros de Roma, diante do jardim do Vaticano.

Este caminho era flanqueado por quatro ou cinco casas onde se poderiam deixar destacamentos, e que estavam ocultas pelas vinhas.

O general em chefe aceitou, deu-lhe uma brigada do corpo Levaillant, e o capitão Faby partiu.

A empreitada foi fácil a princípio, e a marcha da coluna ficou efetivamente desapercebida dos defensores de Roma até a estrada consular da porta Angélica; ali porém ao primeiro brilho das armas francesas um fogo terrível lançado de todo o circuito dos jardins pontificais recebeu a coluna, e uma das primeiras balas matou o capitão Faby que a conduzia.

Apesar de privada do seu guia a coluna defendeu-se valorosamente por algum tempo, respondendo ao togo das muralhas, mas dizimados e destruídos, tendo na retaguarda as nossas tropas de Monte-Mario, na frente o fogo do castelo Saint-Ange que lhes tomava o caminho da porta Angélica, expostos a descoberto ao chuveiro de balas e metralha que saía dos jardins do Vaticano, e que lhes não permitia readquirir as suas antigas posições; os franceses foram obrigados a refugiar-se nas casas dispersas nas vinhas e espalharem-se pelo comprimento da estrada, onde a nossa artilharia continuou a fulminá-los.

Assim, pois, uma brigada completa que formava o flanco esquerdo do corpo do exercito francês achou-se separada do seu centro, e correndo perigo de ser toda prisioneira.

Por felicidade para o general Levaillant as nossas tropas de Monte-Mario não desceram, e dois mil homens aglomerados atrás da porta Angélica não se moveram.

O general em chefe não era mais feliz à direita, quero dizer, no ponto em que havia combatido Garibaldi; um instante o fogo e a luta haviam cessado pela retirada dos franceses; mas sendo sua gente repelida, o general Oudinot receava ver cortadas as suas comunicações com Civita-Vecchia, e tinha compelido para a frente os restos da brigada Moliére, e o combate resfriado um instante, retomara novo ardor. Mas a ciência da guerra, a disciplina, a coragem, o ataque impetuoso, tudo caiu ante os nossos soldados, apesar de sua juventude e inexperiência.

É que Garibaldi estava ali, erguido a cavalo, com os cabelos soltos ao vento, como a estátua de bronze do deus dos combates.

À vista do invulnerável, cada um se recordou das façanhas dos imortaius antepassados e desses conquistadores do mundo de que eles pisavam as sepulturas; ter-se-ia dito que todos sabiam que a sombra dos Camillos, dos

Cincinnatos e dos Césares os olhavam do alto do Capitólio. À violência, à fúria francesa, opunham o sossêgo romano, a vontade suprema da desesperação.

No fim de quatro horas de um combate obstinado, o chefe de um batalhão do 20º de linha, hoje general Picard, graças a prodigiosos esforços, a uma coragem desmedida, apoderou-se com trezentos homens de uma posição bela, forçando os jovens universitários a abandoná-la ; mas quase imediatamente, Garibaldi tendo recebido um batalhão de exilados comandado por Arcioni, um destacamento da legião romana, com duas companhias da mesma legião, pôs-se-lhe à frente, e de cabeça baixa, baioneta cruzada, retomou a seu turno a ofensiva, e com um fogo irresistível, destruindo todos os obstáculos, envolveu na casa de que ele havia feito uma fortaleza, o chefe do batalhão, Picard, que atacado de todos os lados pelos nossos, e de face por Nino Bixio, que lutou corpo a corpo com ele, foi forçado a render-se com os seus trezentos homens.

Esta luta agigantada decidiu a refrega, e mudou completamente a face às coisas. Já não era questão saber se Oudinot entraria em Roma, mas sim se poderia volver para Civita-Vecchia.

Garibaldi, com efeito, senhor da villa Pamphili e da posição dos aquedutos, dominava a via Aureliana, e por um movimento rápido podia preceder os franceses em Gastei di-Guido e fechar-lhes a estrada.

O resultado deste movimento era certo; a ala esquerda dos franceses, esmagada nos jardins do Vaticano e abrigada, como o dissemos, nas casinhas dispersas, não podia bater em retirada sem se expor ao fogo exterminador da artilharia e da fuzilaria dos muros.

A ala direita, batida e dispersada por Garibaldi, achava-se nesse momento de desanimação fatal que se segue a uma derrota inesperada, e podia apenas opor uma fraca resistência. Além disto, os franceses estavam extenuados por um combate de dez horas, e sem cavalaria alguma que protegesse a sua retirada.

Nós tínhamos dois regimentos de linha em reserva, dois regimentos de dragões a cavalo, dois esquadrões de carabineiros, o batalhão dos lombardos, comandado por Manara, preso, é verdade pela palavra de Manucci, e por detrás deles um povo inteiro.

Garibaldi tinha previsto a situação porque do campo de batalha, escrevia ao ministro da guerra Avezzana :

“Enviai-me tropas frescas, e da mesma forma que eu vos havia prometido de bater os francees, palavra que sustentei, eu vos prometo de impedir que um só regresse aos seus navios.”

Mas então, diz-se, o triumviro Mazzini opôs sua palavra potente a este

projeto.

– Não façamos, disse ele, da França um inimigo mortal, por uma derrota completa, e não exponhamos nossos jovens soldados de reserva em campo raso, contra um inimigo batido, mas valoroso.

Este grave erro de Mazzini roubou a Garibaldi a gloria de um dia à Napoleão, e tornou infrutuosa a vitória de 30; erro fatal e entretanto desculpável para um homem que tinha firmado todas as esperanças no partido democrático francês de que Ledru-Rollin era chefe, erro que teve para a Itália incalculáveis consequências.

O plano de Garibaldi, se se houvesse adotado, podia mudar os destinos da Itália.

De feito a posição era das mais simples, e eu o recordo, hoje que os ódios políticos estão extintos, e que um novo dia brilha para a Itália à lealdade dos nossos próprios adversários.

Oudinot tinha atacado Roma com duas brigadas, uma sob as ordens do general Lavaillant, outra sob as do general Manara: um batalhão de caçadores a pé, doze peças de campanha e cinquenta cavalos, completavam a divisão; vimos a que penoso estado ficara reduzido na noite de 30 de Abril este corpo de exército, cuja ala esquerda tinha sido inconvenientemente alongada e a ala direita reunida sobre seu centro por Garibaldi, senhor da villa Pamphili, dos aquedutos e da antiga via Aurelianna; era preciso sem perder um instante e com todas as tropas disponíveis, marchar para a frente, forçar os franceses ou a uma fuga rápida, necessária, se quisessem ganhar Civita-Vecchia, ou a um novo combate, que terminasse por sua completa destruição na desfavorável situação em que se achavam.

Ou o exército francês teria sido destroçado ou forçado a depor as armas.

O que há nisto de curioso é que durante toda esta marcha, as músicas militares romanas tocaram a Marselhesa, combatendo aqueles, que animados por este canto tinham vencido a Europa.

É verdade que eles já não cantavam.

Além dos mortos e feridos que nos fizeram, as balas e projéteis causaram nestes encontros grandes danos aos nossos monumentos, e não podemos deixar de nos rirmos tristemente quando lemos nos jornais franceses que o cerco cresceria provavelmente em extensão pelo cuidado que tinham os engenheiros de não ofender os monumentos artísticos.

As balas e os tiros de canhão batiam, com efeito, e se espalhavam como chuva sobre a cúpula de São Pedro e sobre o Vaticano.

Na capela Paulina, enriquecida com pinturas de Miguel Angelo, de Zuccari e de Lourenço Sabati, uma das pinturas foi diagonalmente ferida por um projétil.

Na Sistina um outro danificou um caixão pintado por Buonaroti.

Enfim, os franceses perderam estes combates, feridos e prisioneiros, trezentos homens. Pela nossa parte tivemos uma centena de homens mortos ou fora de combate e um prisioneiro.

Este prisioneiro era o nosso capllão Ugo Bassi que em um dos nossos movimentos de reanimar, tendo encostado aos joelhos a fronte de um moribundo, junto ao qual se havia sentado para o consolar, não quis abandoná-lo, senão quando ele exalou o derradeiro suspiro.

Advinha-se facilmente a alegria que se apoderou de Roma em a tarde e noite que se seguiu a este primeiro combate. Fosse qual fosse o aspecto que dali em diante tomassem as coisas, a história, pelo menos assim se julgava, não negaria que não só tínhamos feito frente um dia inteiro aos primeiros soldados do mundo, mas ainda os havíamos forçado a retirar.

A cidade foi toda iluminada, tomando o aspecto de uma festa nacional: de todos os lados ouviam-se cantos e músicas. Saindo do quartel general estes cantos e estas músicas atormentavam os corações dos soldados prisioneiros.

O capitão Faby, voltando-se para um oficial romano, era o historiador Vecchi, perguntou-lhe:

– Esta alegria e estes cantos são para nos insultar?

– Não, lhe respondeu Vecchi, não suponhais tal; o nosso povo é generoso e não insulta a desgraça; mas festeja o seu batismo de sangue e de fogo. Vencemos hoje os primeiros soldados do mundo; quereereis impedi-lo de aplaudir a memória dos mortos e a ressurreição da nossa velha Roma?

Então o capitão Faby mostrou-se vivamente tocado por esta resposta, que era feita em excelente francês, e tão tocado que, com as lágrimas nos olhos, gritou:

– Pois bem, debaixo desse princípio, viva Roma e viva a Itália!

Nenhum soldado prisioneiro foi enviado ao quartel que lhes havia sido destinado, sem que recebesse viveres e que fosse provido de tudo que necessitava.

Quanto aos oficiais que tinham perdido a espada, foi-lhes no mesmo instante entregue uma outra.

No seguinte dia, 1º de maio, ao raiar d’alva, o infatigável Garibaldi, havendo recebido do ministro da guerra autorização para atacar os franceses com a sua legião, quero dizer, com mil e duzentos homens, dividiu-a em duas colunas, de que uma parte saiu pela porta Cavallegieri com Masina, e a outra sob suas ordens, pela porta São Pancracio. A pouca cavalaria que tinha foi aumentada com um esquadrão de dragões.

O fim de Garibaldi era surpreender os franceses no seu acampamento e dar-lhes batalha, ainda que as suas forças fossem seis vezes menores que as deles;

além disso esperava que ao ruído da fuzilaria e da artilharia, o povo todo correria em seu socorro.

Mas chegado ao campo soube que os franceses tinham partido durante a noite, retirando-se para Castel-di-Guido, e que Masina que tinha seguido caminho mais curto se havia encontrado com a sua retaguarda e batalhava com ela.

Garibaldi então dobrou a marcha, e alcançou Masina perto da hospedaria de Mallagrota, onde os franceses se reuniam e pareciam aprestar-se para o combate. Tomou logo o flanco do exército francês, sobre uma elevação, posição vantajosíssima; mas no momento em que os nossos iam carregar, um oficial destacando-se do exército, pediu para falar a Garibaldi.

Garibaldi ordenou que o conduzissem.

O parlamentado disse que era enviado pelo general em chefe do exército francês para tratar de um armistício e assegurar-se se realmente o povo romano aceitava o governo republicano e queria defender seus direitos.

Como prova das leais intenções do general, aquele propunha nos entregar o padre Ugo Bassi, feito prisioneiro na véspera como já dissemos.

Durante isto, chegava-nos a ordem do ministro pedindo a Garibaldi de volver à Roma.

A legião ali entrou pelas quatro horas da tarde, levando consigo o parlamentado.

O armistício pedido pelo general Oudinot foi-lhe concedido.

LVI – Expedição contra o Exército Napolitano (por Medici)

Enquanto que se consumavam os sucessos que acabamos de referir, o exército napolitano, forte com quase vinte mil homens, com o rei à sua frente, arrastando atrás de si trinta e seis bocas de fogo, flanqueado por uma cavalaria magnífica, orgulhosa de seus recentes triunfos na Calábria e na Sicília, avançava para investir a cidade pela margem esquerda do Tibre. Tendo ocupado militarmente Velletri, depois Albano e Frascati, protegido à direita pelos Appeninos e à esquerda pelo mar, alongava seus postos avançados a algumas léguas de nossos muros.

Vendo isto, Garibaldi, que o armistício deixava desocupado, buscou empregar seus ócios fazendo guerra ao rei de Nápoles.

Foi-lhe concedida a permissão.

Na noite de 4 de Maio, Garibaldi saiu com a sua legião, fortalecida com dois mil e quinhentos homens.

Entre estes dois mil e quinhentos homens achavam-se o batalhão de bersaglieri de Manara, restabelecido no pleno domínio de seus direitos (que, todavia, não tinham sido alienados a respeito do rei de Nápoles), os douaniers, a legião universitária, duas companhias da guarda nacional móvel e alguns outros corpos de voluntários.

A reunião tinha sido dada para a praça do Povo. Às seis horas, Garibaldi havia chegado.

Um jovem suíço, da Suíça Alemã, que escreveu uma história do cerco de Roma, Gustavo de Hoffstetter, exprime assim o efeito que lhe produziu a vista de Garibaldi:

“No momento em que soavam seis horas, o general apareceu com seu estado-maior e foi recebido por um trovão de vivas; via-o pela vez primeira; é um homem de mediana estatura, rosto crestado pelo sol, mas com linhas de uma pureza estranha; estava sentado sobre o cavalo, tão tranquilo e firme como se ali houvera nascido; debaixo do seu chapéu de largas abas e copa estreita, ornada de uma pluma de avestruz, se espalha uma floresta de cabelos; uma barba ruiva lhe cobre a parte inferior do rosto; sobre sua camisa vermelha traz um ponche americano branco; debruado de vermelho como a camisa. Seu estado-maior trazia a blusa vermelha, e mais tarde toda a legião italiana adotou esta cor.

Atrás dele cavalgava o seu palafreneiro, negro vigoroso que o tinha seguido da América; vinha vestido com um manto preto, e armado de uma lança de lâmina vermelha.

Todos os que tinham vindo com ele da América traziam à cintura pistolas e

punhais de um belo efeito; cada um tinha na mão um chicote de pele de búfalo.”

Continuemos a descrição: agora é Emilio Dandolo que fala; o pobre mancebo, ferido no cerco de Roma, onde foi morto seu irmão, faleceu depois em Milão, com doença de peito, e também nos legou uma narração dos acontecimentos em que tomou parte.

“Seguidos de suas ordenanças todos os oficiais vindos da América, debandam, reúnem-se, correm em desordem, vão aqui e acolá, ativos, vigilantes, infatigáveis; quando a comitiva para para acampar e descansar, enquanto que os soldados ensarilham armas, é um curioso espetáculo vê-los saltar abaixo de seus cavalos e prover cada um de per si, incluindo o general, às necessidades de seus pobres animais.

Acabada a operação, os cavaleiros pensam em si, e se das localidades vizinhas não podem obter viveres, três ou quatro coronéis ou majores montam novamente, e armados de laços, aventuram-se pelos campos à caça dos carneiros e dos bois. Quando tem reunido o que querem, volvem trazendo adiante de si o rebanho; distribuem-no em partes iguais pelas companhias, e todos, sem distinção, soldados e oficiais, se põem a degolar, esquartejar e fazer assar, ante enormes fogueiras, enormes pedaços de carneiro, boi ou porco, sem contar as alimárias miúdas, como galinhas, pombos, patos, etc.

Durante este tempo, se o perigo vai longe, Garibaldi fica deitado na sua tenda; se, ao contrário, o inimigo se avizinha, não desce do cavalo, dá as suas ordens e visita os postos avançados; muitas vezes, despe o singular uniforme, veste-se de paisano e entrega-se às mais perigosas explorações; a maior parte do tempo, sentado sobre algum elevado cume que domina as imediações, passa horas a sondar o horizonte com seu óculo; quando a trombeta do general dá o sinal da partida, os mesmos laços servem para prender os cavalos dispersos na campina; a ordem de marcha é tomada como na véspera e ninguém sabe ou se inquieta saber para onde se vai.

A legião pessoal de Garibaldi é pouco mais ou menos de mil homens; compõe-se do mais desordenado sortimento de homens que se pode imaginar, gente de todas as classes e idades, rapazes de doze a quatorze anos atraídos a esta vida de independência, seja pelo entusiasmo, seja por uma natural desenvoltura, velhos soldados reunidos pelo nome e pela fama do ilustre herói do novo mundo, e no meio de tudo isto, muitos que não podem lisonjear-se de ter senão a metade da divisa de Bayard, sem medo, e que procuram na confusão da guerra o roubo e a imunidade.

Os oficiais são escolhidos entre os mais corajosos, e elevados aos graus

superiores, sem que se lhes leve em conta a antiguidade, nem nenhuma das regras ordinárias para os elevar. Hoje vê-se um de sabre ao lado, é capitão; amanhã, por variedade, tomará um mosquete, e irá colocado nas fileiras tornar-se soldado. A paga não falta: é fornecida por meio do papel dos triumviros, que não custa senão o trabalho de o fazer imprimir: proporcionalmente o número dos oficiais é maior que o dos soldados.

O comissário geral, quero dizer, o homem encarregado das bagagens, era capitão; o cozinheiro do general, era tenente; a ordenança tinha o mesmo grau; o estado-maior é composto de majores e coronéis.

De uma simplicidade patriarcal, que é tamanha que se dissera fingida, Garibaldi assemelha-se antes ao chefe de uma tribo indiana que a um general; mas, quando o perigo se aproxima ou declara, então é verdadeiramente admirável de coragem e de golpe de vista; e o que lhe poderia faltar de ciência estratégica para ser um general segundo as regras militares, é substituído nele por uma atividade inimitável.”

Bem o vedes, sobre todos os espíritos, sobre todos os temperamentos, este homem extraordinário faz uma impressão igual.

Voltemos à expedição contra os napolitanos.

A tropa pôs-se em marcha ao cair do dia, pelas oito horas da tarde. Onde se ia? Ninguém o sabia. Apoiou-se sobre a direita até que depois de ter descrito um imenso círculo, encontraram-se na estrada de Palestrina.

A noite era límpida e fresca; marchava-se em silêncio e a passo dobrado. O próprio estado-maior provia ao serviço de segurança. Os oficiais, acompanhados de alguns homens a cavalo, faziam grandes volteios no terreno; quando o solo estava muito acidentado, a coluna parava, e os ajudantes, sondando o terreno que se estendia ante eles, volviam a dar novas que faziam retomar a marcha à expedição.

Estas paragens tinham, além da vantagem da segurança, a de fazer descansar as tropas, cuja marcha continuou assim, sem muita fadiga, até as oito horas da manhã. A uma légua de Tivoli, parou-se; depois de algum tempo tinha-se deixado o caminho de Prenesta, que conduzia ao de Palestrina, e tinha-se dirigido a marcha para Tivoli, seguindo uma velha estrada romana.

Por esta marcha noturna, feita com rapidez, o general tinha ganho uma tríplice vantagem:

1º – Tinha iludido os espiões, que vendo-o sair da porta do Povo, deveriam julgar que a expedição era dirigida contra os franceses, os quais, parados em Paio, tinham entabolado uma espécie de congresso com o triumvirato.

2º – Garibaldi achava-se em Tivoli sobre o flanco direito da linha de

operações dos napolitanos, que acampavam em Velletri, e que enviavam os seus observadores na direção de Roma até as alturas de Tivoli.

3º – A marcha noturna por um páramo deserto, privado de sombra e de água, era, graças à fresquidão da noite, um verdadeiro beneficio para as tropas.

Às cinco horas da tarde, os homens retomaram suas fileiras, e marchou-se para as ruínas da villa Adriana, distante uma légua, pouco mais ou menos, do lugar onde se tinha feito alto, e que jaz ao pé da montanha em que se eleva o Tivoli.

O general teve logo intenção de ali acampar, mas mudou de resolução e fez proceder a uma completa exploração dos lugares. Não pôs tropas em Tivoli, porque só no ultimo caso é que ele queria entrar nas cidades.

No meio das ruínas da villa Adriana, que formam uma fortaleza, a brigada inteira plantou seu campo, homens e cavalos, porque as câmaras subterrâneas deste edifício estavam muito bem conservadas para ali se poderem alojar.

Esta cidade foi elevada pelo próprio Adriano; tem duas milhas de extensão e uma de largura. Uma pequena floresta de laranjeiras e figueiras brotam à base do antigo palácio.

Em 6 de Maio partiu-se, às oito horas da manhã, com os bersaglieri à frente; e para alcançar a grande estrada de Palestrina, foi mister passar pela garganta de São Veterino. Levou-se uma hora a passar este desfiladeiro; ao meio dia, acampou-se em um outro vale, onde se encontrou água fresca e sombra. Não se via uma casa, mas nadava-se em verdura.

Às cinco horas e meia, retomou-se a marcha e subiu-se a montanha. Os soldados tinham ante si os animais de carga que levavam as munições de guerra.

Quanto aos soldados, todos levavam seu pão; a falta de carne não os inquietava, encontravam-na em todas as paragens, mas só os bersaglieri tinham marmitas.

Chegada ao cume da montanha, a expedição encontrou uma antiga estrada romana, perfeitamente conservada, que conduzia à Palestrina, onde chegou à uma hora da manhã.

Foi uma fortuna encontrar esta estrada romana, tão bem conservada, que nem só um dos animais de condução deu um passo em falso, nem o vento levantou um só grão de poeira.

Entretanto, fizeram-se frequentes altas para dar repouso aos soldados, tinha-se necessidade, visto a lide que se lhes reservava, de que não chegassem fatigados.

O general enviou patrulhas para todos os lados.

Uma destas patrulhas, formada por sessenta homens e comandada pelo tenente-coronel Bronzelli, o mesmo que dez anos depois foi mortalmente ferido no campo de batalha de Treponti, obteve felizes resultados; atacou uma vila

ocupada por napolitanos, pô-los em fuga e fez-lhes alguns prisioneiros.

Dois dos nossos, que não quiseram render-se, foram mortos e feitos em pedaços.

Às 9, teve-se aviso de que um corpo considerável de napolitanos avançava para Palestrina; e, com efeito, pelas duas horas da tarde, do alto da montanha da S. Pedro, que domina a cidade e que era ocupado pela nossa segunda companhia, viu-se avançar em boa ordem, pelas duas estradas que se reúnem à porta dei Sole, a coluna inimiga. Eram dois regimentos de infantaria da guarda real, e um de cavalaria.

Garibaldi enviou diante deles em atiradores, duas companhias da sua legião, uma da guarda nacional móvel e a quarta companhia bersaglieri.

Aquela ocupava a ala esquerda da longa cadeia de montanhas que vem expirar no vale.

Manara, da plataforma da porta, dominava a cavalo esta cena magnífica, e por intervenção de uma trombeta indicava os movimentos que era mister obrar.

Ter-se-ia julgado isto uma revista, pela tranquilidade com que estas coisas se passavam e pela maneira com que os movimentos respondiam aos sons da trombeta.

Quando chegamos perto dos napolitanos, um vivo fogo começou e os outros corpos da expedição, formados em coluna, se apresentaram fora da porta.

O chefe inimigo quis então estender em atiradores seus primeiros pelotões; mas viam-se os soldados horrorizados recusarem afastar-se uns dos outros. Quanto a nós, avançamos sempre, prosseguindo o fogo. Então, a nossa extrema direita, comandada pelo capitão Rozat, torneou um muro que a impedia de avançar e foi correr vivamente a estender-se sobre os flancos do inimigo.

Os napolitanos oscilaram um instante; depois, rompendo suas fileiras repentinamente, tomaram a fuga sem quase descarregar as espingardas. Então alguns homens do batalhão de Manara penetraram até ao meio de suas fileiras e saíram dali conduzindo cinco ou seis prisioneiros.

Da direita, ainda que marchando mais lentamente, as coisas procederam da mesma forma: a primeira companhia de bersaglieri deixou aproximar os napolitanos a um tiro de pistola e com uma carga viva e inesperada, e um choque vigoroso à baioneta, facilmente os pôs em fuga, repelindo-os sucessivamente de três casas que ocupavam, e sustentando com a maior ordem uma carga de cavalaria que custou a vida a bom numero de cavaleiros napolitanos.

Garibaldi esperava este momento: enviou de reforço um batalhão a Manara, ordenando-lhe que carregasse sobre toda a linha à baioneta.

Fulminados sobre o flanco pelos lombardos, repelidos em frente pelas legiões e pelos exilados, os reais tomaram a fuga rápida e completa, deixando no campo

três canhões.

O combate durou três horas e foi conduzido a bom fim sem grande perda.

Os inimigos opuseram tão fraca resistência que nos maravilharam.

Se houvéssemos tido cavalaria para a lançar em perseguição dos fugitivos, a sua perda teria sido considerável.

Mas quando Garibaldi viu o inimigo retirar-se precipitadamente e os nossos persegui-los em desordem, temeu uma emboscada e fez tocar a retirada.

Tivemos doze mortos e vinte feridos, entre eles o bravo capitão Ferrari, que recebeu uma baionetada no pé.

A perda dos napolitanos foi de cem homens.

O resultado material, como se vê, era pouca coisa, mas o efeito moral era grande.

Dois mil soldados de Garibaldi tinham posto em completa derrota seis mil napolitanos.

Perto de vinte e quatro pobres diabos prisioneiros, quase todos da reserva, e por consequência arrancados às suas famílias e obrigados a combater por uma causa que não era a sua, foram trazidos à presença de Garibaldi. Trementes e de mãos juntas, pediram-lhe a vida. Eram belos homens, bem vestidos, mas detestavelmente armados de espingardas de pederneira, com sacos cheios de imagens de santos e santas, de relíquias e de remédios.

Tinham-nas ao pescoço, nas algibeiras, por toda a parte. Disseram que o rei estava em Albano com dois regimentos suíços, três de cavalaria e quatro baterias; esperavam-se outros reforços de Nápoles.

Sob as ordens do general Zucchi, tinham eles sido enviados para tomar Palestrina e apoderar-se de Garibaldi, que lhes inspirava um terror que ninguém podia imaginar.

À noite, acampamos fora de Palestrina.

No dia seguinte, avançamos para ocupar os postos avançados, duas milhas mais longe; as nossas patrulhas aventuraram-se até as linhas inimigas, que tinham os piquetes a quatro milhas de distância.

Para não ficarmos ociosos, fazíamos manobrar os nossos soldados que desde Solaro não tinham feito exercício uma só vez. Era um belo e animador espetáculo para a nossa causa republicana ver estes homens que a um quarto de légua do inimigo aprendiam o manejo das armas de que iam servir-se contra ele, e que ao som da trombeta estudavam a escola de pelotão e o fogo de atiradores.

À tarde, voltamos à cidade, mas foi para dar um novo assalto.

Em 7 de Maio, tínhamos chegado à meia noite debaixo de torrentes de chuva. O batalhão Manara tinha recebido para alojamento um convento de agostinhos, mas os monges não tinham querido abrir; e, fatigados e molhados, os

republicanos bateram debalde à porta, durante uma hora e sofrendo um vento glacial. Enfim, por muito grande que fosse a paciência dos bersaglieri esgotou-se; fizeram vir os sapadores e a porta do convento foi arrombada.

Ainda que esta noite os soldados, horrivelmente cansados, ficassem furiosos por semelhante acolhimento, ainda que o general dissesse claramente e não deixasse ignorar à sua gente, que fazia tanto a guerra aos monges hostis à republica, como aos napolitanos, as exortações de Manara e de seus oficiais chegaram a acalmar os soldados e a impedir as desordens que se podiam esperar em tal ocasião. Deitamo-nos tranquilamente sobre o chão dos corredores e procuramos em um curto repouso força para suportar novas fadigas.

Por felicidade a fadiga que nos deram os napolitanos não foi grande.

Na noite da batalha os bersaglieri reganharam o seu convento, e de novo o encontraram fechado. Foi preciso recorrer novamente aos sapadores para arrombar as portas a golpes de machado.

Os irmãos desta vez haviam fugido. Não tinham podido crer que os republicanos fossem tão pouco rancorosos, e temeram que a doçura que tínhamos mostrado não fosse um laço que ocultasse alguma sinistra volta.

Também, fugindo os irmãos, haviam levado consigo as chaves das celas. Para obter roupas e objetos necessários a um acampamento, por muito modesto que ele fosse, foi mister forçar algumas portas. Por felicidade os sapadores não estavam longe. Estas portas arrombadas, foi contagioso o exemplo; em vez de se contentarem, como da primeira vez com o chão dos corredores, os soldados quiseram ter uns colchões, outros enxergões; os chefes, cansados de moralizar, seguiram o mau exemplo e apoderaram-se das celas. Em menos de meia hora, foi cheio de alto a baixo; apenas houve tempo de colocar sentinelas à igreja; aos carneiros e à biblioteca.

De resto, nada havia a tomar; os irmãos não tinham deixado senão grandes móveis, dos quais nenhum cabia num sacro; mas bom número de paisanos que haviam excitado os nossos soldados a esta desordem, aproveitavam a confusão, e, como formigas, se juntavam aos três e aos quatro, a fim de levarem os bocados com que um só não podia.

Muitos dos nossos, pouco religiosos, corriam por todo o convento felizes por uma vez se poderem assemelhar-se aos monges. Um saía de uma cela com um largo chapéu dominicano na cabeça, outro passeava gravemente nos corredores com um grande hábito branco sobre o uniforme. Todos apareceram à chamada com uma enorme tocha na mão, e durante a noite de 9 a 10, em honra da nossa vitória sobre os napolitanos, o convento foi esplendidamente iluminado.

A correspondência dos pobres irmãos não foi mais respeitada que o resto, e mais de uma carta que se abriu e leu em triunfo teria feito corar atéàás orelhas os

castos fundadores da ordem.

No dia 10, paramos em Palestrina e acampamo-nos nos prados. Os napolitanos pareciam ter perdido o gosto de nos atacar, e coroavam as colinas de Albano e de Frascati aproximando-se pouco a pouco de Roma.

Garibaldi, que temia um assalto combinado dos napolitanos e franceses, pôs-se a mesma tarde em marcha, para voltar sobre Roma; passamos em silêncio, e em uma perfeita ordem, a duas milhas do campo inimigo, por sendas quase impraticáveis, sem que nenhum acidente perturbasse a tranquilidade de uma marcha magnífica.

Enfim na alvorada de 12 chegamos a Roma, tendo feito durante a noite vinte e oito milhas sem pararmos um instante; tínhamos a maior necessidade de repouso; muitos de entre nós julgando partir para uma campanha de algumas horas somente, não tinham trazido para maior ligeireza, nem marmita, nem saco, nem utensílio algum.

Mas vindo a noite, em lugar de descansarmos fomos obrigados a retomar as nossas espingardas; foi dado alarme na cidade, correndo o ruído de que os franceses atacavam o Monte-Mario; saímos precipitadamente pela porta Angélica, trocamos alguns tiros com os franceses, e dormimos à borda de um fosso com a mão sobre as armas.

G. Medici.

LVII – Combate de Velletri

A partir deste momento as notas deixadas por Garibaldi na ocasião de partir para a Sicília, facilita-nos o pode-lo agora deixar relatar as suas aventuras.

———

Em 12 de Maio a assembleia constituinte romana, à noticia da heróica defesa de Bolonha, proclamou este decreto:

Roma, 12 de Maio de 1849.
"A assembleia constituinte em nome de Deus e do povo.
Decreta:
ARTIGO ÚNICO
O heróico povo de Bolonha, bem mereceu da pátria, e da república, sendo o digno emulo de seu irmão o povo romano."

No dia em que Bolonha caía, o embaixador extraordinário da republica francesa, Fernando de Lesseps entrava em Roma com Miguel Accursi, enviado da república romana em Paris.

O armistício de que se tratava havia quinze dias, e contra o qual eu me tinha pronunciado, no dia 1º de Maio, estava concluído.

O governo romano resolveu aproveitar-se destas tréguas para se desembaraçar do exército napolitano; porque ainda que ele não fosse para temer, é sempre mau ter sobre os ombros vinte mil homens e trinta e seis bocas de fogo.

Engano-me, eram só trinta e três, porque três tínhamos nós trazido da Palestrina.

O governo julgou esta ocasião favorável para criar dois generais de divisão, um, de um coronel, e o outro, de um general de brigada; o primeiro foi Rosselii, eu o segundo.

Rosselli foi nomeado general de expedição. Alguns amigos me aconselhavam a não aceitar esta posição secundária, para obedecer a um homem que, ainda na véspera, era meu inferior.

Confesso, porém, que sempre me tem sido indiferentes estas questões de amor próprio, se me tivessem dado, ainda mesmo como simples soldado, a ocasião de desembainhar a espada contra o inimigo do meu país, teria servido como bersaglieri. Aceitei, pois, com reconhecimento, o posto de general de divisão.

No dia 16 de Maio, à noite, todo o exército da repéblica, isto é, dez mil homens e doze bocas de fogo saiu dos muros de Roma, pela porta de San Giovanni.

Entre estes dez mil homens haviam mil de cavalaria.

No caminho deu-se pela falta do corpo Manara designado também para fazer parte da expedição.

Enviou-se um oficial do estado-maior para saber a razão porque Manara, que era sempre o primeiro a marchar contra o inimigo, não aparecia.

Não tinha sido prevenido. Estava furioso, julgava que só ele tinha sido desviado da expedição.

Passamos o Teverone pela estrada de Tivoli, ali costeamos à direita e chegamos a Zagarola às onze horas da manhã, depois de uma das marchas mais custosas para a nossa gente. Apesar de não termos avançado muito, tínhamos andado dezesseis horas. Isto provinha do grande número de gente. Havia uma poeira insuportável. Além disto a estrada era tão estreita em certas partes que tivemos de passar um a um.

Quando chegamos a Zagarola não havia pão nem carne, a divisão napolitana tinha comido tudo, e vinho pouco deixou.

O estado-maior tinha-se esquecido de prever o caso.

Felizmente tinha levado comigo alguns bois, e a minha gente agarrou outros a laço; mataram-se, esquartejaram-se, assaram-se e comeram-se.

É verdade que quando me queixei desta falta de cuidado, que esteve a ponto de matar a fome a expedição, respondeu-se-me que temeram, reunindo viveres, despertar o inimigo.

Perfeitamente !

Estivemos trinta horas pouco mais ou menos nesta pequena vila, de onde saímos sem pão, como tínhamos entrado.

A ordem de marcha deu-se no dia 18, à uma hora da tarde; não partimos porém senão às seis horas. Estas paragens fatigam mais que marchas forçadas.

Finalmente, às seis horas pus-me à frente da brigada da vanguarda e parti para Valmontone. Seguiam-me as outras brigadas. Tinha mandado observar o maior silêncio nas fileiras e grande vigilância na frente e nos flancos. Recebi aviso de que o exército napolitano estava acampado em Velletri com dezenove a vinte mil homens, entre os quais haviam dois regimentos de suíços e trinta bocas de fogo.

Dizia-se que o próprio rei de Nápoles estava na cidade.

Efetivamente os realistas ocupavam Velletri, Albano e Frascati, e as vanguardas estendiam-se até Fratocchi. Tinham o flanco esquerdo protegido por mar e o direito apoiado pelos Apeninos e haviam ocupado Palestrina depois que eu a abandonei e dominavam deste modo o vale onde havia o único caminho praticável a um exército que viesse atacá-los de Roma.

Podiam pois opor-nos uma séria resistência e além disto levavam-nos vantagem em posição, número, bocas de fogo e cavalaria.

O feliz resultado porém da primeira empreitada era uma promessa de sorte para a segunda. Por outro lado as tropas do rei de Nápoles estavam completamente desmoralizadas e como se sabe, na guerra a força moral é tudo.

Para obrigar o inimigo a fugir ou a combater, julgou-se que era necessário apoderarmo-nos de repente do vale, ocupar uma posição de lado que ameaçasse as comunicações do exército napolitano com Nápoles. Monte-Fortino tinha sido escolhido para formar este ponto estratégico. Com efeito, senhores deste ponto, podíamos lançar-nos sobre Citerna e fechar aos realistas o caminho da fronteira, apoderarmo-nos de Velletri, se por acaso a abandonassem para nos fazer frente, ou finalmente lançarmo-nos com toda a nossa força sobre o corpo mais fraco do inimigo, se ele cometesse o erro de se dividir.

Ao anoitecer descobrimos um caminho muito estreito que conduz perto de Valmontone; gastamos duas horas a percorrê-lo. O batalhão Manara ajudado de um esquadrão de dragões e duas bocas de fogo foi encarregado de proteger a vanguarda.

Chegamos às dez horas; as trevas eram espessas e o sítio do acampamento péssimo; fomos obrigados a ir buscar água a uma milha de distância.

No dia 18, continuamos a marcha com a mesma ligeireza; assim como na véspera tínhamos encontrado Palestrina e Valmontone evacuadas pelo inimigo, achamos também Monte-Fortino livre, tão livre que era fácil disputar-nos.

Todo o exército bourbones retirava para Velletri.

No dia 19 de manhã deixei a posição de Monte-Fortino para marchar sobre Velletri com a legião italiana, o terceiro batalhão do terceiro regimento de infantaria romana e alguma cavalaria comandada pelo bravo Marina, seriam ao todo quinhentos homens.

Tinha a meu lado Ugo Bassi, que sempre desarmado mas excelente cavaleiro, servindo-me de ajudante de ordens, me dizia sem cessar no meio do fogo:

– General! por favor, mandai-me onde houver maior perigo, em lugar de enviar para ali alguém de mais utilidade.

Chegado à vista de Velletri, enviei um destacamento com ordem de avançar até aos muros da cidade, para que reconhecesse os lugares, e, chamando o inimigo, o obrigasse, se fosse possível, a tomar a ofensiva.

Eu não esperava, é verdade, com os meus quinhentos homens, bater os vinte mil do rei de Nápoles; mas tencionava, empenhado o combate, atraí-los a mim, e, enquanto os entretinha, dar tempo ao grosso do nosso exército para chegar e tomar parte no combate.

Nas alturas que flanqueam a estrada que conduz a Velletri, coloquei metade da minha legião, duzentos ou trezentos homens no centro, a metade do batalhão à direita, e os poucos soldados de cavalaria, comandados por Marina, na estrada

mesmo.

Guardei o resto da minha gente em segunda linha como reserva.

O inimigo, vendo o nosso pequeno número não tardou em atacar-nos; primeiro, um regimento de caçadores a pé saiu dos muros, e, espalhando-se, começou um fogo de atiradores sobre os nossos postos avançados.

Segundo a ordem que tinham recebido, os postos avançados puseram-se em fuga.

Os caçadores napolitanos foram então seguidos de alguns batalhões de linha e de um numeroso corpo de cavalaria.

O choque foi violento ao princípio. Chegados que foram a distância de meio tiro de espingarda da nossa gente, um fogo perfeitamente sossegado e bem dirigido os fez parar.

Havia meia hora que o fogo estava travado.

Neste momento, o inimigo lançou sobre a estrada dois esquadrões de caçadores a cavalo; uma carga desesperada deles devia decidir a vitória.

Pus-me então à frente dos meus cinquenta ou sessenta cavaleiros e carregamos quinhentos homens.

Os napolitanos trazidos pelo impulso passaram-nos por cima. Eu fui derrubado e lançado a dez passos do meu cavalo; levantei-me e fiquei no meio do combate, dando quanto podia ser para que não me dessem.

O meu cavalo seguira-me o exemplo: tinha-se levantado. Lancei-me sobre ele, e fiz-me reconhecer dos nossos homens, que podiam julgar-me morto, pondo o meu chapéu e agitando-o na pontada minha espada. Eu era bem reconhecido por ser o único que trazia um poncho branco debruado de vermelho.

Grandes gritos acolheram a minha ressurreição.

No seu ardor, a cavalaria napolitana penetrou até à nossa reserva, enquanto os batalhões de linha a seguiam em coluna cerrada. Perdeu-os o seu ardor; pois tendo os flancos protegidos pelos regimentos de caçadores a pé, achando os nossos emboscados em todas as colinas da direita e da esquerda, com a nossa reserva na frente, apresentaram-se como um alvo aos tiros dos nossos soldados.

Nesta ocasião mandei pedir reforço ao general em chefe, participando-lhe que a batalha estava, a meu ver, de boa face.

Responderam-me que não me podiam enviar, antes dos soldados terem tomado a refeição.

Resolvi então fazer o que pudesse com minhas próprias forças, por desgraça sempre insuficientes nas circustâncias decisivas.

Fiz tocar a carregar sobre toda a linha; éramos mil e quinhentos contra cinco mil.

No mesmo instante as nossas duas peças foram postas em bateria e

descarregaram; o fogo de atiradores redobrou, e meus quarenta ou cinquenta lanceiros conduzidos por Marina, lançaram-se sobre três ou quatro mil homens de infantaria.

Entretanto Manara que estava a duas milhas de nós pouco mais ou menos, ouvia nosso fogo e pedia ao general em chefe permissão de marchar debaixo do fogo da artilharia.

Ao fim de uma hora foi-lhe concedida.

Estes bravos mancebos chegaram a marche-marche pela grande estrada debaixo do fogo inimigo. Quando atingiram a nossa retaguarda, esta abriu-se para os deixar passar. Desfilaram ao som das cornetas e no meio de um admirável entusiasmo. À vista destes jovens, pequenos, trigueiros e vigorosos; à vista de seus negros penachos flutuantes, o grito de vivam os bersaglieri! saiu de todas as bocas. Eles responderam pelo grito de viva Garibaldi! e entraram em linha.

Neste momento era repelido de posição em posição, e retirava-me protegido pelos canhões da praça, de que a maior parte colocados à direita da porta estavam apoiados no convento; duas das peças faziam frente à embocadura da grande estrada, os outros atiravam para o flanco esquerdo da nossa coluna, onde os atiradores estavam espalhados; mas visto a natureza do terreno, que oferecia à minha gente numerosos abrigos de terra, atrás dos quais eles podiam esconder-se, elas não lhe fizeram grande dano.

Chegado apenas sobre o campo de batalha, Manara procurou-me com os olhos. Bem depressa me reconheceu pelo meu ponche branco; meteu o cavalo a galope para me alcançar; mas no meio do caminho foi suspenso por um incidente que refiro aqui, porque pinta admiravelmente o espírito dos nossos.

Passando diante da música que tocava uma ária alegre, uma vintena dos seus soldados não puderam resistir à influencia desta ária, e debaixo da metralha e fuzilaria dos napolitanos, tinha-se posto a dançar, como se estivessem em um esplêndido baile.

No momento em que Manara, debaixo de uma saraivada de balas, os olhava rindo, uma bala de artilharia levou dois dos dançantes.

A este acidente fez-se uma breve pausa.

Mas Manara perguntou:

– Então, a música?

A música de novo tocou, e a dança recomeçou com mais ardor que até ali.

Por mim vendo chegar os bersaglieri tinha enviado Ugo Bassi para dizer a Manara que viesse falar-me.

A sua primeira palavra foi perguntar se eu não estava ferido.

– Julgo, respondeu Ugo Bassi, que o general recebeu duas balas, uma na mão,

outra no pé, mas como não se queixa, provavelmente as feridas não são perigosas.

De fato, eu tinha recebido duas arranhaduras, de que só à noite tratei quando não tinha outra coisa a fazer.

Manara contou-me a cena a que acabava de assistir.

– Por ventura com homens destes, me perguntou ele, não poderíamos tentar levar Velletri de assalto?

Pus-me a rir. Conquistar com dois mil homens e duas peças, uma cidade colocada como um ninho de ave no cimo de uma montanha elevada e defendida por vinte mil homens e trinta peças de artilharia!

Mas era tal o espírito desta brava mocidade que nada via de impossível.

Enviei novos mensageiros ao quartel general. Se tivesse ao menos cinco mil homens teria tentado o assalto tal era o entusiasmo dos meus e o desânimo dos napolitanos.

À direita da porta via-se uma espécie de brecha na muralha; esta brecha era tapada por ramagens e troncos, mas algumas balas de artilharia a teriam tornado praticável; colunas de ataque sob a proteção de árvores numerosas, semeadas nos flancos da colina; os sapadores de todos os corpos, destruindo os obstáculos, teriam feito o resto.

Dois ataques simulados teriam protegido o ataque geral.

Em vez disto era mister contentarmo-nos em deixar os nossos bersaglieri divertirem-se a espingardear as sentinelas das fortalezas, enquanto que do convento dos capuchinhos dois regimentos de suíços faziam sobre eles um fogo de artilharia horrível.

Enfim o general em chefe decidiu-se a vir em meu auxilio com o exército; mas quando chegou tinha passado o momento favorável. Como eu não duvidava que o inimigo evacuasse a cidade durante a noite, tendo tido a notícia de que o rei tinha já partido com seis mil homens, propus enviar um forte destacamento pelo lado da porta de Nápoles e de passar sobre o flanco inimigo no momento em que ele se retirasse em desordem; mas o terror de nos enfraquecer, impediu que fosse executado este plano.

Pela meia noite querendo saber onde devia conservar-me, ordenei a Manara de enviar um oficial com quarenta homens de sua confiança, até as muralhas de Velletri, ou mesmo até Velletri sendo possível.

Manara transmitiu a minha ordem ao tenente Emilio Dandolo, que com quarenta homens avançou através da escuridão para o lado da cidade.

Dois paisanos que encontrou lhe asseguraram que a cidade estava abandonada.

Dandolo e os seus avançaram então até a porta; nenhuma sentinela a

guardava.

Destruída pelo fogo dos nossos canhões, havia sido embarricada. Os bersaglieri escalaram a barricada e entraram na cidade.

Estava completamente deserta. Dandolo fez alguns prisioneiros que se haviam demorado, e por eles e pelos habitantes da cidade que ele despertava soube tudo que precisava, quero dizer, que apenas vinda a noite os napolitanos tinham começado a retirar, mas com tal precipitação e desordem que haviam deixado a maior parte de seus feridos.

Ao raiar do dia, caminhei em sua perseguição; mas me foi impossível alcançá-los. Além disso, quando me achava na grande estrada de Terracina recebi ordem de me reunir à coluna, cuja metade voltava à Roma, enquanto a outra era destinada a livrar Frosinone dos voluntários de Zucchi, que a infestavam.

Desta sorte, o inimigo escapou-nos, e de um combate que podia ser decisivo, resultou só uma simples vantagem.

Houve neste dia quatro grandes faltas:

Não me enviarem reforços quando os pedi.

Não se saber dar o assalto quando se me haviam reunido.

Não se saber impedir a retirada aos napolitanos.

Não se saber inquietar os fugitivos.

LVIII – 3 de Junho

Reentrei em Roma em 24 de Maio, no meio de uma numerosa multidão que me saudava com gritos de alegria.

Durante este tempo os austríacos ameaçavam Ancona; de Roma já havia partido o primeiro corpo de quatro mil homens para ir em defesa das legações.

Tratava-se de enviar o segundo, mas antes de abandonar Roma, o general Roselli julgou do seu dever, e para segurança de Roma, escrever ao duque de Reggio a seguinte carta:

"Cidadão general:

A minha íntima convicção é que o exercito da república romana combaterá um dia ao lado da república francesa para sustentar os mais sagrados direitos dos povos. Esta convicção me leva a fazer-vos propostas que espero aceiteis. Está assinado um tratado entre o governo e o ministro plenipotenciário de França, tratado que não recebeu a vossa aprovação.

Não entro nos mistérios da política, mas dirijo-me a vós na qualidade de general em chefe do exército romano. Os austríacos estão em marcha; tentam concentrar suas forças em Foligno; dali, apoiando a sua ala direita no território toscano, tem o desígnio de avançar pelo vale do Tibre e de operar pelos Abbruzos a sua junção com os napolitanos. Não creio que possais ver com indiferença realizar-se tal plano.

Julgo dever comunicar-vos as minhas suposições acerca dos movimentos austríacos, sobretudo no momento em que a vossa indecisa atitude favorece nossas forças e pode dar um sucesso ao inimigo. Estas razões parecem-me poderosíssimas para que vos peça um ilimitado armistício e a notificação das hostilidades quinze dias antes de as recomeçar.

General, julgo este armistício necessário para salvar a minha pátria, e peço-o em nome da honra do exército e da república francesa.

No caso em que os austríacos apresentassem as suas cabeças de coluna em Civita-Vecchia, é sobre o exercito francês que, perante a historia, recairia esta responsabilidade de nos ter forçado a dividir as nossas forças em um momento em que elas nos são tão preciosas, e de ter, obrando assim, assegurado o progresso aos inimigos à França.

Tenho a honra de vos pedir, general, uma pronta resposta, rogando-vos de receber a saudação fraternal.

Roselli."

O general francês respondeu:

“General,

As ordens do meu governo são positivas; prescrevem-me de entrar em Roma o mais breve possível. Participei à autoridade romana o armistício verbal que, sob instâncias que Mr. de Lesséps, quis conceder momentaneamente. Fiz prevenir por escrito os nossos postos avançados de que os dois exércitos estavam no direito de recomeçar as hostilidades.

Unicamente para dar aos vossos compatriotas, que pretenderem deixar Roma, e a pedido do chanceler da embaixada da França, a possibilidade de o fazer facilmente, transfiro o ataque da praça até segunda-feira de manhã.

Recebei, general, os protestos da minha alta consideração.

O general em chefe do corpo de exército do Mediterrâneo.

Oudinot, duque de Reggio.”

Segundo esta afirmativa, o ataque devia começar apenas a 4 de Junho.

É verdade que um autor francês, Folard, disse nos seus comentários sobre Polybo;

“Um general que adormece sobre a fé de um tratado acorda traído.”

Em 3 de Junho, pelas três horas, acordei ao troar do canhão.

Estava aquartelado em via Carroze n. 59, com dois amigos: Orrigoni, de que já disse alguma coisa, e Daverio, de que também tive ocasião de falar, o mesmo que, em Velletri, comandava a companhia das crianças.

Ambos, a este ruído inesperado, saltaram de seus leitos ao mesmo tempo que eu.

Daverio estava muito doente, por isso lhe ordenei que ficasse em casa.

Quanto a Orrigoni não tinha razão alguma de o impedir de vir comigo. Montei a cavalo, deixando-lhe a liberdade de me ir encontrar onde e quando quisesse, e corri a galope para a porta de São Pancracio.

Achei tudo em fogo. Eis o que tinha acontecido:

Os nossos postos avançados da villa Pamphili consistiam em duas companhias de bersaglieri boloneses e duzentos homens do 6º regimento.

No momento em que soava meia noite e em que por conseguinte, se entrava no dia 3 de junho uma coluna francesa deslizou no meio da obscuridade, para a villa Pamphili.

– Quem vive? gritou a sentinela, advertida pelo ruído dos passos.

– Viva a Itália, respondeu uma voz.

A sentinela julgou estar com os patriotas, deixou aproximar e foi desarmada.

A coluna lançou-se na villa Pamphili.

Tudo quanto encontrou foi ferido, morto ou aprisionado.

Alguns homens saltaram pelas janelas para o jardim, e do jardim precipitaram-se dos muros abaixo.

Os mais apressados retiraram-se atrás do convento São Pancracio, gritando: “Às armas”

Os outros correram na direção das villas Valentini e Corsini.

Como a villa Pamphili, foram surpreendidas, e cederam, não sem haver resistido.

Os gritos dos que se haviam refugiado atrás de São Pancracio, os tiros atirados pelos defensores da villa Corsini e da villa Valentini haviam despertado os artilheiros.

No momento em que viram a villa Corsini e Valentini ocupadas pelos franceses, dirigiram seu fogo para estas duas casas de campo.

O troar do canhão acordou o tambor e os sinos.

Demos uma ideia do campo de batalha, onde se vai jogar o destino deste terrível combate.

Da porta São Pancracio parte uma estrada que conduz diretamente ao Vascello; esta estrada tem proximamente duzentos e cinquenta passos de extensão.

Depois divide se o caminho.

A principal ramificação desce à direita, alongando os jardins da villa Corsini, rodeados de muros, e vai juntar-se à grande estrada de Civita-Vecchia.

O ramo secundário deixa de ser um caminho público para se tomar uma rua de jardim, que conduz diretamente à villa Corsini, a distância de trezentos metros. Esta rua é flanqueada de cada lado por altos e espessos muros de myrtos.

Um terceiro ramal volve à esquerda, e costeia do lado oposto a alta muralha do jardim Corsini.

A villa Vascello é uma grande e maciça fábrica de três andares, rodeada de muros e jardins. A ciquenta passos dela encontra-se uma pequena casa de onde se pode fazer fogo contra as janelas da villa Corsini.

Sobre o caminho, à esquerda, a cem passos do lugar onde se separa a estrada, há duas casinhas, uma atrás do próprio jardim da villa Corsini, outra vinte passos antes.

A villa Corsini colocada sobre uma eminência, domina todos os arredores ; a posição ali é fortíssima, atendendo a que se ataca simplesmente e sem fazer preparativos, é se forçado a passar pela gradaria que está na extremidade do jardim, e a sofrer antes de chegar à villa, o fogo concentrado do inimigo, abrigado pelos silvados, vasos, parapeitos, estatuas e pela própria casa, feita no ponto em que os muros do jardim vêm juntar-se no angulo agudo, não deixando entre eles outra abertura mais que a da porta.

Este terreno é por toda a parte muito acidentado e além da villa Corsini, apresenta muitos pontos favoráveis ao inimigo, que, deitado nas suas rugas ou abrigado pela ramagem, pode colocar reservas ao abrigo do fogo dos assaltantes, suposto que é forçado a deixar a casa.

Quando cheguei à porta de São Pancracio, a villa Pamphili, a villa Corsini, e a villa Valentini estavam tomadas.

O Vascello apenas estava em nosso poder.

Ora a villa Corsini tomada, era para nós uma enorme perda; porque estando nós senhores dela, os franceses não podiam descobrir seus paralelos.

Era mister retomá-la a todo o custo; era para Roma uma questão de vida ou de morte.

Os fogos armaram-se entre os artilheiros das fortalezas, os homens do Vascello e os franceses das villas Corsini e Valentini.

Mas não era fogo de fuzilaria ou artilharia do que havíamos mister, era necessário um assalto, assalto terrível mas vitorioso, que nos entregasse a villa Corsini.

Lancei-me no meio da estrada, inquietando-me pouco se o meu poncho branco e o meu chapéu de plumas iam servir de alvo aos atiradores franceses, e pela voz e gesto chamei todos os que estavam dispostos a seguir-me.

Oficiais e soldados pareciam sair debaixo da terra.

Num instante tinha junto a mim Nino Bixio, meu oficial de ordenança; Daverio que eu julgava, segundo a minha ordem, em via Carroze; Marina, comandante ordinário dos meus lanceiros; enfim Sacchi e Marocchetti, meus antigos companheiros de guerra de Montevidéu. Reuniram os despojos dos bersagleri boloneses, puseram-se à frente da legião italiana, e foram os primeiros a avançar, levando após si os mais.

Nada pôde suster a sua fúria: a villa Corsini foi retomada; mas antes dali chegar, ficaram tantos homens na estrada, que foi preciso atravessar, que os que nela penetraram não puderam resistir às numerosas colunas que vieram assaltá-los.

Foram obrigados a recuar.

Mas durante esta carga outros haviam chegado e a eles se juntaram; os chefes furiosos da sua derrota pediam para marchar de novo. Marina que tinha recebido uma bala no braço, levava-o ensanguentado, gritando: “Avante!” Para secundar estes valentes soldados entreguei a Vascello os homens que pôde; tocou de novo à carga e a villa foi retomada.

Um quarto de hora depois foi retomada, custando-nos um sangue precioso.

Marina, como disse, estava ferido no braço; Nino Bixio recebera uma bala na ilharga; Daverio fora morto.

No momento em que exigi de Marina que fosse vedar o sangue, aonde eu faria conduzir Bixio; Manara que tinha corrido do campo Vaccino, apesar das ordens contraditórias que tinha recebido, estava ao pé de mim.

– Faz sair a tua gente, lhe disse eu; bem vês que é preciso retomar esta casita.

A sua primeira companhia, comandada pelo capitão Ferrari, antigo ajudante de campo do general Durando, era já posta em atiradores fora da porta de São Pancracio. Ferrari era um bravo que tinha feito conosco a dupla campanha de Palestrina e de Velletri; em Palestrina tinlha sido ferido com uma baionetada na perna, mas estava curado.

Manara fez tocar à chamada; Ferrari arranjou a sua gente e veio receber as ordens do coronel.

Fez armar baionetas, tocar à carga e avançou.

No momento em que chegou à grade, quero dizer a trezentos metros do “cassino”, uma saraivada de balas começou a chover sobre ele e os seus.

Não deixou todavia de avançar sobre a villa, que lançava chamas como um vulcão, quando o seu tenente Mangiagalli, puxando pela manga da túnica, lhe disse:

– Capitão, não vedes que somos apenas dois? Ferrari pela vez primeira olhou para trás; vinte oito dos seus homens, entre oitenta estavam deitados junto a si, mortos ou feridos.

Os outros batiam em retirada.

Mangiagalli e ele fizeram o mesmo.

Manara ficou furioso ao ver que à sua vista, o resto da sua companhia tivesse abandonado seus dois oficiais.

Chamou a segunda companhia comandada por Henrique Dandolo, nobre e rico milanês de raça veneziana, como o indica seu nome ducal. Reuniu-lhe os despojos da primeira e gritou: – Avante! Lombardos! Trata-se de morrer ou tomar a villa. Pensai que Garibaldi vos contempla.

Ferrari fez sinal que tinha uma coisa a dizer.

– Fala, disse Manara.

– General, me disse Ferrari, o que vou dizer-vos não é na esperança de diminuir o perigo, mas na de aproveitar. Conheço as localidades, saio delas, e vedes que hesitei mais em sair do que em entrar.

Fiz-lhe com a fronte um sinal de assentimento.

– Pois bem; eis o que proponho: em vez de seguir a rua e atacar de frente, nós nos esconderemos, a companhia de Dandolo à esquerda e a minha à direita, atrás dos silvados de myrtos. Uma pedra lançada por minha companhia de Dandolo lhe significará que a minha gente está pronta; uma outra lançada de seu lado, será sua resposta; então as nossas oito trombetas tocarão a um tempo e lançar-

nos-emos ao assalto ao pé do terraço.

– Fazei o que quiserdes, respondi eu, mas retomai a casa.

Ferrari partiu à frente da sua companhia, e Dandolo à frente da sua.

Fi-los seguir pelo capitão Hotfsteter e por cinquenta estudantes, encarregados de ocupar a casa da esquerda, de que já falei, e que foi mais tarde conhecida pelo nome de casa queimada.

Ao fim de dez minutos ouvi as trombetas e quase imediatamente a fuzilaria.

Eis o que se passava:

As duas companhias, protegidas pelos silvados e pelas vinhas, efetivamente tinham penetrado como Ferrari o esperava, cerca de quarenta passos no terraço, sem serem vistas nem pressentidas.

Chegadas ali, deram-se os sinais, as cornetas ressoaram, e os meus bravos bersaglieri arremessaram-se ao assalto.

Porém, do terraço, da sala do primeiro andar, da escada circular que a ele conduzia, finalmente de todas as janelas saía um fogo espantoso.

Dandolo caíra, porque uma bala lhe atravessara o corpo; o tenente Sylva estava ferido ao pé do capitão Ferrari; o alferes Mancini tinha recebido, quase ao mesmo tempo, duas balas, uma na perna, outra no braço.

E apesar disto, os bersaglieri comandados pelo capitão Ferrari, pois que Dandolo estava morto, tinham continuado, por um supremo esforço, a caminhar para a frente; tinham escalado o terraço e repelido os franceses até à escada circular da villa.

Ali, porém, todos os seus esforços foram infrutíferos; tinham os franceses na frente e nos flancos; disparavam sobre eles quase à queima-roupa, e cada bala derrubava um homem.

Via-os levantarem-se e tornar a cair; compreendi que morreriam até o ultimo sem resultado algum.

Mandei tocar a retirar.

Tinha dois mil homens, os franceses tinham vinte mil, eu tomava o quartel Corsini com uma companhia, eles retomavam-no com um regimento.

E porque, bem como eu, os franceses compreendiam perfeitamente a importância da posição.

Os meus bersaglieri voltaram, tinham deixado quarenta mortos no jardim da villa; quase todos estavam feridos.

Era preciso esperar novas forças.

Mandei Orrigoni e Ugo Bassi percorrer a cidade, com ordem de me trazerem tudo que encontrassem; queria, para descargo de consciência, tentar um último, mas supremo esforço.

Abriguei os meus homens por detrás do Vascello.

Uma hora depois, pouco mais ou menos, chegaram-me, misturadamente, companhias de linha, estudantes, douaniers, o resto dos bersaglieri lombardos, e fragmentos de diversos corpos.

No meio deles vinha Marina, a cavalo, que me trazia uns vinte lanceiros.

Tinha ido curar-se e voltava a tomar parte na ação.

Saí então do Vascello com um pequeno grupo de dragões; imediatamente começaram os gritos de “Viva a Itália! Viva a república romana!” O canhão troou, e as balas, passando por cima de nossas cabeças, anunciaram aos franceses um novo ataque; e, a um tempo, sem ordem, misturados todos, Marina à frente dos seus lanceiros bersaglieri, eu à frente de todos, lançamo-nos sobre a inexpugnável villa.

Chegados à porta não puderam todos entrar; os que ficavam de fora espalharam-se em atiradores nos dois flancos do quartel; outros escalaram os muros e entraram nos jardins da villa; outros finalmente, adiantaram-se até à villa Valentini, tomaram-na e fizeram alguns prisioneiros.

Vi então passar-se ali uma cena incrível: Marina, seguido dos seus lanceiros, compunha a frente da coluna. O intrépido cavaleiro galgou o terraço e, chegado que foi à escada, cravou as esporas na barriga do cavalo, fez-lhe saltar os degraus a galope, tão bem que por um momento apareceu, no patamar que conduzia ao salão, semelhante a uma estátua equestre.

Esta apoteose não durou mais que um minuto; uma descarga à queima roupa deitou por terra o cavalo ; o cavaleiro caiu sobre ele ferido por nove balas.

Manara vinha na retaguarda, à frente de uma carga de baioneta, a que nada resistiu; um momento, foi nossa a Villa Corsini.

O momento foi pequeno, mas sublime. Os franceses, reunindo todas as reservas, atacaram todos a um tempo; antes mesmo de eu poder reparar a desordem inseparável da vitória, o combate começou então mais encarniçado, mais sanguinolento, mais mortal: vi tornar a passar junto de mim, impelido por esses dois irresistíveis poderes da guerra, o ferro e o fogo, os mesmos que tinha visto passar um momento antes. Levavam feridos, entre eles o bravo capitão Rozat.

– Tenho a minha conta, me disse ele, quando passou por diante de mim.

Mostrou-me o peito ensanguentado.

Tenho visto bastantes combates terríveis, vi os do Rio Grande, da Boyada, do Salto Santo Antonio, nada porém vi igual à matança da villa Corsini.

Fui o último a sair, com o poncho crivado de balas, mas sem uma única ferida.

Dez minutos depois, entravamos no Vascello, na linha de casas que nos pertenciam, e o fogo recomeçava de todas as janelas sobre a villa Corsini.

Nada mais havia a fazer.

Contudo, à noite, uns cem homens comandados por Emilio Dandolo, irmão do que tinha morrido, e por Goffredo Mameli, poeta genovês, de grande esperança, vieram pedir-me para fazer um último esforço.

– Tentai, lhes disse eu, pobres rapazes; é talvez Deus que vos inspira.

Partiram e voltaram, depois de terem perdido metade dos seus.

Emilio Dandolo tinha a coxa atravessada; Mameli estava ferido em uma perna.

Tínhamos sofrido perdas consideráveis. A legião italiana, entre mortos e feridos, tinha quinhentos homens fora de combate.

Os bersaglieri, que eram seiscentos, tiveram cento e cinquenta mortos.

Todas as demais perdas foram na mesma proporção. Perdi mil homens dentre quatro mil que formavam a minha divisão, entre os quais cem oficiais mortos.

À noite, Bertani, no seu relatório, contou-me cento e oitenta oficiais feridos, tanto na villa Corsini como na porta do Povo; só os bersaglieri tiveram dois oficiais mortos e onze feridos.

Os oficiais mortos foram: o coronel Daverio, o coronel Masina, o coronel Pollini, o major Ramorino, o ajudante Peralta, o tenente Bonnet, o tenente Cavalleri, Emmanuel, o alferes Grani, o capitão Searini, o capitão Davio, o alferes Sarete e o tenente Cazzaniga.

Houveram, neste dia, rasgos admiráveis de coragem e dedicação.

Na última carga, Ferrari e Mangiagalli, que não puderam entrar conosco, lançaram-se seguidos de alguns homens sobre a villa Valentini.

Ali, opôs-se-lhes uma encarniçada resistência; combateram de degrau em degrau, de quarto em quarto, não com as espingardas – tinham-se tornado inúteis, mas com o sabre. O de Mangiagalli quebrou-se ao meio; mas continuava a brandir o pedaço que lhe restava com tanto encarniçamento, ele de um lado e Ferrari do outro, que se apoderaram da villa Valentini.

O furriel Monfrini, de dezoito anos de edade, tivera a mão furada por uma baioneta; foi curar-se, e momentos depois, voltou a tomar o seu lugar.

– Que vens tu aqui fazer? gritou-lhe Manara. Ferido dessa maneira, não serves para nada.

– Perdão, meu coronel, respondeu Monfrini, faço número.

Este bravo rapaz foi morto.

O tenente Bronzelli, sabendo que a sua ordenança, a quem era muito afeiçoado, tinha sido morta na villa Corsini, tomou quatro homens resolutos, entrou de noite na villa e trouxe o cadáver do seu amigo, que religiosamente enterrou.

Um soldado milanês, de Alia Songa, viu cair o cabo Fiorani, mortalmente

ferido, no momento em que éramos repelidos. Não queria deixar o seu corpo em poder dos franceses. No fim de vinte passos uma bala deu-lhe em cheio e caiu morto ao pé do moribundo.

O ferimento de Emilio Dandolo entristeceu todo o exército. Disse que tinha vindo com Maraeli pedir-me para dar uma última carga, e que eu lhes tinha concedido a licença.

Dandolo entrou na villa Corsini mas só tratou de seu irmão; julgava-o somente ferido ou prisioneiro. No meio do fogo, gritou aos seus companheiros: “Vêem meu irmão?” e, não se lembrando de si, aproximou-se dos feridos e mortos, interrogando uns, e examinando os outros.

A este tempo, recebeu uma bala na coxa e caiu.

Os seus companheiros levaram-no. Conduzido à ambulância, ali foi curado; pediu imediatamente um pau para se suster e, coxeando, foi à procura do irmão. Entrou na casa onde estava Ferrari; ali também estava o cadáver de Henrique Dandolo. Ferrari, sentindo-se demasiadamente fraco para assistir ao espetáculo que se ia preparar, cobriu o morto com um pano.

Emilio entrou, interrogou, insistiu; todos responderam que Henrique Dandolo tinha sido ferido; que, provavelmente, estava prisioneiro; nenhum porém lhe quis dizer que estava morto.

Finalmente, como era preciso que, cedo ou tarde, Emilio Dandolo, soubesse a nova, Manara, à força de pedidos, decidiu-se a dizer-lha. No momento em que o jovem tenente passava por diante de uma das casinhas tomadas pelos franceses, Manara fez-lhe sinal para entrar.

Todos que na câmara estavam, se retiraram.

– Não procures teu irmão por mais tempo, meu pobre amigo, lhe disse Manara, tomando-lhe a mão; de hoje em diante serei eu teu irmão.

Emilio caiu imediatamente no chão, fulminado ainda mais pela terrível noticia que, enfraquecido pela perda de sangue e pela dor da ferida.

Duas jovens encontraram-se de repente com o pai, que conduziam morto; uma delas caiu desmaiada sobre o cadáver e levantou-se completamente doida.

Uma mãe, vendo morrer seu filho, não pôde derramar uma única lagrima; somente, três dias depois, estava morta.

Pelo contrário, um pai cujo nome ocultarei para o não denunciar à ira dos padres, tendo o filho mais velho a morrer, mandou-me o segundo de treze anos, dizendo:

– Ensinai-lhe a vingar seu irmão.

O velho Horácio, seu avô, não o teria feito melhor.

LIX – O Cerco

Temendo no dia seguinte um assalto, encarreguei Giacomo Medici da defesa de toda a nossa linha avançada, que se compunha do Vascello e de três eu quatro barracas retomadas por nós aos franceses.

Depois passei a noite a organizar os nossos meios de defesa.

Não se tratava já de salvar Roma. Desde o ensejo em que um exército de quarenta mil homens, fazendo rodar trinta e seis bocas de fogo de sítio, consegue fazer os seus preparativos de ataque, a tomada de uma cidade é mera questão de tempo.

Num ou outro dia ela cairá; a esperança única que lhe resta é de cair gloriosamente.

Estabeleci na mesma noite o meu quartel general no cassino Savorelli, que, elevando-se acima das fortalezas, domina a porta de San Pancracio e deixa ver tudo o que se passa no Vascello, na villa Corsini, e na villa Valentini.

É verdade que eu estava a meio tiro de espingarda dos atiradores franceses. Mas quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou.

Encarreguei um bravo carreteiro de me procurar trabalhadores e de se ocupar de todas as pequenas doçuras de que os meus podiam ter necessidade durante a fadiga, copos de vinho e gotas de aguardente, etc. Era um bravo patriota que mais tarde pagou caro o seu patriotismo; Ciceravecchio era o seu sobrenome, seu nome, Angelo Brunetto.

Nunca quis receber um soldo sequer por seus trabalhos e fornecimentos.

Ha homens neste mundo em cujas almas Deus põe dobrada porção de perfectibilidade. Em dias tranquillos trabalham para o alívio e instrução da humanidade, e esforçam-se a facilitar a marcha do progresso: então chamam-se Gutenberg, Vicente de Paula, Galilêo, Viço, Rousseau, Volta, Filangieri e Franklin. Em tempos de calamidade, veem-nos repentinamente surgir, guiar as massas e expor-se com firmeza ao choque das desfortunas. Então o reconhecimento do mundo os designa sob os nomes de Amoldo de Mescia, de Savonarole, de Cola di Riezzo, de Masaniello, de José de Lesi, e de Ciceravecchio.

Estes homens nascem sempre pobres na classe popular, n'essa classe que nas épocas desastrosas é sempre a privilegiada no sofrimento; mas, que gemendo, medita; sonhando, espera; sofrendo, trabalha.

Angelo Brunetto, como disse, era um destes entes; nada lhe faltou para a consagração da missão recebida pelo martírio.

Durante todo o cerco de Roma foi a bandeira viva do povo. Aplaudido, procurado, acolhido por seus companheiros como uma autoridade, era ele o

verdadeiro primus inter pares; mas, apesar de seus triunfos, não ficou menos modesto, vivendo como sempre vivera; franco, leal, honrado; devia sua importância ao trabalho, à afeição de seus concidadãos, à sua afável probidade, e à estima do próprio Papa, ao qual prestou grandes serviços no dia das desordens, à sua caridade pelos poderosos, uma das mais raras virtudes dos fracos quando são chamados a ocupar o lugar dos fortes.

Tinha nascido em Roma, em 1802, no bairro de Rijutta. Como era forte, gordo e rubicundo na infância, sua mãe lhe pôs o cognome de Cicera-vecchio, o que, no calão do povo romano, quer dizer florescente, cheio de saúde.

Crescendo, este vigor prometido pela criança desenvolveu-se no homem.

Era o título que Brunette reproduzia mais frequentemente. Tinha, quando o conheci em 1849, uma barba loura que começava a embranquecer, cabelos compridos e anelados, pescoço curto e cheio, peito largo, estatura alta, porte firme. Nunca o desgraçado que entrou em sua casa com a mão suplicante, saiu com ela vazia; mas também, nunca se viu seu nome inscrito nessas listas de subscrição destinadas mais a glorificar os subscritores que a aliviar os desgraçados.

Nas inundações do Tibre, tão frequentes em Roma, era sempre ele o primeiro a fazer-se barqueiro para levar viveres e palavras de consolação aos seus compatriotas cercados pelas ondas. Este bravo adorava-me. Quando tinha precisão de trabalhadores para os engenhos, bastava só que eu lhe fizesse um sinal: corria logo com duzentos, trezentos, quatrocentos homens; dei-lhe, sobre o ministério, bonds, dos quais não utilizou um só. À minha saída de Roma, seguiu-me com seus dois filhos; tomou com Ugo Bassi, terra em Nessola, depois encaminhou-se com eles numa direção oposta à minha.

Em ocasião oportuna contarei o seu duplo martírio como pai e como cidadão.

Tenho algumas vezes falado no capellão Ugo Bassi. Consagremos-lhe também algumas páginas. E vão elas a propósito, na tarde e noite de uma batalha, que devia tão rude emprego à sua doce piedade.

Para os nossos feridos, Ugo Bassi, jovem, belo, eloquente, era verdadeiramente o anjo da morte.

Tinha ao mesmo tempo a alegria de uma criança, a fé de um mártir, a ciência de um sábio, a coragem de um herói.

Nascera em Cento, de pai Bolonês, mas como André Clenier, de uma mãe grega. Seu nome era José, mas fazendo-se barnabita, tinha escolhido o de Ugo, sem dúvida em lembrança do nosso poeta patriota Ugo Foscolo.

Era pois de raça latina e helênica, ao mesmo tempo, as duas raças mais belas e inteligentes do mundo. Tinha os cabelos castanhos, e naturalmente anelados, olhos brilhantes como o sol, ora serenos, ora fulgurantes, boca risonha, pescoço

alvo e longo, membros ágeis e robustos, coração de fogo para a glória e para o perigo, instintos bons e honrosos, espírito elevado, cálido, rápido, feito ao mesmo tempo para as piedosas contemplações do anachoreta e para os irresistíveis ardores do apostolado.

Seus estudos foram, não apenas um labor, mas uma conquista. Apoderou-se rapidamente da literatura, da ciência, das artes, e como espelho de toda a ciência, sabia de cor o poema inteiro de Dante. Seis meses lhe foram suficientes para aprender grego; quanto ao latim, falava-o como a sua língua materna, e fazia versos no gênero dos de Horácio; escrevia corretamente com a pena o inglês e o francês, e quando os acontecimentos o levaram ao meio dos combates, trazia consigo Byron e Shakespeare. O trágico inglês e o poeta que morreu em Missolonghi escutavam as patrióticas pulsações do seu coração.

Além disto era pintor e músico. Da mesma sorte que eu havia acreditado em Pio IX, Ugo nele crera.

Pio IX sucedia a Gregório VI, Pio IX dava a anistia, Pio IX prometia reformas, era adorado por todos os italianos, admirado pelos estrangeiros e imitado pelos demais príncipes da Itália.

Em 25 de Março de 1848, a cruzada partiu de Roma; os augúrios pareciam anunciar a todos a unidade da Itália.

A sua carreira foi um triunfo perpétuo. Dos campos mais longínquos da Itália acorria a dura raça latina a averiguar e levar a feliz nova da ressurreição da Itália, e de que o seu povo com a fronte molhada de suor e de sangue ia enfim ser livre.

Ugo Bassi estava em Ancona, onde pregava a quaresma. A primeira legião de voluntários chegava ali: Ugo arengou sobre a praça, e tomando do desgraçado estado em que via suas armas e seus trajes, idealizou com a sua eloquente palavra a sua miséria, de que os nossos inimigos faziam escárnio.

Dois dias depois, juntava se á cruzada e partia com ela como segundo capelão dos voluntários romanos.

Bassi como Gavazzi, seu amigo, era a providência do exercito. Não só a eloquência impelia os italianos ao amor da Itália e à dedicação por ela, mas ainda tirava dos mais rebeldes cofres numerosos e ricas oferendas. Em Bolonha fez milagres; os ricos davam dinheiro aos punhados, as mulheres suas jóias, seus brincos e anéis.

Uma jovem, não tendo nada a dar, cortou a sua linda trança e a ofereceu.

Ele havia assistido a todos os nossos combates e dedicações em Cornuda, Treviso e Veneza.

Irmã de caridade, apóstolo, soldado intrépido, foi sobretudo no combate de Treviso, onde morreu seu amigo e compatriota, o general Guidotti, que mostrou todas as virtudes de seu coração. Uma bala lhe mutilou a mão, o braço esquerdo

e lhe abriu uma longa ferida no peito. Ainda pálido e sofrente deste cruel ferimento, viram-no no combate de Mestre, com um estandarte na mão, ser o primeiro a subir e sem armas, ao assalto do palácio Bianchini.

Bassi acompanhou a legião italiana em todas as peregrinações. A sua palavra potente fascinava as massas, e se Deus tivesse marcado um termo às desgraças da Itália, a voz de Bassi, como a de S. Bernardo, teria arrastado as povoações aos campos de batalha. Se a Itália um dia se unificar, que Deus lhe dê a palavra de um Ugo Bassi! Quando Roma caiu, quando me não ficou senão o exílio, a fome e a miséria, Ugo Bassi não hesitou um instante em acompanhar-me. Recebi-o na minha barca em Cesenatia, e partilhou comigo o último sorriso de despedida!

Nesta barca, que eu próprio guiei, estavam Anita, Ugo Bassi, Ciceravecchio e seus dois filhos. Todos morreram, e de que maneira! Oh! Sagrados mortos, eu referirei vosso martírio!

O nome de Ugo Bassi será a palavra de ordem dos italianos no dia do seu libertamento.

Mas deixei-me levar muito longe do meu fim.

Voltemos ao cerco de Roma.

Na noite de 4 de Junho, enquanto que os nossos adversários disfarçavam um ataque na porta de Sãs Pancracio, foi aberto um fosso de trezentos metros da praça, e foram elevadas duas baterias de arco, uma cem metros atrás do paralelo para fazer face à bateria romana de Vestaccio de Santo Aleixo. O paralelo apoiava-se à direita em alturas inatacáveis, à esquerda na villa Pamphili.

Desde a alvorada, havia feito chamar Manara, pedindo-lhe de resignar o seu título de coronel dos bersaglieri para aceitar o grau de chefe do meu estado-maior. Era pedir-lhe um grande sacrifício, eu bem o sabia; mas Manara era mais hábil que qualquer outro para estas funções. Era de um valor exemplar, de uma rara tranquilidade de espírito no meio do perigo, de um golpe de vista seguro no combate; tinha feito dos seus bersaglieri a tropa mais bem disciplinada do exército. Falava quatro línguas; enfim, o seu aspecto tinha esta dignidade que convém aos graus elevados. Aceitou.

O resto do meu estado maior compunha-se dos majores Cenni e Bueno, dos capitães Caroni e Davio, de dois franceses, excelentes oficiais, chamados Pilhei e Laviron; do capitão Ceccadi, que durante seus serviços na Espanha e África tinha merecido a cruz de Espanha e a da Legião de Honra; de Silco e de Stagnetti, que na Palestrina conduzia emigrados; do tenente de cavalaria Gili, do correio Giannuzzi, e finalmente de um membro da assembleia, o capitão Cessi.

Manara organizou logo o estado maior no interior; todos queriam ficar comigo na villa Savorelli porque avistávamos o campo, e nada ali se passava que não víssemos.

É verdade que a distração não era um perigo. Como se sabia que a villa Savorelli era o meu quartel general, balas de artilharia, de fuzilaria e de obuz, tudo me ofertava o inimigo. Era sobretudo quando subia para melhor observar o pequeno mirante, que dominava a casa, que a coisa se tornava curiosa.

Era uma verdadeira saraivada de balas, e nunca vi tempestade com iguais silvos. A casa sacudida pelas balas, tremia como em um terremoto. Muitas vezes para dar trabalho aos artilheiros, e aos atiradores franceses, fazia com que me servissem o almoço no mirante, que não tinha outra salvaguarda mais que um pequeno parapeito de madeira. Então tinha uma música que me dispensava de mandar tocar a do regimento.

Isto foi ainda tanto pior, quando não sei que má galanteria do estado-maior o levou a arvorar no pára-raios que sobressaía ao pequeno terraço uma bandeira onde estavam escritos em grandes letras estas palavras:

“Bom dia, cardeal Oudinot!”

No quarto ou quinto dia em que eu dava esta distração aos artilheiros e atiradores franceses, o general Avezzana veio ver-me, e não achando as janelas do salão a uma altura suficiente, perguntou-me se não tinha um lugar mais elevado de onde pudesse contemplar a planície.

Conduziu-o ao meu mirante.

Sem dúvida os franceses quiseram honrá-lo; porque, apenas ali chegamos, começou a música a tocar.

O general olhou tranquilamente para as guardas avançadas, depois desceu sem dizer nada.

No dia seguinte encontrei o meu mirante entrincheirado com sacos cheios de terra. Perguntei quem havia dado a ordem.

– O ministro da guerra, me responderam.

Não havia meio de reagir contra uma ordem do ministro da guerra.

Esta raiva dos atiradores franceses de crivar o meu pobre quartel general de metralha de toda a sorte, oferecia por vezes cenas divertidas.

Um dia, era em 6 ou 7 de julho, o meu amigo Vecchi que era ao mesmo tempo ator e historiador do drama que representávamos, veio ver-me à hora do almoço; e como eu tinha convidados, havia feito trazer de Roma um jantar completo em uma caixa de folha de ferro. Vi que o aspecto dos nossos petiscos tentava Vecchi. Ofereci-lhe por consequência para partilhar conosco da refeição. O general Avezzana e Constantino Rita estavam conosco. Assentamo-nos no chão do jardim. As balas sacudiam a casa de maneira que, para jantar sobre uma mesa, seria mister para a segurar um destes aparelhos que em semelhante caso se

usam nos navios, em dia de temporal. Mesmo quando o jantar ia em meio, caiu uma bomba a um metro de nós. Tudo descampou; Vecchi ia fazer como os demais, mas eu retive-o pelo pulso – era membro da Assembleia.

– Padre conscrito, lhe disse rindo, fica na tua cerúlea cadeira!

A bomba estalou como eu acreditava, do lado oposto àquele em que nós estávamos; fomos porém recompensados, porque ficamos cobertos de poeira; nós e o jantar.

Vecchi tinha feito bem em aproveitar o nosso banquete, porque nem sempre tínhamos que jantar. Algumas vezes os moços do restaurante espantados pelo ruído dos morteiros franceses, pela fuzilaria dos caçadores de Vicennes, e sobretudo pelos cadáveres que encontravam no caminho, paravam não ousando ir mais além; então o primeiro que aparecia apoderava-se do nosso festim e tragava-o. Um dia, um dos meus soldados, chamado Casanova, fez-me às três horas da manhã um macaroni. Havia quarenta e oito horas que eu era sustentado por uma chávena de café com leite e duas ou três botijas de cerveja.

Além disto, era quase sempre a Vecchi que aconteciam aventuras no gênero da que acabo de referir. Um outro dia, como ele tinha sua narração a fazer-me, porque havia dois dias que estava de guarda avançada na vinha Costabili, chamavam assim uma das barracas que tínhamos nas proximidades da villa Corsini, encontrou-me jantando, à mesa. Desta vez os senhores atiradores tinham tido a bondade de me deixar algum tempo sossegado. Ante mim estava um manjar dos mais apetitosos. Dei lugar a Vecchi a meu lado e convidei-o a partilhar do jantar.

Mas, quando ia assentar-se, Manara o suspendeu.

– Não façais tal, Vecchi, lhe disse ele. Há três dias consecutivos que os oficiais convidados pelo general são mortos sem ter tempo de fazer a digestão.

E com efeito, Davío, Rozat e Panizzi, acabavam de morrer nas circunstâncias assinaladas por Manara. Mas o fumo do manjar foi mais poderoso que o aviso de Manara.

– Bem, disse Vecchi, isso quadra perfeitamente com uma predição que me fizeram.

– Qual, perguntou Manara.

– Na minha infância uma boêmia tirou-me o horóscopo. Predisse-me que eu morreria em Roma na idade de trinta e seis anos, muito rico. Em 1838, em uma viagem que fiz a pé, de Nápoles a Salerno, persegui num campo de algodão uma cigana de dezoito anos, cujos olhos eu queria absolutamente beijar. Ela defendeu-se com a sua faca; opus à arma ofensiva uma defensiva; era um belo escudo (moeda) novo. Recebendo o escudo predisse-me, examinando-me a mão, que eu morreria em Roma, na idade de trinta e seis anos, muito rico. Estou no

trigésimo sétimo ano. E sem ser muito rico; sou o suficientemente para um homem que vai morrer. Mas sou fatalista como um maometano. O que está escrito está escrito. Dê-me o manjar, general.

Rimos da historia de Vecchi, mas Manara guardava o seu sério, dizendo:

– É o mesmo, Vecchi, eu só me tranquilizarei depois de findo o dia.

Depois, virando-se para mim:

– Por Deus, general, não o mandeis hoje a parte alguma.

Isto efetuou-se assim; Vecchi estava horrivelmente fatigado por ter velado as duas precedentes noites, e depois do jantar, pediu-me para se retirar e ir repousar um pouco.

– Deita-te no meu leito, se queres, disse Manara, embora ele falasse sério ou prosseguisse a galanteria. Em nome de Deus, não quero que saias!

Vecchi deitou-se no leito de Manara.

Uma hora depois vi que os oficiais francezes colocavam sacos cheios de terra no fosso aberto em frente do nosso bastião. Procurei ao redor de mim um oficial para dirigir contra eles o fogo de uma dúzia de atiradores.

Não sei onde tinha enviado todos, pois me achava só.

Pensei no pobre Vecchi, que dormia com os punhos cerrados. Tinha dó de o despertar, mas as balas faziam uma ceifa horrível. Puxei-o pela perna. Abriu os olhos.

– Vamos, lhe disse eu, há vinte e quatro horas que dormes, a predição de Manara não se deve temer. Toma uma dúzia dos melhores atiradores, e acaricia-me as costas desses gentis homens.

Vecchi que é muito bravo, não esperou que lhe gritassem aos ouvidos. Tomou doze bersaglieri amadores, e foi emboscar-se com eles atrás de uma barricada cheia de sacos de terra, que um tenente da ordenança, chamado Pozzio, elevava com a ajuda dos sapadores. Dali começou sobre os franceses um fogo tão mortífero, que eles responderam por balas de artilharia, às dos bersaglieri.

Meia hora depois vieram dizer-me:

– Sabei, general, que mataram o pobre Vecchi.

Sofri uma grande dor. Eu era causa da sua morte, e repreendi-me de o haver feito. Mas ao fim de uma hora, com grande alegria minha vi-o voltar.

– Ah! Parabéns, lhe disse eu, deixa-me abraçar-te, julgava-te morto.

– Estava só enterrado, respondeu ele.

– Como?

Então contou-me que uma bala havia partido um dos sacos de terra, que se havia espalhado sobre ele, que no mesmo momento este saco despejando-se, tinha feito perder o equilíbrio aos outros, os quais haviam caído em número de dez ou doze sobre ele e o haviam literalmente escondido.

Mas tinha sucedido uma coisa mais pitoresca que a morte de Vecchi. A mesma bala que o havia morto, batera contra a muralha, e indo de ricochete tinha despedaçado pelos rins um jovem soldado. O pobre soldado, colocado sobre uma padiola, tinha cruzado as mãos sobre o peito, elevado os olhos ao céu e exalado o último suspiro.

Iam levá-lo para a ambulância, quando um oficial se precipitara sobre o cadáver, cobrindo-o de beijos.

Este official era Pozzio. O jovem soldado era Colomba Antonielli, sua mulher, que o tinha seguido a Velletri e tinha combatido a seu lado em 3 de Junho.

Isto recordou-me a minha pobre Annita que também estava tão tranquila no meio do fogo, e que a bem ou a mal eu havia deixado em Rietti.

Estava grávida e em nome do filho que trazia, havia decidido separar-se de mim.

No dia 7 houve tréguas dos dois lados; era o dia Corpo de Deus.

No dia 9 comandei uma grande sortida para interromper os trabalhos avançados dos franceses, que se prolongavam até ao segundo bastião da esquerda.

Para esta função foram chamados os donaniers e um esquadrão do 5º regimento.

Os bersaglieri neste momento faziam o serviço das barracas, à esquerda do Visellia, e guardavam os bastiões.

O capitão Rozat, o mesmo que eu tinha visto levar da villa Corsini e que ao passar me dissera: “General, já tenho a minha conta!” o capitão Rozat, digo, apenas havia recebido uma bala morta, que lhe parara numa costela. Ainda que em consciência a contusão fosse rude bastante e o obrigasse a ficar de cama, havia se levantado de madrugada, e neste dia quis absolutamente tomar o comando da quarta companhia destinada ao segundo bastião.

Vendo que a guarda do fosso maltratava os assaltantes, Rozat tomou uma carabina, e como era excelente atirador, despediu quinze tiros, a metade dos quais aproveitaram.

Os seus soldados carregavam, ele atirava.

A sua certeza de pontaria despertou a rivalidade dos caçadores de África que começaram a trocar-lhe tiro por tiro.

Uma primeira bala lhe arrebatou o chapéu ; mas ele tomando-o de novo, o atirou ao ar, gritando:

– Viva a Itália!

Neste momento, porém, uma bala lhe entrou pela boca e saiu pela nuca, abafando-lhe o grito.

No fim de duas horas de agonia expirou.

No dia 10 de Junho, recebi aviso do general Roselli de que eu devia tomar o comando de uma grande sortida, que se devia compor de metade do exército romano.

Devia operar-se pela porta Cavallegieri, e tinha por fim retomar ou a villa Pamphili ou a villa Valentini.

Em virtude disto, o ministro da guerra, Avezzana, tirou-me o comando da linha São Pancracio, e com a legião italiana e o regimento de bersaglieri, marchei para a praça do Vaticano, onde devia completar-se pelos regimentos Pasi e Masi e a legião polonesa o corpo destinado a esta operação.

Passei a cavalo, à frente de cada corpo, chamei os comandantes a conferenciar, e comuniquei-lhes o fim da tentativa e a maneira pela qual eu compreendia o ataque.

Fiz em seguida passar a palavra de ordem, distribuir munições, preparando tudo para a hora designada, enquanto que os soldados com os olhos fixos sobre a lua, a apupavam pela lentidão com que fazia o seu giro.

Para evitar um destes erros noturnos, tão comuns nestas sortes de expedição, onde, confundindo os amigos com os inimigos, se ferem uns aos outros, ordenei aos meus soldados de vestir suas camisas sobre o uniforme. Foi uma manobra que excitou muito a alegria dos soldados, por causa do estado em que alguns tinham o vestuário interno de que eu fazia o externo.

Às dez horas da noite, abriu-se a porta e a legião polonesa, comandada por Hoffstetter que deixou um excelente jornal do cerco de Roma, saiu constituindo a guarda avançada; vinha em seguida a legião italiana, à frente da qual ia o coronel Manara. Esta era seguida dos regimentos de bersaglieri, Passi e Masi.

Masi comandava a retaguarda.

Apenas cheguei ao campo reconheci ter feito uma grande asneira, mandando vestir a camisa sobee os uniformes. Os nossos homens eram visíveis como em pleno dia; bastaria eles andarem cem passos para os franceses julgarem ser atacados por um exército de fantasmas.

Mandei tirar as camisas. É desnecessário dizer que nenhum soldado se deu ao trabalho de as tornar a por no logar de onde as havia tirado.

Cavalgava sobre o flanco da legião italiana, quando alguns soldados que levavam uma escada, passando por uma Villa quiseram assegurar-se se ela efetivamente estava abandonada como parecia. Alçaram a escada contra uma das janelas do primeiro andar. O regimento parou para ver o resultado da inquirição, deixando a vanguarda prosseguir o caminho.

Cinco ou seis homens subiram a escada.

Repentinamente, um degrau se quebra sob os pés do que estava mais em

cima, este cai sobre o segundo, o segundo sobre o terceiro, e todos com um motim admirável, caem em terra.

Na queda dispararam-se duas espingardas.

A vanguarda comandada por Hoffstetter e por Sacchi, dois dos meus mais bravos oficiais, julga-se surpreendida pelos franceses, que iam surpreender; e enchendo-se de terror e pânico, rompe por traz de Hoffstetter e Sacchi que ficam isolados com uma vintena de homens, e vem sobre nós a correr desesperadamente, destruindo com o choque tudo o que encontra ante si. Manara tenta suspendê-los, mas inutilmente. Eu corro ao meio deles, e fico à direita e à esquerda com o meu chicote de gaúcho. Nada os detém, e julgo que no mesmo passo os meus heróis teriam entrado em Roma, se os bersaglieri, à frente dos quais estavam dois chefes de batalhão e o capitão Ferrari, não tivessem cruzado baionetas aos fugitivos.

Depois de todo este barulho, não se podia supor que os franceses não estivessem a postos, e era mister renunciar à empreitada.

Quanto a mim estava cansado de bater nesta canalha, e volvi dizendo a Manara:

– Caro amigo erramos em não pôr os bravos bersaglieri na vanguarda.

Com efeito, eram homens maravilhosos os bersaglieri, do que Manara devia com justiça ter orgulho. Quando lhe pedia um destacamento de seus soldados, costumava dizer:

– Vamos, quarenta homens de boa vontade para uma expedição em que um quarto morrerá e o outro ficará ferido.

E apesar do programa, todo o regimento se apresentava, de forma tal, que para não excitar ciúmes, era mister tirá-los à sorte.

No dia 12, ao meio dia, um esquadrão do regimento da União trabalhava em executar uma aproximação à esquerda da via Vitellia, quando os franceses tentaram perturbar-lhe o trabalho. Imediatamente os majores Lanzi e Panizi fizeram tomar armas aos trabalhadores, ao corpo da guarda, e com uma incrível temeridade, lançaram-se sobre o parapeito da muralha francesa. Foram acolhidos por um fogo terrível. Pedro Lanzi pôs-se à frente de seus boloneses; mas em um instante teve a mesma sorte que o seu companheiro, e caiu ferido no braço e no peito. Entretanto, os outros conduzidos pelo oficial Meloni, conservavam ainda o terreno, impotentes para prosseguir o ataque, mas gritando com todas as suas forças: “Viva a Itália!” e dando assim coragem a seus companheiros. O regimento da União combateu neste dia com valor admirável: para não perder tempo a carregar, feriam ora com a baioneta, ora com a coronha das espingardas. Outros, como os Ajax e os Diomedes da Illiada, arrojavam pedras aos seus adversários.

A exasperação era tal que o capitão bolonês Vern, que tinha muitas cruzes ao peito, e entre estas a da legião de Honra, ganha na África, em pé sobre a barricada, batia com a palma da mão no peito e gritava:

– Aqui, aqui, atirai aqui sobre a cruz da Legião de Honra!

Uma bala o feriu na cabeça.

– Mais abaixo, gritava ele, mais abaixo, malditos!

Segunda bala lhe acertou; levaram-no para fora do combate. Volveu, e depois foi morrer na Grécia.

Assisti do meu mirante a este combate. Ainda que pouco pródigo de elogios – os que me conhecem me farão justiça – julguei dever fazer dele uma descrição ao governo.

Em 14 de Maio, pela manhã, pelo menos assim o julgo, – escrevo sem documentos à vista e posso enganar-me nas datas – almoçamos na villa Spada, em uma câmara do terceiro andar, com Sacchi, Bueno e Corcelli; estávamos todo em mangas de camisa; eu, um pouco taciturno, porque acabava de condenar à morte um dos nossos oficiais, um napolitano, que, tomado de terror na noite passada, tinha abandonado o seu posto, quando ouvimos passos apressados no corredor. Abriu-se a porta, e dei um grito: era Anita que vinha juntar-se a mim, conduzida por Orrigoni.

Os meus companheiros reconhecendo minha mulher, vestiram os uniformes e deixaram-nos.

– Sabeis em que ela se tem divertido, vindo da via Corrici aqui, general? perguntou-me Orrigoni.

– Não.

– A parar ao longo de S. Pedro em Montorio para ver a bateria francesa. Olhai; vê-de a poeira que nos cobre a ambos: é o que as balas produziam batendo sobre a muralha. E quando eu lhe dizia “Vinde, senhora, vinde! É inútil fazermo-nos matar aqui!” respondia-me: “Como achais, meu caro, que os franceses arranjam as nossas igrejas?”

Cara Anita! Apertei-a contra o meu coração. Parecia-me que agora ia tudo marchar à medida de meus desejos. O meu bom anjo volvera a meu lado.

Tive pesar de não poder conceder a Anita o primeiro pedido que me fez, e que era o perdão do oficial italiano; mas era preciso um exemplo. Não podia recompensar Medici por sua admirável conduta no Vascello, mas devia dar punição ao fraco pela sua fraqueza. Foi fuzilado.

LX – A Surpresa

Em 13 de Junho, os franceses tinham começado um bombardeamento terrível. Sete baterias vomitando incessantemente fogo, batiam em brecha a face direita do terceiro bastião da esquerda, a cortina e a face esquerda do segundo bastião. As outras ocupavam-se particularmente da villa Spada e da villa Savorelli, que ameaçava a cada instante cair-nos em cima, de sorte que com grande pesar meu, vi-me a 20 forçado a transportar o meu quartel general para o palácio Corsini.

Era impossível que eu ali ficasse: estava muito afastado das muralhas.

É verdade que julgava poder estar tranquilo.

Atacado por todos os lados, todos os dias Medici, que nós chamávamos o infatigável, repelia os ataques e conservava o Vascello e as suas barracas.

Eu não saberei dizer em seu elogio, senão que não sei como ele pôde tanto.

Em 20 de Junho havia três brechas praticáveis, apesar de tudo o que Manara e eu havíamos feito para nos opor aos efeitos dos projéteis.

Afora isto fazia do assalto um divertimento. Os adversários que tínhamos em frente eram dignos de nós. Já lhes havíamos mostrado que os italianos sabiam bater-se. Esperava ainda mostrar-lhes o que era uma lcta à faca e à punhal.

Na noite de 21 o segundo batalhão da União estava de guarda ao bastião da esquerda e à defesa da brecha, assim como duas companhias do lº regimento, que deviam ser trocadas. Entretanto prolongaram o seu serviço até ao amanhecer, para melhor defesa do terceiro bastião à esquerda.

A primeira e a quinta companhia dos bersaglieri estavam ao serviço no Vascello; a sexta e a sétima, de guarda aos ataques da esquerda, fora da porta São Pancracio, de onde se estendiam nossas sentinelas, sobre a direita, até aos muros do cassino e a poucos passos da paralela francesa.

Esse serviço era horrivelmente perigoso. Apenas se fazia de noite, e um pouco antes de amanhecer; todos os postos eram retirados e a guarda de noite reentrava nos muros.

O major Calvandro tinha a vigilância exterior desta linha; o coronel Rossi o serviço de ronda interior.

Depois de ter disposto todos os postos avançados, o major estava ocupado a dar suas instruções aos capitães Stambio e Morandoli, quando pelas onze horas da noite, se ouviu para o lado dos bastiões números 2 e 3, um certo ruído igual ao de coisa que se quebra.

Alguns tiros seguiram este ruído, e tudo reentrou na noite e no silêncio.

Que acontecera?

Que os franceses se haviam apresentado repentinamente ante a brecha, não como um inimigo que sobe ao assalto, mas como soldados que despertam uma

sentinela.

De onde saíram eles? Por onde tinham vindo? Que caminho haviam seguido? Eis o que foi sempre impossível saber-se.

Muitos supuseram uma traição.

A sentinela interrogada respondeu que os franceses tinham saído debaixo da terra, e lhe tinham ordenado fugir.

Na mesma noite, apesar de uma enérgica resistência, o bastião nº 7 e a cortina que o unia ao bastião nº 6 caiu depois de um combate sangrento, nas mãos dos franceses.

Era justamente no dia precedente que eu havia transportado o meu quartel da villa Savorelli ao palácio Corsini. Quase imediatamente ao sucesso fui dele prevenido pelo ajudante Delai, do regimento da União.

Confesso que foi grande a minha surpresa, e que não fui dos últimos a atribuir o fato a uma traição.

Seguido de Manara e do capitão Hoffsteter, cheguei aos postos justamente no momento em que os bersaglieri, sempre prontos e alerta, estavam reunidos na rua que conduza São Pancracio.

A legião italiana seguiu-me a marche marche; é logo atrás vinham duas côrtes do coronel Sacchi.

Este enviou logo uma companhia a reconhecer os lugares; chegada ao segundo bastião foi constrangida a retirar-se para a casa Gallicelli, visto o número excessivo dos franceses

A terrível nova já estava espalhada pela cidade; e o triumvirato prevenido dela fez tocar a rebate. A este ruído cada casa pareceu repelir seus habitantes; num instante encheram-se as ruas de gente.

O general em chefe Roselli, o ministro da guerra, todo o estado maior e Marini correram ao Janiculo.

O povo em armas rodeava-nos e pedia para repelir os franceses das muralhas.

O general Roselli e o ministro da guerra eram deste parecer; mas eu declarei-me contra.

Temia a confusão que poria nas minhas linhas esta multidão, a irregularidade dos movimentos, os pânicos noturnos tão habituais em gente não habituada ao fogo, e mesmo entre os já habituados, como vimos na noite de 10.

Pedi pois positivamente que se esperasse a manhã.

De manhã ver-se-ia a que inimigo era mister fazer face, fosse ele à traição.

Vindo o dia, toda a minha divisão estava pronta, reforçada pelos regimentos que o general Roselli pôs à minha disposição.

A companhia dos estudantes lombardos, que fazia parte da legião Medici estava na vanguarda.

A própria legião Medici, recebera ordem de se juntar a nós.

Os canhões das nossas bateria? Voltados para os bastiões ocupados, ribombavam ao mesmo tempo de São Pedro em Montorio, do bastião nº 8 e de Santo Aleixo.

Os estudantes lombardos marcharam na frente ao assalto. Ainda que fulminados pelo fogo dos franceses precipitaram-se à baioneta sobre a guarda principal e sobre os trabalhadores, que forçaram a concentrar-se no cassino Barberiri.

Os bravos mancebos estavam já no terrapleno do cassino; mas eu acabava de saber com que forças tínhamos a combater. Vi que um segundo 3 de Junho ia roubar-me metade destes homens que eu amava como filhos. Não tinha esperança alguma de afastar os franceses; ia portanto ordenar uma carnificina inútil.

Roma estava perdida, mas era perdida depois de uma defesa esplendida e maravilhosa. A queda de Roma, depois de um cerco tal, era o triunfo da democracia na Europa.

Depois restava-me a ideia de que eu conservava quatro ou cinco mil defensores dedicados que me conheciam, e que corresponderiam à minha primeira chamada. (A campanha de 1859 e a expedição da Sicília provam que Garibaldi tinha razão)

Dei a ordem de retirada, prometendo para as cinco horas da tarde um outro assalto, que não contava dar senão como o primeiro.

Os estudantes haviam sido admiráveis. Citarei apenas um exemplo.

Um pintor, o milanês Juduno, foi retirado da arena ferido por vinte e sete baionetadas.

Bertani salvou-o, e hoje goza uma saúde admirável.

Para mim, pois, tudo estava perdido, pelo menos provisoriamente, não desde o momento em que os franceses estavam senhores das nossas brechas, mas desde o instante em que o partido que sustentava a república romana na constituinte francesa fora vencido.

Supondo que sacrificando um milhar de bravos, eu tivesse repelido os franceses das suas posições das villas Corsini e Valentina, como em 3 de Junho eles teriam retomado, à força de tropas frescas, todas as posições de onde eu os repelia.

E aqui não tinha eu as mesmas razões de me obstinar.

A villa Corsini em nosso poder impedia os trabalhos de combate.

Mas uma vez executados os trabalhos, uma vez abertas as brechas, quem podia impedir a tomada de Roma?

Ninguém.

Antes da notécia da fuga de Ledru-Rollin e de seus amigos para a Inglaterra, cada dia que eu prolongava a existência de Roma, era um dia de esperança.

Depois desta nova, a resistência era uma desesperação inútil.

Ora, eu julguei que os romanos tinham feito muitos prodígios, em face do mundo, para não ter necessidade de recorrer à desesperação.

Os poderes coligados tinham encerrado a república romana, isto é, a democracia da Península nas velhas muralhas de Aurélio.

Nada mais tínhamos a fazer do que romper o circulo e levar, como Scipião, a guerra a Carthago.

A nossa Carthago era Nápoles.

É ali que nos encontraremos um dia face à face, espero-o, o despotismo e eu.

Deus aproxime este dia.

LXI – Fim

Estávamos, é verdade surpreendidos, mas não vencidos.

A duzentos passos atrás das muralhas eleva-se o antigo recinto de Aurélio. Ordenei que o fortificassem o melhor possível. Tinha posto de parte a ideia de um assalto, mas queria defender o terreno passo a passo.

Uma bateria de sete peças foi colocada no bastião nº 5, e posta, por nossos trabalhos, a coberto do fogo dos franceses.

Começou a funcionar na manhã de 23, e secundada pela bateria de Santo Aleixo e a de São Pedro em Montorio, cruzou de tal forma seus fogos sobre a brecha, que os franceses foram obrigados a abandonar os seus trabalhos. O fim da engenharia francesa era estabelecer sobre a cortina 6 e 7 uma bateria de canhões, apenas estivesse senhor da brecha. O desígnio era impedir este estabelecimento.

Cobri os incríveis esforços dos franceses com a nossa oposição obstinada. Na noite de 23 estabeleceram eles a sua bateria. Na manhã de 24 esmagados pela nossa artilharia, foram obrigados a fechar as suas seteiras. Pensaram então em elevar duas novas baterias sobre os bastiões 6 e 7, de onde podiam extinguir a bateria de S. Pedro em Montorio defendida pela minha legião.

Esperando, o general Oudinot, para mostrar como o havia dito em seus boletins, o culto que tributava à cidade, mormente desde 24, fazia lançar bombas sobre todos os bairros. Era sobretudo durante a noite que ele empregava este meio de terror. Muitos caíram no bairro Transteverino, muitas no Capitólio, algumas sobre o Quirinal, sobre a praça de Espanha, e no Corso. Uma destas bombas caiu sobre o templo que cobre o Hercules de Canova, mas a cúpula resistiu. Uma outra estalou no palácio Spada, e danificou a famosa pintura da Aurora, de Guido Reni. Uma outra, mais ímpia ainda, quebrou o capitel duma coluna do maravilhoso templozinho da fortuna viril, obra prima, respeitada pelos séculos.

O triumvirato ofereceu às familias e populares, cujas casas se achavam destruídas, um asilo no palácio Corsini.

O ânimo do povo romano nestes dias de provação foi digno dos antigos tempos. Enquanto que, à noite, perseguido pela saraiva dos projéteis que despedaçava os telhados de suas casas, as mães fugiam, levando seus filhos apertados contra o peito, enquanto que aos ares atroavam gritos e lamentações, nem uma só voz falava em se render.

No meio de todos estes alaridos, um só grito mofador se elevava, quando alguma bala de artilharia ou algum obuz destruía uma parede de casa e era:

– Benção do Papa!

A certeza maravilhosa das nossas peças durante os dias 25, 26 e 27 de Junho, fez calar as baterias elevadas pelos franceses sobre a cortina e os bastiões ocupados. Mas duas baterias francesas, uma colocada no bastião nº 6 e outra fora dos muros, abriram o fogo contra às nossas baterias de Santo Aleixo. Além disto duas outras baterias colocadas, uma sobre a cortina, outra sobre o bastião nº 7, abriram também fogo contra a nossa bateria de São Pedro em Montorio.

Uma quinta bateria de brecha, colocada ao pé do bastião nº 7, e por consequência a coberto do nosso fogo, descarregou sobre o flanco do bastião nº 8. Uma sexta bateria posta entre a igreja de São Pancracio, batia o bastião nº 8, e o meu quartel-general, na villa Savorelli. Uma sétima, enfim, ante a villa Corsini, ribombou ao mesmo tempo contra a porta São Pancracio, contra a villa Savorelli, e contra a muralha Aureliana.

Nunca vi igual tempestade de fogo, igual chuva de metralha.

Os nossos pobres canhões estavam sufocados.

E todavia, digo apenas isto em elogio de Medici, o Vascello e as barracas estavam ainda ocupadas.

O cerco do Vascello só por si merecia uma história.

Durante a tarde de 28, as baterias francesas pareceram descantar um instante e retomar alento. Mas no dia 29, de novo começaram a atirar com redobrada fúria.

Roma estava cheia de feridos. O dia 27 de Junho tinha sido terrível, as nossas perdas eram quase iguais às de 3 de Junho. As ruas estavam juncadas de homens mutilados. Mal os trabalhadores tinham a pá ou a enxada na mão, logo eram feitos pedaços ou mutilados pelas balas.

Todos os nossos artilheiros, reparai bem, todos, haviam sido mortos sobre seus canhões. O serviço da artilharia era feito pelos soldados de linha.

Toda a guarda nacional estava em armas. Havia, coisa admirável, uma reserva composta de feridos, que todos ensanguentados faziam serviço. E durante este tempo, notável contraste, silenciosa e impassível, a Assembleia, permanecia no Capitólio deliberando debaixo das balas de fuzilaria e artilharia.

Enquanto tivemos peças sobre seus eixos, respondemos ao inimigo.

Mas no dia 29, à noite, foi desmontada a última.

Extinguiu-se o nosso fogo.

A brecha feita no bastião, era praticável.

O muro da porta São Pancracio e o bastião nº 9 desmoronavam-se.

A noite de 29 desceu igual a um lençol sobre Roma.

Para impedir a reparação das nossas brechas a artilharia francesa ribombou de noite.

Foi uma noite horrível. A tempestade do céu misturava-se à da terra. O trovão ribombava; o raio cruzava-se com as bombas, o raio caía em três ou quatro

partes como para sagrar a cidade.

Apesar da festa de São Pedro, os dois exércitos haviam continuado o seu duelo de morte.

Vindo a noite, como se esperava um ataque nas trevas, toda a cidade, inclusive a grande cúpula do Vaticano, foi iluminada.

E demais a mais era de uso em Roma, fazê-lo na noite de São Pedro.

Aquele que durante esta noite houvesse fixado a vista sobre a cidade eterna, teria visto um destes espetáculos que o homem não contempla senão uma vez no decurso dos séculos.

A seus pés teria visto estender-se um grande vale cheio de igrejas e palácios, dividido em dois pelas águas do Tibre, que parecia um Phlégéton; à esquerda um monte, o Capitólio, sobre cuja torre flutuava ao vento a bandeira da república; à direita o transumpto sombrio do Monte Mário, onde flutuavam, ao contrário, unidas as bandeiras dos franceses e do papa, ao fundo a cúpula de Miguel Angelo, alevantando-se no meio das nuvens, toda coroada de luz; enfim, como painel ao quadro, o Janiculo em toda a linha de São Pancracio, também iluminada, mas pelo fuzilar dos canhões e dos mosquetes.

Depois ao lado disto alguma coisa mais que o choque da matéria: a luta do bom e do mau príncipe, do Senhor e de Satanás, de Arimano e de Oromaze; a luta da soberania do povo contra o direito divino, da liberdade contra o despotismo, da religião de Cristo contra a religião dos papas.

À meia noite o céu se aclarou, o trovão e os canhões se calaram, e o silêncio sucedeu ao infernal rugido; – silêncio durante o qual os franceses se aproximavam cada vez mais das muralhas, e se apoderavam da última brecha feita no bastião nº 8.

Às duas horas da manhã, ouviram-se três tiros de peça disparados a distância.

As sentinelas gritaram – alarma, – os clarins tangeram.

Os bersaglieri sempre prontos, sempre infatigáveis, saíram da villa Spada e correram à porta São Pancracio, deixando duas companhias de reserva para guardar a vila. Embebiam-se até aos joelhos na terra lodosa.

Pus-me a sua frente, com a espada desembainhada, cantando o hino popular da Itália.

Neste momento, confesso-o, completamente desesperado do futuro, não tinha senão um desejo – o de me fazer matar.

Lancei-me sobre os franceses.

Que se passava então? Não o sei. Durante duas horas feri, sem descansar. Quando raiou o dia, estava coberto de sangue. Não tinha uma só ferida. Era um milagre.

———

Eis como o historiador Vecchi, um dos mais corajosos defensores de Roma, descreve este combate:

“Nós estávamos cerrados na villa Spada, onde sustentávamos um horrível fogo de mosquetes e carabinas. Começavam a faltar-nos as munições, quando o general Garibaldi apareceu com uma coluna de legionários e alguns soldados do 6º regimento de linha, comandados por Pazi, decidido a dar um último golpe, não para salvação, mas para honra de Roma. Reunidos aos nossos companheiros, lançamo-nos sobre a brecha, ferindo com lanças, espadas e baionetas; a pólvora e as balas faltavam. Os franceses espantados deste terrível choque recuaram logo; mas os outros vieram, ao mesmo tempo que a artilharia apontada sobre nós começava a levar-nos filas inteiras. O recinto Aureliano foi tomado e retomado; não havia ali nem lugar onde pousar o pé a não ser sobre algum morto ou ferido. Garibaldi, durante esta noite, foi maior do que eu nunca o vira, maior que nunca ninguém o viu. Sua espada era um raio; cada homem ferido era um morto. O sangue de um novo adversário lavava o sangue do que acabava de cair. Tê-lo-iam chamado Leonidas nas Termópilas, Ferracio no Castello da Gavissana. Eu tremia de o ver cair de um a outro instante; mas não; ficou de pé como o destino.”

———

É nesta batalha que o tenente Moronini, pobre moço que ainda nçao tinha vinte anos e que se bateu como um herói, foi morto, recusando render-se.

No meio da sanguinolenta confusão, chegou-me um mensageiro da Assembleia, convidando-me a voltar ao Capitólio.

Devo a vida a esta ordem. Havia de ter feito com que me matassem.

Descendo pela Longara com Vecchi, que era membro da Constituinte, soube que o meu pobre negro Aguiar acabava de ser morto.

Tinha-me pronto um cavalo de retorno, e uma bala lhe atravessara a cabeça. Sofri uma dor terrível; perdia mais que um servidor, perdia um amigo.

Mazzini tinha já anunciado à Assembleia o ponto em que estávamos.

Havia só três partidos a tomar, dissera ele:

Convencionar com os franceses;

Defender a cidade de barricada em barricada;

Ou sair da cidade, Assembleia, triumvirato e exército, levando consigo o paládio da liberdade romana.

Quando apareci à porta da sala, todos os deputados se levantaram e aplaudiram.

Eu procurava ao redor de mim que coisa deveria despertar seu entusiasmo a este ponto.

Achava-me coberto de sangue, meus fatos crivados de balas e baionetadas. O meu sabre, cegado à força de golpes, não entrava senão até ao meio da bainha.

Gritaram-me:

– À tribuna! À tribuna!

Subi.

De todos os lados era interrogado.

– Toda a defesa é doravante impossível, respondi, a menos que não façamos de Roma uma segunda Saragosa. Em 9 de Fevereiro propus uma ditadura militar; só ela podia pôr sobre pé cem mil homens armados. Então existiam os elementos vivazes: era mister procurá-los, ter-se-iam encontrado num homem corajoso. Nesta época a audácia foi repelida, os pequenos meios levaram-na.

Eu não podia avançar mais o argumento. Cedi. Retinha-me a modéstia; porque, sinto-o, eu teria sido esse homem. Curvei-me nisto ao princípio sagrado, que é o ídolo do meu coração. Se me houvessem escutado, a águia romana teria de novo feito seu ninho sobre as torres do Capitólio, e com os meus bravos, e os meus bravos sabem morrer, bem o tem visto, eu teria mudado a face da Itália. Olhemos com a fronte erguida o incêndio que já não podemos dominar. Saiamos de Roma com todos os voluntários armados que quiserem seguir-nos. Onde nós estivermos, estará Roma. Eu não me comprometo a coisa alguma; mas o que um homem pode fazer fa-lo-ei, e refugiada em nós a pátria não morrerá.

Esta proposta, já feita por Mazzini, foi rejeitada.

Henrique Cernuschi, o bravo Cernuschi,um dos heróis dos cinco dias milaneses, o presidente da comissão das barricadas romanas, rejeitou-a.

Sucede-me na tribuna e com as lágrimas nos olhos e a voz abafada:

– Sabeis todos, disse ele, se eu sou um ardente defensor da pátria e do povo; pois bem, sou eu que vo-lo digo, não temos um só obstáculo a opor aos franceses, e Roma e o seu bom povo – as lágrimas o abafavam – devem resignar-se à ocupação.

Depois de uma curta deliberação a Assembleia lavrou o decreto seguinte:

“República romana.

Em nome de Deus e do povo.

A Assembleia constituinte romana cessa uma defesa impossível. Fica no seu posto.

O triumvirato é encarregado da execução do presente decreto.”

LXII – Quem Me Ama, Segue-me

Em 2 de Julho reuni as tropas na praça do Vaticano, e caminhei ao centro delas. Anunciei-lhes que deixava Roma, para levar às províncias a revolta contra os austríacos, contra o rei de Nápoles e contra Pio IX.

E ajuntei:

– Quem quiser seguir-me, será recebido entre os meus; a esses não peço senão um coração cheio de amor da pátria. Não terão soldo nem repouso; terão pão e água, quando o acaso lhe os der. Quem não está contente com esta sorte fique. Uma vez abertas as portas de Roma, todo o passo dado à retaguarda será um passo de morte.

Quatro mil infantes e quinhentos cavaleiros se juntaram ao redor de mim; eram dois terços dos defensores que restavam à Roma.

Anita, vestida de homem, Ciceravecchio que não queria ver a indignidade do seu país, e Ugo Bassi, o santo, que aspirava ao martírio, foram dos primeiros a acercar-se.

Pela noite saímos de Roma, pelo caminho de Tivoli. O meu coração estava triste como a morte.

A última noticia que havia recebido era a da morte de Manara.

Giuseppe Garibaldi

———

Aqui interrompem-se as memórias de Garibaldi.

Um dia obterei dele a segunda parte da sua vida como obtive a primeira. Aquela resumir-se-á em duas palavras :

Exílio e triunfos.

Alexandre Dumas.

Seguem alguns pormenores acerca dos mortos, que o doutor Bertoni se dignou redigir para mim.

LXIII – Os Mortos (por Dr. Bertoni)

LUCIANO MANARA

Em 30 de junho, às 2 horas da manhã, começou como se viu nas memórias do general, o ataque do recinto Aureliano, nossa segunda linha de defesa.

Manara pelas 3 horas da manhã reentrou na Villa Spada; acabava de colocar os seus atiradores.

Na véspera uma bala de peça, depois de haver batido na muralha, caíra sobre seu leito.

Ele se tinha desviado para lhe dar lugar, e rindo, dissera:

– Vereis que não terei a sorte de apanhar uma arranhadura.

Entrando, achou Emilio Dandolo muito inquieto por causa de Morosini que diziam prisioneiro.

Nem um nem outro sabiam notícia alguma a tal respeito.

Neste momento uma bala de ricochete feriu Dandolo no braço.

– Por minha fé, meu pobre rapaz, parece que não há disso senão para ti!

Depois, desatando o cinturão e deixando a espada, tomou um óculo de observação e veio à janela para olhar os soldados franceses que apontavam uma peça.

No mesmo instante, partiu um tiro de carabina; a bala passou entre dois sacos de terra e feriu-o no ventre, justamente no lugar que o cinturão o teria protegido se ele o conservasse.

Dandolo viu-o tremer, e ferido como estava, aproximou-se para o suster:

– Estou morto, disse Manara, recomendo-te meus filhos.

Veio um médico; mas vendo-o empalidecer o ferido compreendeu que tudo havia terminado.

Colocaram Manara em uma padiola, e no meio do fogo os seus companheiros o levaram a Santa Maria della Scala. Foram chamar-me à ambulância de Pellegrini, onde eu estava; corri. Era ele que tinha querido que o levassem junto a mim. Ai de mim, estimávamo-nos ternamente!

A praça estava atulhada de projéteis.

Uma jovem que havia tido a imprudência de chegar a uma janela, acabava de ser ferida no peito e morta instantaneamente.

M. Varenna, oficial lombardo, ficou com a perna quebrada por um obuz quando ia subir os degraus da igreja para se aproximar de mim.

Ia, como eu, ver Manara.

Um médico também corria para a igreja. Uma granada o prostrou do cavalo; e um instante depois, o cavalo ferido de igual golpe, caiu sobre ele.

Eu chegava são e salvo; conduzia-me Deus!

Ao fundo da igreja, à direita, perto da balaustrada, estava um leito rodeado pelos oficiais da legião Manara.

Logo que o ferido me viu, estendeu a mão para mim, e com voz fraca perguntou-me:

– É mortal?

A mocidade repelia apesar da evidência a ideia da morte.

Vendo que eu lhe não respondia, repetiu:

– Pergunto-te se a minha ferida é mortal; responde-me!

E sem esperar a resposta, rompeu em palavras cheias de pesares e de saudades.

Animei-o tanto quanto o pode fazer um homem a quem a coragem falta; entretanto ele viu bem que eu não tinha esperança.

Muitos médicos se aproximaram dele, mas fazendo-lhe sinal com a cabeça para se afastarem:

– Deixai-me morrer tranquilo! lhes disse ele.

Seu pulso quase se não sentia, as extremidades estavam frias, as feições profundamente alteradas, e o sangue corria a golfadas da ferida... sofria horrivelmente.

Seus companheiros perguntaram-me o que eu pensava do seu estado.

– Tem ainda pouco mais ou menos uma hora de vida, disse eu a Dandolo.

Então o mancebo inclinando-se ao ouvido do seu amigo :

– Pensa no Senhor! lhe disse ele.

– Oh! Penso, e muito! respondeu Manara.

Depois acenou a um barbadinho para que viesse. O frade aproximou-se do leito, escutou a confissão do moribundo e deu-lhe a absolvição.

O nosso pobre amigo então pediu o Viatico.

Dandolo esforçava-se em consolá-lo o melhor que podia, falando-lhe em Deus.

Ele o interrompeu para lhe falar de seus filhos.

– Educa-os, lhe disse ele, no amor de Deus e da pátria. Depois acrescentou:

– Conduz o meu corpo a Milão com o de teu irmão. Causa-te pena que eu morra, meu caro amigo, disse ele; ai de mim! Também eu choro a vida!

Chamou então para seu lado um soldado que era sua ordenança, e que bastantes vezes o tinha feito enraivecer.

– Tu perdoas-me, não é assim? lhe disse ele, sorrindo.

Depois perguntou a Dandolo se tinha havido notícias de Morosini.

Dizia-se vagamente que ele estava prisioneiro.

Um pouco antes de morrer, Manara tirou um anel do dedo, meteu-o no de

Dandolo e disse;

– Saudarei teu irmão por ti.

E virando-se para mim:

– Oh Bertanni! Faz-me morrer depressa, disse ele; sofro muito!

Foi a última queixa que saiu de sua boca.

Entrou em agonia, agarrou-se convulsivamente aos que o cercavam, depois recaiu no leito, com um suspiro, imóvel e frio.

Pus-lhe a mão sobre o coração; batia ainda, mas lentamente: pouco a pouco as pulsações cessaram.

Sua alma está já no Céu.

Eu disse então aos monges que nos rodeavam para preparem uma solução arsênica para injetar o cadáver, mas não havia arsênico. Contentei-me de fazer a injeção com sublimado corrosivo. O cadáver foi transportado para uma câmara, à direita do altar-mór, perto da sacristia, e ali deposto levemente, vestido com o seu uniforme e com a cabeça apoiada numa almofada.

Seu jovem amigo Eleuterio Pagliano, que durante todo o cerco tinha valentemente combatido, e que é hoje um dos distintos pintores lombardos, fez o seu retrato.

Perto dele, deitado sobre uma prancha, estava Aguiar, o negro de Garibaldi: Mirava eu estes dois cadáveres tão belos, e de tão diferente beleza, quando ouvi soluçar atrás de mim.

Era Ugo Bassi que chorava.

Todo o tempo que estivemos nesta câmara, parecia ela ser o alvo dos projéteis franceses.

No seguinte dia foi o cadáver transportado a uma casa e dali à igreja de S. Lourenço. Depois do que foi deposto na igreja dos Cem Padres, onde o esperava o corpo de Henrique Dandolo e onde devia juntar-se o de Morosini.

No próprio dia da morte de Manara, chegava uma carta de sua esposa contendo só estas palavras:

“Não penses em mini, nem em teus filhos, pensa só na pátria."

Pobre mulher! A morte estava encarregada de lhe levar a resposta.

EMÍLIO MOROSINI

Estávamos em redor do leito de Manara, perguntando o destino dos nossos mais caros amigos e entre outros de Emílio Morosini.

Mas neste dia foi impossível saber nada de positivo a seu respeito.

Na manhã de 1º de Julho, Dandolo soube de um soldado que se havia achado na brecha ao mesmo tempo que Morasini, que ele havia caído gravemente ferido

nas mãos dos franceses.

Apesar de sofrer muito da sua ferida, Dandolo correu ao triumvirato, depois ao ministério para obter permissão de sair. Depois de três horas de instância, obteve-a e correu ao campo dos franceses sem salvo conduto de qualidade alguma.

Sustido nos postos avançados, disse o fim a que ia. Um oficial teve piedade de sua angústia e lhe permitiu penetrar no campo, onde o conduziram à ambulância. Soube que Morosini havia morrido.

Pediu que lhe entregasse o cadáver para o entregar à sua família; mas um médico respondeu que havia duas horas que o haviam levado para um cemitério muito afastado. Dandolo solicitou uma ordem de exumação

Enquanto esperava a resposta ao seu pedido, entrou um capitão ajudante do estado maior, que ficou muito admirado de ver no campo francês um oficial italiano sem salvo-conduto. Condenou á prisão o oficial que o deixara passar, e mandou-o para a linha dos postos avançados sem nada querer ouvir.

Dandolo volveu a trazer a triste notícia aos seus amigos, e escreveu ao chefe do estado-maior francês para pedir a permissão da ehumação.

Obteve-a na manhã do dia 2.

A triste cerimônia do transporte de Manara estava acabada quando Dandolo se aproximou de mim, dizendo:

– Bertani, daqui a algumas horas o cadáver de Morosini estará na igreja dos Cem Padres, em Santa Vieto, onde poderás vê-lo.

Fui à igreja um pouco antes da noite. A casa ou antes o convento que confinava com a igreja, estava ocupada pelos franceses, de sorte que a igreja estava fechada.

Pedi permissão de entrar a um capitão, que vendo a profunda tristeza espalhada em meu rosto, me perguntou afetuosamente se eu era soldado, qual a minha pátria, e se havia perdido algum parente ou amigo.

Respondi-lhe que havia perdido muitos amigos, e entre outros Manara. Conhecia-o de nome, e pediu-me pormenores sobre sua morte, e também me deu alguns.

Um caçador de Vincennes, que estava perto dele no ataque de Spada, e que ele me mostrou no meio; de um grupo de soldados ao pé da porta onde estávamos, lhe dissera no momento em que Manara se aproximara da janela com o seu óculo:

– Olhai bem este oficial, está morto.

Ao mesmo tempo o soldado havia atirado: a bala chegara ao seu destino; e ele havia visto cair Manara.

O capitão continuava a falar; eu estava tão triste que não lhe pude responder,

senão pedindo-lhe que me deixasse entrar na igreja.

– Que ides ali fazer? me perguntou ele.

– Vou procurar o cadáver de outro amigo, desenterrado hoje mesmo e entregue pelos vossos à dor de sua mãe.

Mandou pedir permissão ao coronel, obteve-a, e confiou-me ao guardião da igreja para que me deixasse entrar.

A igreja estava escura; o guardião abriu uma pequena porta que conduzia do convento ao coro da igreja, deu-me uma lâmpada e apontando-me um canto sombrio, disse-me:

– Procurai ali.

Mas ele não quis seguir-me mais.

Aproximei-me triste e piedosamente, com um tremor em todas as veias.

Este silêncio, estas trevas, o duvidoso clarear da lâmpada, o precioso objeto de minhas investigações e a angustia de encontrar assim o encantador mancebo que eu conhecera vivo, tudo isto me fazia pulsar fortemente o coração.

Caminhava, lentamente, sem conhecer aqueles lugares, sem saber onde estava colocado o corpo, levantando a lâmpada e temendo de o tocar com o pé.

Enfim, perto dos degraus, descobri uma forma negra e longa.

Reconheci um corpo humano.

Quase louco de dor e de um horror que eu não dominava, inclinei-me sobre ele.

Com a mão que me ficava, livre desatei a corda que ligava o lençol ao pescoço, ao ventre e aos pés. Levantei a cabeça. Ainda que já desfigurado, reconheci que era o pobre moço que eu procurava.

Larguei-lhe a cabeça.

Ela caiu sobre a laje fria, imprimindo-lhe um som que eu nunca esquecerei.

Não havia em mim um cabelo que não tivesse a sua gota de suor.

Parei tremendo.

Meu Deus, como vós sois grande, e como a morte é horrível!

Fiz um esforço sobre mim. Médico habituado à morte, não queria ser por ela vencida.

Pousei a lâmpada sobre um dos degraus do altar, volvendo os olhos para o rosto do morto, olhando-o tristemente: estava mais pálido que o pano que o cobria.

Procurei e toquei suas feridas. Teria querido guardar as últimas gotas de sangue de seu coração para as levar à sua mãe e para fazer com este sangue uma cruz sobre o rosto de todos os jovens italianos, que um dia devem levantar-se para o libertamento da sua pátria.

Cortei uma madeixa de seus cabelos. Talvez ele tivesse um amigo; com

certeza tinha uma mãe.

Enfim, apertei-lhe a mão; descobri uma derradeira vez a minha cabeça ante ele e murmurei:

– Até à vista!

Saí transido da igreja, levando este espetáculo de morte, exatamente copiado em mim, que hoje, onze anos depois, escrevendo estas linhas, vejo ainda o cadáver, a figura pálida, no seu lençol todo cheio de terra e sangue.

Saindo, encontrei o guarda, depois o oficial; ao qual apertei a mão sem poder pronunciar uma palavra.

No dia seguinte o cadáver de Morosini foi deposto num caixão de chumbo, esperando o momento da partida para o solo natal com os cadáveres dos seus inimigos.

Todos nós desejávamos, com igual ardor, ter pormenores sobre a morte de Morosini; mas os mais eram obrigados a partir. Ficavam só os mortos, e os que ajudavam os feridos a morrer.

Eu era dos últimos.

Eis aqui, pois o que soube sobre a morte de Morosini. Colhi estes pormenores que vou dar de Mr. de Santi, corso empregado no serviço sanitário dos franceses, e que na noite de 29 a 30 de Junho era cirurgião na ambulância do fosso.

Este honrado e bom confrade, ao qual sou devedor de alguns serviços, me contou que em 30 de Junho ao raiar da alvorada trouxeram na ambulância um dos nossos oficiais, tão jovem e tão belo que ele o tomou por uma mulher.

Eslava levemente ferido na testa, na mão esquerda e no peito, mas mortalmente no ventre.

De Santi o havia tratado com afeição.

Morosini que ainda falava, perguntou lhe:

– Que pensais das minhas feridas?

De Santi respondeu:

– Tende confiança em Deus e na vossa mocidade.

– Está bom, disse Morosini; compreendo, estou perdido!

Depois ajuntou com um suspiro :

– Pobre mãe!

Entregou uma carteira ao doutor, volveu a cabeça, e recusou desde então pronunciar mais uma só palavra.

Poucos minutos depois de Morosini ter sido curado, um velho sargento do 32º entrou na ambulância, e depois de ter ansiosamente procurado o leito do jovem oficial, disse ao médico.

– É ele!

– Que quereis dizer? lhe perguntou de Santi.

– Que a todo o custo queria salvar este pobre moço, tendo feito todo o possível. Mas infelizmente ele não o quis.

– Então ele contou que Morosini, acompanhado somente de quatro homens,tinha sido cercado; tinham-lhe intimado que se rendesse, ao que ele respondera:

– Nunca!

E continuou a ferir com sua espada, gritando aos seus:

– Em nome da Itália proíbo-vos de vos renderdes!

O velho sargento então lhe havia apontado a baioneta ao peito para o intimidar; mas Morosini segurou-a com a mão esquerda, e descarregou um golpe sobre a cabeça do sargento.

Este entretanto proibia aos soldados de fazerem fogo, esperando aprisionar vivo o mancebo e portanto salvá-lo. Mas então um soldado que se achava atrás dele, vendo que Morosini continuava a defender-se, atirou-lhe um tiro.

A bala atravessou-lhe as entranhas; era a ferida mortal. Morosini caiu, mas sobre um joelho e a mão esquerda. Nesta posição ainda tentou ferir seus adversários, gritando sempre a seus companheiros:

– Fazei-vos matar, mas não vos rendais!

O sargento furioso voltou-se para o soldado, dizendo;

– Desgraçado! Que fizeste? Não vês que era uma criança?

Morosini morreu algumas horas depois de ter sido levado à ambulância, e foi envolvido no lençol em que eu o achara na igreja dos Cem Padres.

Morosini tinha à cintura duas pistolas, na coronha das quais estava gravado o nome de Kosciusko, amigo de sua família, e que delas fizera presente a seu avô.

Fiz todas as diligências possíveis para encontrar essas pistolas e a espada, mas inutilmente. Parece que o velho sargento as possuía, mas declarou não as dar por preço algum.

Em 4 de Setembro de 1849 os três féretros que encerravam os cadáveres de Henrique Dandolo, de Luciano Manara e de Emilio Morosini desembarcaram no Molo-Novo de Gênova.

GODOFREDO MAMELI

Garibaldi conta nas suas Memórias e na curta biografia que fez de Mameli que o jovem poeta na noite de 3 de Junho veio pedir-lhe de tentar um novo esforço sobre o cadsino Corsini e que ele lhe concedeu o pedido.

Mameli foi ferido na perna esquerda.

A ferida por si não era nada, mas por uma má disposição do sangue, gangrenou em 18 de Junho, e tornou se indispensável a amputação.

A janela da câmara de Mameli, na ambulância da Trinitá dei Pellegrini dava sem cessar passagem a toda a espécie de projéteis; mas Mameli mostrou-se sempre indiferente a este perigo póstumo, que pôde se assim chamar. Só no momento em que estava mais enfraquecido pela supuração, ele se tornou um ou dois dias impaciente pelas balas como uma criança pelas moscas.

– Ser morto em pleno ar, combatendo, embora; mas morto no meu leito como um paralítico, não!

No dia 8 de Junho delirou, delírio encantador, durante o qual ele cantava em voz baixa, e se recordava quase dia por dia da sua vida intelectual – pobre moço! – tão bela e tão curta.

Nos intervalos destes cantos, profetizava ou fazia votos pela sua pátria.

Tinha vinte e um anos quando morreu.

Injetei o seu cadáver, que foi enterrado em Roma.

Tinha composto um Canto de guerra, que Garibaldi cantava muitas vezes e entoava sem cessar: Fratelli de Itália.

Este canto é popular na Itália.

Bertani.

Confira outros lançamentos da Editora Barbudânia.

Edda em Prosa: Gylfaginning - A Ilusão de Gylfi (obra em domínio público)
Autor: Snorri Sturluson

Memórias de Garibaldi (obra em domínio público)
Autores: Giuseppe Garibaldi & Alexandre Dumas

O Mundo é Quadrado e outros contos fantásticos
Autor: Artur Avelar

Curta nossa página. Dê sua opinião sobre os títulos lançados, critique, mostre erros ortográficos, gramaticais, etc.

Você também pode sugerir quais outras obras em domínio público a Ed. Barbudânia deveria lançar.

Qualquer participação é válida.

https://www.facebook.com/EdBarbudania